

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

MARÍLIA DAEFIOL HERRERO GOMES

A Psicologia da *Perejivanie* de Vasiliuk: uma investigação epistemológica sob a perspectiva  
da Psicologia Histórico-Cultural

Maringá

2024

MARÍLIA DAEFIOL HERRERO GOMES

A Psicologia da *Perejivanie* de Vasiliuk: uma investigação epistemológica sob a perspectiva da Psicologia Histórico-Cultural

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Linha de Pesquisa: Desenvolvimento Humano e Processos Educativos.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Silvana Calvo Tuleski.

Maringá

2024

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP) (Biblioteca Central  
- UEM, Maringá - PR, Brasil)

G633p

Gomes, Marília Daefiol Herrero

A psicologia da *perejivanie* de Vasiliuk : uma investigação epistemológica sob a perspectiva da Psicologia Histórico-Cultural/Marília Daefiol Herrero Gomes. -- Maringá, PR, 2025.

223 f. : il., figs., tabs.

Orientadora: Profa. Dra. Silvana Calvo Tuleski.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Departamento de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, 2025.

1. Psicologia Histórico-Cultural. 2. Vasiliuk, Fedor Efimovich, 1953-2017 - *Psychology of Experiencing*. 3. *Perejivanie*. I. Tuleski, Silvana Calvo, orient. II. Universidade Estadual de

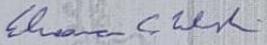
CDD 23.ed. 150.1

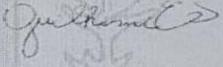
**MARÍLIA DAEFIOL HERRERO GOMES**

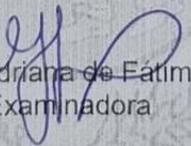
**A Psicologia da Perejivanie de Vasilyuk: uma investigação epistemológica  
sob a perspectiva da Psicologia Histórico-Cultural**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

COMISSÃO JULGADORA

  
Profa. Dra. Silvana Calvo Tuleski  
Presidente

  
Prof. Dr. Sandro Henrique Vieira De  
Almeida  
Examinador

  
Profa. Dra. Adriana de Fátima Franco  
Examinadora

Aprovado em: 06/12/2024

Defesa realizada: Bloco 118 - Sala de Vídeo.

*A todas as pessoas que sofrem em decorrência dos processos de precarização do trabalho, de moradia e de vida.*

## AGRADECIMENTOS

Não aprendi a trilhar meus caminhos desacompanhada – ainda bem! Por isso, agradeço à minha família por todo o apoio. Ao meu pai, Dirceu, com quem aprendi que escrever é potente, à minha mãe, Regina, minha inspiração na jornada acadêmica, ao meu irmão, Pedro, que me ensinou que a vida pode ser mais leve, e ao meu companheiro de vida, Felipe, que me ampara de todas as formas possíveis na doce construção da nossa – e da minha – história.

À família do Fe – que posso chamar de minha – Joice e Affonsoque me acolhem como família, Ana, a melhor cunhada que existe, Dulce e Fábio, sempre presentes e afetuosos.

À minha orientadora, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Silvana Calvo Tuleski, por ter sido compreensiva desde o primeiro dia da nossa primeira pesquisa juntas, em 2017, e por tantos aprendizados desde então.

Aos professores, Dr.<sup>a</sup>. Adriana de Fátima Franco e Dr.<sup>o</sup>. Sandro Henrique Vieira De Almeida, pela disponibilidade em compor a banca de qualificação e defesa e pelos apontamentos que geraram inspiração e conteúdo para este trabalho.

À professora Tatiana Karyagina, que forneceu boa parte dos trabalhos de Vasiliuk aos quais tive acesso e por ter mostrado disponibilidade e abertura para ajudar durante a pesquisa.

Às colegas de pós-graduação, Beatriz Vieira e Nataly de Jesus, que me auxiliaram respectivamente na entrevista feita com a professora Tatiana e na tradução do termo *co-experiencingpsychotherapy*(*Понимающаяпсихотерапия*).

Aos meus amigos-irmãos, Amanda, Bruna, Cris, Dante (nosso primeiro sobrinho!), Luli, Luiz, Matheus, Nathan, Raquel, Rodrigo, Thalese Xexa por todo amparo afetivo,

por serem parte crucial na construção de sentidos na minha vida e por todo o sustento para enfrentar os períodos áridos.

Aos meus amigos de infância, Pozo e Ramiro, que constituem parte fundamental de quem sou hoje em dia.

Às relações construídas e estreitadas pela graduação e pelo mestrado em Psicologia, minhas amigas e amigos: Andressa, Gabriella, Giovana, Isabela, Jenifer, Jéssica, João, Mariana, Tiéli e Victor, obrigada por caminharem junto de mim!

## RESUMO

O tema central desta pesquisa é a psicologia da *perejivanie* desenvolvida por Fedor Vasiliuk em seu livro “*Psychology of Experiencing*”. Nele, Vasiliuk busca a compreensão do processo de *perejivanie*, por meio do qual as pessoas enfrentam e superam situações críticas em suas vidas. Na construção desta teoria, Vasiliuk se apresenta como continuador da Psicologia Histórico-Cultural (PHC) – tradição que foi inicialmente construída por Vigotski, Luria e Leontiev (troika) com base no materialismo histórico-dialético. No entanto, após a publicação do livro supracitado, Vasiliuk empreendeu esforços para aproximar a PHC da Abordagem Centrada na Pessoa de Carl Rogers – concepções que são epistemologicamente incompatíveis. A partir dessa contradição, delineamos como objetivos da investigação compreender de que forma Vasiliuk se apropriou da PHC em seu livro “*Psychology of Experiencing*” e se é possível considerá-lo um continuador desta teoria. Assim, construímos uma pesquisa de natureza teórico-conceitual a partir de uma revisão bibliográfica sustentada pelo materialismo histórico-dialético. Constatamos que Vasiliuk acabou desenvolvendo sua teoria a partir de tendências ecléticas, subjetivistas e revisionistas, afastando-se das elaborações da troika. Entendemos que isso aconteceu a partir da relação dialética estabelecida entre a formação do pensamento de Vasiliuk e as condições históricas que ele vivenciou. A censura e a deturpação do materialismo histórico-dialético durante os anos de União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) fizeram com que o acesso às produções da PHC fosse dificultado. Além disso, após a queda da URSS, veio à tona uma onda de revisionismo aliada a um entusiasmo frente aos conhecimentos desenvolvidos no Ocidente. Nesse contexto, mesmo antes de seu encontro com Rogers, Vasiliuk já se afastava do materialismo histórico-dialético. Esse processo de afastamento culminou na idealização de um enxerto de partes da Abordagem Centrada na Pessoa de Rogers na tradição da PHC e na criação da psicoterapia compreensiva. Durante o processo de pesquisa, deparamo-nos com uma série de conceitos da teoria de Vasiliuk que se assemelhavam a conceitos usados por Vigotski. Encontramos também artigos que colocavam esses termos como se fossem parte do arcabouço teórico da PHC. Por isso, foi necessário lançar mão de uma análise comparativa entre os seguintes conceitos: consciência, crise e *perejivanie*, explicitando que eles carregam significados diferentes a depender da teoria que tomamos como referência – a saber a da PHC e a de Vasiliuk. As elaborações de Vasiliuk, apesar de seu descolamento do materialismo histórico-dialético, possuem o grande mérito de demonstrar lacunas – que precisam ser preenchidas – no aporte teórico e prático da Psicologia marxista. Ele também sinalizou possíveis caminhos que psicólogos da PHC podem trilhar partindo do método fundante dessa abordagem. Dessa forma, as construções feitas a partir desta dissertação podem servir de esteio para investigações futuras, principalmente aquelas que se propuserem a discutir as crises em saúde psíquica e o papel da psicologia diante delas.

**Palavras-chave:** Vasiliuk; Psicologia Histórico-Cultural; *Perejivanie*.

## ABSTRACT

This research's main theme is the psychology of *perejivanie* developed by Fedor Vasiliuk in his book "Psychology of Experiencing". In the book, Vasiliuk seeks to understand the process of *perejivanie*, through which people face and overcome critical situations in their lives. In constructing this theory, Vasiliuk presents himself as a Historical-Cultural Psychology (HCP) follower – a tradition that was initially constructed by Vygotsky, Luria and Leontiev (troika) based on historical-dialectical materialism. However, after the aforementioned book publication, Vasiliuk undertook effort to bring historical-cultural theory close to Carl Rogers' Person-Centered Theory – theoretical orientations that are epistemologically incompatible. Based on this contradiction, this research's aims are to understand how Vasiliuk used HCP in his book "Psychology of Experiencing" and whether it is possible to consider him a follower of this theory. Thus, we developed a theoretical-conceptual research based on a bibliographical review supported by historical-dialectical materialism. We verified that Vasiliuk ended up developing his theory based on eclectic, subjectivist and revisionist tendencies, distancing himself from the elaboration of the troika. We understand that this happened based on the dialectical relationship established between Vasiliuk's thought development and the historical conditions he experienced. The censorship and distortion of historical-dialectical materialism during the years of the Union of Soviet Socialist Republics (USSR) made access to the production of the HCP difficult. In addition, after the fall of the USSR, a wave of revisionism appeared, combined with an excitement regarding the knowledge developed in the West. In this context, even before his encounter with Rogers, Vasiliuk was already distancing himself from historical-dialectical materialism. This process of distancing culminated in the idealization of a mixture of parts of Rogers' Person-Centered Approach in the tradition of the HCP and in the creation of co-experiencing psychotherapy. Through the research process, we came across a series of concepts from Vasiliuk's theory that were similar to the concepts used by Vygotsky. We also discovered papers that used these terms as if they were part of the theoretical framework of the HCP. Therefore, it was necessary to carry out a comparative analysis between the following concepts: consciousness, crisis and *perejivanie*, emphasizing that they carry different meanings depending on the theory we take as a reference – namely, HCP and co-experiencing psychotherapy. Vasiliuk's work, despite their detachment from historical-dialectical materialism, has the great quality of demonstrating gaps – that need to be filled – in the theoretical and practical fields of Marxist Psychology. He also indicated possible paths that HCP psychologists can follow based on its founding method. Thus, the constructions based on this master's thesis can serve as a basis for future investigations, especially those that propose to discuss mental health crises and the role of psychology in dealing with them.

**Key-words:** Vasiliuk; Historical-Cultural Psychology; *Perejivanie*.

## LISTA DE FIGURAS

- Figura 1** – Exemplificação do processo de *perejivanie*.....p. 85
- Figura 2** – Estrutura das imagens da consciência.....p. 172

## LISTA DE QUADROS

- Quadro 1** –Citações ao trabalho de Vasiliuk.....p. 20
- Quadro 2** – Obras traduzidas para o inglês de Fedor E. Vasiliuk.....p. 56
- Quadro 3** – Tipologia dos regimes funcionais da consciência.....p. 61
- Quadro 4** – Tipologia para os estados de comportamento em situações difíceis.....p. 76
- Quadro 5** – Tipologia das situações críticas.....p. 83
- Quadro 6** – Características da *perejivanie* “malsucedida” e “bem-sucedida”.....p. 86
- Quadro 7** – Tipologia dos mundos vividos.....p. 96
- Quadro 8** – Síntese das correlações entre situações críticas e mundo vivido..... p. 139
- Quadro 9** – Combinações possíveis entre os tipos de mundo vivido e as situações críticas.....p. 141

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>14</b>
<b>SEÇÃO 1: EM BUSCA DA RECONSTRUÇÃO DOS MOVIMENTOS HISTÓRICOS QUE CONFORMAM A PSICOLOGIA NA RÚSSIA E DÃO BASE À OBRA DE VASILIUK</b> .....	<b>24</b>
1.1 DA RÚSSIA CZARISTA AOS PRIMEIROS ANOS PÓS-REVOLUCIONÁRIOS .....	25
1.2 A DÉCADA DE 1920: A CONTÍNUA BUSCA PELA CONSTRUÇÃO DE UMA PSICOLOGIA MARXISTA E A ASCENSÃO DA TEORIA VIGOTSKIANA .....	29
1.3 O PRIMEIRO MOMENTO DA CENSURA STALINISTA: A DÉCADA DE 1930 E O INÍCIO DA DÉCADA DE 1940 .....	33
1.4 OS ANOS DE SEGUNDA GUERRA E O SEGUNDO MOMENTO DA CENSURA STALINISTA (DE 1940 A 1950) .....	38
1.5 A CRESCENTE OCIDENTALIZAÇÃO E CAPITALIZAÇÃO DA ECONOMIA APÓS A QUEDA DA URSS .....	43
1.6 PSICOLOGIA NA RÚSSIA NO FINAL DO SÉCULO XX: OS GÉRMENS DO CENÁRIO ATUAL E O LUGAR DE VASILIUK NESTE CONTEXTO .....	49
<b>SEÇÃO 2 FEDOR EFIMOVICH VASILIUK: CONTINUADOR DA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL ELABORADA POR VIGOTSKI, LURIA E LEONTIEV?</b> .....	<b>52</b>
2.1 INTRODUÇÃO AO LIVRO “PSYCHOLOGY OF EXPERIENCING” .....	57
2.2 O TERMO <i>PEREJIVANIE</i> AOS OLHOS DE VASILIUK .....	59
2.3 SITUAÇÕES CRÍTICAS .....	72
2.4 O PROCESSO DE <i>PEREJIVANIE</i> .....	83
2.4.1 <i>Análise do processo de perejivanie</i> .....	87
2.4.2 <i>PROBLEMATIZANDO O MÉTODO E METODOLOGIA DE CLASSIFICAÇÃO DOS PROCESSOS DE PEREJIVANIE</i> .....	92
2.4.3. ANÁLISE DAS REGULARIDADES DO PROCESSO DE <i>PEREJIVANIE</i> : A CONSTRUÇÃO DE UMA TIPOLOGIA DE “MUNDOS VÍVIDOS” .....	93
2.4.4 <i>CORRELAÇÃO ENTRE TIPO DE MUNDO VIVIDO E SITUAÇÃO CRÍTICA</i> .....	132
2.4.4.1 SITUAÇÃO CRÍTICA NO MUNDO FÁCIL E SIMPLES .....	132
2.4.4.2 SITUAÇÃO CRÍTICA NO MUNDO DIFÍCIL E SIMPLES .....	133
2.4.4.3 SITUAÇÃO CRÍTICA NO MUNDO FÁCIL E COMPLEXO .....	134
2.4.4.4 SITUAÇÃO CRÍTICA NO MUNDO DIFÍCIL E COMPLEXO .....	136
2.4.4.5 SÍNTESE DO QUE FOI PRODUZIDO A PARTIR DAS CORRELAÇÕES ENTRE AS SITUAÇÕES CRÍTICAS E O MUNDO VIVIDO .....	139

2.5 CORRELAÇÃO ENTRE OS TIPOS DE SITUAÇÕES CRÍTICAS E OS TIPOS DE <i>PEREJIVANIE</i> .....	141
2.6 ANÁLISE HISTÓRICO-CULTURAL.....	152
<b>SEÇÃO 3: MÉTODO ESVAZIADO, OFICINA DO ECLETISMO: RECUPERANDO A RADICALIDADE DO MATERIALISMO HISTÓRICO- DIALÉTICO .....</b>	<b>155</b>
3.1 PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL: UMA QUESTÃO DE MÉTODO .....	155
3.1.1 CONCEITO DE CONSCIÊNCIA .....	157
3.1.2 CONCEITO DE CRISE .....	161
3.1.3 CONCEITO DE <i>PEREJIVANIE</i> EM VASILIUK E VIVÊNCIA EM VIGOTSKI.....	167
3.2 UM OLHAR PARA ALÉM DE “ <i>PSYCHOLOGY OF EXPERIENCING</i> ” .....	171
3.3 VASILIUK COMO UM HOMEM DEU SEU TEMPO: O MOVIMENTO DE REVISIONISMO DA PHC.....	178
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>181</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>185</b>
<b>APÊNDICE .....</b>	<b>193</b>
<b>APÊNDICE A – PUBLICAÇÕES DE FEDOR VASILYUK .....</b>	<b>193</b>

## INTRODUÇÃO

Esta dissertação é resultado de uma investigação epistemológica que foi feita por meio de uma revisão bibliográfica, de natureza teórico-conceitual e abordagem qualitativa. A pesquisa está vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPI) da Universidade Estadual de Maringá, inserida da linha de pesquisa de Desenvolvimento Humano e Processos Educativos. O tema do trabalho se refere à localização do autor soviético FedorEfimovichVasiliuk<sup>1</sup> (1953-2017) e de sua obra na história da Psicologia soviética a partir de um olhar sustentado pelo materialismo histórico-dialético desenvolvido por Karl Marx (1818-1883) e Friedrich Engels (1820-1895) e pela Psicologia Histórico-Cultural (PHC) desenvolvida a priori por Lev Semionovitch Vigotski (1896-1934), Alexis Nikolaevich Leontiev (1903-1979) e Alexander Romanovich Luria (1902-1977) – grupo que ficou conhecido como troika.

O interesse pela temática escolhida se explica pela trajetória percorrida na minha formação enquanto psicóloga. A afinidade pela PHC começou a ser construída já no primeiro ano de faculdade, quando fui apresentada às tendências pedagógicas presentes na história do Brasil e à Pedagogia Histórico-Crítica, corrente que também é sustentada pelo materialismo histórico-dialético e que, por isso, dialoga diretamente com a Psicologia Histórico-Cultural. A partir dessa aproximação inicial e do interesse pela teoria, busquei aprofundamento por meio dos programas de iniciação científica (IC). A proposta de pesquisa feita pela minha orientadora, a professora Dra. Silvana Calvo Tuleski, foi a análise das apropriações dos estudos neuropsicológicos de Luria, buscando entender a cisão que vinha – e continua – sendo feita entre sua obra e a base marxista. A pesquisa se tornou centro da minha caminhada universitária, entendi que a construção de sentidos enquanto acadêmica era guiada pela atividade de pesquisa. Portanto, em conjunto com a minha orientadora, depois de finalizar minha primeira pesquisa, decidi continuar no programa de IC e estudar a obra de Lidiall'inichnaBozhovich (1908-1981), com o objetivo de compreender se a autora se

---

<sup>1</sup> Vale destacar que a grafia de nomes de pessoas soviéticas é comumente uma questão de assimetria, assim como o nome de Vigotski pode ser encontrado escrito de diversas formas – Vigotsky, Vygotsky, Vygotski –, o de Vasiliuk também. Durante o processo de pesquisa, encontramos as grafias Fedor e Fyodor para seu primeiro nome e Vasilyuk e Vasiliuk para o último. Optamos pela grafia que mais se aproxima da língua portuguesa, um idioma que não tem tantas palavras com a letra “y”, assim, optamos por Fedor Vasiliuk.

manteve fiel aos preceitos marxistas e se poderia de fato ser considerada continuadora da teoria construída pela troika.

Dessa forma, fui construindo um interesse por estudar a base epistemológica da Psicologia Histórico-Cultural e por conhecer diferentes e importantes autores da Escola de Vigotski. Ao me deparar com o livro “*Psychology of Experiencing*” – cuja tradução seria “Psicologia da *perejivanie*”<sup>2</sup> – de Vasiliuk, autor relativamente desconhecido no Brasil e que afirma que partiu da PHC para elaborar seus trabalhos que se relacionam intimamente com a prática psicoterapêutica clínica, decidi que gostaria de estudá-lo durante o mestrado. Uma breve pesquisa a respeito de sua obra já demonstrou que o caminho trilhado por Vasiliuk é controverso, uma vez que além de se declarar um autor da PHC, ele também alega que construiu uma abordagem – “*co-experiencingpsychotherapy*”, ou psicoterapia compreensiva<sup>3</sup>, como vou me referir à teoria daqui para frente – a partir de uma base teórica histórico-cultural e da Abordagem Centrada na Pessoa (ACP) de Carl Rogers. Assim, me defrontei com o autor perfeito para uma análise epistemológica à luz da concepção marxista e vigotskiana.

Neste ponto se faz necessário abordarmos a questão semântica que envolve o termo “*perejivanie*” na língua russa. Tanto Vigotski (2018) quanto Vasilyuk (1991) trabalham com o conceito de *perejivanie*, no entanto, é possível notar diferenças concernentes às concepções de cada um dos autores. Isso se deve ao vasto campo semântico referente à palavra *perejivanie* na língua russa, o que quer dizer que é possível encontrar uma ampla gama de significados ligados à *perejivanie*. Quando tomamos obras da PHC traduzidas do russo para o inglês, é possível notar que o termo *perejivanie* é traduzido como “*experiencing*”. Já em traduções para o português, utiliza-se a palavra “vivência” (KOZULIN, 1991; PRESTES, 2010; TOASSA, 2009).

Porém a tradução para o português se baseia em estudos aprofundados sobre o trabalho de Vigotski, como é o caso de Prestes (2010), que é uma autora fluente em russo e português e que trabalha com a PHC. Assim trata-se de uma tradução específica do conceito vigotskiano. Por outro lado, o conceito de Vasilyuk (1991) carece de análises com relação à melhor tradução para *perejivanie*. Diante disso e diante das

---

<sup>2</sup> Termo em russo de difícil tradução, esse aspecto será melhor abordado ao longo deste trabalho em especial no tópico em que trabalhamos *perejivanie* nas obras de Vasilyuk (1984; 1991) e Vigotski (2018) na Seção 3.

<sup>3</sup> “Co-experiencing psychotherapy” é o termo “Понимающая психотерапия” traduzido do russo para o inglês. No entanto, também é possível encontrar a tradução “understanding psychotherapy”, que em português seria “psicoterapia compreensiva”. Ao ler sobre a proposta de Vasilyuk (1991) e consultar uma pessoa que estuda a língua russa, definimos que a tradução “psicoterapia compreensiva” é mais acurada.

nossas limitações no que concerne à língua russa, optamos por manter o termo em russo – *perejivanie* –, sem traduzir, para evitar incoerências semânticas. É possível encontrar na Seção 3 deste trabalho o aprofundamento nas diferenças entre as concepções de Vasilyuk (1991) e de Vigotski (2018) sobre *perejivanie*. Por ora, iremos seguir introduzindo a temática desta dissertação.

Nas pesquisas para elaboração do projeto do mestrado, encontrei uma psicóloga ucraniana, Tatiana Karyagina, que trabalhou em junto de Vasiliuk até sua morte em 2017. Ela se mostrou disponível para ajudar durante a pesquisa, então passei a me comunicar com ela no início de 2022. Karyagina me enviou todos os textos de Vasiliuk traduzidos para a língua inglesa aos quais ela tinha acesso. Além disso, me enviou um site que foi organizado para conter informações a respeito da vida e obra do autor e me concedeu uma entrevista na qual discutimos aspectos relativos ao autor em questão – que foi feita no dia 27 de setembro de 2023.

Para explicar o delineamento do problema de pesquisa, dos objetivos estabelecidos e da justificativa da pesquisa de forma mais precisa, se faz necessário trazer alguns aspectos da obra de Vasiliuk para este ponto na introdução – vale fazer a ressalva de que essas questões serão apenas pontuadas neste momento, na Seção 2, elas serão devidamente explicadas e aprofundadas. Vasiliuk, depois de graduado como psicólogo, realizou uma pós-graduação sob orientação de A. N. Leontiev, a tese fruto desse estudo – “Análise psicológica da superação de situações críticas<sup>4</sup>” – foi base para a elaboração do livro supracitado. Além de ter sido aluno de Leontiev, Vasiliuk também estudou com outros nomes importantes da PHC, como Luria, Bluma F. Zeigarnik (1901-1988) e Vladimir P. Zinchenko (1931-2014).

De acordo com Karyagina e Shankov (2018), “*Psychology of Experiencing*”, livro lançado em russo em 1984, é considerado uma das referências mais citadas da psicologia pós-soviética. A editora da obra, *Progress Publishers*, se constituía como um canal oficial de divulgação, e em pouco tempo fez duas republicações do livro em 1988 e 1991, o que nos dá uma noção da importância da discussão feita para Vasiliuk naquele momento. Isso também pode ser confirmado se pensarmos na rapidez com que o livro foi traduzido para o inglês, língua que amplia consideravelmente o acesso à obra.

Além disso, parte do aporte teórico do livro é a Teoria da Atividade desenvolvida por Leontiev dentro do arcabouço epistemológico da PHC. Dentre as referências

---

<sup>4</sup> Em russo: “Психологический анализ преодоления критических ситуаций”.

utilizadas por Vasilyuk (1991) estão vários trabalhos produzidos por Marx e Engels e por pensadores importantíssimos da Escola de Vigotski: como o próprio Vigotski, Leontiev, como mencionado, Luria, Bozhovich, Davidov e outros.

Trata-se de uma obra que tomou como objeto o processo através do qual as pessoas enfrentam situações críticas em sua vida, chamando-o de *perejivanie*. V. P. Zinchenko (1991), no prefácio da edição russa do livro, afirma que Vasiliuk objetiva colaborar com a construção de uma Teoria da Atividade das emoções e da *perejivanie*. Para tanto, o método usado por Vasilyuk (1991) é a “tipologia categórica”<sup>5</sup> – que é entendido por Zinchenko como uma das possibilidades de colocar em prática a máxima de Karl Marx que diz que se deve ascender do abstrato ao concreto. A obra se tornou ponto de partida para o desenvolvimento das teorias de Vasiliuk e subsídio para sua prática psicoterapêutica.

Apesar disso, em uma leitura atenta da obra em questão, é possível notar alguns pontos em que Vasilyuk (1991) recaí no idealismo, havendo um distanciamento do materialismo histórico-dialético e um ecletismo teórico. Seguindo esse movimento, em 1986, Vasiliuk participou do encontro histórico entre Carl Rogers (1902-1987) e psicólogos da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) que aconteceu em Moscou. Esse é considerado o ponto de virada na carreira de Vasiliuk, já que é o encontro proporcionou sustento para que mais tarde ele pudesse desenvolver a psicoterapia compreensiva (Instituto de Psicoterapia Compreensiva F. E. Vasilyuk).

O que chama atenção nessa breve exposição a respeito da teoria desenvolvida por Vasiliuk, levando em consideração também o contexto em que ele viveu, é a aproximação paradoxal entre a abordagem humanista desenvolvida por Carl Rogers e a teoria materialista e dialética preconizada centralmente por Vigotski. As bases epistemológicas dessas duas correntes são inconciliáveis, suas visões de mundo e de sujeito são diferentes – trata-se de uma aproximação que, do ponto de vista do materialismo histórico-dialético e da Psicologia Histórico-Cultural, não faz sentido – basta refazer os primeiros passos que foram dados em direção à elaboração da PHC para que a proposta de Vasiliuk seja constatada.

Vigotski (2004) destaca que, no início do século XX, a Psicologia passava por um acrise que tinha relação direta com a fragmentação da ciência psicológica, ou seja, existiam várias correntes psicológicas que adotavam diferentes objetos de estudo, não

---

<sup>5</sup> Tradução livre de “categorical typology”

havia uma ciência geral que fosse delimitar o objeto da Psicologia. Diante disso, ele propôs que a solução para essa crise seria a **unificação** da Psicologia a partir da criação de uma Psicologia científica. A partir dessa ideia surge a Teoria Histórico-Cultural, uma teoria cujo esteio se encontra nas formulações do materialismo histórico-dialético de Marx e de Engels, diferentemente da base teórica adotada por Rogers, que não se propõe marxista.

Apesar dessa aproximação entre Vasiliuk e a psicologia humanista, como explicado anteriormente, o psicólogo foi aluno de pesquisadores pertencentes à Escola de Vigotski. Pensando nessa base de formação e no fato de que o próprio autor considera que seguiu desenvolvendo o pensamento de Vigotski e de Leontiev, o objetivo posto neste trabalho foi compreender de que forma Vasiliuk se apropriou da Psicologia Histórico-Cultural no livro “*Psychology of experiencing*”, contextualizando sua obra dentro da Psicologia soviética, já que entendemos que o movimento histórico influenciou diretamente o curso de desenvolvimento do pensamento de Vasiliuk (Vasilyuk, 2015b).

É válido acrescentar que, como “*Psychology of experiencing*” foi escrito antes do encontro de Vasiliuk e Rogers, a primeira hipótese levantada era de que talvez nessa obra pudéssemos encontrar o desenvolvimento de uma abordagem psicoterapêutica construída dentro do escopo da PHC. No prefácio do livro, há a informação de que Vasilyuk (1991) preconizou que o processo de *perejivanie* é mediado por distintos padrões e constructos na consciência, frisando que esses padrões não são naturais, mas sim construídos histórica e culturalmente. E por isso, seria uma teoria com potencial para ser utilizada por psicólogos no manejo de situações críticas com base na teoria da atividade.

Outra questão importante é que o campo de atuação clínica com base na Psicologia Histórico-Cultural, apesar de estar em ampla expansão, ainda carece de desenvolvimento no Brasil. De acordo com Aita (2020) e Clarindo (2020), há poucas pesquisas e trabalhos disponíveis para amparar essa prática. Desta forma, as contribuições de Vasiliuk para o manejo de situações de crise poderiam ser muito relevantes para os profissionais da área, bem como poderiam abrir um novo leque de possibilidades para futuras pesquisas sobre a práxis clínica.

Delari Junior (2020) também demonstra a importância de se estudar o trabalho de Vasiliuk, ele caracteriza a obra do autor como completa e sistemática. De acordo

com o Instituto de Psicoterapia Compreensiva, ele tem mais de 100 trabalhos publicados e segue sendo muito estudado nos programas de Psicologia na Rússia atualmente. Com base nisso, Delari Junior (2020) aponta para a necessidade de haver investigações que se aprofundassem na teoria de Vasilyuk, principalmente por haver “[...] algo de fenomenológico-existencial na formação do pensamento [...]” (p. 9) dele.

Também é válido acrescentar que apesar da importância creditada ao trabalho de Vasiliuk por Karyagina e Shankov (2018), trata-se de um autor pouco estudado no Brasil. Não há obras dele traduzidas para a língua portuguesa e são poucos os trabalhos brasileiros que o citam. Portanto, essa investigação serve também ao propósito de proporcionar acesso à parte do pensamento de Vasiliuk.

Por fim, asseveramos que, conforme denunciado por Carvalho, Tuleski e Souza (2023), atualmente há tendências reformistas no campo da PHC, com base nisso, entendemos que para que seja possível adotarmos como referência o trabalho de um autor que se diz continuador da Psicologia Histórico-cultural, é necessário bastante cuidado. Quando há afastamento do materialismo histórico-dialético, há aproximação de teorias regidas pela lógica burguesa. Essas aproximações, dentro do campo da Psicologia, costumam aparecer camufladas com roupagem de cuidado em saúde mental, enquanto essencialmente servem ao capital buscando a adequação das pessoas à lógica neoliberal hegemônica e adoecedora.

Durante o processo da pesquisa, nos dias 14, 15 e 16 de setembro de 2023, foi realizada uma busca com a finalidade de rastrear citações à obra do autor em questão, tentando compreender de que forma sua teoria é estudada e utilizada em trabalhos escritos em português, espanhol e em inglês – línguas acessíveis à pesquisadora. A partir disso, foi possível comprovar que se trata de um autor que é citado em alguns trabalhos brasileiros, mas ainda de forma superficial.

O nome do autor, nas duas grafias encontradas: Vasiliuk e Vasilyuk, foi utilizado como descritor para buscas realizadas no banco de dados *Redalyc*, *SciELO* e também no *GoogleAcadêmico*. No primeiro, foram encontrados apenas 4 trabalhos (artigos, teses e dissertações) em português que citam o autor. No segundo, nenhum trabalho.

Já na ferramenta de busca avançada no *GoogleAcadêmico* – escolhendo buscar por artigos que citassem o nome do autor e pesquisando apenas por páginas em português – um número maior de publicações foi encontrado: 12. No entanto, a maioria não se aprofunda na obra de Vasiliuk e 3 artigos são repetidos – ou seja, foram

encontrados tanto na base de dados *Redalyc* quanto na ferramenta do *Google*. Portanto, tem-se apenas 13 trabalhos que citam o nome de Fedor Vasiliuk escritos na língua portuguesa.

Diante disso, decidimos ampliar a busca, pesquisando por trabalhos em inglês e espanhol também, o que agregou mais perspectivas sobre a obra de Vasiliuk. Na base de dados *Redalyc*, encontramos 7 trabalhos que não estão escritos em português fazendo a busca com os mesmos descritores supracitados.

No *Google Acadêmico*, na busca avançada com os mesmos descritores, sem especificar uma busca por páginas em português, foram encontrados 8 trabalhos. Vale fazer uma ressalva que essa última ferramenta proporciona inúmeras páginas com vários trabalhos que citam os termos “Vasilyuk” e “Vasiliuk”, no entanto, após a sétima página, nota-se que os trabalhos que ali aparecem não se referem a Fedor Vasiliuk e/ou tratam-se de obras publicadas em russo, o que inviabiliza o acesso devido à limitação da pesquisadora de não ser fluente nessa língua. Todos os trabalhos encontrados nessa busca foram sistematizados e colocados no quadro 1 abaixo.

### Quadro 1 – Citações ao trabalho de Vasiliuk

<b>Título</b>	<b>Referência</b>	<b>Fonte</b>	<b>Língua em que foi publicado</b>	<b>Tipo de publicação</b>	<b>Descritor</b>
<b>Contribuições de Vygotsky para o estudo das emoções: um diálogo entre a Psicologia e a Linguística Aplicada</b>	Abreu (2012)	Google Acadêmico	Português	Artigo	Vasilyuk
<b>O ofício da dança e a bailarina cega ou com baixa visão: um estudo a partir da perspectiva histórico-cultural</b>	Albarrán (2017)	Google Acadêmico	Português	Tese	Vasiliuk
<b>Concerta® para aprender: os impactos do discurso patologizante na educação</b>	Albuquerque (2021)	Google Acadêmico	Português	Dissertação	Vasiliuk
<b>Vivência/Perejivânie: diversidade de compreensões do conceito e articulação à luz do sistema teórico de Vigotski</b>	Andrade (2022)	Google Acadêmico	Português	Tese	Vasilyuk

<b>Entrevista con la profesora Marta Shuare</b>	Berenchtein Netto (2011)	Redalyc	Espanhol	Artigo	Vasilyuk
<b>Hegel, Marx, Vygotsky</b>	Blunden (2021)	Google Acadêmico	Inglês	Livro	Vasilyuk
<b>Perezhivanie: um encontro de Vigotski e Stanislavski no limiar entre Psicologia e Arte</b>	Cappucci (2017)	Google Acadêmico	Português	Dissertação	Vasilyuk
<b>“Ser ou não ser”: a perezhivanie do ator nos estudos de L. S. Vigotski</b>	Capucci e Silva (2018)	Google Acadêmico e Redalyc	Português	Artigo	Vasilyuk
<b>Life-Changing and Coexperiencing Psychotherapy: Comparative Analysis of Approaches</b>	Chesnokova (2021)	Google Acadêmico	Inglês	Artigo	Vasilyuk
<b>Boundary learning in a gender responsive curriculum transformation in Zimbabwe: an activity theory approach</b>	Chikunda, Chikunda e Castro (2017)	Google Acadêmico e Redalyc	Inglês	Artigo	Vasilyuk
<b>Vygotsky and Vasilyuk on Perezhivanie: Two notions and one word</b>	Clarà (2016)	Google Acadêmico	Inglês	Artigo	Vasilyuk
<b>An activity theory analysis of learning in and for inter-school work</b>	Daniels (2016)	Redalyc	Inglês	Artigo	Vasilyuk
<b>Questões sobre práticas sociais psicoterapêuticas</b>	Delari Junior (2020)	Google Acadêmico	Português	Trabalho voluntário e independente	Vasilyuk
<b>Importancia del juego temático de roles sociales en la edad preescolar</b>	González-Moreno (2022)	Redalyc	Espanhol	Artigo	Vasilyuk
<b>Gomel – a cidade de L. S. Vigotski: Pesquisas científicas contemporâneas sobre instrução no âmbito da teoria histórico-cultural de L. S. Vigotski</b>	Jerebtsov (2017)	Google Acadêmico	Português	Capítulo de livro	Vasilyuk
<b>Life as authoring: The humanistic tradition in Russian psychology</b>	Kozulin (1991)	Google Acadêmico	Inglês	Artigo	Vasilyuk

<b>Desarrollando el pensamiento complejo</b>	León (2006)	Redalyc	Espanhol	Artigo	Vasilyuk
<b>A importância do conceito de perejivanie na constituição de agentes transformadores</b>	Liberali e Fuga (2018)	Google Acadêmico e Redalyc	Português	Artigo	Vasilyuk
<b>Escrevivência e rotas de cultura: tessituras da aprendizagem dialógica</b>	Pinheiro (2020)	Google Acadêmico	Português	Tese	Vasilyuk
<b>Afetividade e interatividade na educação a distância: dimensões dos processos educativos em cursos de graduação</b>	Ramos (2018)	Google Acadêmico	Português	Dissertação	Vasilyuk
<b>Ação profissional e subjetividade: para além do conceito de intervenção profissional na psicologia</b>	Rey; Goulart e Bezerra (2016)	Google Acadêmico e Redalyc	Português	Artigo	Vasilyuk
<b>Hardiness in the structure of personal resources conducive to overcoming professional burnout among workers during a pandemic</b>	Rerke, Belyakova e Mottaeva (2021)	Google Acadêmico	Inglês	Artigo	Vasilyuk
<b>Valores do comportamento de autopreservação no sistema de orientações de valor da juventude russa moderna</b>	Shayakhmetova, Sadretdinova, Sunarchina e Sadykova (2020)	Google Acadêmico	Inglês	Artigo	Vasilyuk
<b>A. Vygotsky's theory of method and philosophy of practice: implications for trans/formative methodology</b>	Stetsenko (2016)	Google Acadêmico e Redalyc	Inglês	Artigo	Vasilyuk
<b>Reflexões teórico-metodológicas sobre o legado de vigotski: entrevista com o professor nikolai veresov (entrevista com nikolai veresov) – parte II</b>	Toffanelli e Franco (2021)	Google Acadêmico e Redalyc	Português	Artigo	Vasilyuk
<b>Ayuda psicológica al pedagogo en la superación del síndrome de "incineración profesional".</b>	Yurevna (2011)	Redalyc	Espanhol	Artigo	Vasilyuk

A partir da leitura dos artigos, é possível notar que quando há referência ao trabalho de Vasiliuk, ele vem majoritariamente associada à teoria que ele desenvolveu sobre a *perejivanie*. Além disso, observa-se que muitos dos trabalhos listados acima partem da perspectiva da PHC, ou seja, de alguma forma acabam associando Vasiliuk à teoria histórico-cultural. É importante salientar que as menções a Vasiliuk e à sua teoria são superficiais, no entanto, assevera-se que é possível encontrar visões bastante diferentes a respeito da obra do autor. Assim, na Seção 3 deste trabalho, abordamos o conteúdo dos artigos de forma breve estabelecendo um parâmetro que nos possibilitou compreender quais conceitos utilizados por Vasiliuk careciam de esclarecimento, comparando-os às elaborações de Vigotski.

Diante dessa exposição introdutória, é possível expormos a organização idealizada para esta dissertação. Na Seção 1, organizamos a história da Psicologia soviética, enfatizando a localização do pensamento de Vasiliuk e buscando compreender como ele foi se conformando dialeticamente diante dos acontecimentos histórico-sociais e da construção da ciência psicológica na URSS e na Rússia. Entendemos que muito do que se manifesta em seus escritos expressa regularidades que se apresentam nos trabalhos de continuadores contemporâneos da PHC, não só de países da ex-União Soviética, mas também no Ocidente.

Em seguida, na Seção 2, a ideia foi apresentar de fato quem foi Vasiliuk e adentrarmos o escopo teórico desenvolvido por ele no livro “*Psychology of Experiencing*”. Também, buscamos sinalizar a existência de contradições, subjetivismos e ecletismos na seção em questão para que pudéssemos nos debruçar sobre a análise epistemológica comparativa. Assim, como supracitado, na Seção 3, foi necessário analisar comparativamente algumas categorias que são fundamentais tanto na obra de Vasiliuk quanto na de Vigotski, a saber, os conceitos de crise, *perejivanie* e consciência. Destaca-se que todas as traduções presentes nesta dissertação foram realizadas pela autora – tivemos auxílio também de uma pós-graduanda em Psicologia que estuda a Psicologia Histórico-Cultural e a língua russa, Nataly Batista de Jesus.

**SEÇÃO 1: EM BUSCA DA RECONSTRUÇÃO DOS MOVIMENTOS HISTÓRICOS QUE CONFORMAM A PSICOLOGIA NA RÚSSIA E DÃO BASE À OBRA DE VASILIUK**

*LIBERDADE*

*Não ficarei tão só no campo da arte,  
e, ânimo firme, sobranceiro e forte,  
tudo farei por ti para exaltar-te,  
serenamente, alheio à própria sorte.*

*Para que eu possa um dia contemplar-te  
dominadora, em fêrvido transporte,  
direi que és bela e pura em toda parte,  
por maior risco em que essa audácia  
importe.*

*Queira-te eu tanto, e de tal modo em suma,  
que não exista força humana alguma  
que esta paixão embriagadora dome.  
E que eu por ti, se torturado for,  
possa feliz, indiferente à dor,  
morrer sorrindo a murmurar teu nome”  
(Carlos Marighella, 1939).*

Para que seja possível compreender a teoria desenvolvida por Vasiliuk, se faz necessário ter uma noção geral do contexto histórico em que ele viveu e se formou enquanto psicólogo. Para tanto, é preciso resgatarmos brevemente o desenvolvimento da Psicologia soviética. Assim, neste momento, traçamos como objetivo descrever e analisar a história de tal ciência na Rússia e na URSS dentro dos limites condizentes com a proposição desta dissertação, ou seja, focando especialmente nos acontecimentos das últimas décadas do século XX (Almeida, 2008).

## 1.1 DA RÚSSIA CZARISTA AOS PRIMEIROS ANOS PÓS-REVOLUCIONÁRIOS

A Psicologia soviética parte de uma relação íntima existente entre a Ciência psicológica e a Filosofia. Almeida (2008) destaca que a disputa entre materialistas e idealistas já era comum na época pré-revolucionária, quando o país era comandado por czares. Esse embate torna-se mais acirrado depois da Revolução, já que vemos a emergência da necessidade de fundamentar a Psicologia no materialismo histórico-dialético. No entanto, isso não se deu de forma linear, foram diversos avanços e retrocessos que serão descritos (Shuare, 2017).

É possível verificar a existência do dualismo – materialismo vs. idealismo – na obra de autores como Sergei Korsakov, Mikhail Lomonosov e Ivan Sechenov (1829-1905). Wortis (1953)<sup>6</sup> destaca que o segundo é a figura importante mais antiga entre os psicólogos russos e afirma que ele era um materialista. Sechenov também é considerado um materialista, ele postulou, ainda no século XIX, uma concepção concreta de ser humano e de mundo. Defendia que o estudo do psiquismo deveria ser realizado a partir das investigações fisiológicas do cérebro. Suas proposições ganharam reforços no século XX, a partir de produções que utilizavam suas ideias como base, tais como a de Ivan P. Pavlov (1849-1936) e de Vladimir M. Bekhterev<sup>7</sup> (1857-1927).

Ainda na Rússia czarista, Almeida (2008) ressalta que “Sechenov, Bekhterev e Pavlov são os principais articuladores (mesmo que independentes) de uma sólida abordagem materialista que se desenvolvia na fisiologia e na psicologia russa pré-revolucionária.” (p. 60). Destaca-se a importância de pontuar que o materialismo que começa a ser desenvolvido é descolado da historicidade, não se trata do materialismo histórico. Além disso, Wortis (1953) assevera que no início do século XX a psicologia idealista ainda estava enraizada nas universidades, podemos citar G. I. Chelpanov como representante notável da corrente subjetivista. Como mencionado, a defesa pelo

---

<sup>6</sup> Joseph Wortis (1906-1995) foi um psiquiatra estadunidense que apresenta sua obra a partir de uma base marxista. Seu livro “*La psiquiatria soviética*” aborda importantes informações concernentes à conjuntura histórica de desenvolvimento tanto da psiquiatria quanto da psicologia soviética. Apesar disso, na leitura do livro em questão, é possível notar que existe uma simpatia pelo regime imposto por Stalin. Além disso, o autor traz uma visão equivocada e reducionista da obra de Vigostki quando pontua que ele estudou “funções psicológicas isoladas, como linguagem e memória” (p. 25, tradução nossa). Assim, a utilização da obra como referência foi feita com o cuidado necessário e com o auxílio da dissertação de Silva (2014) – que faz uma leitura crítica do trabalho de Wortis.

<sup>7</sup>Podemos encontrar diferentes grafias para o nome deste autor em questão. Shuare (2017) refere-se ao autor como Bójterev, Wortis (1953) utiliza Bechterevev, no entanto optamos pela grafia mais comum nas obras da língua portuguesa, a saber, Bekhterev.

materialismo ganhou forças com o mergulho da Rússia na Revolução de Outubro de 1917.

[...] a necessidade de se buscarem melhores condições de existência era sentida com muita intensidade pela população campesina que, liberta dos laços servis, era expropriada de forma violenta pelos latifundiários. Essa combinação de descontentamentos acabou por conduzir à Revolução de 1917, sob a liderança do proletariado enquanto classe politicamente organizada (Tuleski, 2002, p. 74).

Shuare (2017) explica que, a partir das transformações pelas quais a URSS estava passando, uma necessidade de se resolver tarefas práticas veio à tona, no entanto Calviño e de la Torre (1997)<sup>8</sup> acrescentam que a Psicologia da época não tinha condições de suprir as necessidades dos novos pressupostos comunistas vigentes, portanto a grande tarefa que a geração da Revolução tinha era revolucionar a Psicologia também (Fitzpatrick, 2017). Assim, desde seu início, tal ciência tem a tendência de se desenvolver teórica e metodologicamente buscando suprir as necessidades práticas de uma nova sociedade (Calviño & de la Torre, 1997; Shuare, 2017).

Nesse contexto, nota-se esforços sendo imprimidos dentro da URSS para tentar alçar a Psicologia ao nível de Ciência a partir do uso do materialismo histórico-dialético como esteio, ao mesmo tempo em que a conjuntura ocidental era de surgimento de diversas correntes dentro da Psicologia. De acordo com Shuare (2017), essas movimentações culminaram em um cenário complicado de correntes e tendências na Rússia.

Shuare (2017) aponta consequências próprias desse primeiro momento em questão: a) emergência do comportamento como novo objeto de estudo da Psicologia – comportamento diferente daquele tomado pelo *behaviorismo* norte-americano; b) aspiração de reduzir o psiquismo à manifestação subjetiva dos processos nervosos; c) existência de diversas propostas em que pretendia-se incorporar postulados marxistas à Psicologia.

A Fisiologia estendida à compreensão dos fenômenos psíquicos era considerada por muitos como necessária e suficiente para construir uma Psicologia marxista. Por um

---

<sup>8</sup>Importante esclarecer que Calviño & de la Torre (1997) partem de uma posição diferente da posição adotada por nós, neste trabalho. Aqueles autores defendem que a Teoria da Atividade é uma distorção da teoria desenvolvida por Vigotski, salientando que a categoria de Atividade não é central na obra vigotskiana, sendo uma criação de Leontiev. No entanto, aqui sustentamos que há uma unidade entre os trabalhos dos dois autores soviéticos, considerando que o legado de Leontiev foi continuar os trabalhos iniciados por Vigotski (Silva, 2013). Apesar dessa discrepância no campo das ideias, os fatos históricos retomados pelos autores Calviño & de la Torre (1997) compõem a conjuntura histórica que vai desempenhar um papel importantíssimo na formação de Vasiliuk.

lado, as concepções científico-naturais contribuíram para fazer com que o objeto da Psicologia se distanciasse do misticismo e da irracionalidade, por outro, a partir dessas noções, pensamentos reducionistas e mecanicistas se propagaram, produzindo compreensões a-dialéticas e a-históricas do materialismo.

Shuare (2017) retoma os trabalhos de Bekhterev e de Pavlov, já que eles vão continuar influenciando o cenário da Psicologia soviética mesmo após a Revolução. Bekhterev buscou fundamentar a Psicologia a partir de dados objetivos do sistema nervoso e organizou concepções estritamente psicológicas que deram lugar à formulação da psicorreflexologia<sup>9</sup>. O autor “considerou como indubitável a existência de um mundo subjetivo e que este é inseparável dos processos materiais que ocorrem no cérebro.” (Shuare, 2017, p. 48).

Apesar disso, suas concepções não superam o dualismo, nem são bem-sucedidas na empreitada de fundamentar uma Psicologia Científica, isso porque o autor recaí em reducionismos como o de tentar limitar “[...] as leis de desenvolvimento da natureza e da sociedade a certos ‘princípios gerais’ de um místico processo universal, a extensão das leis da mecânica – Lei da atração universal, Lei da conservação da energia etc. – ao funcionamento da sociedade [...]” (Shuare, 2017, p. 49). Isso, para Shuare (2017), corrobora o fato de que suas posições metodológico-filosóficas são equivocadas.

Com relação ao trabalho de Pavlov, as investigações mais importantes do autor [...] estiveram dedicadas aos mecanismos nervosos dos enlaces temporais; as leis de desenvolvimento e extinção da atividade reflexa condicionada; a inibição cortical; os diferentes tipos de inibição; as leis de irradiação e concentração da excitação e inibição; o sonho, suas patologias; as neuroses experimentais; os analisadores corticais e a localização das funções no córtex cerebral; os dois sistemas de sinais; a classificação dos temperamentos em relação com o tipo de atividade nervosa superior (Shuare, 2017, p. 51).

Vigotski (2004) – em um período em que seu trabalho já está mais maduro – critica o método de Pavlov, um dos motivos de sua crítica é o movimento que Pavlov traça para investigar o comportamento humano: ele parte do mais simples, do comportamento animal, para compreender o mais complexo, ou seja, o humano, no

---

<sup>9</sup> Vale aqui a consideração feita por Shuare (2017) de que “reflexologia” foi um termo muitas vezes relacionado à teoria dos reflexos condicionados de Pavlov, porém, em sua visão, trata-se de um equívoco. Ela explica que Pavlov e Bekhterev desenvolveram pensamentos que dividem alguns pontos de contato, mas que são distintos. Apesar disso, optamos por manter o uso do termo em questão para nos referir à teoria desenvolvida por Pavlov, isso porque a grande maioria dos autores estudados nesta dissertação o fazem também.

entanto, de acordo com Vigotski (2004), seguindo os pressupostos marxistas, é necessário fazer o caminho inverso.

Só podemos compreender cabalmente uma determinada etapa no processo de desenvolvimento – ou, inclusive, o próprio processo – se conhecemos o resultado ao qual se dirige esse desenvolvimento, a forma final que adota e a maneira como o faz. Trata-se unicamente, é claro, de transferir num plano metodológico categorias e conceitos fundamentais do superior para o inferior e não de extrapolar sem mais nem menos observações e generalizações empíricas (Vigotski, 2004, p. 207)

No entanto, é importante pontuarmos que Vigotski se baseou nos trabalhos pavlovianos no início de seus estudos, na primeira metade da década de 1920, trataremos do assunto com mais profundidade na subseção 2.3., quando formos abordar a obra vigotskiana (Costa, 2020).

A teoria desenvolvida por Pavlov é vista por Shuare (2017) como uma etapa no conhecimento do fundamento fisiológico dos fenômenos psíquicos, porém, suas ideias acabaram sendo tomadas como dogmas durante o período de censura quando Josef Stalin (1878-1953) ascende ao poder, momento que será tratado com mais detalhes adiante.

A despeito de suas importantes contribuições à ciência, nem Pavlov nem Bekhterev conseguiram se desvencilhar dos limites da compreensão tradicional empirista e subjetivista do psiquismo. Quem de fato conseguiu superar tais limitações foram os psicólogos soviéticos: L. S. Vigotski (1886-1934), Rubinstein, Luria, Leontiev e os continuadores da Psicologia Histórico-Cultural (PHC), teoria por eles desenvolvida.

Mas antes de chegarmos de fato aos criadores da Psicologia Histórico-Cultural, faz-se importante tratar brevemente do trabalho de K. N. Kornilov (1879-1957), um dos pensadores que compôs o cenário da Psicologia nos primeiros anos pós-revolução.

Kornilov trabalhou entre 1923 e 1930 e entre 1938 e 1941 como diretor do Instituto de Psicologia fundado por Chelpanov. Kornilov, nos primeiros anos pós-Revolução, fazia parte da Escola de Chelpanov, no entanto, em 1921, ele e Blonski escreveram livros contra a Psicologia idealista, rompendo internamente com a Escola da qual faziam parte. Em seu livro, Kornilov defende a separação total entre Filosofia e Psicologia, no entanto, paradoxalmente, essa rejeição não significou uma assepsia da Filosofia da obra deste autor – mesmo que ele próprio não tenha se dado conta disso.

Um de seus trabalhos – *Teoría de las reacciones del hombre* – é considerado por Shuare (2017) como expoente do materialismo mecanicista na concepção do psiquismo (Worts, 1953).

## 1.2 A DÉCADA DE 1920: A CONTÍNUA BUSCA PELA CONSTRUÇÃO DE UMA PSICOLOGIA MARXISTA E A ASCENSÃO DA TEORIA VIGOTSKIANA

Em 1923, o I Congresso Nacional Russo de Psiconeurologia<sup>10</sup> aconteceu e marcou a história da Psicologia marxista como ponto de virada. Kornilov sugeriu um programa de reconstrução da Psicologia apoiada no marxismo e apartada da tradição idealista, abstrata e subjetivista. Dessa forma, pela primeira vez, a necessidade de fundamentar a Psicologia no materialismo histórico-dialético apareceu – fato que aconteceu apesar dos esforços de seus organizadores em continuar a linha tradicional. Kornilov passou a conceber o marxismo como sistema filosófico capaz de superar o dualismo “espírito vs. matéria”, já que Marx, Engels e Lenin acabaram definindo o psiquismo como propriedade altamente organizada da matéria.

Faz-se válido colocar aqui que os fisiologistas da época responderam as elaborações de Kornilov afirmando que a Psicologia marxista não poderia se propor a ser científica, pois ela continuaria precisando de instrumentos e métodos científicos. Para esses fisiologistas, a única maneira de se construir conhecimentos a respeito do ser humano era a partir dos estudos de seu comportamento objetivo a por meio de métodos também objetivos (Wortis, 1953).

Ainda em 1923, Kornilov assumiu o lugar de Chelpanov na direção do Instituto de Psicologia na Universidade de Moscou, o que também representou um triunfo na luta contra o empirismo e o idealismo no campo psicológico. No entanto, Shuare (2017) continua a nos mostrar que a história da Psicologia marxista não é linear, ela assevera que “reconhecer a necessidade da reconstrução da Psicologia sobre os postulados do marxismo é uma condição necessária, mas não suficiente para reconstruí-la efetivamente.” (p. 55), portanto isso não significou a construção da Psicologia marxista.

---

<sup>10</sup>Ratifica-se que nessa época, reuniam-se sob o nome de Psiconeurologia várias ciências, como a Psicologia Geral, Psicologia Fisiológica, Psicologia infantil e pedagógica e outras.

Mas seus esforços o colocaram contra psicólogos mais antigos como aqueles que se identificavam com a Psicologia reflexológica de Bekhterev. Ao mesmo tempo, esse movimento fez com que psicólogos mais jovens se agrupassem em torno das ideias de Kornilov, tais como Vigotski, Luria e Leontiev. Assim, aqui vemos a formação da famosa troika que será responsável pelo desenvolvimento inicial da PHC como conhecemos atualmente.

No segundo Congresso Nacional de Psiconeurologia, de 1924, Vigotski fez sua primeira grande apresentação pública dentro do contexto da Ciência Psicológica. Em sua fala, ele criticou as teorias desenvolvidas por Bekhterev e por Pavlov, taxando suas concepções de dualistas. O resultado dela foi um impacto enorme nos ouvintes e um convite de Kornilov para trabalhar no Instituto de Psicologia (Almeida, 2008; Shuare, 2017). Em sua fala, Vigotski afirmou que a reflexologia estudava um objeto limitado, ela não dava conta de investigar os reflexos de ordem superior. Apesar de criticar a obra pavloviana, muitas de suas concepções apresentadas nesse congresso eram oriundas da teoria reflexológica, a linguagem, por exemplo, era vista como reflexo secundário.

A conjuntura social e política da década de 1920 é delicada. Nesse momento, Stalin já ocupava cargos de importância e já concentrava grande poder administrativo. Em 1921, uma política de expurgos foi iniciada e seu objetivo era controlar a moral partidária. A conduta dos membros do Partido era posta sob análise rigorosa,

[...] objetivando, assim, substituir um processo de eleições pela remoção dos membros corruptos sem que fosse necessário afastar o Partido do poder. Lenin fez crítica aos resultados destas práticas, no entanto, seguiu-se um período de ataques de paralisia que cada vez mais o afastariam da política até sua morte em 21 de janeiro de 1924 (Silva, 2013, p. 52).

Munidos dessa parte da história soviética e da Psicologia que se desenvolvia nessa conjuntura, neste ponto é possível adentrarmos à obra de Vigotski. O trabalho vigotskiano de aplicar de forma bem-sucedida o materialismo histórico-dialético à Ciência da Psicologia é caracterizado por Shuare (2017) como uma “Revolução Copernicana”, tamanha a façanha realizada por Vigotski. “Afirmar que Vigotski abriu um novo caminho na Psicologia é pouco. Sua concepção definiu e define até hoje – e, acreditamos, por muitos anos ainda – a direção mais frutífera do desenvolvimento da Psicologia soviética.” (Shuare, 2017, p. 60).

Assim, iremos caracterizar aquilo que unifica toda a criação científica de Vigotski e aquilo que lhe permitiu colocar a Psicologia sobre uma base nova, modificando seu objeto de estudo e seus métodos.

Para compreendermos sua elaboração científica, é necessário entendermos suas influências no início de sua carreira. Na primeira metade da década de 1920, como já mencionado, a teoria desenvolvida por Pavlov teve um papel de grande influência nos estudos desempenhados por Vigotski. Nota-se a utilização de terminologia advinda da teoria reflexológica. Além da fala realizada no segundo Congresso Nacional de Psiconeurologia supracitada, de acordo com Costa (2020), também é possível perceber tal influência no projeto de pesquisa elaborado por Vigotski, que utilizou como esteio o modelo experimental pavloviano.

Apesar disso, Aita (2014) assevera que mesmo nesta época é possível constatar que o autor estava elaborando sua própria teorização sobre a consciência e sobre o comportamento humano a partir das críticas que ele fazia à reflexologia. Outro ponto importante de salientar é que, ao longo do desenvolvimento do pensamento vigotskiano, o autor foi se distanciando cada vez mais desse entendimento, ao elaborar sua Psicologia Geral.

Partindo de uma grandiosa carga teórica acumulada a partir da apropriação por parte de Vigotski dos conhecimentos já desenvolvidos no campo das ciências psicológicas, como mencionado na introdução, ele identificou uma crise na Psicologia sustentada por diversas facetas. Uma delas é concernente ao objeto de estudo dessa ciência. Ele aponta que ao tomarmos como exemplo correntes psicológicas de sua época tais como a reflexologia, a psicanálise e a psicologia tradicional, cada uma delas responderia que a Psicologia seria respectivamente a ciência do comportamento, do inconsciente ou do psíquico. Diante disso, “surge a necessidade de unir ramos heterogêneos do saber” (Vigotski, 2004, p. 215). Porém, essa tarefa não é simplesmente feita pela união das partes, “A unidade consegue-se por meio da subordinação e o domínio, por meio da renúncia das disciplinas particulares à soberania em favor de uma ciência geral” (Vigotski, 2004, p. 215).

A proposição do autor para superar a crise era a elaboração de uma Psicologia Geral, embasada no marxismo, que atualmente conhecemos como Psicologia Histórico-Cultural. Essa nova Psicologia foi possibilitada pela Revolução, já que foi necessária a superação das relações capitalistas de produção por meio do socialismo da mesma forma que foi necessária a superação do antagonismo dualista posto pelas correntes

psicológicas da época. Para superar o dualismo, Vigotski propôs uma nova visão de homem, uma visão que unificava mente e corpo (Tuleski, 2002).

A revolução proporcionada por ele se diferencia das tentativas anteriores de desenvolvimento de uma Psicologia marxista justamente porque ele compreendeu que seria impossível aplicar o materialismo histórico-dialético **diretamente** à Psicologia. Vygotsky (2004) afirma que “[...] é preciso saber o que se pode e o que se deve buscar no marxismo” (p. 395), assim ele postulou que o que deveria ser buscado no marxismo era o método de construção de uma Psicologia marxista e não a teoria pronta.

Foi a partir dessa visão que ele conseguiu trazer uma concepção nova a respeito da consciência. Vigotski critica o fato de a Psicologia ignorar a consciência, afirmando que se trata de uma forma de conservar o antigo problema concernente ao dualismo mente e corpo. Ele propôs tratar a consciência como objeto concreto da análise científica. A partir do estudo da atividade produtiva, isto é, o trabalho, Vigotski encontrou aquilo que dá origem à consciência humana e ela passa a se tornar objeto de estudo da Psicologia.

De acordo com Shuare (2017), Vigotski infere que o psiquismo humano é social por origem, não de forma determinista, mas de forma que constitui a essência da história do psiquismo humano. Afastando-se de concepções inatistas, Vigotski também ratifica que o psiquismo humano não está dado a partir do desenvolvimento das estruturas orgânicas, porém sua constituição está pressuposta como possibilidade da qual o sujeito pode se apropriar em meio às relações sociais. O autor postula a Lei Genética do desenvolvimento que determina que a função aparece duas vezes no processo de desenvolvimento: uma vez no plano intersíquico ou social, sendo compartilhada com outras pessoas e outra no plano intrapsíquico, individualmente (Vygotski, 1995; Vigotski, 2000).

Antes de darmos sequência à exposição histórica, é pertinente deixar registrado que Vigotski morreu de tuberculose precocemente, em 1934, aos 37 anos, deixando diversas elaborações incompletas e um vasto campo de possibilidades de continuação de seus trabalhos, o que interfere diretamente no desenvolvimento dos conhecimentos da PHC.

### 1.30 PRIMEIRO MOMENTO DA CENSURA STALINISTA: A DÉCADA DE 1930 E O INÍCIO DA DÉCADA DE 1940

Apesar dos importantes avanços desempenhados por Vigotski, na década de 1930, com a ascensão do stalinismo, da censura e da dogmatização, o retrocesso atravessou o caminho do desenvolvimento de uma Psicologia verdadeiramente marxista. No discurso, a única psicologia possível era a marxista, no entanto, a PHC de Vigotski não cabia nessa exigência por ser uma corrente antidogmática que se apoiou na apropriação dos conhecimentos produzidos pela psicologia antes dela (Calviño&de la Torre, 1997).

Diante dessa conjuntura, entramos no período caracterizado por Almeida (2008) como a primeira era do terror (1936-1941), em que o foco da censura estava voltado para a eliminação dos políticos e militares que eram vistos como oposição ao governo de Stalin – o que não significa que não houve perseguições no campo da ciência, como pretendemos demonstrar ao longo desta subseção. Silva (2022) salienta que até o ano de 1939, foram realizados os grandes expurgos públicos, “[...] em que gerações inteiras foram executadas, desde o mais simples trabalhador aos mais valorosos cientistas, alcançando toda a velha guarda bolchevique” (p. 99). Estamos tratando de milhões de pessoas que se tornaram presas políticas e foram destinadas a trabalhos forçados ou ao fuzilamento.

O governo de Stalin passou por um período semiliberal, em que oscilava entre decisões liberais e de repressão. No entanto, em 1934, Sergei Kirov – uma pessoa que desempenhou importante papel no Partido em Leningrado – foi assassinado. A sua morte foi utilizada como justificativa para o governo acabar com as concessões semiliberais. Além disso, o assassinato foi seguido por um movimento de desconfiança e de acusações de conspiração por parte do governo. “Cerca de 40 membros da guarda pessoal de Stalin foram julgados secretamente, sendo dois executados e o restante condenado ao trabalho forçado” (Silva, 2022, p. 100).

No ano seguinte, dezenas de milhares de bolcheviques foram deportados para a Sibéria. Em 1936, um grupo de 16 velhos bolcheviques foi condenado à execução por fuzilamento, “fato que foi alvo de intensa propagação midiática na URSS e no mundo, abrindo caminho para uma sessão interminável de terror por meio de julgamentos públicos e secretos” (Silva, 2022, p. 101). Silva (2022) explica que mais bolcheviques

continuaram a ser julgados nos anos seguintes, sendo que a confissão deles era o único sustento dos julgamentos. A pesquisadora aponta que as confissões provavelmente eram a forma dos acusados de tentarem preservar suas famílias, enquanto para Stalin, elas funcionavam para “[...] esmagar qualquer possibilidade de oposição” (Silva, 2022, p. 102).

Esse período de expurgos foi finalizado em 1939, quando Stalin anunciou no Congresso do Partido – que até este ponto da história já não se reunia há cinco anos – que não seria mais necessário recorrer aos expurgos em massa. Fora da URSS, no entanto, Silva (2022) assevera que, em 1940, Trotsky foi assassinado no México.

Na batalha pelas ideias dominantes, o marxismo foi esquematizado, deturpado e dogmatizado. Shuare (2017) explica que nessa época a literatura a respeito da dialética era bastante escassa, o que colaborou para o processo de dogmatização. Essa compreensão a respeito do marxismo foi imposta como obrigatória no campo das ciências e arte. Nota-se a existência de diversas obras que apenas utilizavam termos e palavras referentes ao marxismo-leninista distorcido da época para driblar a censura (Calviño& de la Torre, 1997; Silva, 2013).

Dentro da Psicologia, Biologia e Medicina, as propostas que começaram a aparecer e que eram aceitas pelo governo eram sustentadas pelo materialismo desenvolvido por Pavlov. Na década de 1950, isso culminou na obrigatoriedade da teoria de Pavlov sobre os reflexos condicionados como esteio de teorias psicológicas, mas este será um aspecto melhor detalhado quando estivermos tratando da década em questão (Calviño& de la Torre, 1997; Silva, 2013).

Nesse momento, a obra de Vigotski e Luria foi duramente criticada, acusada de eclética, tida como reacionário e idealista. Shuare (2017) caracteriza o cenário da União Soviética como uma espécie de encenação, em que havia um poder unipessoal, havia arbitrariedade na concepção das leis da natureza e da sociedade e havia culto a uma personalidade em detrimento de todas as outras pessoas que era tidas como simples peças da maquinaria estatal. Porém, esse terror era disfarçado de vigilância revolucionária, para defender um Estado de Direito que não se fazia presente.

Galperin, na entrevista concedida a Golder (1986), explica que o ano de 1936 foi marcante no que concerne à censura à ciência, “o alvo de críticas passou a ser a pesquisa pedológica, ciência geral da criança e seu desenvolvimento, com muitos estudos emprenhados por Vigotski, acusada de ser pseudocientífica.” (Silva, 2014, p. 78).

A pedologia e as elaborações de Vigotski foram proibidas e expulsas das escolas. O resultado disso foi a “negação total de tudo o que os criticados haviam realizado e praticamente quase toda a produção científica na Psicologia infantil e Pedagógica, na Defectologia, na higiene escolar etc., foi declarada simplesmente reacionária e antimarxista.” (Shuare, 2017, p. 94).

Dessa forma, observamos o delineamento da **ilegalidade** da teoria histórico-cultural desenvolvida por Vigotski e seus colaboradores. A publicação e citação de obras do autor chegaram a ser proibidas na década de 1930 até o ano de 1956, características incoerentes e absurdas foram atribuídas ao seu trabalho, movimento que se agravou pelo fato de que muitas de suas obras foram editadas somente décadas após sua morte. Esse processo todo dificultou a difusão de seu trabalho, possibilitou apropriações reducionistas e deturpadas de suas concepções e atrapalha o desenvolvimento de seu pensamento até os dias atuais (Almeida, 2008; Tuleski, 2002).

Em meio a esse cenário de perseguições, repressões e dogmatização, os pesquisadores da Escola de Vigotski, dentre eles o próprio Vigotski, Luria e Leontiev, – que já haviam saído do Instituto de Psicologia por conta de críticas de Kornilov ao trabalho de Vigotski e seus colaboradores – estavam em busca de um instituto em que pudessem continuar trabalhando em conjunto, na intenção de fundar um departamento de Psicologia para reunir novamente suas pesquisas. O que não foi fácil, já que muitas das instituições às quais eles estavam vinculados haviam sido fechadas no período por terem sido acusadas de idealistas e trotskistas (Silva, 2013).

Ainda no final dos anos 1920, buscaram contato com o Instituto Psiconeurológico de Kharkov, então capital da Ucrânia. Luria, Leontiev, Zaporozhets e Bozhovich se mudaram para Kharkov, Vigotski não acompanhou os colegas. Apesar dessa possibilidade de trabalho em conjunto, o grupo não se manteve unido por muito tempo, Luria acabou acompanhando Vigotski em seus trabalhos em outras cidades, portanto a tentativa de fundar um departamento de Psicologia também foi infrutífera na Ucrânia.

Calviño e de la Torre (1997) relatam que se tornou comum aos psicólogos buscarem provar os dogmas estabelecidos ao invés de os questionarem. Porém, eles fazem a ressalva de que negar a interpretação da psicologia marxista imposta nesse momento histórico poderia ser fatal. Assim, é preciso se ter o entendimento de que isso influenciou a obra de diversos autores, que tem

peculiaridades características desse momento histórico e que não aparecem de forma alguma em períodos posteriores ou em outros momentos desse mesmo período. Isso se deve a circunstâncias históricas bem delimitadas e que não ferem a qualidade e a competência dos autores, assim como não ferem significativamente seus posicionamentos em relação às concepções de homem, mundo e natureza, defendidos na maioria de suas produções (Almeida, 2008, p. 81-82).

Embora a década de 1930 e início da década de 1940 tenha sido um período marcado pelas perseguições e pela censura, vemos importantes escolas desenvolvendo teorias sobre o psiquismo que irão influenciar as compreensões posteriores dentro da Psicologia. Dentre elas, uma das concepções centrais para a análise proposta por essa dissertação é a categoria de atividade em Psicologia de S. L. Rubinstein e de A. N. Leontiev. Shuare (2017) pontua que há divergências entre o pensamento de Rubinstein e Leontiev no tocante à categoria da atividade, porém, seria necessária uma investigação aprofundada e com foco nesse tema para possibilitar construções teóricas a esse respeito, como esta não se trata de uma tarefa pertencente ao escopo desta pesquisa, não entraremos nesses meandros. Portanto, nos deteremos aqui a uma breve exposição da teoria desenvolvida por Leontiev, já que se trata de um autor continuador do trabalho de Vigotski e já que suas elaborações foram tomadas como alicerces da Psicologia da Vivência desenvolvida por Vasiliuk – foco deste trabalho.

Leontiev se formou na Universidade de Moscou no Instituto de Psicologia da Universidade Estatal de Moscou. Em “*El desarrollo de la memoria*”, o autor “concretizou os postulados metodológicos da teoria histórico-cultural de Vigotski” (SHUARE, 2017, p. 107). Ele dirigiu um importante grupo de psicólogos por onde passaram pesquisadores proeminentes como P. I. Zinchenko, L. I. Bozhovich, P. Ya. Galperin e A. V. Zaporozhets. A partir de suas contribuições, ele é considerado por Shuare (2017) como fundador da teoria psicológica geral da atividade.

O psicólogo partia da mesma compreensão vigotskiana de que o ser humano se desenvolve socio-historicamente superando os limites orgânicos. De acordo com Silva (2022), Leontiev seguiu trabalhando no desenvolvimento da teoria de Vigotski, empreendendo forças para a superação do dualismo mente-corpo que **não** foi completamente superado até os dias atuais, já que ainda podemos observar diversas teorias psicológicas que ainda cindem essa unidade. Para dar continuidade aos estudos de Vigotski e a fim de demonstrar as características singulares humanas, Leontiev se

colocou “a compreender o ser corpóreo **em atividade**” (Silva, 2013, p. 132, grifo da autora). É por isso que a categoria da atividade ocupa um lugar de centralidade nos trabalhos de Leontiev.

Leontiev (2004) entende que os processos intelectuais interiores se originam da atividade que é inicialmente exterior que acontece entre os seres humanos e que é mediada por instrumentos e signos. Leontiev (2004) explica como acontece o processo de sobreposição das leis sociais sobre as biológicas e compreende que é assim que o processo de humanização acontece, ou seja, “[...] os seres humanos fixam as propriedades humanas de forma externa, num processo de **objetivação** e transmitem as propriedades adquiridas às gerações futuras por meio do processo de **apropriação**” (Silva, 2022, p. 155, grifos nossos).

Leontiev (2021) aponta que a atividade representa um sistema inserido no sistema de relações da sociedade, mas assevera que não se trata simplesmente da personificação das relações da sociedade e de sua cultura. A atividade é entendida por ele como fundante da estruturação do reflexo psíquico consciente e este é visto como “aptidão dos organismos para refletir as ações da realidade circundante nas suas ligações e relações objetivas” (Leontiev, 2004, p. 21).

Ao estudar os animais, Leontiev (2004) postula que a satisfação de uma necessidade biológica é aquilo que incita e orienta a atividade animal e acrescenta que a necessidade corresponde a um objeto excitante, pois ela é satisfeita por esse objeto. É importante colocar que a atividade humana é complexa, isso porque as necessidades do homem não se identificam no objeto da atividade, o motivo da atividade não coincide com o objeto (SILVA, 2013).

Leontiev (2017) afirma que “o homem elabora e produz com seu trabalho os objetos que satisfazem suas necessidades” (p. 43) e é isso que faz com que a maneira de satisfazer suas necessidades naturais se transforme. A partir dessa mudança, mudam também as necessidades. Assim, a relação estabelecida entre homem e natureza é mais complexa, a coletividade vai entrar como fator diferencial e o trabalho vai entrar como categoria que intermedeia essa situação relacional. “[...] somente numa atividade essencialmente coletiva é que pode se produzir processos orientados a um fim consciente” (Silva, 2013, p. 145). Assim, o reflexo psíquico formado no ser humano é também mais complexo e, nesse processo, há a diferenciação da consciência.

#### 1.4 OS ANOS DE SEGUNDA GUERRA E O SEGUNDO MOMENTO DA CENSURA STALINISTA (DE 1940 A 1950)

Seguindo a remontagem cronológica do desenvolvimento da Psicologia soviética, passamos a tratar agora especificamente do período durante a guerra. A URSS assistia à ascensão de Hitler a distância, sua entrada na guerra se deu apenas em 22 de junho de 1941, em decorrência da invasão de terras soviéticas pelo exército alemão, quando Hitler quebrou o Pacto Germano-Soviético que assegurava a não invasão dos territórios soviéticos por parte dos alemães. Depois da entrada forçada na Segunda Guerra Mundial, o discurso propagado pelo governo era que a URSS havia entrado na Grande Guerra Pátria, ou seja, o conflito adquiriu caráter patriótico.

O número de soviéticos mortos nas (e em decorrência das) batalhas em que o Exército Vermelho<sup>11</sup> participou passou da casa dos 20 milhões, diante dessa realidade e do fato de que os Aliados – Estados Unidos da América, França e Inglaterra – não tiveram mais do que 1,3 milhão de vítimas, o governo de Stalin tentou esconder esse número. “Sem dúvidas, a guerra pesou muito mais para o povo soviético, sem contar os mutilados, feridos e todos os traumas e chagas abertas que são incomensuráveis” (Silva, 2022, p. 104).

Neste período, vale colocar que a Ciência psicológica atendeu às necessidades emergentes da época, dentre as temáticas que surgiram a partir desse contexto, Shuare (2017) salienta três: a) análise da atividade militar, visando avaliar características de personalidades que se adequavam às funções dessa atividade; b) estudo psicofisiológico de processos sensoriais e perceptivos que foram aplicados a processos de treinamento e aprendizagem; c) reabilitação de funções psíquicas alteradas em decorrência das atividades militares – que foi estudada por Ananiev, como explicado logo acima, mas também por A. R. Luria.

Nesse ponto da história o trabalho de Luria se fez muito importante, além de se destacar na temática da reabilitação das funções psíquicas, ele também elaborou a Neuropsicologia. Aqui, é válido apontar que o próprio Luria considerou Anojin e Bernshtein como os cientistas que assentaram as bases para que a Neuropsicologia pudesse surgir da forma como ele a construiu (Shuare, 2017).

---

<sup>11</sup> Nome dado ao exército da URSS.

Luria se formou em 1921 na Universidade de Kazan, na Faculdade de Ciências Sociais. Em 1923, foi convidado a integrar a equipe de Kornilov no Instituto de Psicologia de Moscou. Neste período, como já explicado anteriormente, o desafio da Psicologia era se desenvolver de acordo com uma base marxista, diante disso, Luria se colocou a elaborar uma psicanálise experimental, aproximando a psicanálise do marxismo. Por conta dessa aproximação, Luria foi criticado por Vigotski (2004). Apesar das críticas ao trabalho luriano, ele “já apresentava a orientação psicotécnica que Vigotski defenderia posteriormente” (Tuleski, 2011, p. 22).

A partir disso, Luria passou a trabalhar junto de Vigotski. Após a morte de Vigotski e da ascensão da censura do governo de Stalin, Luria foi impedido de dar seguimento aos trabalhos que havia começado, portanto voltou para a faculdade e se formou em medicina. Assim, ele foi trabalhar no Instituto de Neurocirurgia – que mais tarde receberia o nome de Bourdenko, em homenagem ao neurocirurgião N. S. Bourdenko. Para desenvolver sua teoria, Luria se embasou nos postulados fundamentais da teoria histórico-cultural. Sua concepção a respeito do funcionamento psíquico parte também da compreensão de que os processos psíquicos são fenômenos sociais por origem (Luria, 1992; Tuleski, 2011).

Durante a Segunda Guerra, ele pode continuar os estudos sobre o funcionamento do cérebro – importantíssimos no período bélico – que também haviam sido iniciados por Vigotski. Em 1942, recebeu o título de Doutor em Medicina em decorrência da tese que publicou dedicada às afasias. Ainda trataremos de mais aspectos concernentes à obra de Luria e à censura que seu trabalho sofreu junto de vários outros teóricos.

Apesar das pequenas chances de o Exército Vermelho triunfar, a URSS conseguiu recuperar os territórios que havia perdido após a invasão dos alemães e, em 1945, tomou Berlim. “Stálin tornou-se um grande líder mundial por derrubar a Alemanha nazista de Hitler [...]” (Silvan 2022, p. 105) e ficou conhecido sob a alcunha de “Generalíssimo” internacionalmente.

Com o fim da guerra, a União Soviética precisava se reconstruir. Mesmo vitoriosa, as cidades estavam destruídas, a economia, esfacelada. A população restante sofria com a fome e muitos haviam sido lesionados e mutilados em decorrência dos conflitos. Silva (2022) ratifica que a URSS chegou a ter uma disparidade enorme entre homens e mulheres na população: 31 milhões de homens e 52 milhões de mulheres.

Na Psicologia, nesse período, foram criadas instituições importantes:

Instituto de Psicologia da Academia de Ciências da República Socialista Soviética de Geórgia, em Tbilisi; o Instituto de Psicologia Dependente do Ministério de Instrução Pública de Ucrânia, em Kiev; abriu-se a Seção de Psicologia no Instituto de Filosofia da Academia de Ciências da URSS e a Cátedra de Psicologia na Academia de Ciências Sociais adjunta ao CC do PCUS, em Moscou (Shuare, 2017, p. 136).

Em 1944, foi criado o Departamento de Psicologia da Universidade de Leningrado. Shuare (2017) explica que se tratam de acontecimentos importantes já que no início dos anos de 1930, várias instituições foram fechadas, o que resultou em uma década de ausência de formação de psicólogos no país.

No entanto, esse período foi demarcado por mais censura. Rubinstein, por exemplo, teve a publicação de um livro cancelada e ele foi substituído de todos os cargos que ocupava nos anos de 1948 e 49, sendo as posições restituídas apenas após a morte de Stalin em 1953. Também em 1948, foi publicado no periódico “*Questões de Filosofia*”<sup>12</sup> uma crítica ao trabalho de Leontiev escrita por M. N. Maslina intitulada “A crítica a Leontiev: em prol de uma firme adesão ao bolchevismo nas questões psicológicas”. A exposição crítica tece uma série de argumentos que sustentam a tese de que Leontiev não se baseava nos princípios leninistas e que ele deveria empreender uma revisão geral de sua obra.

Almeida (2008) caracteriza este período como a segunda era do terror para a sociedade soviética, sendo que os alvos deste momento foram a arte e a ciência. Isso porque

Stalin tentou manter viva a lembrança do terror dos expurgos dos anos 1930, impedindo qualquer desafio à sua autoridade, inchando os campos de concentração de trabalho forçado, duras sentenças e deportações em massa, de nacionalidades inteiras sob as acusações ou suspeita de colaboração com o inimigo. Enquanto operários estavam completamente emudecidos, os intelectuais da ciência, das artes e literatura foram terrivelmente perseguidos pela figura de Andrei Zhanov [...] (Silva, 2022, p.106).

Almeida (2008) destaca que a teoria de Pavlov foi colocada em discussão em 1950 na Sessão Científica da Academia de Ciências Médicas da URSS. Apesar de ter havido discussões no campo da Psicologia, as obras que foram mais discutidas foram

---

<sup>12</sup> Voprosy Filosofii

aquelas desenvolvidas por médicos e fisiologistas. É válido ressaltar que, na sessão, os teóricos que desenvolviam novos conhecimentos trilhando um caminho diferente daquele trilhado por Pavlov foram denunciados. “Na Psicologia somente Teplov, Kolbanovski, Rubinstein e Luria foram acusados, sendo que este último não teve sua defesa lida publicamente na conferência, que somente foi publicada no relatório” (Silva, 2013, p. 100).

Como repercussão desta Sessão de 1950, sessões especiais foram organizadas nas diversas áreas do conhecimento que eram relacionadas às concepções de Pavlov. Uma delas no campo da Psicologia, em 1952, a fim de evitar mais ataques. Trata-se de uma sessão que foi organizada por Anatoli Smirnov, então diretor do Instituto de Psicologia. O diretor estava em uma situação complicada, pois sabia que havia uma demanda por mudanças no campo psicológico por parte do alto comando dos oficiais soviéticos. Dessa forma, durante a sessão especial, ele acabou lendo um comunicado em que impunha as concepções pavlovianas às pesquisas psicológicas desenvolvidas pelos participantes, foi decretado que

a teoria de Pavlov sobre a atividade nervosa superior é a **única** base científico-natural firme da Psicologia materialista e que a tarefa central é a elaboração da teoria do psiquismo e a reconstrução das concepções psicológicas embasadas na Filosofia do materialismo dialético e histórico e da teoria de Pavlov. Sinalizou-se, assim, que as principais questões a serem resolvidas são: investigar o papel da linguagem na formação e desenvolvimento da consciência do homem à luz dos “trabalhos geniais de Stalin sobre a linguística”, a formação e desenvolvimento da atividade cognoscitiva fundamentada na teoria marxista leninista do reflexo e da teoria Pavloviana sobre a atividade analítico sintética do córtex cerebral; estudar o desenvolvimento psíquico da criança, as leis da assimilação de conhecimentos e hábitos e suas particularidades evolutivas à luz da teoria Pavloviana dos sistemas de sinais e suas inler-relações; estudar a formação e o desenvolvimento das características psicológicas da personalidade nas condições da educação comunista e a produção socialista; investigar as diferenças individuais a partir da teoria de Pavlov sobre os tipos de atividade nervosa superior; desmascarar a Psicologia idealista reacionária contemporânea etc. (Shuare, 2017, p. 142, grifo nosso).

Almeida (2008) expõe que se tratava de uma situação delicada pois “reduzir os estudos psicológicos aos ensinamentos pavlovianos seria reduzir a psicologia à

fisiologia; não utilizar os ensinamentos de Pavlov era praticamente destruir a psicologia, pois iria contra as determinações gerais do PC(b)US<sup>13</sup>” (p. 122-123). A consequência direta dessas sessões foi a pavlovinização do conhecimento desenvolvido pela Psicologia.

Shuare (2017) ainda informa que muitos psicólogos renomados, que tinham obras que discordavam da pavlovinização das ciências, acabavam publicamente reforçando essas ideias impostas pelo regime. Sua hipótese é que

os cientistas dessa época se viram obrigados a “entregar” algumas posições, a claudicar, aparentemente, nas palavras, em alguns aspectos da teoria para poder seguir desenvolvendo suas ideias, protegidos por grandes discursos em coro e impostos pelo sistema (Shuare, 2017, p. 141).

Isso pode ser observado a partir de publicações de Leontiev e de Luria neste período de maior censura. Leontiev publicou em 1951 um trabalho com T. V. Rozonava – “A formação de conexões associativas: um estudo experimental” no periódico *Pedagogia Soviética*<sup>14</sup> –, no início do texto, há definições de conceitos de Pavlov, porém o método de trabalho e as conclusões apresentadas são baseados no trabalho desenvolvido por Vigotski. Dessa forma, podemos notar que os autores buscavam esconder a essência do trabalho, utilizando termos pavlovianos na dimensão mais aparente.

Apesar da existência dessa leitura crítica do contexto, o fato de que importantes autores corroboravam ideias antimarxistas e dogmáticas teve consequências negativas para a Psicologia. Tuleski (2011), por exemplo, aponta que a censura acabou acarretando apropriações equivocadas e deturpadas da obra de Luria. Cipolla (1992) aponta que a despeito de utilizar a linguagem Pavloviana em alguns momentos, Luria “[...] com certeza considerava a teoria pavloviana inadequada. Nesses casos, é preciso traduzir o que ele dizia para sua própria linguagem teórica. Infelizmente na década de 1950, muitos jovens psicólogos não foram capazes de realizar esta tradução [...]” (p. 224). Isso quer dizer que muitos se apropriaram da teoria luriana parcialmente de forma a deturpar suas concepções.

Nos anos de 1950, com a morte de Stalin, a sociedade viu novas perspectivas de reconstrução surgirem, além disso, era necessário recuperar as perdas ainda decorrentes da Segunda Guerra Mundial e do próprio governo stalinista. Para tanto, buscou-se

---

<sup>13</sup> Partido Comunista (Bolchevique) da União Soviética.

<sup>14</sup> *Sovietskaia Pedagogika*.

eliminar as consequências imediatas do governo, expulsando colaboradores diretamente ligados a ele, liberando os presos da GULAG – um sistema de campos de concentração da URSS – e recolocando as pessoas depostas de seus cargos de trabalho – como foi o caso de Rubinstein (Almeida, 2008).

### 1.5A CRESCENTE OCIDENTALIZAÇÃO E CAPITALIZAÇÃO DA ECONOMIA APÓS A QUEDA DA URSS

Diante desse contexto de mudanças, alguns acontecimentos influenciaram o cenário da Psicologia enquanto Ciência na União Soviética. Os psicólogos puderam voltar a frequentar eventos internacionais. Em 1955, uma nova revista foi inaugurada – *VoprosyPsikhologii* (Questões de Psicologia) –, trata-se de um marco importante pois, a revista *Psikhologiia* (Psicologia) – anteriormente mencionada – havia sido fechada e por mais de 20 anos “os psicólogos careciam de uma publicação científica especializada” (SHUARE, 2017, p. 145). Em 1957, a Sociedade de Psicólogos foi fundada e o primeiro congresso dela foi realizado em 1959. Além disso, no final dos anos 50, frente às novas necessidades emergentes, as investigações sobre Psicologia industrial, personalidade e Psicologia social se intensificaram (Almeida, 2008; Shuare, 2017; Wortis, 1953).

É importante salientar que se trata de um momento assinalado por um processo de transição, portanto ainda vemos publicações marcadas pelo enfoque pavloviano, porém, também é possível encontrar produções com temáticas mais variadas e com diferentes formas de trabalhar, ainda que em menor quantidade.

Nesse movimento de reaquecimento de publicações, em 1956, foram publicadas as Obras Escolhidas de Vigotski, cujo prefácio foi escrito por Leontiev e Luria, nele os autores apresentavam os trabalhos de Vigotski a “praticamente cinco gerações de psicólogos que oficialmente foram impedidos de conhecer o autor” (ALMEIDA, 2008, p. 132). Em 1960, outro conjunto de textos de Vigotski foi publicado – “História do desenvolvimento das funções psíquicas superiores”, atualmente publicada nos cinco primeiros capítulos do tomo 3 das Obras Escolhidas de 1982. E, em 1965, o livro inédito “Psicologia da Arte”, também de Vigotski, foi publicado. Importantes obras de Rubinstein, Leontiev, Luria, B. V. Zeigarnik e outros foram publicadas também nesta época.

Diante da importância da teoria desenvolvida por Zeigarnik e também pelo fato de ela ter sido uma das professoras de Vasiliuk, iremos tratar brevemente de sua obra. A autora estudou os desenvolvimentos anormais que levam ao adoecimento psíquico e organizou suas elaborações sob o que foi chamado de patopsicologia. Zeigarnik nasceu na Lituânia, mas na década de 1920 mudou-se para Alemanha, onde estudou Psicologia na Universidade de Berlim. Lá, teve aulas com nomes importantes dentro da Psicologia, como Koffka e Kurt Lewin. Em 1931, ela voltou para União Soviética, onde trabalhou na Escola de Formação Comunista Nadezhda Krupskaja, lugar em que conheceu Vigotski. A partir desse momento, ela iniciou suas produções alinhadas aos pressupostos desenvolvidos por ele.

Em 1934, com a morte de Vigotski, Zeigarnik assumiu a direção do Laboratório de Psicopatologia. Zeigarnik conta a Golder (1986) que dirigiu o laboratório por muitos anos, ao mesmo tempo em que exercia a docência na Universidade de Lomonosov. Vale pontuar que nesta época ainda não existia uma Faculdade de Psicologia, havia uma seção de Psicologia dependente da Faculdade de Filosofia.

Voltando à cronologia dos fatos, na década de 1960, é possível notar o debate dos problemas filosóficos da Fisiologia da atividade nervosa superior como protagonista. Nessas novas circunstâncias, principalmente levando em consideração que oficialmente os psicólogos soviéticos não estavam mais obrigatoriamente ligados ao pavlovismo reacionário, a Psicologia da URSS ganhou status internacional.

Nas décadas de 1960 e 1970, foram abertas diversas faculdades e seções de Psicologia em várias Universidades, incluindo a Faculdade de Psicologia na Universidade de Moscou e na Universidade de Leningrado em 1966.

Almeida (2008) relata que “Pela primeira vez na história, a ciência psicológica foi integrada à Academia de Ciências da URSS, ganhando status de ciência e oficial independência da filosofia, fisiologia e pedagogia.” (p. 152). Um fato que corroborou a concretização desse status foi a criação da pós-graduação em psicologia em 1968, possibilitando que candidatos recebessem o título de Doutor em Ciências Psicológicas. É essencial demarcarmos aqui que a década de 1960 ainda foi marcada pelo desenvolvimento da Escola de Vigotski como principal linha teórica da época. Almeida (2008) confere destaque às elaborações de Leontiev sobre a atividade e sobre a consciência e aos estudos neuropsicológicos de Luria.

Na década de 1970, as publicações concernentes ao estudo da personalidade ganham destaque. Isso pode ser ligado ao fato de que, durante o regime stalinista, havia

proibição de se tratar do indivíduo, apenas a coletividade poderia ser colocada em pauta. Um aspecto importante destacado por Almeida (2008) é que, nessa mesma década, identifica-se um processo de estagnação com relação à proposição de novas maneiras de compreender os processos psíquicos. A explicação encontrada para isso é que “todos estavam subordinados às linhas e teorizações propostas por Luria e Leontiev, pois estes impediam questionamentos – principalmente Leontiev – e proposições que desviassem do rumo por eles traçados.” (Almeida, 2008, p. 153). Almeida (2008) concorda com a existência de um processo de estagnação, mas entende que isso se deu por demandas próprias à conjuntura histórica, principalmente pela urgência por sistematizações dentro da ciência psicológica.

Além desse aspecto, é possível também levantar como hipótese explicativa o fato de que aqueles autores e seus colaboradores eram tidos como autoridades indubitáveis em suas áreas de atuação, o que poderia inibir estudantes e pesquisadores de psicologia a questionar abertamente suas produções. O falecimento de Luria, em 1977, e o de Leontiev, em 1979, somados a questões políticas da época, que serão brevemente abordadas, propiciou a emergência de contestações de suas teorias na década de 1980, assim Almeida (2008) aponta os últimos anos da URSS como um momento de revisionismos.

O cenário social da URSS era desfavorável, Mikhail Gorbatchov assumiu o poder e na tentativa de empreender uma mudança, ele instaurou as políticas da *perestroika* e *glasnot* – o que significou uma abertura para um mundo novo e a possibilidade de ascensão do cristianismo. Seus objetivos eram reconstruir o socialismo, visando a uma efetiva distribuição de renda, e também proporcionar maior transparência às políticas e ações do estado, possibilitando haver pluralidade de opiniões. Porém, essas mudanças alteraram as possibilidades de ação do alto escalão do governo soviético, o que deu o pontapé inicial para que um conflito entre as alas conservadoras e liberais fosse deflagrado.

Almeida (2008) aponta que

Uma das consequências diretas da política instituída na URSS foram os processos de independência de alguns países do leste europeu frente ao controle e dominação soviéticos. Dentre estes países, destaque deve ser dado à Alemanha Oriental que, em 1989, promoveu a queda do muro de Berlin, construído no início do pós-guerra, e às republicas da Letônia, Estônia e Lituânia, independentes em 1990 (p. 190).

Calviño e de la Torre (1997) e Shuare (2017) concordam ao explicar que nos anos 80, apesar de já ter adquirido status de ciência, a Psicologia não havia deixado de ser acadêmica, não tinha sido alçada ao nível de profissão, isso porque os grandes psicólogos não dominavam uma prática profissional. Shuare (2017) explica que

Cabe assinalar que o sistema anterior preparava psicólogos cuja atividade estava destinada, quase exclusivamente, ao ensino acadêmico. Excetuando as atividades nas agências espaciais, os serviços de segurança e as Forças Armadas, os psicólogos não eram solicitados na vida da sociedade (p. 10).

No entanto, eles apontam que, diante da dissolução da URSS, aconteceram diversas transformações na sociedade russa, nas esferas política, econômica e social, o que fez com que as escolas não estivessem mais em condições de educar os novos cidadãos para a ideologia capitalista em ascensão. Almeida (2008) ainda explica que a Psicologia foi convocada para ajudar no desenvolvimento das políticas da *perestroika* e *glasnot*. Diante desta questão, há uma necessidade emergente de formar Psicólogos para atenderem às novas demandas. Karyagina<sup>15</sup> parece concordar com os autores supracitados quando afirma que se formou em 1990 e a sua foi uma das últimas gerações a ter uma “[...] formação acadêmica, absolutamente acadêmica.”.

Acreditamos que seja necessário fazer uma problematização a respeito dessa posição defendida pelos autores supracitados. Quando Shuare (2017), Calviño e de la Torre (1997) e Karyagina se referem a esse academicismo da Psicologia desde o surgimento da Psicologia soviética, nos parece que eles estão se referindo à ausência da prática clínica e psicoterapêutica no campo das ciências psicológicas.

Karyagina chegou a tratar disso quando ela afirma que a prática psicoterapêutica e a prática de aconselhamento eram proibidas durante os anos de União Soviética e acrescenta: “Claro que há exemplos, em alguns lugares o aconselhamento e a psicoterapia estavam sendo desenvolvidas, porém eram apenas um, dois, três lugares em toda a União Soviética.”. Marks (2018) corrobora essa afirmação acrescentando que havia de forma clandestina e semi-oficial a existência de técnicas dentro da psicoterapia na URSS, algumas delas advindas de teorias proibidas pelo governo soviético. Além desses indícios, Shuare (2017) traz em seu livro as informações de que a Psicologia prática e a psicoterapia surgem apenas na década de 1980 de forma oficial.

---

<sup>15</sup> Tatiana Karyagina, psicóloga ucraniana formada na Faculdade de Psicologia da Universidade Estadual de Moscou, onde atualmente é professora associada de Psicologia e de Educação, em entrevista que nos foi concedida, mas que ainda não foi publicada.

Outra questão, é que eles também podem estar se referindo à ausência de práticas psicológicas em áreas sociais que não eram atendidas porque “não era possível dizer que a sociedade soviética tinha problemas com drogas, alcoolismo, grupos juvenis etc. ou, em outras palavras, problemáticas psicossociais” (Almeida, 2008, p. 191).

A partir do que foi exposto até aqui, se faz importante também retomar que a Psicologia realizava diversos trabalhos que não eram voltados apenas para a academia, na área da Educação Especial – exemplo que pode ser observado no documentário “Borboletas de Zagorski”, em que a defectologia de Vigotski é colocada em prática –, na Educação, na neuropsicologia em especial nos anos de guerra... Portanto, nos parece que essa forma de compreensão do trabalho desempenhado na Psicologia está relacionada às ausências explicadas acima (BBC TV, 1992).

Outrossim, a revisão dos caminhos trilhados pelo socialismo soviético diante da dissolução da União Soviética influenciou diretamente a Psicologia, que começou a rever sua própria trajetória principalmente após a *glasnost*. Apesar disso, em 1982 e em 1984, os seis tomos das Obras Escolhidas (OE) de Vigotski foram publicadas. Nelas, havia diversos textos inéditos e importantíssimos para a elaboração da Psicologia Geral proposta pelo autor, como exemplo, podemos citar “O significado histórico da crise da Psicologia”. “Com as OE uma geração inteira pôde entrar em contato com a produção de Vigotski e, assim, pôde ter mais elementos para entender, elaborar e contestar a produção soviética posterior a 1936.” (Almeida, 2008, p. 191).

Outra questão que influenciou o revisionismo é que, como explicado acima, o contexto era de necessidade por psicólogos que não davam conta da demanda da população soviética. Havia problemas emergentes provindos de uma conjuntura de mudanças que não poderiam ser resolvidos sem a Psicologia, o que gerou a criação de um enorme mercado laboral e uma alta demanda pelo serviço psicológico. Porém, a estimativa é de que, antes da queda da URSS em 1991, ainda havia apenas em torno de 4000 a 5000 psicólogos na Rússia.

Além disso, a ausência daquilo que Shure (2017) chama de imersão na vida real por parte da Psicologia gerou falta de uma práxis profissional e, no momento em que se inicia a prestar serviços para essa nova comunidade – que foi resultado da ocidentalização dos países soviéticos –, os psicólogos soviéticos passaram a se orientar por elaborações desenvolvidas por outros sistemas psicológicos. Assim, vemos os profissionais atraídos pelas técnicas de diagnósticos e de tratamento ocidentais das quais

os psicólogos soviéticos se viram privados por décadas (Shuare, 2017; Zinchenko&Petrenko, 2009).

Outro ponto é que, em decorrência dessa nova demanda, também se gerou a necessidade de mudar a formação dos psicólogos nas instituições de nível superior. Diante desse cenário, já pós-dissolução da URSS, Shure (2017) destaca o surgimento não regulamentado de centros de ensino superior para a formação de psicólogos de todas as especialidades. “Isto provocou um aumento exponencial da quantidade de profissionais: antes da Perestroika e das transformações sociais posteriores havia pouco mais de 4.000 profissionais em toda a Rússia, enquanto que, atualmente [2017], calculam-se por volta de 70.000” (Shuare, 2017, p. 9-10).

Marks (2018) aponta que nesse período de abertura, especialmente, depois da queda do Muro de Berlim, em alguns países pós-socialistas, as elaborações de conceitos da psicoterapia passaram a ser usados como uma forma de lidar e enfrentar aspectos difíceis do passado comunista.

Tendo conhecimento de como funciona o sistema capitalista e suas exigências dos profissionais de Psicologia, é possível conjecturar que uma sociedade saindo de um regime socialista instaurado após o acontecimento de uma revolução socialista precisa adaptar os sujeitos a uma nova realidade, a novas exigências de produção e à abertura ao mundo ocidental. Assim, a necessidade emergente é por mais profissionais de Psicologia que pudessem atuar como catalizadores desse processo, o que explicaria o salto no número de psicólogos na Rússia.

De acordo com Almeida (2008), essa nova geração de psicólogos, formada em meio ao período de revisões e após esse mesmo período é uma geração heterogênea – Marks (2018) também coloca que se trata de uma geração com um rol de abordagens expandido quando comparado aos tempos de URSS. Nesse movimento de transformações, não apenas as teorias psicológicas foram negadas, o materialismo histórico-dialético o foi também. O autor aponta que houve um grande êxodo de profissionais de diversos campos teóricos para países do ocidente. É aqui que começamos a ver uma mudança prática na formação dos psicólogos, mudança que se relaciona diretamente com a ampliação das demandas exigidas da Psicologia por parte da nova sociedade em ascensão. “[...]os cientistas russos que durante muitos anos foram isolados do resto do mundo psicológico, começaram a se interessar, a se entusiasmar com as tendências de um mundo ocidental.” (Bratus, 2017, p. 614).

Com a instauração do modo de produção capitalista, os psicólogos passaram a se formar para atuar no sistema escolar, mas também para atuar na psicoterapia, na seleção de pessoal e etc., nos moldes ocidentais. Vemos assim uma Psicologia que se desinstitucionaliza e se privatiza cada vez mais, o que vai refletir na formação das novas teorias dominantes dentro do campo da Psicologia e vai explicar, em grande parte, o pensamento desenvolvido por Vasiliuk no final do século XX e início do XXI e a tendência ao ecletismo e ao idealismo presente em sua obra.

## 1.6 PSICOLOGIA NA RÚSSIA NO FINAL DO SÉCULO XX: OS GÉRMENS DO CENÁRIO ATUAL E O LUGAR DE VASILIUК NESTE CONTEXTO

Zinchenko e Petrenko (2009) tratam do cenário mais próximo do atual, os autores afirmam que existe uma heterogeneidade nas teorias psicológicas dominantes, no entanto, eles acabam por dividir essa pluralidade em duas correntes principais: psicólogos russos que terminam de se formar nos Estados Unidos, Grã-Bretanha, Alemanha e aplicam as teorias e técnicas norte-americanas e europeias ocidentais na Rússia e uma segunda corrente daqueles psicólogos que se mantêm utilizando os preceitos desenvolvidos dentro da Psicologia Histórico-Cultural.

Além disso, Zinchenko e Petrenko (2009) nos trazem uma informação valiosa: o desenvolvimento da psicologia prática e da psicoterapia – em oposição à prática que vigente no período da URSS – tem como marco temporal a chegada de Carl Rogers e de sua ACP na Rússia nos anos de 1980. Inclusive, Rogers foi convidado a conduzir reuniões com psicólogos dentro da URSS no ano de 1986. Justamente o psicólogo que determinou uma mudança de perspectiva significativa nos estudos e trabalhos desenvolvidos por Vasiliuk (Rogers, 1987).

Shuare (2017) destaca que diante dos processos de globalização, era esperado que a ciência psicológica fosse também afetada após a Perestroika, no entanto, a direcionalidade desse processo é o que chama atenção:

[...] tratou-se, fundamentalmente, uma via de mão única e a integração consistiu na aceitação quase sempre indiscriminada de teorias e concepções reinantes no Ocidente, enquanto que as conquistas da Psicologia soviética foram consideradas obsoletas e carregadas de um a ideologia não vigente (p. 12).

Diante disso, temos o panorama da Psicologia russa atual dominado pelo neoliberalismo. Nos tempos vigentes na Rússia, é “praticamente impossível falar de escolas ou concepções autóctones, embasadas nas tradições filosóficas e metodológicas russas do final do século XIX e começo do XX que haviam sido assimiladas [...] pela Filosofia marxista” (Shuare, 2017, p. 8). A psicologia russa na conjuntura de agora é extremamente heterogênea e se utiliza de um rol de correntes, teorias e práticas emprestadas da Psicologia ocidental.

Karyagina, em entrevista concedida à autora deste trabalho, também tratou da conjuntura atual da Psicologia na Rússia, ela disse que

nem todas as teorias e sistemas são embasados filosoficamente, as teorias psicológicas não são tão populares mais, algumas são mais positivistas, algumas são primitivas, esquemáticas e assim por diante. [...] ninguém está interessado em um sistema tão profundo e elaborado, com várias camadas.

É imprescindível ressaltar a dificuldade de encontrar referências que tratem de forma aprofundada da psicologia na Rússia nos últimos anos de URSS e no período posterior à sua dissolução, principalmente referências de cunho marxista. Isso se dá justamente pelo contexto de negação das elaborações soviéticas e pela pulverização das publicações de orientação marxista.

Neste ponto de conclusão da seção, entendemos que uma síntese do que foi tratado até aqui aliada à articulação de fatos concernentes ao trabalho de Fedor Vasiliuk se fazem necessárias para que possamos demonstrar como o movimento histórico da Psicologia soviética é acompanhado pela cronologia do desenvolvimento da obra de Vasiliuk.

Ao analisarmos a história da Psicologia soviética, fica claro que a disputa dualista e discussão de embasar a ciência psicológica na epistemologia marxista são o cerne das discordâncias dentro desse campo do saber e que também estão presentes nas produções de Vasiliuk. No início da nossa contextualização, vimos autores que se pautavam em subjetivismos para construir suas teorias psicológicas, como Chelpanov. Outros começam a buscar sustento no materialismo, porém ainda sem romper com a dualidade entre mente e corpo existente, como é o caso de Bekhterev e de Pavlov.

A partir das mudanças irrompidas pela Revolução de Outubro de 1917, foi possível o surgimento de ideias que tinham como Norte o materialismo marxista, ainda que de forma reducionista e mecanicista, como exemplo de autor é possível citar

Kornilov. Podemos entendê-las como gérmen de concepções verdadeiramente embasadas no materialismo histórico-dialético, como aquelas desenvolvidas por Vigotski, Leontiev, Luria e seus continuadores. Essas concepções, no entanto, foram sufocadas durante o período de censura no governo de Stalin. Como consequência disso, observamos a ascensão de trabalhos cujo esteio era um marxismo vulgarizado, dogmático e ideologizado e o surgimento de leituras e apropriações deturpadas das obras da Psicologia Histórico-Cultural.

Essa tendência imposta pelo governo stalinista só perdeu forças com a sua morte, quando foi possível que os pensadores da Escola de Vigotski retomassem publicamente o desenvolvimento da teoria iniciada pelo autor. Em meio a essa conjuntura, na década de 1970, Vasiliuk iniciou seus trabalhos e desenvolveu sua tese de pós-graduação orientada pelo materialismo histórico-dialético e pela PHC. Tivemos anos de intensa produção da Teoria Histórico-Cultural até a morte de Luria e de Leontiev, fatos que junto da queda da URSS influenciaram a emergência do revisionismo e de críticas às produções cuja base era o materialismo histórico-dialético. Nos anos 80, Vasiliuk, ao continuar estudando a tese desenvolvida, lançou um livro em que incrementa suas ideias com teorias incoerentes quando a epistemologia base em questão é a marxista.

Compreendemos esse movimento de Vasiliuk como reação direta à abertura da URSS, pois surgem várias novas possibilidades teóricas ocidentais dentro da Psicologia, que antes eram censuradas. Além disso, o marxismo ficou marcado como método associado ao período stalinista e à censura, por isso também houve a emergência da revisionismo. O cenário russo foi tomado pela heterogeneidade dentro da Psicologia que permitiu a Vasiliuk entrar em contato com as teorias humanistas, assim ele buscou dar sentido a elas a partir do que ele já tinha de formação dentro da PHC. A partir do encontro de Vasiliuk com a ACP de Carl Rogers, o autor ucraniano construiu as bases para uma abordagem que funde a PHC e a teoria de Rogers. Em vista do que foi exposto, torna-se possível mergulharmos de fato na vida e obra de Fedor Vasiliuk.

## SEÇÃO 2 FEDOR EFIMOVICH VASILIUК: CONTINUADOR DA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL ELABORADA POR VIGOTSKI, LURIA E LEONTIEV?

*A alteração da personalidade é uma camada complexa onde motivos patológicos alterados ou afetados, desordens de estabelecimento de metas, mudança de atitudes emocionais em relação ao mundo, a outras pessoas e a si mesmo se entrelaçam, onde mecanismos compensatórios, adequados e inadequados, mecanismos de defesa conscientes e inconscientes atuam.*

*[...] deve-se lembrar a posição de Karl Marx de que se “uma pessoa é um produto das relações sociais”, então uma pessoa mudada é um produto de relações mudadas. (ZEIGARNIK, 2021, p. 9)*

FedorEfimovichVasiliuk nasceu em 1953 na União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, na cidade então denominada Stalino que, atualmente, corresponde ao território da cidade de Donetsk na Ucrânia (Karyagina &Shankov, 2018; Natalia, 2017). Filho de pai e mãe geólogos, escolheu em 1970, ir para o departamento geológico e topográfico do Instituto Politécnico de Donetsk. No entanto, dois anos mais tarde, ele decidiu mudar radicalmente sua formação: optou por cursar Psicologia na Universidade Estadual de Moscou.

No texto em que a viúva de Vasiliuk, Olga Filippovskaya, escreveu para o site do psicólogo desenvolvido pelo Instituto de psicoterapia compreensiva F. E. Vasilyuk<sup>16</sup>, consta que na visão de seus professores ele era um aluno brilhante e extraordinário. Ele

---

<sup>16</sup> Site que nos foi fornecido pela psicóloga Tatiana Karyagina.

graduou-se como psicólogo em 1977 e, neste mesmo ano, na mesma universidade, iniciou sua pós-graduação tendo A. N. Leontiev como orientador. Como dito na introdução, Vasiliuk estudou a superação das situações críticas (Fedor Efimovich Vasilyuk, 2020).

Na entrevista realizada, Karyagina explicou a origem do interesse do autor por essa temática. Ela relatou que como ela e Vasiliuk nasceram na Ucrânia, eles partilhavam com frequência suas experiências de infância vivendo naquele território durante os anos de URSS. A partir dessas conversas, ela afirmou que entende que a escolha dele de estudar a superação de situações críticas tem relação íntima com experiências da infância do autor.

Ela contou que depois da Segunda Guerra Mundial o território correspondente a Donetsk estava destruído. No ano do nascimento de Vasiliuk, havia escassez daquilo que era básico para sobrevivência, apesar disso, Karyagina explicou que se tratava de um ano de felicidade, porque Stalin havia acabado de morrer e os habitantes da URSS estavam vivenciando mais liberdade.

Quando ele [Vasiliuk] me contou sobre suas impressões a respeito de sua infância, ele falou da geração de seus pais como sendo uma geração de pessoas absolutamente felizes, elas tinham sobrevivido à guerra. Era felicidade sem hesitação. [...] Mas eles estavam vivos, estavam felizes. Ele disse que nunca tinha visto tanto “amor por viver”.

Diante dessa realidade, Vasiliuk olhava para os pais e queria entender como era possível que eles tivessem sobrevivido a uma guerra, vivenciado tantas situações horríveis e, mesmo assim, terem voltado à vida “normal” e serem felizes. De acordo com Karyagina, ele gostaria de compreender como se dava esse processo humano de vivenciar uma situação crítica, que gera sofrimento intenso, e se reerguer depois – esse é o processo que mais tarde ele chamaria de *perejivanie*.

Ainda em 1981, o psicólogo deixou Moscou para ir trabalhar como chefe de um laboratório psicológico no Hospital Psiconeurológico Regional da Crimeia, localizado na região de Simferopol. Em 1984, ele publicou o livro “*Psychology of Experiencing*”, nesta obra, o processo de superação de situações críticas já é denominado *perejivanie*. É válido ratificar que esse trabalho não foi resultado direto da pós-graduação realizada por Vasiliuk sob orientação de Leontiev, porém suas raízes começaram a ser construídas no tecer de sua tese de conclusão da pós-graduação (Instituto de Psicoterapia Compreensiva F. E. Vasilyuk).

Em 1986, Vasiliuk e seus colegas abriram o primeiro serviço psicológico de Simferopol. Mesmo ano em que Vasiliuk participou do encontro com Rogers (Instituto de Psicoterapia Compreensiva F. E. Vasilyuk). Em 1989, ele voltou a morar em Moscou. Karyagina e Shankov (2018) apontam que Vasiliuk foi pioneiro em diferentes âmbitos dentro da Psicologia. Ele fundou a primeira Faculdade de Aconselhamento Psicológico da Rússia e a dirigiu de 1997 até 2012. Também criou o primeiro periódico de aconselhamento e psicoterapia do país – a Revista Psicoterapêutica de Moscou – tendo sido seu primeiro editor. Além disso, Vasiliuk construiu sua abordagem psicoterápica compreensiva que é concebida a partir do enxerto de aspectos da Abordagem Centrada na Pessoa de Rogers na tradição da Psicologia Histórico-Cultural russa (Karyagina; Vasilyuk, 2018):

A fim de determinar com mais precisão as coordenadas geográficas da psicoterapia compreensiva no mapa da psicologia moderna, é importante notar que a categoria da vivência (como é entendida na psicoterapia compreensiva) foi elaborada como um avanço de uma certa escola de psicologia pensamento – a de Vygotsky e Leontiev. Portanto, a psicoterapia compreensiva e, especialmente, seu núcleo psicológico – a teoria da vivência – está localizada no ponto em que a tradição psicológica russa encontra a linha existencial-humanista de desenvolvimento da psicologia e da psicoterapia (Vasilyuk, 2015b, p. 10).

Depois disso, ele fundou e foi presidente da Associação Russa para Psicoterapia Compreensiva (Vasilyuk; Cornelius-White; Shankov, 2019). Karyagina e Shankov (2018) afirmam que a abordagem criada por Vasiliuk se baseava (1) na própria teoria da *perejivanie* desenvolvida por Vasiliuk, (2) nos ensinamentos de Rogers concernentes ao aconselhamento psicológico e à psicoterapia, e (3) no paradigma metodológico desenvolvido por Lev Semionovitch Vigotski (1896-1934) dentro do que hoje entendemos como PHC.

Depois dessas várias construções e do desenvolvimento de diversos estudos, em 2007, Vasiliuk recebeu seu título de doutor, ao defender o trabalho “psicoterapia compreensiva como sistema psicotécnico”. Ele se dedicou também a estudar a psicologia cristã e a psicoterapia sinérgica<sup>17</sup>, mais uma vertente problemática de sua

---

<sup>17</sup>Nos materiais a que tivemos acesso não há uma explicação sobre a relação entre a Psicoterapia Compreensiva e a Psicoterapia Sinérgica. Diante disso, levamos essa questão à Karyagina. Ela explicou que se trata de um ponto de divergência que gerou dissidência entre os seguidores de Vasiliuk na Rússia, isso porque o autor ucraniano não teve tempo de elaborar a questão em vida. Karyagina colocou que, a partir do que Vasiliuk deixou elaborado, é possível dizer que os métodos propostos na Psicoterapia

teoria. No dia 17 de setembro de 2017, Vasiliuk faleceu na cidade de Moscou. (Instituto de Psicoterapia Compreensiva F. E. Vasilyuk).

Como forma de sistematizar as publicações do psicólogo elaboramos dois quadros. No quadro que se encontra no Apêndice A, estão todas as publicações do autor que foram sistematizadas pelo Instituto de Psicoterapia Compreensiva F. E. Vasilyuk e também aquelas que encontramos durante a pesquisa. Essa organização nos ajuda a ter dimensão do vultoso trabalho desenvolvido por Vasiliuk. O site organizado pelo instituto mencionado está em russo, diante da limitação da pesquisadora no que concerne esse idioma, o Google Tradutor foi utilizado para fazer uma tradução livre das obras, com a finalidade de proporcionar a possibilidade de tomarmos conhecimento das temáticas centrais de cada um dos trabalhos.

Já no quadro 2 abaixo, estão as obras traduzidas para o inglês às quais tivemos acesso. Como é possível verificar na comparação dos quadros, foi possível reunir uma pequena parcela das publicações de Vasiliuk, já que sua grande maioria não se encontra traduzida para línguas mais acessíveis para a pesquisadora, como seria o caso da língua inglesa, espanhola ou a própria portuguesa. Os trabalhos sistematizados no quadro 2 foram cedidos por Karyagina e encontrados na internet por meio de uma pesquisa – realizada no mês de agosto de 2023 – no Google Acadêmico utilizando os termos “Vasilyuk” e “Vasiliuk” e as combinações “Fedor Vasiliuk”, “Fyodor Vasiliuk”, “Fedor Vasilyuk” e “Fyodor Vasiluik”. Posteriormente, em outubro de 2023, foi realizada a mesma busca na plataforma Scopus e Redalyc mas nenhum material novo foi encontrado.

#### **Quadro 2 – Obras traduzidas para o inglês de Fedor E. Vasiliuk**

<b>Título texto em inglês</b>	<b>Data de publicação o da tradução</b>	<b>Publicação o da tradução (artigo, livro...)</b>	<b>Título original</b>	<b>Ano de publicação o do original</b>	<b>Publicação o do original</b>	<b>Tradução livre para a língua portuguesa</b>
<b>The Psychology of</b>	1991	Livro	Psikhologiyap erezhivaniya	1984	Livro	A Psicologia da <i>Perejivanie</i>

compreensiva também são métodos da Psicoterapia Sinérgica. A diferença que existe entre as duas é que na Psicoterapia Sinérgica o processo de perejivanie está presente, mas não sozinho, no processo produtivo surge a oração, quando se recorre a Deus. A pesquisadora pontuou que interpreta que a Psicoterapia Compreensiva é insuficiente, mas asseverou que é uma questão que carece de estudos e pesquisas.

<b>Experiencing</b>						
<b>LevelsofConstructionofExperienceandtheMethodsofPsychological Science</b>	1990	Artigo	Urovnipostryeniyperezhivaniyai metodypsikhologicheskoypomoshchi	1988	Artigo	Níveis de construção da experiência e métodos da ciência psicológica
<b>The Structureofan Image</b>	1995	Artigo	Strukturaobraz a	1993	Artigo	A estrutura de uma imagem
<b>AnHistorical-MethodologicalAnalysisofPsychotherapeuticReliances</b>	2015	Artigo	Istoriemetodologicheskii analizpsikhoterapevticheskikh upovani	1997		Uma análise histórico-metodológica das dependências psicoterapêuticas
<b>Co-experiencing Psychotherapy as a Psychotechnical System</b>	2015	Artigo	Ponimaiushch aiapsikhoterapiia: opytpostroeni iapsikhotekhnicheskoi sistem y	2007	Capítulo de livro	Psicoterapia compreensiva como Sistema Psicotécnico
<b>Prayer, Silence, andPsychotherapy</b>	2015	Artigo	Molitva– Molchanie– Psikhoterapiia	2007 <sup>18</sup>	Artigo	Oração, Silêncio e Psicoterapia
<b>Semioticsand theTechnique ofEmpathy</b>	2016	Artigo	Semiotika i tekhnikaempat ii	2007	Artigo	Semiótica e a Técnica da Empatia
<b>Dialecticsofpersonand experiencing</b>	2018	Capítulo de livro	Dialecticsofpersonand experiencing	2018	Capítulo de livro	Dialética da pessoa e da <i>perejivanie</i>
<b>Co-experiencing psychotherapy explained in a dialogue</b>	2019	Artigo	Co-experiencingpsychotherapy explained in a dialogue	2019	Artigo	Psicoterapia compreensiva explicada em um diálogo

<sup>18</sup> Trata-se de um texto que foi publicado originalmente em russo em 2007, mas que baseia-se em uma palestra ministrada por Vasiliuk em 1996 na Conferência Internacional da Teoria Histórico-Cultural dedicada ao centésimo aniversário de Vigotski.

A seguir, trataremos de fazer uma exposição crítica da obra “*Psychology of Experiencing*”, a obra central do trabalho de Vasiliuk, acrescentando alguns aspectos dos outros trabalhos disponíveis em inglês. O objetivo é tentar sistematizar a teoria e pensamento desenvolvidos nessas obras. Como pontuado acima, trata-se de um recorte reduzido e limitado do trabalho de Vasiliuk, portanto, serão feitas ponderações com o devido cuidado, levando isso em consideração.

Além disso, em nossa avaliação, faz-se importante pontuar que se trata de uma obra com elaborações majoritariamente inéditas e muitas vezes consideravelmente diferentes da Psicologia Histórico-Cultural. Em alguns momentos, a leitura da obra é difícil, o autor mistura concepções, e fica complicado seguir a linha de raciocínio proposta por ele. Isso pode ter relação com a tradução para a língua inglesa, mas também conjecturamos que pode ser devido ao ecletismo presente. Diante dessa realidade, optamos por fazer uma exposição alongada a respeito da obra e por trazer muitas citações diretas. Assim, é possível que os leitores deste trabalho tenham contato com o conteúdo tratado por Vasiliuk e tenham dimensão a respeito da linha de pensamento percorrida por ele enquanto escrevia sua obra.

## 2.1 INTRODUÇÃO AO LIVRO “PSYCHOLOGY OF EXPERIENCING”

Analisaremos de forma mais detida a obra que deu fama a Vasiliuk dentro do campo da Psicologia, principalmente dentro da Rússia – o livro “*Psychology of Experiencing*”. No prefácio do livro, Zinchenko explica que não é possível progredir dos processos cognitivos para consciência ignorando o fato de que emoções e experiências estão relacionadas à atividade, ele afirma que havia uma escassez de trabalhos que tratassem dessa questão. Por isso, Vasilyuk (1991) buscou colaborar com a construção de uma Teoria da Atividade das emoções e das vivências. Porém, isso não significa que se trate de um livro sobre emoções, Zinchenko explica que

Ver o livro dessa maneira seria disfarçar um novo conteúdo da psicologia em roupagem antiga. O problema da vivência, como colocado neste livro, não se encaixa na gama tradicional de questões relacionadas aos processos emocionais.

A teoria da atividade, de fato, exige demarcações temáticas bem diferentes daquelas que herdamos da psicologia clássica (p. 6).

Além disso, Vasilyuk (1991) explica que, no contexto de sua formação, enxergou uma necessidade de a psicologia se aprofundar no estudo do aconselhamento familiar, da prevenção do suicídio, do manejo de crises psicológicas e do aconselhamento psicológico. Tendo isso em mente, a disciplina de Psicologia Geral precisava pensar nos princípios que serviriam de esteio para atender essas questões. Por isso, Vasilyuk (1991) tomou como seu objeto de estudo o processo através do qual as pessoas enfrentam situações críticas em sua vida, o que ele denominou *perejivanie*.

O psicólogo ucraniano também coloca que, quando se toma como exemplo a perda de um ente querido, a teoria da atividade pode responder perguntas como: “por que essa situação provoca uma crise psíquica?”, ou “como a crise se manifesta?”, porém ela não dá conta de responder “como a pessoa enfrenta e passa pela crise?”. Ademais, ele esclarece que não se trata de uma deficiência da teoria da atividade, mas explica que seus interesses principais estavam em outro plano, por isso essa questão não foi trabalhada de forma mais profunda.

Assim, FedorVasiliuk se colocou a investigar do ponto de vista da psicologia o que uma pessoa faz em situações críticas quando não há nada a ser feito, ou seja, quando o sujeito está em uma situação que impossibilita a satisfação de suas necessidades. Para tanto, ele introduziu a categoria da *perejivanie* dentro do aparato conceitual da teoria da atividade. A *perejivanie* é vista por Vasilyuk (1991) como uma forma de atividade voltada à restauração do equilíbrio psíquico. O objetivo principal deste estudo é descrever as regularidades subsequentes ao processo em questão. Para fazer isto, o método utilizado é a tipologia categórica<sup>19</sup> – que é entendido por Zinchenko como uma das possibilidades de colocar em prática a máxima de Karl Marx – que diz que se deve ascender do abstrato ao concreto.

Faz-se necessário explorarmos a questão do objeto dentro da lógica dialética para que seja possível entender a forma com a qual Vasilyuk (1991) estrutura seu trabalho. Martins (2008) explica que o objeto visto pela lógica dialética “é o processo de construção do concreto pelo pensamento” (p. 53) e é somente a partir da mediação feita pelo abstrato que se chega à apreensão do concreto.

---

<sup>19</sup>*Categorical typology.*

## 2.2 O TERMO *PEREJIVANIE* AOS OLHOS DE VASILIUUK

Vasilyuk (1995) esclarece que *perejivanie* denota um tipo especial de **atividade interna** em que um indivíduo consegue resistir a situações dolorosas de sua vida, em que ele consegue ser bem-sucedido em enfrentar tais circunstâncias. Vale frisar que o próprio autor ratifica que quando ele define *perejivanie* desta forma, ele está se baseando na teoria da atividade desenvolvida por Leontiev que é um desdobramento da obra de Vigotski. A escolha do termo *perejivanie* se deu pelo fato de que nem na obra de Vigotski nem na obra de Leontiev existe um termo que designe esse processo de enfrentamento. Isso já nos fornece um primeiro sinal de que *perejivanie* em Vasiliuk e vivência em Vigotski são conceitos díspares.

Vasilyuk (1991) lança mão de um exemplo figurativo para explicar o que ele entende como *perejivanie*: se a teoria da atividade estuda a jornada de uma pessoa através da estrada da vida, então estudar a categoria *perejivanie* envolve compreender a forma com que essa pessoa afunda e emerge novamente para continuar a viagem.

A especificidade da atividade da *perejivanie* é determinada pelo seu produto, que pode ser a tranquilidade, a compreensão, o desenvolvimento de novos sentidos e etc., e que sempre é interno e subjetivo. Dessa forma, o autor explica os pormenores do objetivo da investigação empreendida no livro, afirmando que buscou

elaborar um sistema de representações teóricas dos processos pelos quais as pessoas superam as crises em suas vidas e, assim, avançar as fronteiras da teoria da atividade em psicologia geral, estabelecendo a *psicologia da perejivanie* dentro dessa teoria como um setor separado para estudos teóricos e para o desenvolvimento de técnicas práticas (Vasilyuk, 1991, p. 17, tradução nossa).

Vasilyuk (1991) faz uma importante distinção entre o que ele está propondo como significado de *perejivanie* – como atividade – e o que a Psicologia tradicional entende por *perejivanie*<sup>20</sup>. Ele pontua que espera que um dia possa haver uma teoria para unificar ambas as concepções, no entanto assevera que esse não é o objetivo de seu trabalho. Apesar disso, o autor utiliza o conceito de experiência em seu trabalho quando

---

<sup>20</sup>Vasiliuk utiliza a mesma palavra para se referir aos dois conceitos na versão original – переживание. A fim de distinguir os termos neste trabalho, optamos por continuar usando o termo *perejivanie* para se referir à nova acepção desenvolvida por Vasiliuk e traduzir o termo usado pela Psicologia tradicional como “experiência”.

trata dos regimes de consciência, isso porque ele explica que a atividade de *perejivanie* é mediada pelos níveis de consciência.

Neste ponto do trabalho, entraremos na seara de outro texto de Vasilyuk (1990), a saber o artigo *LevelsofConstructionof Experience andtheMethodsofPsychological Science*, já que nele o psicólogo aborda a tipologia dos regimes de consciência, complementando informações que ele já havia sistematizado no livro *Psychology of Experiencing*.

De acordo com Vasilyuk (1990; 1991) O processo de atravessamento de uma situação crítica é mediado pelos seguintes níveis de consciência: a reflexão (R), a experiência (E), a consciência (C)<sup>21</sup> e o inconsciente (I). Essa tipologia é baseada na distinção de dois aspectos nos fenômenos da consciência: o observador e o observado. Vasilyuk (1990) explica que cada um deles pode ser considerado um sujeito ativo ou passivo dependendo da situação. O autor sintetiza essa ideia no quadro 3 abaixo.

### Quadro 3 – Tipologia dos regimes funcionais da consciência

Consciência		Observador	
		Ativo	Passivo
Observado	Ativo	Reflexão (R)	Experiência (E)
	Passivo	Consciência (C)	Inconsciente (I)

(Vasilyuk, 1991, p.22, tradução nossa).

Na construção das tipologiasno decorrer do livro de Vasilyuk (1991), é possível entender o que Zinchenko aborda no prefácio quando fala da dialética de ascensão do abstrato ao concreto. Observa-se que Vasilyuk (1991) parte do movimento relacional que existe entre sujeito e objeto para construir as categorias descritas acima. A abstração, ou seja, a compreensão de que sujeito e objeto podem assumir diferentes

<sup>21</sup> É válido pontuar aqui que no livro “*Psychology of Experiencing*” que foi publicado originalmente em 1984, o nível que é trazido no artigo “*Levels of Construction of Experience and the Methods of Psychological Science*” como nível de consciência (em inglês, “*consciousness*”), é denominado como nível de apreensão (em inglês, “*apprehension*”). Na checagem do material original em russo, é possível notar que também há uma diferença nos termos utilizados, no livro, o autor utiliza o termo “Сознание”, traduzido pelo Google Tradutor como “conhecimento” e pela plataforma de tradução DeepL como “consciência”, enquanto no artigo, o autor usa o termo “Уровень сознания”, traduzido pelo Google Tradutor como “Nível de conscientização” e pela plataforma DeepL como “Nível de consciência”. Apesar das diferenças, há uma semelhança nos significados dos termos utilizados na versão russa dos materiais, portanto, consideramos mais adequada a utilização dos termos “nível da consciência” ou “nível consciente” para nos referirmos a este nível.

papéis (de atividade ou passividade) aparece como mediadora para que seja possível conceber as categorias descritas acima. Neste ponto, é possível observar um movimento ao materialismo histórico-dialético bem direcionado. Apesar disso, no desenvolvimento desta seção demonstraremos que Vasilyuk (1991) foi se afastando do método ao recair num ecletismo subjetivista.

Ao seguir elaborando sua ideia a respeito desses regimes funcionais da consciência, pode-se notar o distanciamento supracitado, ele acaba lançando mão de noções subjetivistas em meio a noções materialistas. Para ilustrar, optamos por antecipar algumas elaborações relativas à ajuda psicológica que são feitas por Vasiliuk mais adiante na versão em inglês de “*Psychology of Experiencing*” – essas elaborações não estão presentes na versão original de 1984 em russo. O autor fornece exemplos que demonstram a ação do psicólogo se baseando em seus conhecimentos a respeito de cada um dos regimes funcionais de consciência apresentados para atuar na prática clínica.

Além disso, Vasilyuk (1991) se coloca para analisar vários métodos aplicados em psicoterapia na psicanálise, na fenomenologia, no behaviorismo e etc., é interessante que o autor tenta distinguir quando os regimes funcionais de consciência aparecem nas propostas de outros autores. Não entraremos em detalhes de cada teoria, porque o que nos interessa de fato diante do objetivo desta pesquisa é detectar momentos de proximidade e afastamento do materialismo histórico-dialético, portanto, o foco neste momento é entendermos quais as propostas terapêuticas do autor.

Quando a consciência funciona como um observador ativo e o observado também, trata-se do nível R.

As razões subjetivas da atividade são objeto de reflexão (pelo Observado). Isso significa que, primeiro, a reflexão observa um ato em qualquer fato da consciência e do comportamento e, segundo, não está interessada nos determinantes externos, objetivos desse ato, mas nos internos, subjetivos. A posição do Observador reflexivo não é isenta de pré-requisitos, está sempre correlacionada com um valor ou padrão explícito ou implícito a partir do qual o sujeito avalia sua ação. O resultado da reflexão é a discórdia que ela revela entre o valor (ou padrão) e os reais motivos do ato cometido. Isso permite, na maioria dos casos pela primeira vez, entender ambos e estimula uma revisão do valor original ou do motivo da ação (motivos, pretensões, etc.) (Vasilyuk, 1991, p. 214-215).

A proposta de unidade psicotécnica do autor é a seguinte:

A prática (mas não a teoria) da terapia cognitiva demonstra que, para conseguir a verdadeira rejeição de pensamentos “automáticos” inadequados, em vez de um acordo superficial com a opinião “racional” do terapeuta, o paciente deve ser levado a uma contradição em sua própria consciência (Vasilyuk, 1991, p. 215, tradução nossa).

Ele continua:

Esse aspecto importante, que é auxiliar de todas as unidades psicotécnicas, torna-se central quando se trabalha o nível R como nível dirigente. O princípio metodológico deste trabalho pode ser chamado de “maiêutica psicoterapêutica”. Utilizando a unidade psicotécnica “maiêutica — reflexão”, o psicólogo compreende as falas do cliente no contexto de sua consciência de si. Isso significa que o modo principal do intercuro psicotécnico é o diálogo interno do cliente consigo mesmo, por meio do qual ele pode realizar as mudanças em sua consciência importantes para resolver os problemas da vivência. Para isso, o consultor deve ser capaz de ouvir na fala do cliente não um contexto único e predominante, mas sua polifonia, distinguir os elementos das estruturas reflexivas da consciência e, penetrando de alguma forma no diálogo interno do cliente, reforçar e revelar de dentro aqueles aspectos contraditórios da consciência de si que despertam e estimulam o trabalho de reflexão, sem permitir que os processos de consciência de si se contrabalanciem e diminuam. Com base nessa tarefa, as discórdias internas da consciência de si tornam-se o objeto direto da atenção e influência psicotécnica [...] (Vasilyuk, 1991, p. 215-216, tradução nossa).

Vasilyuk (1991) dá o seguinte exemplo: uma cliente fala “é difícil ser paciente quando se tem que cozinhar, se tem uma criança para se preocupar, se tem um trabalho, outro trabalho...”, ele afirma que para se dar uma resposta “maiêutica” é necessário explicitar os elementos da estrutura reflexiva na fala da cliente:

(a) “Devo ser paciente” — padrão a partir do qual se avalia o próprio comportamento; (b) “Não sou paciente” — avaliação que registra a discordância entre o padrão e o comportamento; (c) “É difícil ser paciente quando você tem tantas coisas com que se preocupar...” — os processos de consciência de si revendo a discórdia descoberta (Vasilyuk, 1991, p. 216, tradução nossa).

O conflito apresentado – ou seja, “deveria ser paciente, mas não sou” – faz com que os processos de consciência de si se iniciem. O autor discrimina dois tipos de

processo de desenvolvimento de consciência de si. O primeiro é quando o observador é passivo, pois a responsabilidade do sujeito por suas próprias ações não é assumida, o reconhecimento de que a responsabilidade é desse sujeito pode acontecer, mas não por vontade própria e sim em decorrência de forças externas. No segundo tipo, o observador é ativo, o esteio da revisão sobre a discordância é o reconhecimento de responsabilidade por sua ação e tem como objetivo autoconhecimento. Vasilyuk (1991) aponta que esse segundo tipo pode levar à solução realista do conflito a partir do desenvolvimento da personalidade. Assim, o objetivo seria levar a pessoa à segunda possibilidade de desenvolvimento de consciência de si.

O manejo do nível de consciência reflexivo se relaciona bastante com aquele proposto por Aita (2020) para o trabalho terapêutico dentro da Psicologia Histórico-Cultural: “O psicólogo clínico deve trabalhar visando o desenvolvimento da consciência do indivíduo. O sujeito, pela mediação do psicoterapeuta, pode desenvolver consciência de seus conflitos, o que colaboraria para a resolução dos mesmos.” (p. 31). Esse manejo, no entanto, exige que o psicólogo tenha conhecimento da perspectiva de consciência dentro da PHC, ou seja, os conceitos de consciência de si e autoconsciência devem entrar para discussão.

No entanto, devemos adiantar que, com base no conteúdo que Vasilyuk (1991) elaborou, não é possível afirmar que ele trabalha com os conceitos a partir de um viés materialista histórico-dialético porque ele não trata da atividade central que possibilita o desenvolvimento de autoconsciência, que é o trabalho situado socialmente. Ao longo desta seção, será possível notar que a discussão proposta por Vasilyuk (1991) se apresenta descolada do meio social, o que é incoerente com a construção vigotskiana.

Dessa forma, quando tratamos de consciência de si e de autoconsciência em Vasilyuk (1991), não estamos nos referindo aos conceitos homônimos de Vigotski, apenas definimos que o termo para a tradução “*self-awareness*” é “consciência de si” e para “*self-consciousness*” é autoconsciência. Iremos abordar de forma mais aprofundada os conceitos de consciência de si e autoconsciência a partir da PHC na Seção 3 para sustentar a visão trazida neste ponto.

Quando tanto o observador quanto o observado são objetos, e assim, a observação desaparece, tem-se o nível I. “Deste ponto de vista, começa-se a compreender as ideias fisicalistas do inconsciente como sendo o **local** de interação silenciosa entre as coisas e as **forças psicológicas**.” (Vasilyuk, 1991, p. 21, tradução nossa, grifos nossos).

Vasilyuk (1991) fornece um exemplo para explicar como esse nível funciona. Ele apresenta uma paciente que sofria de neurose histérica. Gostava de seu trabalho organizando eventos, mas foi obrigada a trabalhar como corretora de seguro depois de se tornar mãe. Ela não gostava do trabalho novo. Em uma situação em que tentava superar a aversão ao trabalho, ao fitar a maçaneta da porta de seu local de trabalho, ela começou a sentir dormência nos braços. Sua interpretação foi que, por querer estar ali, isso aconteceu. O autor aponta que a interpretação feita por ele a partir de sua compreensão é que

[...] pode ser que sua aversão, que não teve permissão para passar do nível E [experiência] para o nível C [consciência], foi deslocada para o nível I [inconsciente] e ali processada pelo mecanismo de conversão que a devolveu ao nível E original na forma de dormência nos braços, que o nível C foi então obrigado a levar em consideração. Se o seu significado não tivesse sido devidamente apreendido (suportado pelo nível R [reflexão]), o entorpecimento poderia ter sido reforçado, tornando-se um meio eficaz, embora primitivo, de satisfazer as exigências da aversão — evitação do trabalho antipático — ao esquivar-se de uma decisão responsável ao nível R. (Vasilyuk, 1991, p. 205, tradução nossa).

Vasilyuk (1991) se pergunta se o aparecimento do sintoma de dormência pode ser explicado pela ação dos mecanismos inconscientes de **deslocamento** e conversão ou se há alguma outra possibilidade. O que ele traz logo em seguida é que

A atribuição desse fragmento de vivência ao inconsciente parece ser um fato quase tangível. Mas basta perguntar como podemos obter esse conhecimento para perceber a circunstância banal, mas ainda assim significativa, de que, mesmo nesses casos transparentes, o inconsciente nos é dado apenas por meio da **interpretação**. Portanto, do ponto de vista psicotécnico não faz sentido falar do inconsciente existindo por si mesmo, separado e independente de interpretação: sem ele o inconsciente não pode tornar-se uma realidade da situação de atendimento psicológico. Consequentemente, deve ser visto como um elemento de uma “unidade psicotécnica” integral “interpretação – inconsciente”.(Vasilyuk, 1991, p. 206, tradução nossa).

Neste ponto, quando Vasilyuk (1991) fala de forças psicológicas, de seu deslocamento, de formação de sintomas e trata do inconsciente de forma semelhante àquela tratada por Freud (2019). Freud (2019) também aborda a formação de sintomas,

trabalha com o deslocamento de conteúdos e de sua ligação com o inconsciente. Assim, é possível notar a existência de um processo que parece desembocar numa concepção idealista do psiquismo, ou seja, um descolamento da materialidade, um movimento que se distancia de uma perspectiva materialista histórica e dialética. Portanto, o que notamos é que a prática sugerida a partir da unidade psicotécnica “inconsciente – interpretação” é semelhante àquela proposta por Freud.

Esses aspectos serão melhor abordados no seção 3, em que tratamos especificamente da concepção de Vasilyuk (1991) e de Vygotski (1991) acerca da consciência.

O próximo nível a ser explicando é o nível E é mais presente em sonhos e estados emocionais, já que se trata de quando o observador é passivo e o observado é ativo. É o nível funcional de consciência em que “o Observador interno meio que deriva com fluxo” (p. 208). O autor ilustra uma crise em que os processos que acontecem no nível da experiência são centrais com uma passagem do livro Ana Karenina:

ao lado da cama de sua esposa ... pela primeira vez em sua vida *se entregou* (a ênfase é nossa. – F.V.) à influência suavizante da compaixão que a visão do sofrimento de outra pessoa sempre produziu nele e que ele tinha até então encarado como uma fraqueza vergonhosa. Sua compaixão por ela e seu remorso por tê-la desejado a morte, e sobretudo a alegria que experimentou ao perdoá-la, atenuaram seu próprio sofrimento e trouxeram-lhe uma paz interior que nunca antes conhecera”. (Vasilyuk, 1991, p. 208, tradução nossa).

Vasilyuk (1991) afirma que em vários sistemas psicoterapêuticos, o nível da experiência é utilizado, como na psicanálise e na ACP. Mas o autor se baseia nesta última para construir sua visão: na psicoterapia ocidental, o reconhecimento do papel de liderança que os processos do nível de experiência têm são reconhecidos pela ACP, como no método de empatia. “Façamos uso dela e designemos a unidade psicotécnica que corresponde ao nível em exame ‘experiência — empatia’.”(Vasilyuk, 1991, p. 209, tradução nossa).

Vasilyuk (1991) explica que a partir do método de empatia, o psicólogo tenta captar a experiência real nas falas do cliente, quando a atenção do consultor – forma com que Vasilyuk (1991) refere-se ao psicólogo<sup>22</sup> – está nessa experiência real, vemos uma diferença entre empatia e verbalização. Por exemplo: uma mulher que se lembra de

---

<sup>22</sup> Em alguns momentos o psicólogo é chamado de psicólogo, em outros de consultor, portanto, ao tratar da teoria de Vasilyuk (1991) iremos usar ambas as terminologias como intercambiáveis.

sua vida casada afirma “eu simplesmente não conseguia ficar sem ele. Era muito difícil quando ele tinha que sair, mesmo que por pouco tempo”, a resposta do consultor compatível com a verbalização seria “você se sentia sozinha quando ele não estava por perto” (Vasilyuk, 1991, p. 209) – o que intensifica a identificação da cliente com sentimentos **passados**. A resposta do psicólogo empática e orientada para a experiência real seria “Você está feliz porque se sente mais independente” (Vasilyuk, 1991, p. 209). “A empatia não está voltada para uma descrição de sentimentos **anteriores**, mas para os sentimentos do narrador que são vivenciados aqui e **agora**” (Vasilyuk, 1991, p. 209, tradução nossa, grifos nossos).

Vasilyuk (1991) aponta que a principal característica dessa atitude do psicólogo é a aceitação e confiança incondicional no cliente, sem elaborar juízo de valor. Vemos neste ponto uma incipiente elaboração de Vasilyuk (1991) a respeito da psicoterapia compreensiva e uma relação íntima com o pensamento rogeriano. Rogers (2017) trata de uma compreensão empática profunda. Para ele, uma das condições para que a relação terapêutica seja bem-sucedida é que haja compreensão e empatia.

Dessa forma, a relação que considere útil é caracterizada por um tipo de transparência de minha parte, onde meus sentimentos reais se mostram evidentes; por uma aceitação desta outra pessoa como uma pessoa separada com valor por seu próprio mérito; e por uma **compreensão empática** profunda que me possibilita ver seu mundo particular através de seus olhos. Quando essas condições são alcançadas, torno-me uma companhia para o meu cliente, acompanhando-o nessa busca assustadora de si mesmo, onde ele agora se sente livre para ingressar (Rogers, 2017, p. 47).

Além disso, Vasilyuk (1990) explica que essa atitude empática do psicólogo possibilita represamento do nível C – que será tratado em seguida –, ou seja, um bloqueio dos processos ativos. “A exclusão do nível C da participação na resolução de problemas traumatizantes fornece liberdade total aos processos de experiência direta; é baseada na crença nas capacidades de autorregulação desses processos.” (Vasilyuk, 1990, p. 74).

Portanto, além da aproximação da teoria de Rogers, nota-se uma aproximação à noção psicanalítica desenvolvida por Freud (2010) a respeito da associação livre. Freud (2010) explica que a regra fundamental da psicanálise é a associação livre, isto é, quando o paciente relata tudo que lhe vem à mente, sem seleções ou críticas, para incentivar isso, a postura do psicanalista busca excluir a influência daquilo que é

consciente no discurso do analisando para que seja possível acessar conteúdos que permanecem no “inconsciente” e trazê-los à consciência (Freud, 2019). Manejo semelhante ao que Vasilyuk (1990) expõe quando fala do “representamento do nível C”.

Por fim, quando o conteúdo real (observado) atua de forma passiva e o observador de forma ativa, temos o nível C, ou seja, são processos psíquicos ativos, voluntários e intencionais, como por exemplo a memória voluntária. Vasilyuk (1991) afirma que esse é o nível equivalente àquele caracterizado por Leontiev (2021) pelo conceito de “representação”. Leontiev (2021) explica que representação se trata “da imagem generalizada, aquela que é registrada na memória” (p. 92). Este autor critica a noção de representação que busca esteio na lógica formal, entendendo as memórias como algo estanque, como se fossem “guardadas nos depósitos de nossas memórias” (LEONTIEV, 2021, p. 92). Ele assevera que as imagens não podem ser entendidas como descoladas da atividade do sujeito, elas se relacionam dialeticamente com suas vivências e com a realidade concreta – indicamos a tese de Calve (2024) para um aprofundamento nessas questões discutidas por Leontiev.

Na concepção de Vasilyuk (1990), em determinadas situações, o consultor percebe a necessidade de tornar o nível C dominante. Para tanto, é necessário salientar o contraste que existe entre a imagem subjetiva da situação em questão e a realidade objetiva – concepção que se assemelha à noção desenvolvida por Leontiev (2012) com base na lógica dialética. Assim, “a principal tarefa da ajuda psicológica neste caso é a libertação dos processos de nível C de distorções e interferências vindas de outros níveis de consciência (principalmente nível E)” (Vasilyuk, 1990, p. 79, tradução nossa).

A unidade psicotécnica ao trabalhar com a ênfase no nível C é a unidade compreensão – apreensão. Nas palavras do autor:

A interpretação e a empatia [...] são tipos de compreensão, pois pressupõem a compreensão das falas do cliente ao colocá-las em um determinado contexto. Assim, a essência da questão está nas características especiais dos contextos de compreensão. Enquanto na interpretação esta é uma ideia de forças dinâmicas que determinam a consciência e o comportamento, sujeitas a uma análise específica, na empatia é a própria perspectiva fenomenológica do cliente (ou aspecto interno do seu mundo de vida). Para a unidade psicotécnica “apreensão — compreensão”, o aspecto externo do mundo vivido do cliente atua como este contexto. Concentrando a atenção na falta de correspondência entre a imagem subjetiva da situação e as circunstâncias objetivas (por exemplo, uma ameaça

imaginada — perigo real), o consultor não rejeita abertamente a imagem do cliente e os sentimentos que a acompanham (“não se preocupe com isso”), nem o aceita incondicionalmente, mas o aborda como um pressuposto lógico estimulando o processo de percepção das circunstâncias reais que devem levar à correção desse pressuposto (Vasilyuk, 1991, p. 213-214, tradução nossa).

Portanto, são atribuídas propriedades curativas à cognição, como em uma analogia aos sistemas interpretativos, nos quais tais propriedades são atribuídas ao processo de trazer conteúdos que estavam reprimidos no inconsciente à consciência. Novamente, notamos a noção de Vasilyuk (1990; 1991) tangenciar a teoria psicanalítica.

No entanto, vale a ressalva de que, no excerto acima, Vasilyuk (1991) aborda de forma indireta as contradições que existem entre a imagem subjetiva e a realidade objetiva, tangenciando ao mesmo tempo a ideia de que a psicoterapia deve buscar desenvolvimento de consciência como aborda Aita (2020). Dessa forma, asseveramos que pode haver uma confusão ao pensarmos nessa concepção a respeito da psicoterapia na PHC. A dúvida pode surgir aqui: “isso não é o que Vasilyuk (1990; 1991) propõe ao tratar do nível C?”. Justamente fazer com que muitas vezes o sujeito desenvolva consciência sobre seus conflitos?” Defendemos que não! Isso pois, conforme será explicado na subseção 3.1.1, a visão de Vasilyuk (1990; 1991) – e a visão de Freud (2019) também – a respeito do que é consciência e do que é “trazer algo para o nível C” é diferente da concepção vigotskiana e hegemônica dentro da PHC.

Vasilyuk (1991) explicita que trabalhar a tipologia dos regimes de consciência e as unidades psicotécnicas separadamente é apenas um esforço pedagógico, já que na realidade concreta, não há essa delimitação.

Em termos psicotécnicos, o problema da interação entre os níveis de consciência na *perejivanie* aparece, por um lado, como a tarefa de formar a capacidade de ouvir a “melodia” da *perejivanie* atual do cliente, distingue em cada uma de suas respostas o tom dominante, consonância ou dissonância dos processos que podem ser ouvidos simultaneamente em diferentes níveis e antecipar o curso e as perspectivas de seu movimento e, por outro, como tarefa de formar a capacidade de controlar esses processos, amortecer uma tecla, ativar outra e mudar de tom quando necessário, ou seja, integrando os dois lados — ouvir e controlar — como tarefa de desenvolver a arte de ser um condutor psicotécnico da vivência (Vasilyuk, 1991, p. 219, tradução nossa).

A noção de unidades psicotécnicas de Vasiliuk é bastante interessante, principalmente considerando a explicação de Puzyrei (2007) a respeito da psicotécnica na obra de Vigotski. Este autor define a psicotécnica como uma operação “[...] que permite uma transformação radical da psique, da consciência e da personalidade humanas.” (Puzyrei, 2007), apontando que esse era o esforço de Vigotski (2004) para construir uma nova Psicologia que se propunha a ser uma metodologia psicotécnica – uma filosofia da prática (práxis). Pensando na prática psicoterapêutica, elaborar unidades psicotécnicas que possam balizar a atuação do psicólogo é um esforço importantíssimo, mas para que psicólogos da PHC possam tomar essas unidades como base, elas devem ser pensadas a partir do materialismo histórico-dialético.

Munidos da explicação dos níveis que funcionam como mediadores da *pereživanie*, é possível mergulharmos na concepção de *pereživanie* desenvolvida por Vasiliuk. O autor entende que, em situações de crise, ações objetivas são ineficazes (uma ação objetiva – como fugir – seria resolutive, se uma pessoa está em perigo, mas não em uma situação de luto por exemplo). A reflexão – tanto emocional quanto racional – também é ineficaz.

De fato, a emoção, na medida em que é uma forma particular pela qual determinado fenômeno se reflete na mente, só pode exprimir o sentido subjetivo da situação, oferecendo ao sujeito a possibilidade de trazê-la ao reconhecimento racional; supõe-se tacitamente que o significado existiu antes e independentemente de tal expressão e de tal reconhecimento. Dito de outra forma: a emoção apenas afirma a relação entre “o que é e o que deve ser”, mas não pode mudá-la. Essa é a visão oferecida pela teoria da atividade. As situações de crise psicológica também não podem ser resolvidas pelo processo, desenvolvido a partir da emoção, de “resolver o problema do sentido”, pois este continua em outro nível, por assim dizer, a reflexão começou pela emoção (Vasilyuk, 1991, p. 26, tradução nossa).

Na visão de Vasilyuk (1991), isso prova que esse problema não é passível de resolução nem pela atividade prática-objetiva, nem por outros processos de reflexão dela na mente. Assim, o máximo que alguém pode fazer com a ajuda de um psicólogo munido da teoria da atividade é perceber exatamente o que aconteceu em sua vida. Entretanto, o maior problema que ela enfrenta não está em reconhecer o sentido da

situação, nem em elucidar um sentido oculto pré-existente, mas em criar um sentido<sup>23</sup> ou construí-lo. Diante disso, a categoria de *perejivanie* é trazida para ocupar essa lacuna.

Para que ela de fato sirva à pretensão de Vasiliuk, faz-se necessário compreender que a formação do sentido é uma função do motivo dentro da teoria da atividade, “mas quando falamos em ‘gerar sentido’ [da perspectiva da atividade *perejivanie*], o que temos em mente é uma atividade especial por parte do indivíduo.” (Vasilyuk, 1991, p. 27, tradução nossa). A partir dessa concepção, é possível compreender esse processo como um ato produtivo, como um tipo especial de trabalho. Entender o processo dessa forma é “[...] para nós, uma ideia central em termos de ontologia, epistemologia e metodologia” (Vasilyuk, 1991, p. 28, tradução nossa).

No nível do ser, a *perejivanie* constitui uma nova possibilidade de realizar as necessidades internas de um sujeito e no nível da consciência, é o estabelecimento do sentido. Vasilyuk (1991) assevera que o fato de a atividade orientada a um objeto ser improdutiva no que concerne ao sentido em situações de crise não significa que a categoria atividade é inaplicável ao processo de *perejivanie*. Na verdade, esse processo representa junto com a atividade prática externa e com a atividade cognitiva um tipo especial de processo de atividade, que é caracterizado por seu produto: o sentido.

*Perejivanie* é, precisamente, atividade, isto é, um processo independente que relaciona o indivíduo com o mundo e resolve seus problemas reais de vida; não é uma “função” psíquica especial da mesma ordem que a memória, a percepção, o pensamento, a imaginação ou as emoções. Essas “funções” e ações externas orientadas a objetos são todas ligadas para realizar o trabalho da *perejivanie*, assim como estão envolvidas na realização de qualquer atividade humana. (Vasilyuk, 1991, p. 29, tradução nossa).

Ao analisar as pessoas que passam pelo processo de *perejivanie*, Vasilyuk (1991) aponta que o trabalho da *perejivanie* é realizado por ações externas não de forma direta

---

<sup>23</sup> Vasiliuk na versão original de seu livro, “*Psychology of Experiencing*”, e também no artigo “*Structure of an Image*” faz distinção entre o uso dos termos sentido e significado, demonstrando coerência com a obra de Leontiev. No entanto, isso foi perdido na tradução **do livro** para o inglês, já que a tradução não respeita as diferenciações entre as duas categorias supracitadas, utilizando a terminologia “*meaning*” para se referir tanto ao sentido quanto ao significado. Há alguns momentos que a diferença é pontuada, quando a versão em inglês utiliza a expressão “*personal meaning*” para se referir à categoria de sentido, mas isso é feito de forma errática. Na maioria das vezes em que a palavra “*meaning*” aparece, é possível discernir a qual categoria Vasilyuk (1991) está se referindo com base no contexto, quando isso não foi possível, recorremos à obra original, com auxílio das ferramentas de tradução Google Tradutor e DeepL para averiguar essa questão.

produzindo resultados objetivos, mas alterando a consciência do indivíduo, ou seja, seu mundo psicológico. E, nos momentos em que a *perejivanie* é necessária, todas as funções psíquicas entram em ação, mas em cada um desses momentos, uma das funções atua como protagonista. Vasilyuk (1991) salienta que, ao contrário do que o senso comum determina, a emoção não necessariamente é a estrela, a percepção pode ser, como em casos de defesa perceptiva, ou o pensamento, nas racionalizações de impulsos (processamento intelectual de eventos traumáticos) ... “Apenas deve-se enfatizar que, ao realizar o trabalho de *perejivanie*, os processos mentais operam em uma capacidade específica – a de processos de consciência (mas não necessariamente de processos conscientes).” (Vasilyuk, 1991, p. 30, tradução nossa). Dessa forma, entende-se que o trabalho da *perejivanie* é realizado por meio de ações internas e externas.

A psicologia tradicional em suas formas idealistas confinava a *perejivanie* ao estreito mundo da subjetividade individual, enquanto suas tendências vulgares-materialistas tomavam a *perejivanie* como um epifenômeno, colocando-a fora do escopo da investigação científica. Somente uma psicologia materialista, baseada no ensinamento marxista da natureza ativa e social do homem é capaz de liberar a *perejivanie* da corrente – tão apropriada na visão da psicologia tradicional – que a relaciona exclusivamente aos processos psíquicos internos. Um ser humano muitas vezes consegue superar uma crise não tanto trabalhando com o evento traumático internamente (embora isso também seja necessário) quanto por uma atividade ativa, criativa e socialmente útil, que como uma atividade prática orientada a objetos realiza um objetivo consciente em parte do sujeito e tem, também, um produto final socialmente útil, enquanto como atividade de *perejivanie* cria e fomenta um fundo de sentido para a vida do indivíduo. (Vasilyuk, 1991, p. 30-31, tradução nossa).

Como forma de sintetizar as explicações expostas até aqui, citamos a seguinte definição de *perejivanie* para Vasilyuk (1991) “[...] um tipo especial de trabalho de reconstrução do mundo psicológico direcionado para o estabelecimento da correlação entre consciência e existência em termos de sentido, sendo que o objetivo geral da *perejivanie* é dar maior sentido à vida” (p. 31, tradução nossa). Tendo estabelecido os principais aspectos da *perejivanie*, é possível tratarmos da caracterização das situações críticas que levam à necessidade do enfrentamento.

## 2.3 SITUAÇÕES CRÍTICAS

Vasilyuk (1991) entende tais situações como momentos de impossibilidade de realizar necessidades internas e de dificuldade para continuar vivendo, do ponto de vista da pessoa que está passando pelo momento difícil.

Vasilyuk (1991) explica que, apesar de ser uma área muito estudada, não se tem uma conceituação satisfatória para se referir a situações críticas. Ele expõe que é muito comum que os pesquisadores recorram às categorias de estresse, frustração, conflito e crise quando vão tratar de tais situações. Entretanto, também não há uma definição teórica do que seria o estresse e a crise e, apesar de os termos frustração e conflito terem sido trabalhados de forma mais substancial, não há uma sistematização de como essas categorias se relacionam em uma situação crítica.

O psicólogo ucraniano aponta que o que acontece é que cada pesquisador elege sua categoria preferida e trata a situação crítica a partir dela. Isso culmina em uma confusão de terminologias. Dessa forma, Vasilyuk (1991) se propõe a “distinguir, para cada um dos conceitos aplicados à situação crítica, um campo categórico especial, que nos dará a área em que poderá ser devidamente utilizado” (p. 35, tradução nossa). Isso foi feito a partir de uma disposição geral em que o tipo de situação crítica é determinado pela natureza do estado de “impossibilidade” em que o indivíduo se encontra. A “impossibilidade” é determinada pelo tipo de necessidade de vida que permanece insatisfeita como decorrência da ineficiência das atividades possíveis ao sujeito para lidar com suas condições internas e externas de vida. Assim, as condições externas e internas da vida, o tipo de atividade do indivíduo e a necessidade específica insatisfeita são a chave para caracterizar as situações críticas.

As categorias que foram analisadas e caracterizadas pelo psicólogo foram: o estresse, a frustração, o conflito e a crise. Partindo da primeira delas, Vasilyuk (1991) afirma que o conceito de **estresse** foi transformado em um princípio universal, há pesquisadores que postularam que tudo gera estresse e que a ausência dele pode ser identificada apenas na morte – isso é o que Vasilyuk (1991) chama de caráter inespecífico do estresse. Na psicologia, quando esse conceito foi tomado e passou a se pensar em estresse psíquico, a maioria dos pensadores discordava da não especificidade do conceito, o que limita a abrangência do conceito: o que gera estresse seria apenas situações ameaçadoras que perturbam a adaptação e o controle.

No entanto, Vasilyuk (1991) pontua que eliminar a ideia da inespecificidade do estresse seria matar nesse conceito seu significado principal, para ele, o importante é a “afirmação de que qualquer estímulo, juntamente com a sua própria ação específica, impõe exigências inespecíficas ao organismo, para as quais a resposta é uma reação inespecífica no ambiente interno do organismo” (p. 37, tradução nossa).

Do exposto conclui-se que se a psicologia adota o conceito de “estresse”, então sua tarefa é, ao mesmo tempo em que abandona a expansão injustificada do alcance desse conceito, preservar seu conteúdo principal – a ideia da inespecificidade do estresse. Para resolver este problema, é necessário explicar as condições psicológicas concebíveis sob as quais esta ideia reflete com precisão o corte transversal da realidade psicológica que especificam. É por isso que falamos sobre precisão. Não há dúvida sobre isso, violações de autoatualização, de controle, etc. causam estresse, essas são condições suficientes para isso. Mas a questão é descobrir as condições mínimas necessárias, ou mais precisamente, as condições específicas para a geração de uma formação inespecífica – o estresse (Vasilyuk, 1991, p. 37-38, tradução nossa).

É a partir dessa tentativa de qualificar quais situações mínimas que geram estresse que Vasilyuk (1991) postula uma de suas mais famosas noções: o mundo vivido. Essa concepção é uma abstração teórica, que apesar de se propor como tipologia concreta, não se sustenta diante do materialismo. Nela, há classificações dos “ambientes” de um indivíduo em externo e interno e subdivide o mundo interno em simples ou complexo e o externo em fácil ou difícil. Em cada um desses mundos, haverá situações críticas típicas e formas de atravessá-las e enfrentá-las, isto é, de empreender o processo de *perejivanie*, diferente.

Assim, é possível perceber que a análise de Vasilyuk (1991) recai em um esquematismo dicotômico, em que ele postula a existência de polos estanques para descrever esses “ambientes”, não há dialética nessa compreensão. É como se não existisse uma ligação entre esses mundos, como se o que acontecesse externamente não tivesse relação com o que é interno para um indivíduo. Essa análise se distancia da Lei genética postulada por Vigotski e explicada na seção anterior, bem como se distancia da noção de formação do psiquismo explicada por Leontiev (2021). Leontiev (2021) vai definir que existe a formação de uma imagem subjetiva a partir da realidade objetiva,

existe uma unidade dialética entre o que é externo e interno, aspecto que não é contemplado por Vasiliuk.

Vasilyuk (1991) explica que “qualquer exigência do meio ambiente pode causar uma situação crítica e extrema apenas em pessoas incapazes de lidar com quaisquer exigências e, ao mesmo tempo, se sua necessidade interna for a satisfação urgente (aqui e agora)” (p. 38, tradução nossa). Essa explicação caracteriza o primeiro mundo vivido que ele aborda, aquele que é “fácil” e “simples”. Nele, a satisfação de qualquer necessidade ocorre direta e imediatamente, não há obstáculos, forças externas ou outras necessidades. Dessa forma, para satisfazer tal necessidade, o indivíduo não precisa desempenhar atividades, podemos identificar um sujeito passivo.

Vasilyuk (1991) assevera que se trata de um mundo teórico. Na concretude da vida, um feto no útero materno é um estado de existência que se assemelha ao mundo fácil e simples. Além disso, o autor coloca que se trata de um estado “parcialmente inerente a toda vida, manifestando-se na forma de uma atitude em relação à satisfação aqui-e-agora, ou naquilo que Sigmund Freud chamou de ‘princípio do prazer’” (p. 38, tradução nossa). É claro que a realização de tal forma é continuamente perturbada pela realidade. Se entendermos essa perturbação como uma situação crítica particular chamada stress, “estaremos então a nos aproximar de um conceito de stress no qual se pode de fato conjugar o ‘extremo’ e o ‘inespecífico’.” (p. 38, tradução nossa).

Diante desse mundo vivido, fica evidente como é possível considerar o estresse como uma situação crítica e, concomitantemente, entendê-lo como um estado de vida permanente. “Assim, o campo categórico que está por trás do conceito de estresse pode ser designado pelo termo ‘vitalidade’, entendendo-se por ele a dimensão irreduzível do ser, cuja ‘lei’ é a orientação para a satisfação aqui e agora” (Vasilyuk, 1991, p. 38, tradução nossa). Para sintetizar a definição de estresse em Vasiliuk, é possível dizer que se trata de uma situação que ameaça a satisfação imediata das necessidades vitais de uma pessoa.

A segunda situação crítica investigada por Vasilyuk (1991) é a **frustração**. Os marcadores essenciais que indicam a presença de uma situação frustrante são: presença de uma forte motivação para atingir um objetivo (para satisfazer uma necessidade) e um obstáculo – seja ele material ou subjetivo – que atrapalha isso. No entanto, é possível que esses dois fatores estejam presentes sem que haja frustração, as pessoas superam situações difíceis como essa com frequência. Diante disso, o autor se coloca a analisar quais condições são suficientes para produzir frustração. Ele aponta que em sua

investigação não encontrou descrição dessas condições, o que a literatura prevê são as consequências de tal situação crítica – evocação de ansiedade, tensão, apatia, perda de interesse e outros.

A partir da análise da literatura, Vasilyuk (1991) constrói seu próprio ponto de vista. Para ele, há dois parâmetros fundamentais que caracterizam o comportamento das pessoas em tais circunstâncias: (1) conformidade com o motivo: o comportamento do sujeito tem relação, em termos de resultado, com o motivo por trás da situação; (2) natureza organizada do comportamento: a natureza é organizada por qualquer objetivo, independentemente de a realização desse objetivo levar à realização do motivo. Isso quer dizer que a categoria da frustração é determinada pela atividade.

Se supormos que cada um desses parâmetros pode, em cada caso individual, ter um significado positivo ou negativo, ou seja, que o comportamento pode ser ordenado e organizado por um objetivo, ou desorganizado por ele, e também pode estar de acordo com o motivo ou não, obtemos então a seguinte **tipologia para possíveis “estados”** de comportamento. (Vasilyuk, 1991, p. 41, tradução nossa, grifo nosso).

Construímos a quadro 4, utilizando como base a construção de Vasilyuk (1991), para explicar de forma didática essa tipologia. Vale ratificar que este é outro momento em que Vasilyuk (1991) empreende uma tentativa de ascensão do abstrato ao concreto para construir uma tipologia, neste caso, de comportamentos em situações difíceis. Novamente, ele parte do concreto, mediado pelo abstrato, para chegar em uma noção concreta de compreensão de mundo, mas também acaba recaindo em ecletismos.

#### Quadro 4 – Tipologia para os estados de comportamento em situações difíceis<sup>24</sup>

Comportamento		Conformidade com o motivo	
		-	+
Organização pelo objetivo	-	4 – Catastrófico	2 – Histérico
	+	3 – Reativo	1 – Quando não corresponde à frustração

<sup>24</sup> Salienta-se aqui que situação difícil é diferente de frustração, uma situação difícil por se tonar uma situação de frustração ou não.

Em circunstâncias difíceis, é possível observar comportamentos correspondentes aos quatro tipos representados graficamente acima. Vasilyuk (1991) explica que é importante observar as características internas do comportamento – essência –, pois a aparência não pode ser considerada uma indicação inequívoca do estado de frustração.

No caso do Tipo 1, o comportamento está de acordo com o motivo e subordinado a um objetivo organizador, portanto não corresponde ao estado de frustração. Já o caso do Tipo 2, de acordo com Vasilyuk (1991), é observado quando a pessoa age deliberadamente de forma histérica, na esperança de conseguir o que quer. Entretanto, ela acaba perdendo o controle de seu comportamento.

O controle pela vontade foi perdido, mas isso não significa que o controle através da consciência também tenha sido completamente perdido. Como o comportamento não é mais organizado pelo objetivo, ele perde o status de ação direcionada a um objetivo, mas ainda mantém, no entanto, o status de meio de realização do motivo básico da situação. Em outras palavras, uma conexão significativa é mantida na consciência entre o comportamento e o motivo – a esperança de resolver a situação (p. 42, tradução nossa).

Trata-se de uma explicação que fica muito mais clara com o exemplo que o autor utiliza: estudos no exército demonstraram que os soldados que sofriam de hipercinesia<sup>25</sup> histérica estavam conscientes da conexão entre seus tremores violentos e a provável possibilidade de evitar o retorno ao campo de batalha – observa-se o controle voluntário falhando, mas a consciência agindo.

O comportamento do Tipo 3 é caracterizado, centralmente, pela perda da relação através da qual o motivo dá sentido à ação. O sujeito perde o controle consciente sobre a conexão entre seu comportamento e o motivo original. Apesar de suas ações separadas ainda permanecerem de acordo com algum objetivo, ele não está mais agindo em busca de algo, mas como consequência de algo.

Vasilyuk (1991) se refere ao comportamento do Tipo 4 como catastrófico – usando Goldstein como referência. Trata-se de um tipo que não é controlado nem pela vontade, nem pela consciência do indivíduo. Constitui-se como comportamento desorganizado e desconexo (em termos de conteúdo e de sentido) do motivo da situação. Vale ressaltar que isso

---

<sup>25</sup>Um quadro que gera movimentos involuntários como tremores intensos.

não significa que outras formas possíveis de conexão entre motivo e comportamento também estejam rompidas (em primeiro lugar, conexões “energéticas”), pois se assim fosse não haveria fundamento para considerar o comportamento como tendo qualquer relação com o motivo frustrado, ou por descrevê-lo como “fora de acordo com o motivo”. A suposição de que a situação psicológica continua sendo determinada pelo motivo frustrado é uma premissa essencial para considerar o comportamento como consequência da frustração. (Vasilyuk, 1991, p. 43, tradução nossa).

Assim, o comportamento do Tipo 1 é resultante de uma situação difícil, já os outros três tipos são consequência de situações de frustração. Diante disso, é possível compreender a sistematização planejada por Vasilyuk (1991): a transição de uma situação difícil para uma de frustração pode acontecer em duas dimensões, a saber, na da perda de controle pela vontade, isto é, desorganização do comportamento e/ou na dimensão da perda de controle pela consciência, isto é, quando não há conformidade com o motivo. Vasilyuk (1991) explica que, em termos de estado interno, essa última corresponde à perda de esperança ou de paciência, relação entre esses dois fenômenos será abordada mais adiante.

O terceiro tipo de situação crítica é o **conflito**, “conflito é uma colisão de algo com alguma outra coisa” (Vasilyuk, 1991, p. 44, tradução nossa). Analisando o que exatamente entra em colisão, o autor mergulha na literatura a esse respeito. Ele explica que utilizou como base as concepções da psicodinâmica, do *behaviorismo* e da Psicologia cognitiva para determinar três categorias que são importantes quando se está tratando da definição do conceito em questão: motivo, ação e imagem. No entanto, é importante pontuar que o autor não discorre sobre essas categorias, algo que seria fundamental para compreensão do conceito que ele propõe, principalmente pensando que elas derivam de teorias cujas epistemologias são diferentes daquela que ele supostamente usa.

O psicólogo ainda coloca três questões importantes concernentes à colisão sob foco: (1) a intensidade das forças em oposição nessa colisão tende a ser, aproximadamente, igual; (2) o “ângulo” entre as linhas direcionais dos impulsos em um conflito normal e não neurótico – conceito trazido a partir dos estudos de Karen Horney, uma autora da psicanálise – é menor que 180° (o que quer dizer que não se trata, na maioria das vezes, de forças diametralmente opostas, que não podem ser conciliadas), de modo que, sob certas condições, pode culminar em um comportamento que satisfaça

mais ou menos ambos os impulsos; (3) o conteúdo da relação estabelecida entre tendências conflituosas: discrimina-se duas formas básicas de conflito “em uma, as tendências são inerentemente opostas, ou seja, são contraditórias em conteúdo, e na outra, elas não são fundamentalmente incompatíveis, mas apenas estão incompatíveis devido às condições de lugar e tempo” (Vasilyuk, 1991, p. 45, tradução nossa).

Além de todas essas características, Vasilyuk (1991) ainda salienta que, ontogeneticamente, o conflito é uma formação relativamente recente, uma vez que surgiu apenas a partir do desenvolvimento de um mundo interno complexo por parte do ser humano.

Aqui reside a fronteira teórica entre a “situação frustrante” e o “conflito”. Uma situação frustrante, como vimos, pode ser criada por barreiras que podem ser materiais, mas também ideais, por exemplo, por uma proibição imposta ao envolvimento em determinada atividade. Essas barreiras, e principalmente as proibições, quando aparecem para a consciência do sujeito como algo autoevidente e indiscutível, são na verdade barreiras externas, psicologicamente falando, e produzem uma situação de frustração, não de conflito, embora possa parecer ser duas forças internas que estão entrando em colisão. **A proibição pode deixar de ser evidente, pode se tornar uma questão de dúvida interior, e então a situação frustrante se transforma em situação de conflito.** (Vasilyuk, 1991, p. 45, tradução nossa, grifo nosso).

Outro ponto importante destacado por Vasilyuk (1991) é que:

Assim como as dificuldades do mundo externo são opostas ou tratadas pela atividade do indivíduo, as complicações do mundo interno, isto é, os fios cruzados entre as relações de vida do indivíduo, são opostas ou tratadas pela atividade de sua consciência. A necessidade interna, ou força direcional de atividade da consciência, é para alcançar um estado de consonância e não-contradição dentro do mundo interior. A consciência é chamada a medir os motivos uns contra os outros, a escolher entre eles, a encontrar soluções de compromisso, etc. — em uma palavra, a superar a complicação. A situação crítica aqui é aquela em que é subjetivamente impossível sair da situação de conflito ou resolvê-la, encontrando um compromisso entre impulsos contraditórios ou sacrificando um deles. (Vasilyuk, 1991, p. 45, tradução nossa).

Para discriminar uma situação complicada de uma situação crítica de conflito, Vasilyuk (1991) afirma que esta se instala quando a consciência se rende frente a uma contradição entre motivos subjetivamente insolúveis.

Dessa forma, o autor passa para a tipificação da quarta situação crítica, a **crise**. Para tanto, ele estuda as descrições empíricas já existentes em sua época a respeito do que se considerava uma crise de forma geral. É possível encontrar na literatura como causas comuns de crises: a morte de alguém próximo, outras formas de separação, doenças severas, transformações orgânicas decorrentes da idade, mudanças drásticas na condição de vida ou nas responsabilidades de alguém (ter um filho, casar, se aposentar...) e várias outras.

Além disso, as formas pelas quais as crises se expressam costumam ser categorizadas em somáticas (exemplo: dores de cabeça), psíquicas (ansiedade) e comportamentais (autoagressão). Entretanto, todas essas formas de expressão também podem aparecer durante momentos de estresse, conflitos e frustração, ou seja, não são indicativos exclusivos de crises. São característicos de circunstâncias críticas

[...] a sensação de que “a vida (assim) é impossível”; a sensação de que a existência não tem sentido, que o indivíduo perdeu a si mesmo; intenção ou tentativa de suicídio; e semelhantes experiências internas abrangentes que afetam toda a vida, ou o aspecto mais essencial e básico da vida individual. (Vasilyuk, 1991, p. 47, tradução nossa).

Apesar da vasta literatura empírica sobre crises que temos à disposição, o trabalho teórico acerca do tema é tão escasso que Vasilyuk (1991) não se atreve a tratá-lo enquanto “teoria da crise”. Tendo isso em mente, ele se propõe a analisar o que se tem de material produzido de acordo com a ótica de certas abordagens.

A primeira delas é a abordagem clínica. O evento causador da crise é analisado como um “afeto psicotraumático” (p. 47) e geralmente é externo. Aqui, a crise não é considerada um estado patológico, porém é descrita de acordo com o paradigma médico como uma espécie de doença ou síndrome – com seus sintomas, curso característico e possíveis prognósticos –, cujo tratamento indicado é de curto prazo (normalmente psicoterapia). Considera-se que o sujeito deixou a crise para trás quando há “uma recuperação, expressa no desaparecimento dos sintomas, restauração da capacidade de trabalho e do funcionamento normal” (Vasilyuk, 1991, p. 47-48, tradução nossa).

A segunda, a abordagem adaptativa homeostática de G. Caplan entende a origem da crise como consequência da insuficiência das habilidades do sujeito quanto ao seu

comportamento adaptativo, ou seja, a crise ocorre quando o indivíduo é confrontado com uma situação-problema da qual ele não consegue escapar ou resolver. Caplan define que, em um momento de crise, o organismo não consegue manter a homeostase em decorrência da alteração no ambiente. Assim, busca-se mudanças internas e também na relação existente entre organismo e ambiente e entende-se que o indivíduo saiu da crise quando há estabelecimento de um novo equilíbrio entre o sistema alterado e o mundo externo alterado.

Ambas as abordagens foram desenvolvidas no contexto prático da psiquiatria preventiva e referem-se principalmente a crises situacionais que acontecem como resultado de transformações abruptas no mundo externo do indivíduo. Por outro lado, a próxima abordagem foi desenvolvida no campo da psicologia do desenvolvimento, de forma independente da psiquiatria de prevenção.

Dentre as concepções analisadas, a que se destaca na nossa visão, por ser a compreensão a respeito da categoria crise desenvolvida por Vygotski (2006), é aquela que Vasilyuk (1991) denomina abordagem do desenvolvimento individual. Vasilyuk (1991) explica que é possível afirmar que essa abordagem compreende a vida “como um processo de desenvolvimento que progride através de uma série regular de ‘fases’ ou estágios, enquanto as transições de uma para outra assumem a forma de crises.” (Vasilyuk, 1991, p. 49, tradução nossa). Assim, a crise é entendida como um período de ruptura de certo estado integrado da personalidade, por isso há sensação de perda de identidade. E a superação desse estado de crise acontece através do desenvolvimento de novas formações na personalidade, trata-se de uma nova organização interna para “dar conta” das exigências do meio social.

Apesar de o autor ucraniano não fazer referência à PHC ao tratar dessa concepção, fica muito claro que se trata sim da visão construída por Vygotski (2006) e desenvolvida por outros autores, tais como Leontiev e Elkonin. Abordaremos de forma mais detalhada a noção de crise para os autores da teoria histórico-cultural na Seção 3.

A partir dessa breve análise da visão de diferentes teorias sobre a categoria crise, Vasilyuk (1991) constrói a sua própria. O autor aponta que a abordagem clínica proporcionou importantes observações empíricas a respeito de como a crise se apresenta. Apesar disso, ele afirma que continuar olhando esse problema através apenas do prisma da empiria significaria apenas categorizar uma infinidade de “síndromes de crise” (síndrome do luto, do ciúme, de incapacidade e outras...). O psicólogo não invalida a importância dessa sistematização, no entanto, assevera que se trata de uma

organização que deve ser feita a partir de uma concepção psicológica geral da categoria de crise, e ratifica que isso deve ser feito para além do paradigma médico formal.

A segunda concepção supracitada se origina de estudos fisiológicos, mas é tão desprovida de conteúdo psicológico que não atrapalha a prática psicológica de avaliação e assistência a pessoas em situação de crise. Vale ressaltar que essa visão é incapaz de “de capturar a natureza específica desse tipo de situação crítica, as maneiras pelas quais ela difere de outras situações críticas, e de outros que não são nada críticos.” (Vasilyuk, 1991, p. 50, tradução nossa). Trata-se de uma concepção que poderia igualmente ser utilizada para uma situação frustrante ou estressante.

A partir do ponto de vista do autor, a terceira abordagem é a mais produtiva das três para a construção de sua teoria. Isso se dá por vários motivos, dentre eles, Vasilyuk (1991) destaca que se trata de uma visão que enxerga as pessoas enquanto personalidades, a partir de uma visão integrada do ser humano. Assim, ele afirma que

[...] o principal sinal intuitivo de crise é, de fato, seu caráter abrangente: quando dizemos que alguém está em crise, não podemos deixar de imaginar essa pessoa passando por algum tipo de mudança essencial, para imaginar que não apenas uma parte dela, mas toda a sua constituição está afetada, que tudo o que há de mais essencial nele está sendo abalado, que os processos em curso são vitais não apenas em um momento isolado, mas para todo o futuro de sua vida (Vasilyuk, 1991, p. 50, tradução nossa).

Ao assumir a concepção da psicologia do desenvolvimento como a mais adequada, também se toma como problema a necessidade de comparar as crises do desenvolvimento e as crises situacionais, traumáticas, cuja principal diferenciação para Vasilyuk (1991) é a origem e o resultado dos dois tipos de crise.

Na origem, porque as crises situacionais ocorrem ao acaso, a partir da operação de fatores externos, imprevistos, enquanto as crises de desenvolvimento surgem da operação de certas leis, como resultado de uma reestruturação interna. Como resultado, porque a emergência de crises situacionais é vista principalmente como a restauração de um estado previamente existente que foi perturbado pelo evento de crise (não é acidental que as ideias de homeostase sejam tão proeminentemente protagonistas na teoria da crise), enquanto a emergência de crises “normativas” é vista como uma transição para um novo estágio no desenvolvimento individual. (Vasilyuk, 1991, p. 51, tradução nossa).

Apesar de demarcar as diferenças existentes, Vasilyuk (1991) assevera que não se deve toma-las como absolutas, ambas devem ser observadas a partir da mesma base epistemológica e devem ser compreendidas uma em relação a outra. A partir de tudo que foi definido, Vasilyuk (1991) passa, então, para a definição das características fundamentais de sua concepção de crise enquanto uma situação crítica.

O autor determina que, ao tomar um plano ontológico, na vida de um sujeito a necessidade interna específica é a autorrealização, ou seja, realização da necessidade de vida, de seu plano de vida – trata-se de um conceito que o autor irá utilizar ao longo do livro em diversos momentos. “As condições normais dessa existência são: (a) complexidade do indivíduo, exigindo que ele lute para manter sua própria integridade, e (b) dificuldade na existência, exigindo esforços para alcançar a real corporificação e realização dessa integridade.” (Vasilyuk, 1991, p. 52, tradução nossa). O que realiza a intenção da personalidade em condições de dificuldade é a “vontade”.

A vontade é a ferramenta utilizada para superar as forças da dificuldade e da complexidade [...] Quando no curso da vida e do desenvolvimento de uma pessoa são criadas condições que destroem a integridade de sua personalidade e sua autoidentidade, e/ou impedem sua autorrealização, e a vontade se mostra impotente diante dessas condições (não para um dado momento isolado, mas na perspectiva de longo prazo da realização da intenção de vida), então se produz a situação crítica específica a esta dimensão da vida – a crise (Vasilyuk, 1991, p. 52, tradução nossa).

Cada conceito envolvido na ideia de uma situação crítica tem um campo de categoria correspondente que fornece as regras funcionais desse conceito a fim de que seu emprego para fins teóricos seja preciso. “No plano ontológico, a categoria campo reflete uma dimensão particular da vida humana, uma dimensão com suas próprias regularidades e caracterizada pelas condições de vida, o tipo de atividade e a necessidade interna específica a ela apropriada.” (Vasilyuk, 1991, p. 52, tradução nossa). Ele reúne essas características no quadro 5 a seguir.

<b>Campo ontológico</b>	<b>Tipo de Atividade</b>	<b>Necessidade interna</b>	<b>Condições normais</b>	<b>Tipo de situação crítica</b>
“vitalidade”	Vida do organismo	Satisfação imediata	Benefícios de vida	Estresse

			dados diretamente	
Uma relação particular de vida	Ação	Realização do motivo	Dificuldade	Frustração
O mundo interno	Consciência	Conformidade interna	Complexidade	Conflito
A vida como um todo	Vontade	Realização da intenção de vida	Dificuldade e complexidade	Crise

**Quadro 5 – Tipologia das situações críticas**

(Vasilyuk, 1991, p. 53, tradução nossa).

A tipologia descrita tem a intenção de auxiliar didaticamente a diferenciação ao descrever situações extremas, entretanto Vasilyuk (1991) ratifica que não se trata de uma tentativa de separar completamente as situações, já que um evento na vida pode evocar características de todas elas de uma vez, ele deixa claro, inclusive, que elas irão influenciar umas às outras dialeticamente.

Diante de tudo que foi exposto, Vasilyuk (1991) afirma que, assim que há o surgimento de uma situação extrema, o processo de *perejivanie* passa a operar, complicando ainda mais o quadro geral da dinâmica circunstancial, por isso, ele propõe começar a avaliar o processo de *perejivanie*.

#### 2.4 O PROCESSO DE *PEREJIVANIE*

Até este ponto, o autor soviético procurou explicar a categoria *perejivanie* sob sua ótica, depois focou suas explicações nas situações críticas, que antecedem o processo de *perejivanie*, para que pudesse explicar de fato sobre o processo em si. Portanto, este será o cerne desta subseção.

A *perejivanie* é considerada por todos os autores estudados por Vasiliuk como um processo sujeito à determinação por objetivo. Os objetivos atribuídos a esses processos coincidem com as principais “necessidades internas” da vida: (1) a satisfação imediata; (2) realização do motivo (satisfação da necessidade); (3) estabelecimento da ordem no mundo interno e (4) autorrealização. A nomenclatura dessas necessidades varia de acordo com o autor, mas via de regra, o objetivo relacionado à *perejivanie* está ligado a

elas. Há um desejo hedonista por trás dos mecanismos de defesa, compensação ou enfrentamento, ou seja, há busca por satisfação, por prazer.

Para classificar os processos de *pereživanie* pelo objetivo, Vasilyuk (1991) explica que é a correlação entre objetivo final e objetivos intermediários/imediatos que determina as classes, sendo que qualquer uma das quatro necessidades listadas acima pode atuar como objetivo final ou como intermediário. Assim, lidamos com uma ampla gama de padrões, dos quais Vasilyuk (1991) discrimina os que mais aparecem na literatura sobre a *pereživanie*.

O autor trata das diversas maneiras existentes para se referir à *pereživanie* por meio da fórmula X/Y, em que o numerador, X, corresponde aos objetivos imediatos e o denominador da fórmula, Y, corresponde ao objetivo final do processo de *pereživanie*, sendo que os termos X e Y são substituídos pelos números (1), (2), (3) ou (4) das “necessidades internas” supracitadas. Por exemplo, se temos a fórmula 1/1, quer dizer que o objetivo imediato é satisfação imediata e o objetivo final também, há coincidência entre os objetivos. Se tomarmos a fórmula 1/2, o objetivo imediato é a satisfação imediata e o objetivo final é a realização do motivo. A figura 1 esclarece os exemplos fornecidos:

**Figura 1 – Exemplificação do processo de *pereživanie***

$$\frac{\text{Numerador } X}{\text{Denominador } Y} = \frac{\text{Objetivo imediato}}{\text{Objetivo final}}$$

$$\frac{\text{Objetivo imediato}}{\text{Objetivo final}} = \frac{1 \text{ satisfação imediata}}{1 \text{ satisfação imediata}}$$

$$\frac{\text{Objetivo imediato}}{\text{Objetivo final}} = \frac{1 \text{ satisfação imediata}}{2 \text{ realização do motivo}}$$

Vasilyuk (1991) recorre a alguns teóricos famosos da Psicologia para exemplificar como a fórmula funcionaria na teoria da *pereživanie* dele, descrevendo como a determinação por objetivo da *pereživanie* funciona. Dentre eles, destacamos Freud. Vasilyuk (1991) cita o entendimento do psicanalista sobre defesa psicológica e explica que essa concepção poderia ser denotada como 3/1. O denominador (1) é o

objetivo final dos processos de defesa que, para Freud, se refere ao princípio do prazer, enquanto o numerador (3) é o objetivo imediato de alcançar a harmonia do mundo interno. Isso decorre da ideia de deslocamento desenvolvida por Freud, que é considerada protótipo de todos os mecanismos de defesa.

O deslocamento é um meio de evitar uma desarmonia que tenha surgido na vida interna (ideacional), sendo essa dissonância uma incompatibilidade entre o ego e alguma experiência, ideia ou sentimento, como Freud considerou durante o período inicial de seu trabalho, ou uma contradição entre o consciente e o inconsciente, como ele sustentou mais tarde, ou uma contradição entre id, ego e superego, como ele formulou em 1923 [...] (Vasilyuk, 1991, p. 56, tradução nossa).

Apesar de Vasilyuk (1991) parecer buscar compreender a visão de Freud a partir da Teoria da Atividade, ao mesmo tempo, ele assume concepções como Ego, Id e Superego como base da explicação. Isso contrasta com o modelo de consciência proposto pela PHC – aspecto que será endereçado na Seção 3 – e com os níveis de consciência que ele mesmo discrimina mais adiante em seu livro – o que será abordado ainda nesta seção.

Além do exemplo de Freud, Vasilyuk (1991) utiliza também os trabalhos desenvolvidos por autores que estudaram comportamentos de enfrentamento. O objetivo deste comportamento é a realização de uma acomodação realista da pessoa ao meio para que ele possa satisfazer suas necessidades. Esse tipo de *pereživanie*(1/2), na análise de Vasilyuk (1991) tem como denominador o número (2), isto é, a realização do motivo e numerador (1), a satisfação imediata. É válido ressaltar que há diversas combinações que descrevem a determinação pelo objetivo da *pereživanie*, trouxemos as mais interessantes para ilustrar como tais combinações funcionam.

Outra classificação do processo de *pereživanie* é com relação ao seu resultado, Vasilyuk (1991) assevera que se trata de uma classificação baseada em juízo de valor, já que os processos são analisados como bem ou malsucedidos. De forma geral, o autor aceita o que está estabelecido na literatura, ou seja, que os “mecanismos de defesa” são identificados como processos malsucedidos, isso porque seus objetivos são de libertar o sujeito da discórdia entre impulsos e da ambivalência de sentimentos. No entanto, isso o impende de tomar consciência de conteúdos indesejáveis que podem lhe causar dor; e que os “processos de enfrentamento” são identificados como bem-sucedidos, pois levam ao desenvolvimento, à autorrealização e ao melhoramento da personalidade.

O psicólogo soviético afirma que as formas superiores de *perejivanie*, ou bem-sucedidas, são raramente estudadas pela psicologia. É possível encontrar na literatura alguns aspectos a respeito deste processo bem-sucedido, no entanto, trata-se de investigações insuficientes. Tendo em vista o que é possível apreender do que está sistematizado a respeito de *perejivanie* bem-sucedida e malsucedida, Vasilyuk (1991) propõe a concepção de um quadro sintético, o quadro 6.

#### Quadro6 – Características da *perejivanie* “malsucedida” e “bem-sucedida”

<b>Características</b>	<b>Defesa</b>	<b>Enfrentamento</b>
Objetivos básicos	Vida do organismo	Satisfação imediata
<b>Curso do desenvolvimento no que diz respeito</b>		
À intenção voluntária	Processos involuntários automáticos, principalmente não reconhecidos na consciência	Processos direcionados a objetivos amplamente reconhecidos em consciência, flexível
À relação da consciência com a realidade externa e interna	Negação, distorção e ocultação da realidade de si mesmo, fuga dela, autoengano	Definido para admissão e aceitação da realidade, investigação ativa da situação real
À diferenciação	Formas de comportamento que não levam em conta a situação geral	Avaliação realista da situação geral, capacidade de sacrificar um bem parcial e imediato. Capacidade de dividir a situação em pequenas tarefas potencialmente solúveis
Ao comportamento frente à ajuda externa durante a <i>perejivanie</i>	Ou nenhum esforço para procurar ajuda e rejeição da ajuda oferecida, ou desejo de colocar todo o fardo no ajudante e recusa em tentar resolver os próprios problemas	Busca ativa por ajuda e aceitação dessa ajuda
<b>Resultados, consequências e funções</b>	Pode levar a uma melhora parcial (por exemplo, diminuição localizada da tensão, integração subjetiva do comportamento, remoção de sensações desagradáveis ou dolorosas), mas ao preço da deterioração da	Os processos asseguram a satisfação ordenada e controlada de necessidades e impulsos, eles preservam uma pessoa de regressão, levam ao

	situação geral (regressão, desintegração objetiva do comportamento até, e incluindo, a neurose). Função positiva na medida em que uma rota de fuga do choque é fornecida, dando à pessoa tempo para preparação de outras formas mais eficazes de experiência.	acúmulo de experiência individual no enfrentamento dos problemas de vida.
--	---	---

(Vasilyuk, 1991, p. 61, grifos do autor, tradução nossa).

#### 2.4.1 ANÁLISE DO PROCESSO DE *PEREJIVANIE*

Até agora, a preocupação de Vasilyuk (1991) foi tratar das causas, objetivos, funções e resultados dos processos de *perejivanie* para que ele pudesse chegar à análise do processo em si. Dessa forma, nesta subseção exporemos sua investigação acerca de como a literatura da psicologia retrata a “engenharia” da *perejivanie*. Para tanto, ele divide essa questão em três partes: (1) abordagem dos “operadores” do processo de *perejivanie* – ou seja, o que pode desempenhar suas funções; (2) “discussão das dimensões técnicas do processo e as operações elementares executadas dentro de cada uma dessas dimensões” (Vasilyuk, 1991, p. 62, tradução nossa); (3) investigação da estrutura interna da *perejivanie*.

Com relação à parte (1), Vasilyuk (1991) retoma o fato de que qualquer função psicológica pode, sob certas circunstâncias, desempenhar funções compensatórias, podendo assim, executar o processo de *perejivanie*. Na literatura, de acordo com o autor, em especial no campo da psicanálise, existe uma infinidade de trabalhos que discutem as funções compensatórias e defensivas de uma ampla gama de comportamentos. A conclusão a que ele chega a partir de sua análise é que há uma “[...] gama de possíveis operadores da *perejivanie*” que incluem “[...] absolutamente todas as formas e níveis de processos comportamentais e psíquicos.” (Vasilyuk, 1991, p. 62, tradução nossa).

Com relação à parte (2), Vasilyuk (1991) afirma que “Qualquer operador de *perejivanie* produz o efeito desejado porque produz certas mudanças no mundo psicológico da pessoa em questão” (p. 62-63, tradução nossa). Entretanto, para compreender e descrever essas mudanças, o pesquisador precisa utilizar uma linguagem teórica e se embasar em uma concepção de mundo psicológico. Assim, de acordo com o

autor, quem estuda os “processos de *perejivanie*” (p. 63) ou se baseia em uma concepção já disponível ou cria uma nova. Mesmo a teoria da atividade não pode evitar esse problema, portanto Vasilyuk (1991) se propõe a enfrentá-lo utilizando o conhecimento a respeito da *perejivanie* acumulado até então na psicologia. A proposta dele é tentar sistematizar as mudanças que ocorrem no mundo psicológico e que levam uma pessoa a uma situação crítica. O autor explica que trabalha com vários paradigmas para analisar a “tecnologia da *perejivanie*”.

Um paradigma que explica tal funcionamento é o da energia. Diversas visões dentro da psicologia envolvem a energia para explicar fenômenos, entretanto, Vasilyuk (1991) assevera que do ponto de vista metodológico, tratam-se de perspectivas pouco desenvolvidas. Além disso, são teorias que apresentam aspectos paradoxais, “por um lado, sustenta-se que nenhuma energia ‘não objetiva’, energia mental como uma coisa-em-si, pode existir, mas por outro lado admite-se também a existência de excedentes de energia à procura de escoamento.” (p. 64, tradução nossa). Apesar disso, o propósito do livro não é mergulhar nessas questões, por isso, o psicólogo explica que o que ele pretende fazer é distinguir as transformações que ocorrem no mundo psicológico e, ao tratar de tais transformações, encontra-se na literatura muitas elaborações a respeito de energia, por isso ele trata brevemente sobre o assunto.

Vasilyuk (1991) analisa diversos fenômenos que envolvem energia, o primeiro deles é “a retirada de energia” de algum conteúdo da consciência. O primeiro exemplo fornecido é o processo de luto a partir da compreensão de Freud, em que ocorre uma retirada gradual da libido que era ligada à imagem da pessoa que foi perdida. O segundo exemplo é relativo ao processo de redução do nível de indução pela ótica de F. V. Berezin que consiste na remoção de ansiedade evocada por uma ameaça.

O segundo fenômeno é a descarga de energia quando há “liberação de energia dos afetos suprimidos por meio da recordação e verbalização do conteúdo deslocado” (Vasilyuk, 1991, p. 65, tradução nossa), como na catarse psicanalítica por exemplo. O terceiro fenômeno é o abastecimento de energia, ou seja, mecanismos que fornecem energia a ações, objetos e ideias. Depois, tem-se a transmissão de energia, quando há transferência de um conteúdo para outro ou quando há transformação de uma forma de energia para outra. Por fim, ainda há a geração de energia, que é o caso da catarse estética por exemplo, em que a pessoa, ao invés de descarregar algo, sente-se preenchida ou inspirada.

O segundo paradigma que explica a tecnologia da *perejivanie* é o do espaço, que é dividido pelo autor ucraniano em duas classes: Dimensões de conteúdo psicológico e Dimensões tópico-formais. Nas dimensões de conteúdo psicológico encontram-se as oposições entre inconsciente e consciente e também intrapsíquico e interpíquico. A psicanálise pressupõe a transmissão de conteúdo entre os campos antagônicos – por exemplo, no deslocamento há cruzamento de informações entre o consciente e o inconsciente, na projeção e na introjeção, há cruzamento entre interpíquico e intrapsíquico.

Além disso, ele explica que há o espaço da atividade: “Os processos de *perejivanie* são frequentemente descritos como transformando ou substituindo componentes estruturais da atividade” (Vasilyuk, 1991, p. 68, tradução nossa). Essa substituição ocorre quando duas atividades estão envolvidas no processo, sendo que elas devem ser separadas no tempo e diferir uma da outra em algum grau, e quando a última fosse capaz de resolver, mesmo que de forma parcial, problemas enfrentados pela anterior.

A atividade substituta pode diferir da original por ser transferida para outro plano (ao da fantasia, por exemplo, ao da atividade prática); pela mudança na forma de atividade (o pedido pode ser substituído pela demanda, a demanda pela ameaça); e por uma mudança para modos de comportamento geneticamente anteriores. Além da mudança na própria atividade, pode-se apontar também a mudança na meta ou objetivo imediato da atividade (Vasilyuk, 1991, p. 68, tradução nossa).

Vasilyuk (1991) explica isso com base na literatura já produzida (ele cita por exemplo Kurt Lewin e Freud) e acrescenta que, em sua visão, a substituição pode desempenhar duas funções relativas à atividade original: (a) instrumento/meio: atividade surge como forma de atingir o mesmo objetivo (exemplo fornecido: se não é possível falar ao telefone, envia-se um telegrama); (b) passar pelo processo de *perejivanie*: quando não há alternativa e a pessoa acaba se vendo em uma situação crítica, a atividade substituta aparece como forma de vivenciar aquele processo. Obs.: a mesma atividade substituta pode atuar de ambas as formas.

Nas dimensões tópico-formais, vemos a direção, dimensão que se manifesta, por exemplo, “quando a raiva é descarregada não sobre a pessoa que está causando a ofensa, mas sobre outra pessoa” (Vasilyuk, 1991, p. 69, tradução nossa). Tem-se também ampliação e redução do espaço psicológico da personalidade, o autor fornece de

exemplo de ampliação quando algo bom acontece a pessoa deve se reajustar a uma nova realidade, e de redução, fornece o exemplo de processos de autolimitação, que são “[...] muito importantes no enfrentamento da doença somática, quando os interesses da saúde exigem, ou a própria doença obriga, o paciente a abandonar planos que se tornaram irrealizáveis, a renunciar a um nível de ambição que deixou de ser realista” (p. 70, tradução nossa).

O terceiro paradigma é o temporal, que é visto com muito menos frequência que os anteriores nas descrições de processos de *pereživanie*.

Podemos nos referir a ele nas seguintes operações: Estabelecer contrastes entre os tempos [230] - ver os eventos vivenciados em relação a outros eventos reais ou possíveis no passado, presente ou futuro. Por exemplo, a reflexão consoladora de que “isso não é tão ruim, poderia ter sido pior”, “pelo menos é melhor agora do que costumava ser (ou será no futuro)” [...] (Vasilyuk, 1991, p. 70, tradução nossa).

O quarto é o paradigma genético, cujo cerne é a compreensão do eixo da vida a partir do desenvolvimento, dentro dele, podemos citar os seguintes mecanismos: regressão – da psicanálise, quando há retorno a uma fase anterior do desenvolvimento para evitar ansiedade – e catarse – referente a um processo que simultaneamente exerce o trabalho de *pereživanie* e desenvolve a personalidade.

O quinto paradigma é o informativo-cognitivo. A característica dominante de todos os processos cognitivos que são utilizados no processo de *pereživanie* é seu caráter partidário. Vasiliuk explica que isso quer dizer que eles são influenciados pela motivação do indivíduo, ou seja, trata-se de operações avaliativas e, dentre elas, ele destaca um grupo de processos que se baseia em operações de avaliação da realidade e outro em que a avaliação não é o meio real de realizar o processo de *pereživanie*. Diante disso, distingue-se duas dimensões dentro deste paradigma: a da “avaliação” (caráter mais subjetivo e parcial) e a da “interpretação” (caráter mais objetivo e imparcial).

Os mecanismos avaliativos intrapsíquicos são aqueles que visam diminuir o nível de “dissonância cognitiva” que é evocada pela tomada de decisão. Exemplo ilustrativo:

Como mostram os experimentos feitos por Leon Festinger e seus colegas de trabalho, depois de escolher uma das duas alternativas quase igualmente atraentes, os sujeitos experimentais apresentaram um processo de reavaliação em que elevam sua avaliação da alternativa escolhida e baixavam a da rejeitada,

reduzindo assim a dissonância cognitiva, fenomenalmente sentida como um sentimento de arrependimento (Vasilyuk, 1991, p. 73, tradução nossa).

Já os mecanismos avaliativos interpessoais são representados por dispositivos que objetivam manter ou elevar a autoavaliação, a avaliação de si feita por outras pessoas, o senso de valor pessoal, a dignidade e etc. Vasilyuk (1991) cita como exemplos a ostentação e o sarcasmo.

Quanto aos mecanismos interpretativos, esses podem assumir uma dimensão intelectual (operações intelectuais que ajudam o processo de *preejivanie*), tais quais a comparação, a generalização, a inferência e a racionalização – “a atribuição de razões lógicas, ou fundamentos respeitáveis, a comportamentos para os quais os motivos reais são inaceitáveis ou desconhecidos, ou como justificação, para os outros ou para si mesmo, da própria insuficiência.” (Vasilyuk, 1991, p. 73, tradução nossa), e uma dimensão perceptiva, que surge quando se está apreendendo eventos (mecanismo de negação), apreendendo outras pessoas (mecanismo de projeção) ou a si mesmo (identificação – quando a pessoa consegue enxergar aspectos de outra nela mesma).

Com relação à parte (3), que concerne à investigação da estrutura interna da *perejivanie*, Vasilyuk (1991) explica que não se trata de um mecanismo único que opera no processo da *perejivanie*. Na verdade, há um sistema de mecanismos criado para tanto. No entanto, mesmo assumindo isso, vários autores sustentam esperanças ilusórias de tentar descobrir um “conjunto abrangente de ‘elementos principais’ defensivos ou compensatórios a partir dos quais os sistemas são construídos” (p. 75, tradução nossa). Como se houvesse uma ordem estabelecida que o processo seguirá. Trata-se de uma ilusão, pois tal noção parte do mesmo pressuposto de Watson (e outros reflexologistas), a saber, a busca pelo “átomo” do comportamento, ou seja, aquelas pequenas partes que podem ser utilizadas para “montar” qualquer tipo de comportamento, assim supõe-se que “[...] o pensamento teórico sobre os processos de *perejivanie* evoluirá da mesma maneira que no estudo psicológico do comportamento, as ideias reflexológicas de movimento levaram à fisiologia da atividade de N.A. Bernshtein.” (Vasilyuk, 1991, p. 75, tradução nossa).

O autor explica que, na verdade, deve-se compreender os mecanismos que fazem parte do processo de *perejivanie* como órgãos funcionais, “como certas organizações construídas para realizar os objetivos de um processo de experiência real” (Vasilyuk, 1991, p. 76, tradução nossa). E acrescenta que quando uma pessoa passa pelo processo em questão e forma determinados mecanismos de *perejivanie*, esse caminho pode

acabar se tornando a maneira habitual com que esta pessoa lida com problemas severos. Vasilyuk (1991) concluí que apesar de haver as variações possíveis nesse processo, há semelhanças quando casos reais são comparados, como a existência de uma fase de negação por exemplo<sup>26</sup>.

#### 2.4.2 PROBLEMATIZANDO O MÉTODO E METODOLOGIA DECLASSIFICAÇÃO DOS PROCESSOS DE *PEREJIVANIE*

Vasilyuk (1991) afirma que, sintetizando o que ele aborda em seu livro, é possível notar que o material produzido a partir de metodologias empíricas relativo aos processos de *perejivanie* são vastos e variam bastante. Por isso, ele aponta para a necessidade de estabelecer uma classificação a respeito deles. No entanto, os autores que tentaram classificar os fenômenos em questão falharam. Vasilyuk (1991) entende que eles falharam porque estavam olhando para esse problema e buscando por uma “lista ‘correta e completa’ dos processos de *perejivanie*[...], baseando-se em uma suposição insatisfatória de que os processos e mecanismos de *perejivanie* são entidades substantivas, autossuficientes e naturalmente formados [...]” (p. 77, tradução nossa).

O autor entende que as metodologias empíricas, que são predominantes no que tange os processos de *perejivanie*, são importantes em um primeiro momento para sistematizar as informações existentes em grupos a partir de generalizações. No entanto, deve-se focar no objetivo final da ciência, que não é elaborar teses cada vez mais abstratas e genéricas, mas sim produzir uma ótica concreta. Portanto, Vasilyuk (1991) explica que seu objetivo é ascender do abstrato ao concreto, estabelecendo assim que irá se basear no método desenvolvido por Marx.

---

<sup>26</sup> Ainda carecemos de compreensões a respeito dos mecanismos de defesa por meio do materialismo histórico-dialético da PHC, tentaremos abarcar essa questão na Seção 3.

### 2.4.3. ANÁLISE DAS REGULARIDADES DO PROCESSO DE *PEREJIVANIE*: A CONSTRUÇÃO DE UMA TIPOLOGIA DE “MUNDOS VIVIDOS”

Vasilyuk (1991) estabelece a elaboração de uma tipologia que categorize as formas de vida existentes como necessidade para compreender os processos de *perejivanie* a partir da teoria da atividade de Leontiev. Ele explica que

Se pudéssemos isolar e descrever formas particulares de vida e estabelecer suas leis ou “princípios” imanentes, então claramente essas leis determinariam essencialmente não apenas os processos de vida “normais”, mas também os processos de vida que ocorrem em condições extremas, ou seja, os processos de *perejivanie*. Em outras palavras, para cada forma de vida há um tipo correspondente de *perejivanie* e, assim, para elucidar as regularidades fundamentais dos processos de *perejivanie*, devemos primeiro estabelecer as regularidades psicológicas fundamentais da vida e categorizar as “formas de vida”. (Vasilyuk, 1991, p. 83-84, tradução nossa).

Vasilyuk (1991) recua alguns passos para poder endereçar a tipologia proposta e explica o que é a vida e o que é a atividade na teoria da atividade de Leontiev. Partindo da lógica que Leontiev partiu para construir seu pensamento, Vasilyuk (1991) nos apresenta o conceito de vida em sua forma universal, aquele que está ligada aos aspectos biológicos que o definem, assim a vida seria uma interação de corpos organizados de determinada forma. Ele segue dizendo que

A especificidade desta interação, distinta das interações da natureza inanimada, é que ela representa uma condição essencial de existência para um dos corpos que interagem (o corpo vivo) e, além disso, é de natureza ativa e orientada para o objeto. Os processos específicos que constituem este lado da interação são os processos de atividade (Vasilyuk, 1991, p. 84, tradução nossa).

Dessa maneira, o autor não enxerga a atividade como algo que foi adicionado à vida, mas entende que aquela é a unidade substancial desta. O ponto nevrálgico para o conceito de atividade em Leontiev, de acordo com Vasilyuk (1991), é o motivo. Para Leontiev, o motivo é o objeto – concreto ou ideal – que estimula a atividade. Quando Leontiev tratou dessa concepção de motivo, ele foi rechaçado por uma ampla gama de pesquisadores, cuja tese principal era a de que “um objeto de necessidade não é em si

capaz de estimular e dirigir a atividade por parte de uma pessoa, isto é, não é o motivo da atividade” (Vasilyuk, 1991, p. 86, tradução nossa).

Vasilyuk (1991) defende a concepção desenvolvida por Leontiev, explicando que tal concepção

não pretende abarcar toda a variedade de fatos possíveis relativos à estimulação da atividade individual; sua natureza lógica é a de uma abstração, e uma abstração de ordem bastante elevada, isto é, uma afirmação a partir da qual um longo caminho de “ascensão” teórica deve ser percorrido para nos levar a casos concretos. Isso não quer dizer que a afirmação em si [...] não contenha alguma verdade concreta; a fórmula em discussão, como qualquer lei abstrata, coincide com o estado de coisas real ou concreto, mas apenas quando certas condições são cumpridas. (Vasilyuk, 1991, p. 86-87, tradução nossa).

Diante disso, Vasilyuk (1991) afirma que irá discutir quais condições são essas e explica que a ontologia que proporciona sustentação para essa teoria de Leontiev é uma oposta àquela admitida pelos críticos supracitados. Há a ontologia do mundo vivido e a ontologia do indivíduo isolado. Quando se trata desta última, referente à ontologia adotada pelos críticos de Leontiev, tem-se, por um lado, um ser separado do mundo e, por outro, objetos que existem em si mesmos, a atividade que conecta o sujeito e o objeto ainda está no futuro.

É apenas dentro da estrutura da ontologia do mundo vivido – há inúmeros sinônimos, como a ontologia vital, ontologia da existência humana... –, que a ideia de Leontiev pode ser compreendida corretamente. “Assim como a própria atividade é uma *unidade* da vida, sua principal causa constituinte – o objeto da atividade – é uma *unidade do mundo*.” (Vasilyuk, 1991, p. 89, tradução nossa).

Para dar seguimento à discussão, Vasilyuk (1991) aponta a importância de distinguir “coisa” de “objeto”, da mesma forma que Leontiev faz, um objeto não é algo que está fora do circuito vital do indivíduo, é algo que foi absorvido pelo ser do sujeito, ou seja, passou pelo processo de subjetivação antes de qualquer processo de apropriação ideal. Para compreender o significado da proposição de que o objeto é o motivo verdadeiro da atividade, é preciso que esteja claro que não é possível encontrar um ser vivo antes e fora de suas relações e interconexões com o mundo. Esse mundo concreto não é o mesmo estudado pela física por exemplo, mas é o **mundo vivido**, “é a nossa imagem ontológica primária” (Vasilyuk, 1991, p. 90, tradução nossa).

Basear uma teoria psicológica na afirmação de que o objeto é o motivo da atividade é partir da convicção de que a vida é, em última análise, determinada pelo mundo. Neste estágio inicial de construção teórica não há diferenciação das funções reais desempenhadas pelo motivo (estimulação da atividade, direção da atividade, formação do sentido), ainda não estamos falando das várias formas de mediações ideacionais envolvidas na iniciação e regulação da atividade concreta por parte de uma pessoa real, concreta – tudo isso acontecerá mais tarde, não é disso que partimos, mas a que chegaremos, “ascendendo” do abstrato ao concreto. (Vasilyuk, 1991, p. 90, tradução nossa).

Tendo o que foi dito em mente, em seguida nos deteremos de fato a compreender quais condições devem existir em um mundo vivido se a ideia abstrata de atividade como processo estimulado pelo objeto de necessidade for possível, isto é, se coincidir com uma atividade concreta.

Dentre as condições necessárias, Vasilyuk (1991) salienta que existe uma básica que é a simplicidade desse mundo vivido. A vida pode ser constituída por várias atividades interligadas, mas também é possível pensar em uma criatura que tenha apenas uma necessidade e uma única relação com o mundo. Nesse caso, o mundo interno dessa criatura será **simples** e sua vida consistirá em uma atividade.

Para tal criatura, nenhum conhecimento da dinâmica de sua própria necessidade é necessário. Pois a necessidade, sendo a única necessidade, será em princípio insaciável e, portanto, sempre operante: para tal criatura, o processo de satisfação de necessidades é o mesmo que viver, de modo que psicologicamente não pode ser concluído (embora possa, é claro, chegar ao fim; mas seu fim seria equivalente à morte). (Vasilyuk, 1991, p. 91, tradução nossa).

Podemos também assumir que o mundo externo dessa criatura é fácil, o que quer dizer que consiste em um único objeto. Esse único objeto, de acordo com Vasilyuk (1991), teria que ser um caldo nutritivo que envolve a criatura e que é o objeto que sacia sua única necessidade, ou seja, “[...] nenhuma reflexão ideacional dele na mente é necessária antes que esse objeto possa estimular e dirigir a atividade do indivíduo” (Vasilyuk, 1991, p. 91, tradução nossa).

O autor acrescenta as outras possibilidades existentes para conceber as tipologias de mundos vividos. Os mundos vividos têm aspectos relativos ao mundo interno – que pode ser complexo ou simples – e ao mundo externo – que pode ser fácil ou difícil. O esquema ilustrativo corresponde ao conteúdo do quadro 7.

### Quadro7 – Tipologia dos mundos vividos

Mundo vivido		Mundo interno	
		Simple	Complexo
Mundo externo	Fácil	1	3
	Difícil	2	4

(Vasilyuk, 1991, p. 91, tradução nossa).

Antes de explicar cada um desses tipos de mundo vivido, Vasilyuk (1991) se detém nas categorias que os definem. A primeira delas é o conceito de mundo vivido que, de acordo com ele, foi melhor trabalhada por Kurt Lewin. Lewin sustentou que o mundo físico é previsível, ele pode ser compreendido através das leis da física e vários aspectos podem ser literalmente previstos. Assim, trata-se de uma oposição às características do mundo psicológico. Além disso, existe um mundo externo ao psicológico que o influencia diretamente, dessa forma não há como prever o que acontecerá no mundo psicológico através de leis psicológicas – é um mundo aberto.

Em nossa análise, discordamos da existência de simplicidade da forma como Vasilyuk (1991) a coloca. Além disso, ele não apresenta a existência de gradação, há apenas polos opostos, mas entre o que é simples e complexo, não há possibilidade de haver algo, da mesma forma que não há possibilidade de níveis intermediários entre o que é fácil e difícil. Traço característico de uma visão esquematista e mecanicista.

Entretanto, Lewin apontou que essa “abertura” do mundo psicológico inviabilizaria a possibilidade de entendê-lo como mundo e, para tentar resolver esse impasse, ele utilizou uma fórmula matemática – que Vasilyuk (1998) classifica como ineficaz, já que não atingiu seu objetivo. Portanto, o autor russo propõe a discussão de conteúdo. Assim, ele explica que

[...] no raciocínio de Lewin sobre o mundo físico há uma imprecisão vital (apesar de ele mesmo ter visto o perigo disso) – a de identificar implicitamente o mundo físico e a natureza como um todo, o universo. A presença de coisas como edifícios e biocenoses, que sem dúvida têm existência física, pode ser descrita em termos dos processos físicos que os colocam lá, mas não pode ser explicado ou previsto como inevitável nem mesmo pelo conhecimento absoluto de todas as leis físicas, mesmo com o fato de que essas leis não foram de forma alguma

infringidas quando essas coisas passaram a existir. Assim, de acordo com o critério de “previsibilidade” do próprio Lewin, o mundo físico, como o psicológico, é aberto, ou seja, pode ser influenciado por influências de reinos não físicos cujas regularidades não podem ser compreendidas pela visão física da realidade. Mas tal influência opera de maneira inteiramente física, de acordo com as leis físicas, apenas por meios físicos, e nesse sentido – em vista da ausência do mundo físico de eventos e fenômenos alheios a ele – é fechado, sem nada externo, já que qualquer processo de outra ordem, não tendo corporificação física, não deixa vestígios no mundo físico, não o afeta (Vasilyuk, 1991, p. 93, tradução nossa).

Dessa forma, a conclusão a que ele chega é que tanto o mundo físico quanto o psicológico são ao mesmo tempo aberto e fechados. Apesar de o mundo psicológico não conhecer nada que não seja psicológico, aparecem fenômenos especiais de tempos em tempos que têm alguma relação com algo não psicológico, algo que não poderia ser gerado pelo mundo psicológico – como dificuldade e dor. A aparência desses fenômenos é de fato psicológica, mas sua essência é de ordem alienígena que não obedece às leis daquele mundo. “[...] os fenômenos de dificuldade e dor trazem ao mundo psicológico originalmente homogêneo uma diferenciação entre o que é interno e o que é externo, ou para ser mais exato, o externo aparece dentro do mundo psicológico nos fenômenos de dificuldade e dor” (Vasilyuk, 1991, p. 94, tradução nossa).

Vasilyuk (1991) está analisando o processo de diferenciação pelo qual os bebês passam ao começar a entender que há limites entre eles e o mundo, ou seja, o autor está tratando de uma etapa do processo de desenvolvimento psíquico que culminará na formação de algo que Vygotski (1995) chama de consciência de si – no entanto, vale a ressalva, por conta das diferentes bases epistemológicas utilizadas pelos autores, não é possível dizer que a noção de consciência de si em Vasilyuk (1991) é a mesma que em Vygotski (1995).

Vasilyuk (1991) explica que, visto de fora, o mundo externo fácil é aquele em que há provisão completa para o sujeito e o difícil é aquele em que há obstáculos para a obtenção de objetos de necessidade. O mundo interno simples é aquele em que há “ausência de estruturação supra-orgânica e conjunção de instâncias de vida separadas” (Vasilyuk, 1991, p. 95, tradução nossa). Uma pessoa pode ter muitas relações com o mundo, mas se ela entende essas relações como um todo subjetivamente indiferenciado

(mundo interno: todo sem partes) ou se as relações são desconexas (partes sem todo), tem-se ainda um mundo interno simples.

O autor afirma que a descrição da tipologia dos mundos varia de acordo com sua organização no espaço e no tempo. Os aspectos temporais serão descritos separadamente de acordo com o mundo a que se refere: o externo e o interno.

No que diz respeito ao seu aspecto externo, a principal característica observada será a presença ou ausência de “extensão”, aqui utilizada para denotar distância espacial (dos objetos de necessidade) e duração do tempo necessário para percorrer essa distância. “Extensão”, claramente, é uma transferência para a dimensão espaço-temporal do conceito “dificuldade”, ou a expressão desse conceito em categorias espaço-temporais: pois quaisquer que sejam as dificuldades reais da vida – se os bens estão fora de alcance espacialmente, ou ocultos, ou bloqueados por obstáculos – todos eles chegam à mesma coisa, pois significam que as necessidades do indivíduo não podem ser satisfeitas diretamente, exigem que o indivíduo faça **esforços** para superá-las; assim, todos eles podem ser reduzidos a uma escala convencional de medição – “extensão” (Vasilyuk, 1991, p. 95, tradução nossa).

Já o aspecto interno se relaciona com o grau de estruturação encontrado no mundo interno, ou seja, presença ou ausência de “conjunção” ou integração subjetiva de diferentes unidades da vida. O autor define conjunção como “[...] vínculos subjetivos de consecução entre atualizações de várias relações.” (Vasilyuk, 1991, p. 96, tradução nossa).

Para concluir esse raciocínio, o psicólogo afirma que

Devemos ver cada um dos tipos na tipologia sugerida acima tanto como uma representação de uma seção particular da realidade psicológica e, ao mesmo tempo, como um padrão para auxiliar a compreensão. Esses padrões são estritamente definidos, formalmente falando, pelas categorias que os determinam, mas podem ao mesmo tempo ser preenchidos com conteúdo fenomenológico vivo. Esses dois aspectos tomados em conjunto tornam nossos tipos em instrumentos úteis de maneira única no pensamento psicológico. Os tipos são algo como modelos vivos que, embora claramente dotados de realidade psicológica, podem ser efetivamente usados para fins cognitivos graças à definição do ponto de vista categórico (Vasilyuk, 1991, p. 96, tradução nossa).

Passamos para a análise do mundo vivido interno simples e externo fácil. Ratificamos o exemplo que foi supramencionado, o mundo simples e fácil é aquele em que existe uma criatura com apenas uma necessidade, que vive sob circunstâncias que fazem com que seu objeto de satisfação esteja sempre à disposição, diretamente em contato com ela. Assim, não há distância nem atividade separando a necessidade de seu objeto. Nesse caso, o mundo interno e o mundo externo se fundem, isso pois não há nada no mundo psicológico daquela criatura que sinalize a existência de um mundo externo. Estritamente falando, não seria possível nem denominar tal criatura de sujeito, já que não exerce atividade e, assim, não se diferencia de seu objeto.

Com relação ao espaço-tempo desse mundo, a facilidade, nesse quesito, deve ser compreendida como ausência de qualquer extensão no aspecto externo do mundo, isto é, não existe distância no espaço – para a criatura que existe nesse mundo, não existe lá – e nem duração de tempo – o tempo é agora, é imediatamente. Vasilyuk (1991) discrimina essa situação como “no-lugar-e-imediatamente” (p. 97, tradução nossa).

Quanto à simplicidade também observada a partir do espaço-tempo, trata-se de uma absorção total na relação de vida que está acontecendo, “anexo total ao ponto dado no espaço e no tempo” (Vasilyuk, 1991, P. 97, tradução nossa). Não há distinção entre “isso” e “além” no espaço interno, existe apenas um todo-suficiente. O tempo interno não tem uma conexão sequencial, não existe “agora” ou “depois”. Vasilyuk (1991) discrimina essa situação como “para-sempre-um” (p. 98, tradução nossa).

Depois de ter compreendido a esfera espaço-temporal, Vasilyuk (1991) se volta para a explicação da “atitude para com o mundo apropriada para tal existência<sup>27</sup>” (p. 98, tradução nossa). O psicólogo admite que é estranho teorizar a respeito da atitude da criatura em questão para com o mundo, até porque, estritamente falando, não é possível nem supor que ela tenha psiquismo – todas as funções psicológicas possíveis são dispensáveis a ela. Apesar disso, ele segue afirmando que é preciso considerar a atitude

---

<sup>27</sup>O autor explica, em nota, que “Nossa descrição de um mundo vivido é construída em várias camadas, mediando umas às outras. A primeira define as condições existenciais da vida — existem bens ou não, existe alguma conexão entre diferentes atividades ou não, etc. A segunda camada, que trata do espaço e do tempo, traduz as condições dadas na linguagem das definições de espaço/tempo. Ela medeia a passagem da descrição puramente existencial para a fenomenológica, na qual descobrimos a estruturação tempo/espaço da consciência que corresponde a tal existência. Não estamos aqui considerando a questão de saber se tal consciência existe, mas apenas de quais seriam seus horizontes se existisse. Essa camada de descrição trata da consciência, mas não de toda ela, apenas de seu estrato existencial. Essa camada fenomenológica é pré-eventual, ela nos dá apenas as condições de movimento para processos psicológicos diferenciados, que são seguidos na última camada psicológica ou nível de descrição.” (Vasilyuk, 1991, p. 144, tradução nossa).

imane de dessa criatura em relação ao mundo para que possa haver uma descrição psicológica contundente dessa existência.

Nota-se, aqui, que a passividade da criatura com relação à ideia de passado ou de presente é reduzida a apenas existir através deles. Pensando nisso, “[...] o princípio do prazer é o princípio central da sensação de mundo própria do mundo fácil e simples vivido; o prazer seria o objetivo e o valor mais alto de tal vida se fosse conscientemente construído e vivido.” (Vasilyuk, 1991, p. 99, tradução nossa). Entretanto, se a possibilidade de privação é vislumbrada pela criatura, o resultado seria um mundo de pura dor, portanto “o desprazer (que instantaneamente se transforma em horror de pânico, devido às características de tempo e espaço peculiares a este mundo) é o princípio e o sinal da morte.” (Vasilyuk, 1991, p. 99, tradução nossa).

Estabelecidas as características do mundo em questão, Vasilyuk (1991) parte para a construção de um protótipo concreto dele. Os exemplos concretos que se encaixam melhor na tipologia 1 são a vida de um feto ou de um bebê – mesmo que o bebê tenha essa experiência em bem menor grau. Essas condições de vida por que passam todas as pessoas produzem sua sensação de mundo e formam o fundamento infantil da consciência. O autor explica que, depois do “trauma do nascimento” (Vasilyuk, 1991, p. 100), a criança passa a sofrer uma série de privações temporárias, entretanto ela não tem essa noção de que vão passar, assim Vasilyuk (1991) afirma que, pelo que se pode julgar a partir do choro e dessas suposições, a sensação de mundo do bebê é inteiramente tomada por essa dor.

De acordo com Vasilyuk (1991), a estrutura interna do mundo psicológico da primeira infância é composta por relacionamentos indiferenciados, que formam uma espécie de massa amorfa, de modo que os eventos em uma parte da massa se espalham sem impedimentos para todas as suas outras partes.

Nesse mundo vivido tomado de forma ideal, não há espaço para *perejivanie*, isso porque não há contradições, portanto não existem situações em que a *perejivanie* se faz necessária. Mesmo que a existência da criatura idealizada deixe de ser simples e fácil e mesmo que situações que exijam o processo de *perejivanie* surjam, a criatura que se desenvolveu no mundo vivido descrito não foi preparada para passar por esse processo. Vasilyuk (1991) explica que passar pelo processo de *perejivanie* exige uma premissa essencial: “a ocorrência de transformações ideacionais do mundo psicológico” (p. 101, tradução nossa). A ausência de atividade impossibilita a *perejivanie* por parte da criatura. A única forma que a criatura tem de reagir a uma situação crítica é por

transformações dentro do corpo, ou seja, trata-se de reações fisiológicas ao estresse. Diante disso, Vasilyuk (1991) coloca um questionamento importante

Isso significa que não há processo de tentativa de superação de situações difíceis<sup>28</sup> que seja próprio do mundo fácil e simples e que obedeça às leis desse mundo, isto é, antes de tudo, ao princípio do prazer? Não, não significa, porque o mundo infantil e suas regularidades não desaparecem quando as condições existenciais que o produziram desaparecem, e as regularidades desse mundo podem determinar os processos em questão (p. 101, tradução nossa).

Assim, entende-se que quando se passa pela experiência simples e fácil, uma formação existencial se constrói – Vasilyuk (1991) a denomina infantilismo. Para o autor, tal formação não pode ser removida da consciência, mesmo quando o mundo vivido não é mais fácil e simples. Essa permanência do infantilismo se explica da seguinte forma: em qualquer mundo vivido, até nos mais complexos e difíceis, “[...] por mais poderosos e multiformes que sejam os ‘órgãos’ da ação externa e mental que ele [mundo] fez se desenvolver, com suas estruturas fenomenológicas correspondentes – em todo mundo, ainda permanece a ‘vitalidade’ primordial representada atômica e por um ato que satisfaz diretamente uma necessidade.” (Vasilyuk, 1991, p. 101, tradução nossa).

Os atos de consumo podem ser radicalmente transformados em diferentes tipos de mundos vividos, entretanto, eles retêm o resíduo vital que é regido pela lei do prazer. Portanto a estrutura infantil é reproduzida pela satisfação de qualquer necessidade. Diante disso, Vasilyuk (1991) continua explicando que essa existência contínua do infantilismo tem como consequência a existência de uma atração pela existência fácil e simples. Essa atração é caracterizada pelo desejo de satisfação imediata que não exige esforços, “aqui-e-agora”<sup>29</sup> (p. 102, tradução nossa) e pelo

o desejo de possuir o objeto de necessidade tão completamente (mesmo perder o eu dentro dele, identificar-se com ele) que a relação de vida efetivada no caso

---

<sup>28</sup> Aqui, temos uma questão a ser esclarecida no que concerne à tradução deste excerto. O autor fala um pouco mais acima que nesse mundo não há espaço para processos de *perejivanie*, porém nesse trecho, ele fala que existem outros processos pelos quais a criatura desse mundo passa e se refere a esses processos com o mesmo termo “Переживания” que se refere ao termo “*perejivanie*”, mas ele claramente não está falando da mesma categoria. Isso provavelmente ocorre porque “Переживания” é um termo que tem uma ampla gama de significados na língua russa. Portanto escolhi traduzir “Переживания” como “processo de tentativa de superação de situações difíceis” que será qualificado como “defesa” na sequência.

<sup>29</sup> “A diferença entre “no local e imediatamente”, categoria explicada anteriormente, e “aqui-e-agora” está no isolamento hermético da estrutura “no local e imediatamente” em si mesma. É duplamente “aqui” e “agora”, por assim dizer, não apenas desprovido de qualquer conexão positiva com outros pontos no espaço e no tempo, mas sem qualquer contraposição a eles.” (Vasilyuk, 1991, p. 144, tradução nossa).

dado preencherá todo o horizonte do mundo psicológico, criando uma impressão de unidade e, assim, causando outras relações, e possíveis consequências para elas, dessa necessidade-satisfação, ser esquecido (Vasilyuk, 1991, p. 102, tradução nossa).

O autor afirma que a atitude infantil busca restauração da sensação de mundo feliz, mas não da existência simples e fácil. Tendo isso em mente, Vasilyuk (1991) explica sobre o processo de superação determinado por essa formação existencial.

Quando a existência fácil e simples é rompida, o estado emocionalmente neutro primordial da proto-vida adquire uma poderosa carga emocional positiva, em contraste com o horror do pânico evocado pelo rompimento. A atitude infantil nascida naquele momento “reconhece” dois estados de ser – um “fácil” e um “difícil” (ou mais precisamente, um “impossível”) [...] ele os reconhece e instantaneamente absorve essa polaridade de afeto, que, por assim dizer, desenha um vetor de pulsão dominante no mapa fenomenológico de seu mundo. Vista de dentro da atitude infantil, como em geral de qualquer posição fenomenológica, existência e consciência são indistinguíveis e a existência fácil e simples é identificada apenas pela sensação de mundo “bem-aventurada”, e assim a atitude infantil sobrecarrega o psiquismo com um anseio por essa sensação, independentemente de a sensação ser adequada caso seja alcançada, se é existencialmente prevista, se é garantida para durar por algum tempo, qual será o preço por ela em termos de consequências, e assim por diante. Essas questões não surgem sequer na consciência infantil (Vasilyuk, 1991, p. 102-103).

Esse excerto se faz importante porque é possível notar mais uma vez o processo de aproximação a concepções idealistas, pois o autor trata de uma força abstrata, uma pulsão, e a personaliza como possuidora de vontades. Portanto, trata-se de mais um ponto de afastamento de uma Psicologia concreta.

Vasilyuk (1991) afirma que compreende que a superação determinada pelo infantilismo surte mudanças no mundo psicológico. Seu objetivo é atingir estados emocionais positivos e evitar os negativos, ou seja, são processos não-realistas que se subordinam a impulsos (é o que ele chama de experiência hedonista).

Para concluir esta seção, Vasilyuk (1991) afirma que ao tomar o que ele explicou referente às diferenças entre processos de enfrentamento e processos de defesa, conclui-se que os processos de superação que acontecem no mundo tipo 1 são de defesa. O autor entende que ainda não finalizou sua ascensão ao concreto, uma vez que ainda é difícil

relacionar o que ele desenvolveu teoricamente até aqui com fatos empíricos, portanto, ele se propõe a fazer uma “injeção” de conhecimentos empíricos baseados nas abstrações empreendidas no livro.

A partir daqui, traremos a compreensão de Vasilyuk (1991) do mundo interno simples e externo difícil. Dizer que um mundo externo é difícil na teoria desenvolvida por Vasilyuk (1991) é assumir que, nele, há barreiras externas que impedem a satisfação de necessidades e, para continuar vivendo, o organismo precisa superar essas barreiras. Em um mundo vivido interno simples e externo difícil forma-se um reflexo psicológico referente a cada situação em que o organismo precisa superar uma dificuldade. Faz-se importante salientar que Vasilyuk (1991) ratifica que cada situação é diferente, por isso o reflexo psicológico precisa ser formado em cada uma delas atendendo às suas necessidades, para ele, não levar essa diferença em consideração é incorrer em reducionismos, como é o caso das concepções behavioristas de Thorndike e de Skinner (Vasilyuk, 1991).

Seguindo com a qualificação do mundo vivido em questão, o autor aponta a existência de uma neoformação essencial para que haja vida nesse mundo: uma atividade externa orientada a objetos e mediada pelo psiquismo. Com relação ao espaço-tempo nesse mundo, Vasilyuk (1991) explica que há duas dimensões novas nesse mundo vivido: distância no espaço (lá) e duração no tempo (depois) – ou seja, há extensão. Ainda com relação ao aspecto externo, pode-se compreendê-lo fenomenologicamente como “aqui-e-aí” espacialmente – o que indica que há espaços diferentes – e “agora-e-depois” – que indica que há tempos sucessivos – temporalmente.

Porém, não há articulação e estruturação da vida **interna**. Para fins de teorização, o autor assume que a simplicidade interna é igual a uma suposta uniformidade, ou seja, admite que o organismo do mundo em questão tenha apenas uma necessidade, uma relação de vida. Essa simplicidade é expressa como “isto-sempre”. Como há a identificação de uma atividade com a vida como um todo (pois é a única necessidade), cada obtenção de objeto é tida como algo determinante, como vida ou morte. Para atingir seu objetivo, o organismo fará qualquer coisa, qualquer risco ou sacrifício é aceitável.

Diante dessa realidade, o sentido do mundo externo é simplificado ao máximo, isso quer dizer que tudo é entendido em termos de ser útil ou prejudicial em relação à necessidade do indivíduo. A regra básica geral que permite a satisfação da necessidade é

refletir a realidade adequadamente, pensando de que modo a atividade pode ser estruturada de acordo com a realidade – nota-se que há subordinação à realidade.

Pensando nessa subordinação Vasilyuk (1991) traz para a discussão a questão de qual seria a relação existente entre o princípio da realidade e o do prazer. Ele pontua que ambos eram conhecidos na filosofia e mesmo na psicologia bem antes de a psicanálise existir. Freud delimita o significado desses dois princípios, explicando que o princípio do prazer, do ponto de vista da autopreservação, é ineficiente e até perigoso. Porém, quando os instintos de autopreservação do organismo entram em ação, esse princípio é substituído pelo da realidade. Essas definições estão presentes no livro de Freud “Além do princípio do prazer”, cuja edição russa foi prefaciada por Vigotski e Luria. De acordo com Vasilyuk (1991) os autores avaliam que as informações fornecidas por Freud são um tanto quanto óbvias. Apesar disso, Vasilyuk (1991) assevera que ainda há muitas questões a serem endereçadas.

A primeira delas (a) é a respeito do grau de independência que deve ser atribuído ao princípio da realidade, isso porque o autor ucraniano afirma que Freud não deixou isso claro: “Em alguns casos, ele chamou o princípio da realidade de uma modificação do princípio do prazer, enquanto em outras vezes ele disse que o princípio da realidade substitui ou sucede o princípio do prazer.” (Vasilyuk, 1991, p. 107, tradução nossa). Para Vasilyuk (1991), Freud dá a impressão de que o princípio da realidade serve o do prazer e não é independente dele, o que é em certo sentido verdadeiro para o autor ucraniano. Ele ainda acrescenta que

Manter a realidade é tão importante que, sem ela, a vida em um mundo difícil simplesmente não seria possível, assim certamente deve-se supor que as compulsões situacionais, para se curvar à realidade, mais cedo ou mais tarde, produzirão um “conjunto” geral e supra situacional<sup>30</sup> em direção a fazê-lo. Geneticamente, é claro, esse “conjunto” se desenvolve sob a influência do princípio do prazer e [...] ele extrai sua energia dos processos vitais apropriados ao princípio do prazer, mas no final esse cordão umbilical é rompido e uma nova lei, não redutível a termos de qualquer outra coisa, faz sua aparição no mundo vivido – o princípio da realidade (Vasilyuk, 1991, p. 107, tradução nossa).

A segunda questão (b) diz respeito ao esclarecimento dos mecanismos psicológicos internos que garantem que o princípio da realidade seja seguido. O

---

<sup>30</sup> Vasilyuk (1991) caracteriza como supra situacionais categorias ideais e como situacionais categorias concretas.

princípio da realidade tem duas faces: uma voltada para fora que se manifesta no desejo de fazer com que os movimentos externos correspondam adequadamente às condições objetivas da situação, por meio de uma reflexão mental precisa dessas condições; enquanto a segunda é voltada para dentro – a face da paciência – e cujo objetivo é conter possíveis explosões emocionais que, por conta da simplicidade do mundo interno, “ameaçam continuamente aniquilar em um surto caótico toda a complexa organização da atividade que deve alcançar, eventualmente, a satisfação da necessidade” (Vasilyuk, 1991, p. 108, tradução nossa), quando certa necessidade não é satisfeita.

Vasilyuk (1991) explica melhor sua visão a respeito dos princípios em questão para poder se aprofundar no espaço e no tempo do mundo externamente difícil. Dessa forma, ele volta para a caracterização fenomenológica desses dois aspectos, a saber “aqui-e-ali” e “agora-e-depois”. O que é possível inferir partindo dos aspectos mencionados, é que o objeto da necessidade pode estar em contato direto com o sujeito ou não, bem como pode ser “colocado” ou “removido” ao longo do tempo. A questão mais importante na distinção entre o mundo fácil e o difícil é o fato de que o sujeito percebe o mundo de formas diferentes e, graças a isso, o mundo psicológico torna-se mais amplo e diferenciado que o infantil (aquele presente no mundo fácil). “Se simplificarmos e racionalizarmos ao máximo, podemos dizer que o fracasso em satisfazer a única necessidade que compõe todo o mundo do sujeito seria sentido como o fim dessa vida, como a morte, se o sujeito não soubesse que ‘lá’, em algum lugar, é a fonte da vida, e que ‘mais tarde’, em algum momento, pode ser alcançada.” (Vasilyuk, 1991, p. 108, tradução nossa).

Quando não se conhece a possibilidade do “lá” e do “depois”, a emoção do sujeito oscila entre felicidade e horror, mas quando as formas de tempo e espaço estão presentes, é possível diferenciar os afetos básicos: há segurança em situações futuras boas, o desespero diante do fracasso, a esperança ou o medo diante de casos intermediários. Vemos que o mundo externamente difícil enriquece e diversifica a estrutura do mundo psíquico. Pensando em sua concepção a respeito do princípio da realidade, como independente e como detentor de seus próprios mecanismos internos, Vasilyuk (1991) explica

Uma tese fundamental emerge desse argumento: a atividade orientada a objetos pressupõe a existência de condições internas fenomenológicas definidas, sem as quais tal atividade seria psicologicamente impossível. Essas condições formam um complexo de mecanismos envolvente e mutável, que por conveniência

podemos denotar em suma como “paciência”, e que se estrutura fenomenologicamente pelos fatores descritos acima, em termos de espaço-tempo do mundo difícil e simples e em termos psicológicos (no aspecto emocional) como os estados de “desespero”, “medo”, “esperança” ou “segurança”. Em outras palavras, a atividade orientada para o objeto seria psicologicamente impossível se não fosse simultaneamente com ela – como seu lado reverso, por assim dizer – que ocorresse um trabalho interno para conter os afetos de pânico evocados por uma necessidade insatisfeita. Esse trabalho é realizado por meio da atualização subjetiva parcial do bem objetivamente ausente (na forma de esperança, por exemplo), que preenche significativamente a lacuna entre o “agora” e o “depois” (Vasilyuk, 1991, p. 109, tradução nossa).

Da mesma forma que fez com o primeiro mundo vivido, Vasilyuk (1991) desenvolveu uma teorização a respeito dos protótipos concretos do mundo do tipo 2. Os protótipos que se encaixam nesse tipo de mundo simples e difícil são aqueles em que uma necessidade ocupa uma posição de dominância e opera de forma muito mais intensa que as outras. Vasilyuk (1991) afirma que quando o conteúdo dominante de certo motivo é uma ideia abstrata ou uma convicção, trata-se de fanáticos, enquanto quando seu conteúdo é uma ideia concreta ou uma ação, trata-se de maníacos.

Vasilyuk (1991) ressalta que os estudos da psicologia do fanatismo revelam características semelhantes àquelas do ser que vive no mundo vivido tipo 2, ou seja, “[...] comportamento frenético, prontidão para sacrificar tudo e usar todos os meios para atingir o objetivo, juntamente com uma percepção estreita e limitada do mundo.” (p. 110, tradução nossa). Ele avalia que os exemplos mais próximos do tipo teórico em questão acontecem no domínio da psicopatologia, mas assevera que não necessariamente qualquer estado no mundo vivido do tipo 2 é patológico.

Com relação a esse mundo vivido tomado de forma ideal, Vasilyuk (1991) explica que o mecanismo dos tipos de perejivanie realista – a forma como ele nomeia os processos de passar por uma situação complicada neste mundo – possíveis é o da paciência. A paciência é um mecanismo subordinado ao princípio da realidade, assim Vasilyuk (1991) coloca que é importante compará-la à defesa psicológica, mecanismo subordinado ao princípio do prazer – uma referência à teoria de Freud, portanto, momento que caracteriza ecletismo. São mecanismos que, por um lado são opostos diretos, mas por outro, se assemelham em um aspecto. “Tanto a defesa quanto a paciência atualizam na consciência um sentimento de que está presente um bem que

objetivamente está ausente, mas as modalidades dessas atualizações são bem diferentes.” (Vasilyuk, 1991, p. 111, tradução nossa).

A defesa vê o bem como existencialmente presente, cria a ilusão de que um problema está resolvido, recusa-se a ver que os estados emocionais positivos que alcança – ou os negativos que anula – não são justificados pela existência verdadeira. Seu fundamento básico é a inviolabilidade dos fatores subjetivos (desejos, autoavaliações, sensação de segurança...) e, para sua proteção, distorce a imagem da realidade.

Enquanto a paciência vê o bem por estar presente, cria a consciência de que um problema pode ser resolvido, coloca-se em direção a remover as razões que atestam que os estados emocionais positivos não existem verdadeiramente, toma a realidade como fundamento básico e constringe a subjetividade para se adequar à realidade e opera dentro de certos limites – extraídos pelo estado de desenvolvimento que o próprio mecanismo atingiu.

Quando os limites da paciência são extrapolados, tem-se uma situação “impossível”, o que evoca frustração, então outros processos de *perejivanie* passam a ser necessários. “Em termos muito gerais, podem-se distinguir duas variantes de *perejivanie* ‘realista’” (Vasilyuk, 1991, p. 111, tradução nossa). “A primeira ocorre dentro dos limites da relação de vida prejudicada” (Vasilyuk, 1991, p. 111). Em um exemplo básico, uma saída é encontrada para a situação difícil que subjetivamente parecia ser insolúvel “[...] não graças a qualquer processo psicológico independente, mas devido a uma resolução objetiva inesperada da situação (o sucesso é alcançado após o fracasso, o consentimento é obtido após a recusa, o que estava perdido é encontrado, o que estava proibido é permitido etc.)” (Vasilyuk, 1991, p. 112). Nota-se que a situação crítica não é psicologicamente superada, mas é eliminada em decorrência de um comportamento eficaz ou de uma feliz combinação de circunstâncias.

Em situações não tão simples, o processo é diferente.

Instâncias mais complexas, que exigem atividade especial do indivíduo, são tratadas por meio de compensação por capacidades perdidas (ou reduzidas) ou por substituição. Quaisquer que sejam os detalhes técnicos do processo, ele começa com o fato da impossibilidade existente, sob as condições dadas, de satisfazer a necessidade dada, e com a urgência imperativa de satisfazê-la de uma forma ou de outra. Como estamos falando de uma *perejivanie* realista, que não se refugia no autoengano, a única saída concebível está em uma alteração da

situação psicológica que, apesar de tudo, possibilitará a satisfação real da necessidade frustrada. Nesse mundo psicológico, duas coisas tornam possível a solução de situações de vida “sem saída” – a capacidade do sujeito de adiar a satisfação da necessidade por um período suficiente para o desenvolvimento de recursos compensatórios, ou para encontrar ou criar maneiras de contornar o que quer que esteja bloqueando a meta; e, em segundo lugar, a capacidade de se contentar com qualquer substituto para o objeto da necessidade, desde que o substituto possa satisfazer a necessidade. Esse último ponto é particularmente importante; o indivíduo no mundo simples e difícil não conhece nenhum objeto (ou pessoa) em sua individualidade definida e singularidade de valor; ele valoriza apenas uma qualidade – a capacidade de satisfazer sua necessidade. A natureza estreita e intensa da direção externa desse indivíduo para o mundo cria a ilusão de que o indivíduo está extremamente fixado no objeto dado, de que está literalmente “fundido” com ele – mas basta que o objeto desapareça, criando assim uma situação “impossível”, para que rapidamente se perceba que se tratava apenas de uma ilusão: o indivíduo com um mundo interno simples está, em princípio, preparado para aceitar qualquer substituto que satisfaça a necessidade dada, mesmo que parcialmente, porque todas as qualidades do objeto que não têm relação direta com a necessidade satisfeita não têm significado psicológico para o indivíduo e são desconsideradas (Vasilyuk, 1991, p. 112, tradução nossa).

A segunda variante da *perejivanie* realista se diferencia da anterior pois não há relações sequenciais subjetivas, ou seja, não existe o reconhecimento de que existe uma sucessão entre um relacionamento interrompido e um relacionamento subsequente cuja realização indica que a *perejivanie* foi bem-sucedida.

Embora objetivamente, para um observador externo, que identifica a pessoa de acordo com suas qualidades individuais antes e depois da *perejivanie*, pode parecer que a nova atividade é um substituto para a velha atividade frustrada e uma compensação para ela, internamente as duas atividades não estão de forma alguma ligadas. É uma “compensação” que nada muda na relação anterior, rompida, que em nada compensa a sua ruptura; é uma substituição em que nada é substituído “como era”, pois, a nova atividade tem seus próprios problemas a resolver. E como toda atividade realmente realizada, quando o mundo interno do indivíduo é simples, é equivalente em significado a toda a vida, a *perejivanie*

desse tipo é, de fato, um salto de uma vida (que foi um fracasso e foi abandonada) para outra vida, um começo psicologicamente novo, ainda que construído com o material psicobiológico do mesmo indivíduo (Vasilyuk, 1991, p. 113, tradução nossa).

A lei deste segundo tipo de *perejivanie* é o princípio da realidade, vale ressaltar que a realidade é “surda a toda súplica” (p. 113), é intransponível, assim deve ser aceita como é e o sujeito deve buscar possibilidades de satisfação de necessidade dentro dos limites por ela impostos.

Entre as variedades de *perejivanie* que analisamos no Capítulo I, nenhuma corresponde exatamente à *perejivanie* “realista”, mas se permitirmos alguma aproximação, podemos dizer que seu protótipo empírico é o comportamento de enfrentamento. [...] Além disso, o mecanismo tomado como o principal exemplo de comportamento de enfrentamento é a adaptação, e a adaptação é, por definição, um processo pelo qual o interno e o subjetivo se ajustam e seguem o externo, o objetivo — a realidade. (Vasilyuk, 1991, p. 113, tradução nossa).

Dessa forma, iniciaremos agora a análise do mundo interno complexo e externo fácil. Vasilyuk (1991) expõe que a mudança de mundo internamente simples para complexo é suficiente para transformar radicalmente a *perejivanie* de passar por uma situação crítica. Porém, para entender de fato o funcionamento do mundo do tipo 3, é necessário nos aprofundarmos no conceito de complexidade. Há dois tipos de complexidade, a objetiva e a subjetiva. A objetiva é produzida quando o comportamento externo da pessoa gera processos sociais, biológicos e físicos que podem afetar suas relações de vida – independentemente de sua intenção. Ou seja, ao realizar uma atividade ou uma relação de vida, qualquer ação do sujeito prova objetivamente que também pode realizar outra relação de vida.

O autor continua com a explicação dizendo que “interconexão objetiva de relações, isto é, a complexidade objetiva do mundo vivido, não traz por si só a complexidade subjetiva interna desse mundo. Este último é o resultado de uma atividade interna particular que une e coordena diferentes relações.” (Vasilyuk, 1991, p. 114, tradução nossa). Assim, é possível que um mundo permaneça internamente subjetivamente simples apesar de as relações dele se cruzarem no campo do real.

Dessa maneira, o que torna um mundo interno complexo é a conjunção de relações de vida dentro do espaço e tempo internos. No campo do espaço, essa

conjunção aparece como ligação concomitante de relações – “a capacidade de manter duas ou mais relações dentro do campo de visão interior ao mesmo tempo; fenomenologicamente isso é expressado como ‘isso e aquilo’” (Vasilyuk, 1991, p. 115, tradução nossa). Já no aspecto temporal, tal conjunção é a presença de ligações sequenciais entre as relações – ou seja, “primeiro” e “depois”.

Tendo explicado o conceito de complexidade, Vasilyuk (1991) volta-se para a seguinte questão: Qual é a vida e a atividade de um sujeito em tal mundo?

Em um mundo externo fácil, o sujeito consegue executar suas ações tranquilamente, não há forças resistentes, assim as ações não têm sentido – a facilidade acaba com as ações e com a distância real que costuma existir entre o resultado direto de uma ação e de suas consequências significativas, consequências essas que dizem respeito aos motivos do indivíduo.

A “facilidade” do mundo externo, então, extingue todos os processos que intervêm entre uma ação inicial do indivíduo e a realização de seu motivo. Toda a estrutura interna da atividade e sua substancialidade foram abandonadas; cada atividade separada se concretiza instantaneamente no momento em que é iniciada (“aqui e agora”) (Vasilyuk, 1991, p. 115, tradução nossa).

Um indivíduo que toma iniciativas – ou seja, ele toma iniciativas porque tem complexidade interna – que existe nesse mundo externo fácil traz possibilidades perigosas e “mágicas”. Nesse mundo, diante da facilidade, qualquer iniciativa gera instantaneamente todas as suas consequências mais abrangentes. Assim, Vasilyuk (1991) teoriza que há dois cenários que devem ser analisados nesse mundo. (1) No primeiro cenário, a possibilidade é que nenhuma “relação de vida” (Vasilyuk, 1991, p. 116, tradução nossa) vai deixar de ser alcançada, o resultado é sempre o mesmo que o objetivo final. O mundo vivido apenas exige do indivíduo que ele indique a ordem de suas atividades para a realização de suas intenções.

E a única razão para termos de atribuir ao indivíduo o trabalho de designar uma ordem é porque estamos falando de um mundo internamente complexo, de modo que suas várias relações devem se encontrar em algum lugar – se não no curso de sua realização, pelo menos no momento da tomada de decisão. (Vasilyuk, 1991, p. 116, tradução nossa).

Não há necessidade interna nesse mundo fácil, isso pois a facilidade absoluta faz com que sua capacidade seja ilimitada e permita que todas as “relações de vida” sejam realizadas ao mesmo tempo. “Vemos, então, que as abstrações envolvidas, se tomarmos

esta primeira de nossas duas possibilidades, são tão grandes que deixam de ser frutíferas.” (Vasilyuk, 1991, p. 116, tradução nossa).

Em um segundo cenário, a possibilidade é que esse mundo, embora externamente fácil, retenha as interrelações do mundo comum, ou seja, mesmo cumprindo com as relações de vida instantaneamente, não está subordinado apenas a essa iniciativa do sujeito, mas também a outros aspectos, o que levaria a resultados que nunca se equivaleriam à intenção do sujeito. Assim, entende-se que

[...] todas as relações corporais e materiais da vida que operariam no mundo sólido e difícil estão de fato ocorrendo, mas (e isso é muito importante para nossa definição do mundo vivido complexo e fácil) todas essas interseções reais, ocorrendo ao longo do tempo e espaço necessários para sua realização, estão ausentes da atividade e da consciência do sujeito na vida fácil-complexa. (Vasilyuk, 1991, p. 116, tradução nossa).

Vasilyuk (1991) segue caracterizando esse mundo:

As conexões e interseções objetivas e situacionais-empíricas das relações, então, ocorrem além da cortina, por assim dizer, deste mundo vivido, em algum lugar fora dele, entregando internamente apenas os resultados de tais colisões. Diante da cortina, no palco do mundo psicológico, diferentes relações de vida colidem apenas na forma de valor puro, em sua essência concentrada – falando figurativamente, elas colidem não como corpos, como atividades, mas como almas, ou motivos e valores. (Vasilyuk, 1991, p. 116, tradução nossa).

Com as várias relações de vida se conectando, surge a necessidade de uma **atividade** interna especial que tenha capacidade de as comparar e subordinar umas às outras, essa atividade é a consciência. A dificuldade do mundo vivido produz a necessidade de haver um psiquismo, já a complexidade produz a da consciência. Este é um ponto de afinidade em relação à PHC, é possível notar a existência de uma relação dialética entre o que é interno e o que é externo.

Além disso, o autor pontua a importância de caracterizar a atividade da escolha: “Se toda atividade no mundo complexo e fácil é reduzida, essencialmente, à consciência, então a consciência é, por sua vez, reduzida, metade dela, à escolha.” (p. 117, tradução nossa). Escolher é algo trágico aqui, porque o indivíduo enfrenta um problema muito importante por um lado, mas insolúvel por outro – insolúvel porque as alternativas possíveis para se escolher são sempre ou uma relação de vida ou motivo, se trata de problemas paradoxais “[...] comparar o incomparável, medir coisas que não têm

dimensão comum” (p. 118, tradução nossa). Não há motivo para preferir uma relação de vida ou motivo a outra/o.

O principal problema e o principal desejo da vida internamente complexa é como se livrar da dolorosa necessidade de fazer escolhas constantemente, como desenvolver um “órgão” psicológico para lidar com a complexidade, que incorporará um padrão para medir o significado comparativo de motivos e ser capaz de integrar firmemente as relações de vida em um único todo da vida individual. Esse “órgão” é a consciência de valor, pois o valor é o único parâmetro com o qual os motivos podem ser comparados. O princípio do valor, portanto, é o princípio supremo do mundo vivido complexo e fácil (Vasilyuk, 1991, p. 118, tradução nossa).

Diante disso, vem a necessidade de avaliar a relação entre a consciência de valor e a escolha. Para pensar sobre isso, Vasilyuk (1991) propõe analisar sua apresentação razoável mais simples: a consciência tem uma “escala de valores” que foi construída e ela contrapõe as alternativas, aquela que se classifica melhor é escolhida. Porém, nem sempre acontece desta forma e o que explica a fuga deste padrão é que, muitas vezes, o indivíduo não tem clareza a respeito de seus próprios motivos concorrentes. E, mesmo quando uma pessoa tem essa clareza e identifica o valor superior de certo motivo, ainda é possível que a atividade escolhida não seja aquela que irá realizar este motivo.

O autor explica que isso acontece “Em primeiro lugar, pelo fato de que os valores em si não têm energia e força estimulantes e, portanto, são incapazes de compelir diretamente os motivos e o comportamento a obedecê-los.” (Vasilyuk, 1991, p. 119, tradução nossa). Por outro lado, o valor pode engendrar emoções se, por exemplo, uma escolha já feita for conflitante. “Isso significa que o valor deve ser considerado (nos termos da teoria psicológica da atividade) como estando na mesma categoria que o motivo, pois as emoções se relacionam com atividades separadas, refletindo o curso de sua realização de vários motivos” (Vasilyuk, 1991, p. 119, tradução nossa). Por um lado, os valores não podem ser considerados motivos por não terem poder estimulante, por outro podem ser reconhecidos como tal por possuírem “emotividade”.

A explicação é que a teoria da atividade distingue diferentes tipos de motivos. É possível supor que, no curso do desenvolvimento da personalidade, os valores passam por uma evolução definida, mudando não apenas em conteúdo, mas também em status motivacional, no lugar que ocupam e no papel que desempenham na estrutura da atividade vital. Nos estágios iniciais, os valores

existem apenas na forma de consequências emocionais quando o comportamento os violou ou, inversamente, os afirmou (primeiros impulsos de culpa ou orgulho). Então, os valores assumem a forma de motivos “reconhecidos”, depois os de motivos formadores de sentido e, finalmente, os de motivos formadores de sentido e operativos na realidade. A cada etapa o valor é enriquecido com uma nova qualidade motivacional, sem perder as anteriores. (Vasilyuk, 1991, p. 119, tradução nossa).

Vasilyuk (1991) explica que isso não significa que valores são na verdade motivos: “Identificar valor e motivo completamente seria uma recusa consciente de enriquecer o plano de trabalho da teoria da atividade acrescentando-lhe outra categoria.” (p. 119). O conteúdo da consciência que forma um valor pode desempenhar função de motivo

ele forma o significado de dirigir e estimular o comportamento imaginado ou real, mas é claro que daí não se segue que, em psicologia, o valor possa ser reduzido a motivo. Ao contrário do motivo, que independentemente de ser meu, nosso ou de outra pessoa, sempre particulariza um mundo vivido individual, o valor é aquilo que, ao contrário, coloca o indivíduo em contato com uma comunidade e integridade supraindividuais (mas não deixa, nós enfatizamos, dissolvê-lo naquela comunidade; paradoxalmente, isso o torna ainda mais individual) (Vasilyuk, 1991, p. 119-120, tradução nossa).

Vasilyuk (1991) continua definindo valor, afirma que se trata de uma categoria que é conteúdo da consciência, inicialmente ela não possui energia, mas conforme o desenvolvimento da personalidade vai acontecendo, o valor “pode pegar emprestada energia de motivos operantes na realidade, de forma que, eventualmente, o valor se desenvolve de um conteúdo da consciência para um conteúdo da vida e adquire força de um motivo real (p. 120, tradução nossa). Um valor não é qualquer conteúdo capaz de se tornar motivo, mas é um conteúdo que, ao se tornar motivo, pode levar ao crescimento e desenvolvimento positivo da personalidade.

Depois de se tornar um motivo real, um valor repentinamente demonstra possuir uma carga poderosa de energia, um potencial que não pode ser explicado por todos os empréstimos que possa ter feito no decorrer de sua evolução. Uma suposição que pode ser feita para explicar isso é que quando um valor se torna verdadeiramente parte da vida, ele é “ligado” às energias da entidade supraindividual [...] (Vasilyuk, 1991, p. 119, tradução nossa).

Quando esse estado psicológico é atingido através desse aumento de energia, tem-se uma situação em que o modelo racionalista original da relação entre valor e escolha – sobre o qual foi falado anteriormente – “representa o verdadeiro estado das coisas” (p. 121).

A escolha perde sua trágica tensão, porque toda a energia da vida e todo o sentido da vida se concentram no valor, e, em sua luz, se vê claramente a verdadeira tendência desta ou daquela intenção, seu “preço” é facilmente fixado e o poder do valor torna relativamente fácil rejeitar uma intenção inadequada (Vasilyuk, 1991, p. 121).

Existe a possibilidade de a escolha real não coincidir com o modelo racionalista inicial da relação valor-escolha, há duas explicações cabíveis para isso: (1) um valor nem sempre tem status suficiente como motivo; (2) um valor em si também é variável no grau de conhecimento do indivíduo sobre ele, em quão claramente definido está o valor em sua consciência.

“Se olharmos para este processo também na sua gênese e evolução, verificamos que ele corre quase paralelamente à linha previamente traçada para a transformação motivacional de um valor, coincidindo com essa linha nos pontos de partida e de chegada.” (Vasilyuk, 1991, p. 121). Assim,

O primeiro ponto de coincidência ocorre no período em que um valor se manifesta apenas em forma emocional, e somente depois – *depois* – que o comportamento escolhido por uma criança entra em colisão frontal com a avaliação social feita pelos adultos (por exemplo, uma criança sente culpa após ser pega contando uma mentira). Nesta fase, o valor não existe verdadeiramente, está apenas começando a surgir e é apreendido pela primeira vez de uma forma não específica, como uma regra de comportamento (por exemplo, “nunca mais vou contar mentiras”). Mas existem regras e regras. No tipo de regra que estamos tratando, podemos vislumbrar um valor possível para o futuro, cuja promessa reside no fato de que essa “regra” foi formulada independentemente com base na experiência pessoal — mesmo amarga — de entrar em conflito com a consciência de valor de pessoas importantes para a criança. Estas são as primeiras regras que vêm de dentro, não de fora, e são reforçadas psicologicamente não por promessas dirigidas a Outra Pessoa, mas por votos feitos a si mesmo (Vasilyuk, 1991, p. 121, tradução nossa).

De acordo com o autor, esse é um momento delicado no desenvolvimento da personalidade, o desenvolvimento pode trilhar o caminho da construção positiva de valores ou do caminho direto do conformismo. “Uma mesma regra (como “não conte mentiras”) pode consagrar a centelha de um valor futuro e inculcar um amor pela verdade, mas também pode ser motivada pelo medo de ser descoberto e punido.” (p. 122, tradução nossa).

Em síntese, em um primeiro momento do desenvolvimento psíquico, um valor é desconhecido para a consciência, ele é representado a partir apenas da via da emoção (evocada pelo descumprimento de uma regra de comportamento, por trás da qual está um valor) e da via da regra (que é conhecida a partir da experiência emocional, do contato com o valor de alguém importante).

Este é um dos pontos em que o raciocínio de Vasilyuk (1991) não fica claro, em que é possível notar contradições. Na citação direta trazida acima, ele pontua que existem regras “que vêm de dentro”, noção que dialoga com a concepção de personalidade como essência inata. No entanto, ele afirma em seguida que um valor é conhecido através da experiência social, tangenciando aspectos centrais na PHC como a Lei genética de Vigotski.

O segundo ponto onde as linhas de desenvolvimento coincidem é o ponto em que um valor atinge sua carga máxima de energia. À medida que o valor atinge um certo grau de poder dentro da consciência, a partir desse ponto ocorre metamorfoses semelhantes àquelas já descritas para a dimensão motivacional da evolução do valor. A obtenção da fase mais elevada do desenvolvimento psicológico de um valor está ligada não a um crescimento gradual na clareza e definição com que o conteúdo e o significado do valor são apresentados à consciência, mas a uma espécie de salto, após o qual o valor é transformado de “algo visto”, um objeto, em algo pelo qual tudo o mais é visto – em uma luz interior de significado (Vasilyuk, 1991, p. 122, tradução nossa).

Durante o desenvolvimento, os valores passam por etapas e seu desenvolvimento acontece de forma mais intensa nos momentos em que são feitas decisões de grande importância. Quando ainda não há um sistema de valores internos bem estruturados, cada escolha feita é um movimento vital na estruturação desse sistema.

Até este ponto, ao tratar das atividades da vida, Vasilyuk (1991) apenas escreveu sobre atividades que acontecem antes da ação externa, portanto, ele se volta para atividade que acontece depois da ação. As condições do mundo em questão, externo

fácil e internamente complexo, determinam que qualquer ação que uma pessoa inicia, já está concluída, ou seja, já estão presentes seus resultados e seus efeitos imediatos.

Assim, Vasilyuk (1991) passa a avaliar quais seriam os mecanismos presentes nesse mundo para lidar com uma situação crítica, o autor os denomina “*perejivanie* de valor”. Ele pontua que um dos eventos que devem ser superados são os conflitos internos. Conflito é entendido não como contradição entre impulsos, mas sim contradições que não podem ser resolvidas. Nas situações de conflito, é impossível desistir de realizar as relações de vida contraditórias e também é impossível de desistir de apenas uma delas.

O segundo tipo de situação crítica possível nesse mundo é parecido com a frustração, mas Vasilyuk (1991) afirma ser mais correto denomina-la conflito externo. Trata-se de uma situação que pode ser desencadeada pelo desaparecimento do objeto de uma das relações de vida do indivíduo, há frustração da necessidade correspondente ao objeto

mas a frustração como tal pressupõe a consciência individual do impulso envolvido e da atividade iniciada, mas sendo impedida por obstáculos, revelando assim a impossibilidade de sua realização – enquanto para o indivíduo no mundo fácil e complexo o ponto crítico, na situação em que um objeto desaparece, residirá na impossibilidade de escolher a atividade ligada a esse objeto. O conflito é entre a consciência, para a qual a atitude semântica correspondente ainda é relevante e o ser, no qual a sua implementação já não é possível. (Vasilyuk, 1991, p. 124, tradução nossa).

Quando uma situação crítica torna uma escolha impossível, ela também prejudica ou destrói o futuro psicológico. Vasilyuk (1991) explica que esse futuro é o que podemos entender como “casa” do sentido,

[...] pois embora o sentido seja em si mesmo extratemporal, não é “indiferente ao tempo” (Bakhtin, 1979, p. 107), e é consubstanciado de forma temporária, nomeadamente como um “futuro semântico”. O sentido em geral é uma formação limítrofe; nela a consciência e a existência se encontram, assim como o ideal e o real, os valores da vida e as possibilidades de sua realização (Vasilyuk, 1991, p. 124, tradução nossa).

Em uma situação crítica, o futuro psicológico, o sentido e a integridade da vida sofrem prejuízo – ou seja, há disrupção no sistema consciência-existência, a consciência não pode aceitar uma existência assim, diante disso, perde sua capacidade de entendê-la e dirigi-la. Por sua vez, a existência fica incapacitada de realizar os impulsos da

consciência e de encontrar formas adequadas para seu funcionamento. Vasilyuk (1991) resume isso fenomenologicamente como as coisas perdem sentido. Superar essa situação neste tipo de mundo é reestruturar valores e motivos.

Existem dois subtipos principais de *perejivanie* de valor: (1) uma que ocorre quando a pessoa ainda não atingiu estágios superiores de desenvolvimento de valores, existem ainda mudanças no sistema de valores/motivos. Há diferentes variações nesse subtipo,

As duas primeiras dessas variações ocorrem quando uma atividade pode exercer considerável atração para o indivíduo, mas que não contribui significativamente para o sentido de sua existência, torna-se irrealizável ou entra em conflito com seus motivos ou valores dominantes. A *perejivanie* de valores é realizada por meio de um movimento “vertical” da consciência, afetando as “classificações” que ela reconhece dentro do sistema valor/motivo: a consciência reavalia e esclarece seus próprios valores, separando o que é genuíno e fundamental daqueles conteúdos e motivos que “ilegalmente”, contornando a sanção da consciência, passam a ocupar um lugar na vida do indivíduo, lugar que não se justifica por sua verdadeira hierarquização e potencial como portadores de sentido para a vida. A partir daí o processo pode seguir dois caminhos. Quando o primeiro é tomado, tais conteúdos e motivos são desacreditados como valores, são rejeitados pela consciência por princípio. Quando o segundo é tomado, a consciência não encontra nenhuma contradição de princípio entre esses motivos e seus impulsos fundamentais e regras orientadoras, e os motivos são meramente rebaixados, perdendo importância; isso pode ser expresso na decisão consciente de sacrificar algo de importância menos essencial em prol de algo vital e valioso. Em termos de tempo, esse rebaixamento assume a forma de adiamento por um tempo, ou abandono para sempre, da atividade que naquele momento se tornou psicologicamente impossível (Vasilyuk, 1991, p. 125, tradução nossa).

É importante ratificar que, na vida real, decisões conscientes de rejeitar ou sacrificar motivos requerem ações práticas antes de poderem fazer parte de fato da vida e para que alterações na hierarquia de motivos realmente aconteçam. Mas no mundo hipotético em questão, externamente fácil e internamente complexo, os resultados práticos do trabalho da consciência são automaticamente garantidos pela facilidade do mundo externo.

Existem variações de *perejivanie* de valor. Uma variação envolve reestruturação radical do sistema de motivos e valores, porque os acontecimentos vividos impossibilitam o cumprimento de relações de vida importantes nas quais se centra o sentido da vida do indivíduo. Quando a impossibilidade é resultado de mudanças existenciais que não são responsabilidade do sujeito e seus valores não são afetados (por exemplo: morte de um ente querido), a *perejivanie* de valor consistirá em selecionar uma relação de vida dentre as que sobraram e afirma-la como centro motivador e produtor de sentido na vida. No entanto, o trabalho principal de *perejivanie* de valor “[...] é provavelmente a efetivação de transformações particulares associadas à própria relação de vida destruída. Essas mudanças efetuadas por meio da *perejivanie* de valores são radicalmente diferentes do que vimos ocorrer na *perejivanie* realista e experiência hedonista.” (Vasilyuk, 1991, p. 126, tradução nossa).

Na *perejivanie* de valores, a realidade da morte de um ente querido não é ignorada, nem é aceita como um simples fato e nada mais; a imagem da pessoa morta é preservada, ao contrário da *perejivanie* realista, mas é preservada não como uma alucinação (como na experiência hedonista), não eideticamente, não em uma forma psíquica natural, mas em uma forma artificial e consciente [...]. A imagem da pessoa morta que durante a sua vida foi permeada por minhas próprias motivações, preocupações, esperanças, medos, etc., e em geral associada a relações práticas e essencialmente temporais, é agora como que transferida para outro plano de ser, é formulado em termos ideais de valor, extratemporalmente, em última instância — eternamente. Essa transferência e essa formulação são realizadas por um processo estético e produtivo: esse trabalho de superação não pode ser realizado por meio de nenhuma substituição pragmática do morto por outro, até porque ninguém pode assumir as “funções” que o falecido cumpria em minha vida, mas porque o falecido era importante para mim além daquelas funções, como pessoa, na “definição qualitativa da singularidade pessoal”, como alguém que tem um valor único — e este último é algo que mesmo durante a vida dessa pessoa foi um produto da minha atividade estética. “Minha atividade continua mesmo após a morte da outra pessoa”, escreve M.M. Bakhtin, “e os elementos estéticos começam a predominar dentro dele (em oposição aos elementos morais e práticos): toda a vida do outro está diante de mim, livre de todos os elementos do futuro temporal, de objetivos e obrigações. Após o enterro e o memorial vem a memória. Tenho toda a vida

desse outro fora de mim, e agora começa a estetização de sua personalidade: ela é fixada e completada em uma imagem esteticamente significativa. (Vasilyuk, 1991, pp. 126-127, tradução nossa).

Outra variação se parece com esta que acabamos de abordar, porque também demanda grandes mudanças motivacionais que reestruturam toda a vida, mas se diferencia da anterior por exigir transformações radicais no conteúdo dos valores da vida da pessoa. Trata-se de uma variante que acontece quando um sistema de valores é descreditado como consequência de sua própria aplicação, assim o sentido da vida é colocado em xeque, sua integridade é perdida e começa a desintegrar-se. Diante dessa realidade, o objetivo da *perejivanie* de valor é produzir um novo sistema de valores

A vida chega a um impasse semântico, se deprecia, perde sua integridade interna e começa a se decompor psicologicamente. A tarefa da *perejivanie* é encontrar um novo sistema de valores, através do qual seja possível conferir integridade interna e sentido à existência, iluminá-la e abrir novas perspectivas semânticas. (Vasilyuk, 1991, p. 128, tradução nossa).

O autor segue:

Aqui observaremos apenas que o resultado de tal *perejivanie* é a criação de uma vida psicologicamente nova. Mas, ao contrário do caso da *perejivanie* realista, aqui a transição para uma nova vida não é um “salto” de um conteúdo de vida para outro, deixando o primeiro inalterado. Aqui a transição significa superar e transformar a velha vida em termos de valor: a relação da nova vida com a velha é a do perdão à ofensa, da redenção à culpa (Vasilyuk, 1991, p. 128, tradução nossa).

O último subtipo de *perejivanie* de valor só é possível quando o sujeito já atingiu níveis elevados de desenvolvimento de consciência de valores. Antes de atingir tais estágios, um valor é visto como parte da vida do indivíduo, depois, tal relação é invertida e o indivíduo torna-se parte do valor e encontra sentido para sua vida apenas através deste valor.

A *perejivanie* de eventos que rompem tal relação de valor é, de certa forma, reminescente das formas mais primitivas de *perejivanie*, quando a mando do princípio do prazer a realidade é ignorada e todos os tipos de dispositivos psicológicos são empregados para manter a realidade sob controle, a fim de preservar por um tempo pelo menos uma sensação ilusória de “tudo está bem”. A *perejivanie* de valores também está fora de sintonia com a realidade, uma vez

que os eventos e circunstâncias, condições e convenções da realidade começam a tornar impossível o cumprimento dos valores superiores que são todo o sentido e a mola mestra da existência que eles informam. Mas enquanto nos processos defensivos uma pessoa tenta se afastar da realidade e se esconder, enfiar a cabeça na areia, e assim abolir a realidade, a *perejivanie* de valor olha a realidade nos olhos, vê-a clara e distintamente, não admitindo a menor autoilusão ou subestimação do poder e a resistência inflexível da realidade. Mas, ao mesmo tempo, essa experiência olha através da realidade, como se perguntasse: “Afim, a realidade é tão real assim? Pode esta presunção visível, audível, sentida ser a existência verdadeira, pode ser a verdade? Pode esta realidade, indiferente aos valores humanos, estabelecer a última lei irresistível da vida, para que obedeçamos sem questionar?” (Vasilyuk, 1991, pp. 128-129).

Se o conteúdo dessas perguntas traz certa desconfiança da realidade, não é possível procurar resposta na razão, nem no conhecimento em geral, pois estão subordinados à realidade. A habilidade cognitiva que tem capacidade de resolver essa questão colocada pela *perejivanie* de valor e distinguir a vida verdadeira da falsa é a sabedoria. A sabedoria ajuda a *perejivanie* de valor a cumprir sua função de manter o ser humano fiel ao valor. “Mas de que forma isso é alcançado?” pergunta-se Vasilyuk (1991, p. 129, tradução nossa).

A sabedoria é reflexiva, característica que se expressa em seu impulso interior para o aprofundamento e o autoconhecimento. “É precisamente essa orientação interior para o aprofundamento do eu, que permite que esse tipo de *perejivanie* de valor crie um estado de consciência no qual as reivindicações da realidade externa de ser a única realidade verdadeira são diretamente percebidas como infundadas.” (Vasilyuk, 1991, p. 129, tradução nossa). Além disso, “Ao aprofundar-se, o indivíduo, nesta *perejivanie* de valor, alcança não apenas um ‘enfraquecimento’ da realidade externa, mas a justificação imanente da sabedoria por si mesmo torna simultaneamente mais forte a posição do indivíduo sobre os valores” (Vasilyuk, 1991, p. 129, tradução nossa).

O trabalho da *perejivanie* de valor deste tipo é levar o sistema motivacional da pessoa a um “[...] estado de mobilização elevada, estado de prontidão para sacrificar qualquer relação com o mundo externo em prol do valor que está sendo afirmado, ou seja, um estado de prontidão para agir de forma altruísta” (Vasilyuk, 1991, p. 130, tradução nossa). A forma com que esse processo pode ser realizado varia bastante, mas

todas envolvem abandono de uma atitude egocêntrica e da visão racionalista de mundo, o conteúdo psicológico interno é a ação altruísta.

O protótipo proposto por Vasilyuk (1991) envolve uma situação em que em uma dimensão da existência humana, a vida é reduzida à consciência e o mundo externo é reduzido a um mundo fácil, a dificuldade do mundo material é afastada pelo ser humano e ele só trabalha com a complexidade interna, essa é a dimensão da esfera da conduta moral.

Por fim, aprofundaremos a compreensão a respeito do mundo interno complexo e externo difícil. O espaço e o tempo deste mundo vivido são a síntese dos aspectos externos do mundo vivido do tipo 2 e dos aspectos internos do tipo 3 – Vasilyuk (1991) assevera que não se trata de uma simples adição de um ao outro, mas de uma síntese, ou seja, podemos observar a dialética sendo aplicada.

Neste mundo, a dificuldade se opõe não à atividade separada, como acontece no tipo 2, mas à totalidade de todas as atividades e, portanto, não pode ser superada apenas por esforços externos, mesmo que se tratem de esforços mediados por uma “reflexão psicológica adequada” (Vasilyuk, 1991, p. 131). E a complexidade do mundo interno não pode ser resolvida apenas internamente, como ocorre no mundo do tipo 3. Disso, o autor conclui que, para viver uma “vida plena”, não é possível que se some simplesmente os “aparelhos” psicológicos produzidos pela vida nos mundos do tipo 2 e 3.

A principal neoformação do sujeito desse mundo vivido é a vontade/arbítrio. No tipo 2, o arbítrio não é necessário, pois a simplicidade do mundo interno impede que haja competição entre os motivos da atividade, diante de qualquer dificuldade que o indivíduo possa estar, ele continua perseguindo, sem desvios, a atividade ditada pelo único motivo operante, assim não é necessário que haja vontade. Vasilyuk (1991) fornece um exemplo indicado por Leontiev: “Um viciado em drogas pode exibir uma atividade colossal para obter sua droga, superando dificuldades consideráveis, mas psicologicamente falando esse é um comportamento involuntário” (pp. 131-132, tradução nossa).

Tendo explicado o porquê de a vontade não ser necessária no mundo vivido do tipo 2, Vasilyuk (1991) volta-se para o tipo 3. Neste mundo, o sujeito tem apenas que fazer uma escolha para que sua realização seja assegurada pela facilidade do mundo externo.

Já no mundo do tipo 4, há a necessidade de surgimento da atividade e da mente (como no de tipo 2) e da consciência (como no 3), mas é necessário que o arbítrio seja formado também, pois ele é capaz de “[...] efetivar a totalidade das relações de vida interligadas do indivíduo.” (Vasilyuk, 1991, p. 132, tradução nossa). O autor caracteriza o arbítrio como “órgão psicológico que pode representar o sujeito como um todo, a personalidade individual, tanto dentro de seu aparelho psíquico quanto na atividade vital em geral” (Vasilyuk, 1991, p. 132, tradução nossa).

Vasilyuk (1991) explica que o arbítrio tem a função de garantir que a concepção de uma pessoa sobre si mesma e sobre sua própria vida – o que o autor chama de integralidade da personalidade – seja atualizada, isso porque a integralidade constitui uma unidade que precisa ser conquistada eternamente, é como se ela estivesse presente ao mesmo tempo em que não está, aí entra a importância do arbítrio.

Estamos falando, então, da personalidade se construindo, da construção ativa e consciente de si por um ser humano; não apenas (e isso é muito importante) da projeção ideal do eu, mas da incorporação de tais projeções e concepções em termos práticos dos cinco sentidos, nas condições do mundo difícil e complexo — em suma, estamos falando de vida-criatividade. A *criatividade*, de fato, é o princípio superior desse tipo de mundo vivido (Vasilyuk, 1991, p. 132, tradução nossa, grifo do autor).

Ao tratar da questão do arbítrio, o autor explica que essa categoria está ligada a aspectos de conflito entre motivos e escolha. No mundo vivido do tipo 2, a atividade de uma pessoa era definida pelos conflitos entre motivos, no tipo 3, por uma escolha avaliativa supra situacional e, em ambos os casos, a atividade foi decidida antes do início dela própria. No mundo do tipo 4, no entanto, o conflito entre motivos pode surgir no curso de realização da atividade. Dessa forma, neste tipo de mundo vivido, o avanço da atividade para o seu objetivo é atrapalhado por empecilhos externos e por oscilações internas. As dificuldades que aparecerem evocam conflitos entre os diferentes motivos, esses conflitos consomem parte da energia necessária para a realização da atividade “[...] – a dificuldade agora não vem de fora, mas de dentro – e um trabalho especial da vontade é necessário para que a atividade seja concluída.” (Vasilyuk, 1991, p. 133, tradução nossa).

Dessa forma, outra função da vontade é evitar conflito entre motivos. No entanto, isso não quer dizer que, quando a vontade é investida em uma atividade

particular, ela deixa de “perceber” que a situação psíquica muda constantemente e que ela afaste todas as outras atividades.

O poder da vontade reside em sua habilidade em usar a energia e o dinamismo dos motivos para seus próprios fins. Lev Vygotsky evocou estudos feitos por psicólogos da Gestalt para sustentar uma tese de sua autoria de que, em sua gênese, “as primeiras formas de atividade da vontade nas crianças são uma aplicação da criança em relação a si mesma dos métodos usados pelos adultos ao lidar com a criança”. [Vygotsky, 1960, p. 363]. Essa ideia pode ser muito útil para entender a vontade humana, desde que não se tenha uma visão muito estreita dela, o que às vezes acontece — ou seja, a vontade de um adulto, às vezes, é vista como uma estrutura internalizada de “comando-obediência”: ação voluntária é obediência ao autocomando. Certamente é uma característica essencial do comportamento voluntário que alguém se obrigue a fazer algo, que esteja no comando de si mesmo; mas, assim como na interação social, uma pessoa faz com que a outra se comporte da maneira desejada não dando ordens, ou nem sempre [dando ordens]; não necessariamente dando ordens, mas por outros métodos, como fazendo um pedido, prometendo uma recompensa, fazendo uma ameaça, excluindo outras condutas possíveis, recorrendo mesmo à intriga — exatamente da mesma forma, os modos de ação intrapsíquica da vontade sobre si são extremamente variados e não se reduzem à emissão de comandos para si (Vasilyuk, 1991, p. 134, tradução nossa).

Voltando à situação proposta por Vasilyuk (1991) em que, na realização da atividade, encontra-se obstáculos que culminam no conflito entre motivos, o “funcionamento” da vontade/arbítrio pode consistir em “prometer” um motivo interferente que teoricamente será atendido posteriormente quando a atividade estiver concluída. Dessa forma, as atividades “rivais” se unem e formam uma unidade de conteúdo e de motivo. Essa estrutura é caracterizada como estrutura de “mérito e recompensa”, em que a energia do sentido que pertence à atividade de recompensa é emprestada para a superação das dificuldades da atividade de mérito e o sentido – que foi construído e enriquecido pela superação dessas dificuldades – pode ser devolvido “aumentado cem vezes” (Vasilyuk, 1991, p. 134, tradução nossa) para a atividade de recompensa.

Apesar de a função da vontade se mostrar ser principalmente a adoção de uma atividade e a realização de tudo o que é possível para levá-la à plena realização, a vontade não é uma serva desta atividade em questão. A vontade, na verdade,

[...] é por sua própria natureza, um “órgão” de todo o ser humano, da personalidade, não serve a nenhuma atividade particular, mas à construção de toda uma vida, à realização da intenção de vida; por isso defende os interesses desta ou daquela atividade não porque a ela esteja subordinada, mas segundo a livre decisão da consciência, ditada pela intenção de vida (Vasilyuk, 1991, p. 135, tradução nossa).

Quando o comportamento perde essa mediação pela consciência, Vasilyuk (1991) afirma que ele deixa de ser voluntário.

Mesmo na atividade “involuntária secundária”, isto é, uma atividade que começou com algum esforço da vontade, mas uma vez iniciada, descobriu dentro de si energia e força próprias, suficientes para capacitá-la a superar todas as dificuldades e distrações com relativa facilidade, de modo que alguém poderia pensar que não havia mais necessidade da vontade – mesmo aqui a vontade ainda está operando, na forma de uma certa atenção avaliativa e de transformações particulares de tempo/conteúdo da motivação (Vasilyuk, 1991, p. 135, tradução nossa).

Uma tentação deve ser percebida a tempo e deve-se entender que por trás dela existe um motivo significativo para o indivíduo em questão. Quando a atividade do indivíduo passa pela tentação sem se desviar para ela, essa é uma conquista da vontade que efetuou uma transformação do motivo da tentação, diminuindo seu valor real. O autor, baseando-se em Rubinstein, afirma, que “em um ato volitivo, o estímulo direto deve ser conscientemente reconhecido e aceito, e o fator decisivo não é a força imediata do estímulo, mas seu conteúdo, o grau em que está em harmonia com o todo da personalidade dada, com todos os seus fatores de significado, valor e espaço-tempo.” (Vasilyuk, 1991, pp. 135-136, tradução nossa).

Diante disso, a vontade não deve ser pensada apenas em seu aspecto de intensidade, mas do ponto de vista das transformações de conteúdo e valor que acontecem durante um ato da vontade. “Nesse nível, o trabalho da vontade pode ser entendido como a correlação e a conexão dos aspectos supra situacionais e situacionais da vida” (Vasilyuk, 1991, p. 136, tradução nossa).

No mundo vivido do tipo 2, a decisão para a “direção, rota e curso da atividade” (p. 136) é feita a partir de fatores situacionais, ou seja, trata-se de uma existência definida pelas situações concretas. No tipo 3, acontece o oposto, ou seja, a atividade é determinada por conteúdos e valores supra situacionais. No tipo 4, “os problemas específicos surgem da necessidade de ajustar as demandas do supra situacional às demandas, condições e limitações impostas pelos fatos situacionais” (Vasilyuk, 1991, p. 136, tradução nossa).

O autor ressalta que o conteúdo supra situacional consiste nos valores que estão em princípio fora do espaço e do tempo; em todas as concepções, objetivos, intenções, expectativas, planos, obrigações e etc.

[...] mais ou menos remotos que embora não constituam uma parte real da situação dada no espaço-tempo, provam, sob certas condições, ter alguma conexão com ele (por exemplo, a possibilidade de alcançar um objetivo distante pode ser ameaçada pelo que está acontecendo “aqui e agora”) (Vasilyuk, 1991, p. 136, tradução nossa).

Diante desta perspectiva, a tarefa da vontade é unir as perspectivas supra situacionais em uma unidade que pode ser colocada em prática no comportamento situacional e real do indivíduo. Neste ponto, o autor aproveita para diferenciar a vontade da consciência.

A principal função da consciência também reside na integração das relações da vida para formar um todo pessoal e integrado, mas a consciência (novamente, nos referimos à “cultura pura da consciência” delineada pelas abstrações que formam nosso mundo vivido Tipo 3) lida com a vida relações em sua forma pura como valores e motivos, com relações libertas do “corpo” de sua operação no mundo prático dos cinco sentidos [...]. Mas quando se trata de realizar na vida o que a consciência prescreveu, de repente parece que as relações que a consciência integrou têm uma vida própria independente – uma relação “rejeitada” exige energicamente a realização, enquanto outra, que foi afirmada como mantendo uma posição central, demonstra falta de energia própria suficiente para alimentar a atividade prática necessária para realizá-la. O todo idealmente integrado criado pela consciência começa a se desfazer pelas costuras, sob a pressão da atividade “sensorio-prática”. (Vasilyuk, 1991, pp. 136-137, tradução nossa).

No mundo difícil e complexo, a pessoa deve desenvolver a vontade e, como parte dela, a consciência prática, que vai mediar a vontade.

A tarefa da consciência prática é reunir fatores supra situacionais e situacionais, colocando os primeiros em termos dos últimos (por exemplo, dando aos objetivos ideais um “cronograma”, na forma de uma sequência planejada ou sistema de objetivos reais, transmutando valores supratemporais em planos e projetos espaço-temporais) e, reciprocamente, descobrindo em qualquer situação sua carga supra situacional, valor ou o problema que ela apresenta, que pode e deve ser resolvido não apenas na teoria, mas na atividade prática que tem que lidar com a situação dada. Esta é uma tarefa muito especial, única — a “coordenação psicológica dos tempos”. É realizada através da projeção das “ordens de conteúdo e tempo” heterogêneas representadas por relações de vida separadas e pelas várias perspectivas e horizontes do futuro e do passado no presente psicológico. Mas, assim como é impossível mostrar na representação bidimensional a correlação precisa dos elementos de uma superfície curva, também esse problema interno, igualmente complexo, nunca é completamente resolvido. Sempre resta algum grau maior ou menor de erro, inevitável no contexto da existência humana comum. (Vasilyuk, 1991, p. 137, tradução nossa).

Assim, Vasilyuk (1991) se propõe a delinear alguns dos problemas que o sujeito precisa enfrentar quando precisa realizar a atividade de “coordenar o tempo”. (1) Primeiramente, existe a questão de unificar as perspectivas de longo e curto prazo, então há o problema de “escolher um ponto de cálculo ótimo no futuro” (p. 137) para relacionar o planejamento da atividade concreta. Nessa tarefa, o papel da consciência prática é trazer aspectos que estão distantes se aproximem psicologicamente. Como se faz isso? Criando motivos ou objetivos “que eles mesmos não têm o poder de estimular (embora possam ser altamente valorizados pela consciência) e que sempre são vistos como sendo distantes, para tornar tais objetivos parte do “agora” fenomenológico, atual e realmente presente [...]” (Vasilyuk, 1991, p. 138, tradução nossa).

É possível que a pessoa tenha que desempenhar a “coordenação dos tempos” de forma reversa também, ou seja, em momento em que é preciso afastar o que está próximo. “Por exemplo, quando há um conflito entre o medo e algum ato ou comportamento altamente valorizado, é essencial distanciar-se da emoção sensorialmente intensa do medo, porque ela pode paralisar a atividade — afastá-la temporalmente do ‘agora’.” (VASILYUK, 1991, p. 138, tradução nossa).

(2) O segundo grupo de problemas é referente àqueles que são produzidos pelas limitações impostas pelo tempo, isto é, realizar ações dentro de um tempo específico por um lado, enquanto, por outro, há o problema de que a existência humana é finita. (3) O último grupo de problemas envolve coordenação do presente com o passado – diferente dos anteriores, que envolvem futuro. Vasilyuk (1991) utiliza dos escritos de Leontiev (2021) para explicar que à luz de julgamentos de valor que são aceitos no presente como válidos, algo do passado é rejeitado pelo sujeito, a reavaliação atual de algo que costumava ser aceito leva a pessoa a rejeitar sua própria biografia. Assim, aqui, o trabalho da consciência prática é ficar atenta à capacidade do passado que foi rejeitada (rejeitada pela consciência teórica e avaliativa). Entretanto, isso não quer dizer que mudanças na atitude em relação ao passado de um sujeito sejam provocadas pela consciência, na verdade, a consciência apenas as medeia. Quem as provoca são as ações do indivíduo.

Vasilyuk (1991) aproveita as informações que acabou de fornecer para diferenciar a consciência prática, a consciência teórica e a vontade: “deve-se dizer que a vontade, propriamente falando, difere-se da consciência no que diz respeito à sua praticidade, enquanto a consciência “prática” – mediadora da vontade – difere-se da consciência “teórica” no que diz respeito à sua atuação em situações reais.” (p. 138-139, tradução nossa). Ele continua:

A consciência no mundo fácil e complexo tem que lidar com as relações em sua forma pura como valores ou motivos, com as relações como coordenadas da vida, em sua forma supra situacional, e se esforça para uni-las, dessa forma, em um todo integrado. Mas a vontade é chamada a concretizar essas intenções existenciais na atividade prática concreta. Assim como quando usamos um mapa para nos guiar em uma jornada, temos de fato que lidar não com as linhas de contorno no mapa, mas com o terreno material real que estamos atravessando, da mesma forma, a vontade, na realidade comportamental real, encontra não relações em si, mas conglomerados de sentimentos, objetivos, meios, obstáculos, tentações, impulsos e assim por diante, em suma, uma situação psicológica real. Em outras palavras, há uma lacuna entre os assuntos tratados pela consciência teórica e os tratados pela vontade. Essa lacuna é exatamente o espaço preenchido pela atividade interna especial que denotamos como “consciência prática”. Essa serve como intérprete, traduzindo a linguagem dos valores supra situacionais para a linguagem das situações concretas; preenche o “mapa de contorno”

fornecido pela consciência teórica com as características concretas do espaço e tempo de vida reais; e na paisagem psicológica viva ele escolhe as coordenadas valor/motivo da vida. A consciência prática tem que ver o metafísico no físico, a ação no impulso; em suma, ela é chamada a reunir, tanto quanto possível, a consciência teórica e a vontade, para fazê-las se interpenetrar. (Vasilyuk, 1991, p. 139, tradução nossa).

Munidos das características principais do mundo complexo e difícil, Vasilyuk (1991) parte para a análise da situação crítica nesse mundo, que, segundo ele, é a crise e do processo de superação, que ele denomina de *perejivanie* criativa. O autor explica que a trajetória da vida é a história de vida de um sujeito e, quando estamos tratando de sujeitos vivos, ainda se tem uma parte da vida que não foi vivida, portanto existe uma intenção de vida – o valor fornece unidade interna e integridade conceitual para a intenção de vida.

A intenção relacionada ao valor é percebida, ou melhor, sentida como vocação, e relacionada às condições temporais e espaciais da existência, como o trabalho da vida. Esse trabalho da vida é traduzido em termos materiais como projetos, planos, tarefas reais e metas, cuja realização significa dar corpo à intenção de vida. Quando certos eventos tornam a realização da intenção de vida subjetivamente impossível, ocorre uma situação de crise (Vasilyuk, 1991, pp. 139-140).

Passar por uma crise pode levar a dois resultados. Um deles é a restauração da vida que foi interrompida pela crise, o outro é a transformação da vida para uma diferente da anterior. Em ambos os casos, o autor enxerga que há construção de um novo eu, ou seja, há um processo de criação. Vasilyuk (1991) define esse processo como trazer algo para a existência.

Assim, o autor passa a tratar os subtipos de *perejivanie* criativa. No primeiro (1), o resultado é a restauração da vida, o que não significa que a vida vá voltar ao estado anterior à crise, mas há preservação daquilo que é mais essencial do momento anterior. Dessa forma, desde que os valores e ideais da vida não sejam atingidos pela crise, a *perejivanie* dentro desse subtipo pode se desenvolver ao longo de uma das duas linhas seguintes: (1.1.) a primeira diz respeito à

conquista interna das identificações psicológicas existentes entre a intenção de vida e as formas particulares de realizá-la que agora se tornaram impossíveis. Neste processo, a intenção de vida torna-se “menos corporal”, assume uma

forma mais generalizada e ao mesmo tempo mais essencial, aproximando-se mais de um valor de vida ideal (Vasilyuk, 1991, p. 140, tradução nossa).

(1.2.) a segunda, oposta à linha anterior, procura

[...] entre as possibilidades de vida ainda abertas, outras encarnações potenciais da intenção de vida; a busca é até certo ponto facilitada pela própria intenção de vida tornando-se mais generalizada. Se a busca produz formas para a realização da intenção que recebem sanção positiva da ideia de valor ainda operante, uma nova intenção de vida é formada. Depois disso, há um encontro gradual da intenção com formas práticas sensoriais apropriadas, ou talvez seja melhor dizer que a intenção “cria raízes” e começa a crescer no solo material da vida. (Vasilyuk, 1991, p. 140, tradução nossa).

Em ambas as linhas (1.1. e 1.2.), o ímpeto existente é por produzir uma nova intenção de vida e não há destruição da intenção de vida (que agora é impossível) anterior à crise. O conteúdo antigo é preservado como história vivida da personalidade.

O segundo subtipo (2) ocorre quando se prova que a intenção da vida foi construída sob valores falsos, tal intenção acaba descreditada junto dos valores. Dessa forma, a tarefa da *pereživanie* criativa aqui é descobrir um novo sistema de valores que poderá servir como esteio para a criação de uma nova intenção de vida – esse aspecto da *pereživanie* criativa coincide com a *pereživanie* de valor discutida anteriormente. Além disso, a *pereživanie* criativa também deve absorver o novo sistema, contextualizando o eu individual nele, conferindo sentido à história da vida anterior e formando uma noção ideal do eu dentro do sistema. A terceira tarefa da *pereživanie* criativa que Vasilyuk (1991) cita é

[...] erradicar, na prática real na esfera dos sentidos<sup>31</sup>, todos os vestígios da infecção do organismo espiritual pelos, agora, desvanecidos falsos valores (e seus correspondentes motivos, atitudes, desejos, etc.), ao mesmo tempo afirmando, novamente em termos de prática real e incorporação sensorial, o ideal para o qual o eu venceu (Vasilyuk, 1991, p. 141, tradução nossa).

O terceiro subtipo (3) de *pereživanie* criativa relaciona-se com os estágios mais elevados de desenvolvimento da personalidade em termos de valor. “Uma crise de vida é antecipada pela destruição, ou ameaça de destruição, da entidade de valor à qual o indivíduo se vê pertencente.” (VASILYUK, 1991, p. 141, tradução nossa). Ele percebe a

---

<sup>31</sup> Aqui, sentidos é a palavra referente aos sentidos sensoriais do ser humano.

destruição, mas não pode renunciar seus valores e convicções, por isso, avaliando racionalmente essa situação, trata-se de algo insolúvel. Diante disso, qual seria a estratégia da *perejivanie* criativa?

Assim como a *perejivanie* de valor, antes de mais nada, levanta a questão de saber se a realidade deve ser confiável – será que se deve permitir com que a razão permaneça como a fonte da única e genuína verdade sobre a realidade, será que se deve aceitar a realidade fatural dada no momento como a expressão plenamente válida da realidade como um todo? Para a *perejivanie* de valor, foi uma realização suficiente de sua tarefa – capacitar o indivíduo a defender seu sistema de valores – desaprovar as reivindicações da razão e reconhecer em termos ideais que a realidade de valor era a realidade superior. Da *perejivanie* criativa é necessário algo mais, pois sua tarefa é capacitar o indivíduo a agir com base em seu sistema de valores, atualizá-lo e afirmá-lo, agir sobre ele sob condições que operam prática e materialmente contra ele (Vasilyuk, 1991, p. 141-142, tradução nossa).

É possível que isso aconteça quando um estado interior especial é alcançado, esse é o estado de prontidão para sacrificar qualquer motivo – abordamos tal estado anteriormente, no tópico da *perejivanie* de valor. No entanto, quando estamos tratando de um mundo vivido externamente fácil, essa

[...] mobilização de recursos internos foi alcançada por introversão aumentada, aqui, na situação em que há colisão direta com dificuldades e perigos externos, encontramos um movimento que toma a direção inversa e, em certo sentido, um movimento não para dentro do eu, mas para longe do eu, uma pessoa concentrando todas as suas forças espirituais e físicas não na conquista da felicidade pessoal, bem-estar ou segurança, mas no serviço a um valor mais elevado. O ponto mais alto desse movimento é um estado de prontidão incondicional para o auto sacrifício, ou melhor, um estado de total abnegação, completamente livre de todas as fixações egoístas. Este estado rompe a situação de “impossibilidade” a partir de dentro, pois tal estado dá sentido a ações “irracionais”, que são de fato as únicas ações que podem ter sentido em tal situação; ação altruísta torna-se uma possibilidade psicológica (Vasilyuk, 1991, p. 142, tradução nossa).

Vasilyuk (1991) compara as diferenças existentes entre os tipos de *perejivanie* que ele abordou, o autor explica que as diferenças se encontram na relação que a

*perejivanie* estabelece com o evento que gerou a situação crítica e com a necessidade que foi afetada pelo evento. “A experiência hedonista ignora a realidade, distorce-a e nega-a, criando uma ilusão de que a necessidade está sendo realmente satisfeita e [...] de que o conteúdo danificado da vida ainda está intacto.” (p. 142, tradução nossa). A *perejivanie* realista eventualmente aceita a realidade como ela é, ela adapta as necessidades do indivíduo às condições reais, o conteúdo de vida impossível é excluído pela vivência, “o indivíduo tem passado, mas não tem história” (Vasilyuk, 1991, p. 142, tradução nossa). A *perejivanie* de valor reconhece a realidade que está ameaçando o sistema de valores de um sujeito, mas não a aceita. Essa *perejivanie*

rejeita as reivindicações da realidade imediata para definir direta e incondicionalmente o conteúdo interno da vida, e tenta desarmar a realidade por meio de procedimentos semânticos ideais, empregados para privar o evento existencial de sua autoidentidade para torná-lo um objeto para interpretação e avaliação. O evento ocorrido é uma realidade irreversível além do poder humano de alterar, mas pela *perejivanie* de valor é traduzido em outro plano do ser, transformado em um fato da consciência e, como tal, transfigurado à luz do sistema de valores já desenvolvido ou em o processo de ser evoluído. Uma palavra falada e um ato feito não podem ser lembrados ou alterados, mas se sua ilicitude é reconhecida e a admissão de culpa e arrependimento se seguem, então ambos são aceitos como uma realidade da vida de alguém e ao mesmo tempo rejeitados em termos de valor. (Vasilyuk, 1991, pp. 142-143, tradução nossa).

Se a experiência hedonista rejeita a realidade, a realista a aceita incondicionalmente, a de valor a transforma no plano ideal e a criativa gera uma nova realidade de vida.

O conteúdo passado irrealizável da vida não é simplesmente “removido” idealmente pela *perejivanie* criativa. Dependendo dos julgamentos de valor feitos por uma pessoa em relação a uma relação de vida violada, a *perejivanie* criativa se esforça para (a) o renascimento da relação de vida particular, mesmo usando material diferente ou em uma forma alterada (se for totalmente aprovada); ou (b) sua regeneração em outra coisa (se for parcialmente condenado e parcialmente aprovado); ou (c) concepção de uma nova relação de vida em seu lugar (se for totalmente condenada). Mas, em qualquer caso, a *perejivanie* criativa preserva a relação de vida impossível na história da vida do indivíduo, [...] não é preservada inalterada como uma peça de museu inerte, mas

como uma árvore nova, saudável e frutífera nascida da semente de uma antiga (Vasilyuk, 1991, p. 143, tradução nossa).

#### 2.4.4 CORRELAÇÃO ENTRE TIPO DE MUNDO VIVIDO E SITUAÇÃO CRÍTICA

Vasilyuk (1991) avalia a relação que existe entre mundo vivido e situação crítica que pode emergir. Ele explica que o esperado seria existir apenas estresse no primeiro mundo, frustração no segundo, conflito no terceiro e crise no quarto, no entanto, não se trata de uma correlação simples e é isso que ele passa a analisar.

##### 2.4.4.1 SITUAÇÃO CRÍTICA NO MUNDO FÁCIL E SIMPLES

Neste ambiente, só há estresse. Porém, qualquer estresse é percebido pelo ser infantil – que é o tipo ideal tomado nesse mundo – como uma crise. Sabendo disso, é possível formular a seguinte situação: “quanto maior a influência que a atitude infantil tem na psique de uma pessoa em particular e mais ela determina sua atitude em relação ao mundo, mais provável é que qualquer falha ou infortúnio situacional seja percebida como uma crise geral da vida.” (Vasilyuk, 1991, p. 148, tradução nossa). No entanto, a influência que a atitude infantil vai ter na vida de determinada pessoa é definida pelo grau de maturidade, pelas características constitucionais – o exemplo fornecido é que uma pessoa com tendências para a histeria é muito influenciada pela atitude infantil – e pela condição psicofisiológica da pessoa. Em momentos de doença ou exaustão, a pessoa é mais influenciada pela atitude em questão. O autor ratifica que, quando essa atitude toma conta da pessoa, seu comportamento parece irrazoável para as pessoas ao seu redor.

#### 2.4.4.2 SITUAÇÃO CRÍTICA NO MUNDO DIFÍCIL E SIMPLES

Neste mundo, o estresse surge quando há dificuldades no mundo externo, no entanto, nesta concepção de mundo, existe diferença entre estresse e crise. Vasilyuk (1991) explica que o estresse é um equilíbrio dinâmico tenso entre o mundo infantil e o realista – a paciência neutraliza as crises infantis. “E se a poderosa energia dessa tensão não for utilizada na atividade externa orientada para o objeto, ela será forçada a se canalizar por todo o corpo como portadora de vitalidade. Do ponto de vista fenomenológico, isso explica as doenças psicossomáticas” (Vasilyuk, 1991, p. 149, tradução nossa).

A identificação que acontece é entre a frustração e a crise, assim, basta o ser deste mundo – que tem apenas uma necessidade – experienciar frustração (que é a impossibilidade de realizar sua necessidade) para que a perceba como uma crise. Como toda sua vida gira entorno dessa única necessidade, a não satisfação da mesma significa ameaça à vida.

Além disso, não há conflito na forma de uma contradição insolúvel que divide a consciência entre dois motivos neste mundo, isso porque “a simplicidade interna deste mundo vivido consiste no fato de que o sujeito não almeja a unidade da consciência nem tem a capacidade de conectar psiquicamente e considerar conjuntamente várias relações de vida.” (Vasilyuk, 1991, p. 150, tradução nossa). O autor afirma que

As contradições objetivas que surgem entre diferentes relações de vida não se tornam objeto de revisão psíquica especial, não são resolvidas pelos esforços conscientes e volitivos do sujeito, mas pela colisão mecânica de estímulos: aquele que se mostra mais forte em um determinado momento toma o poder sobre todo o mundo vivido e o possui monopolisticamente até que algum outro motivo situacional o supere em força de estimulação. Como resultado desse jogo situacional de estímulos de campo, desenvolvem-se objetivamente situações em que aparece em cena um motivo que obviamente não pode ser realizado pelo comportamento precedente que foi estimulado por outros motivos e não contava com a possibilidade de consequências negativas para as outras relações de vida do sujeito (Vasilyuk, 1991, p. 150, tradução nossa).

Essa situação corresponde ao comportamento de uma pessoa impulsiva, que não consegue ponderar como seu comportamento irá afetar as suas relações de vida que não

estão em destaque no calor do momento. Apesar de não ter situações de conflito<sup>32</sup>, contradições objetivas frequentemente dão origem à frustração. O que existe é uma contradição não entre relações de vida, mas dentro de uma relação apenas. Esse descompasso acontece “[...] entre objetivos que levam à realização de um motivo ou entre operações que levam à realização de um objetivo.” (Vasilyuk, 1991, p. 150, tradução nossa). O psicólogo caracteriza essas contradições como conflitos operacionais e não como conflitos internos.

A conclusão que Vasilyuk (1991) delineia neste tópico é que as circunstâncias objetivas da vida não determinam o tipo de situação crítica que vai emergir para uma pessoa. “Um indivíduo, cuja atitude em relação ao mundo é predominantemente realista, às vezes, experimentará um estado de frustração mesmo naquelas circunstâncias em que outras pessoas experimentariam o estado de conflito.” (Vasilyuk, 1991, p. 150-151, tradução nossa).

#### 2.4.4.3 SITUAÇÃO CRÍTICA NO MUNDO FÁCIL E COMPLEXO

Neste mundo, a satisfação é assegurada pela facilidade do mundo externo, no entanto, não se trata de uma situação livre de estresse. Para compreender as características do estresse aqui, Vasilyuk (1991) afirma que

[...] deve-se notar que uma atitude infantil integrada contém uma segunda metade que corresponde em termos de espaço e tempo a “isto-sempre” (ou “para sempre um”) em adição à primeira metade – buscando a satisfação “aqui e agora”, que tem sido o principal assunto de discussão até agora. Essa segunda metade deve ser interpretada como um esforço para que cada relação de vida seja exclusiva e eterna, um esforço para que seja “para sempre exclusivo”. Sob as condições do mundo complexo, esse esforço é constantemente frustrado por hierarquias de valor consciente de relações de vida que levam em consideração “isto” e “aquilo” (isto é, sem satisfazer as reivindicações de uma relação com todo o todo temporal, o “sempre” da vida). É assim que surge o estresse no mundo vivido complexo e fácil (Vasilyuk, 1991, p. 151, tradução nossa).

---

<sup>32</sup> Conflito enquanto categoria analisada por Vasilyuk (1991), ou seja, não há conflito que apareça na forma de uma contradição insolúvel entre dois motivos.

O ser que vive nesse mundo tem seus próprios mecanismos de enfrentamento para lidar com o estresse, Vasilyuk (1991) aborda dois deles: (a) subvalorização da importância da relação de vida em questão – que se relaciona com a paciência (mecanismo do segundo mundo vivido), pois ambos se direcionam para uma relação de vida não realizada; (b) desviar a atenção para outra relação de vida – que se relaciona com a esperança, porque, como ela, se direciona para a realização.

O estresse é experimentado pelo sujeito até que esses mecanismos sejam “colocados em prática”. Vale acrescentar que o estresse é uma complicação da vida neste mundo e não uma situação crítica. Vasilyuk (1991), então, volta-se para a questão da frustração neste mundo, ele explica que

o desaparecimento do objeto que satisfaz uma das necessidades cria aqui uma situação crítica porque priva o sujeito da oportunidade de selecionar uma atividade que satisfaça essa necessidade. Assim, as circunstâncias frustrantes produzem menos frustração do que uma espécie de conflito, pois a essência de qualquer conflito consiste na incapacidade do sujeito de fazer uma escolha (Vasilyuk, 1991, p. 152, tradução nossa).

De forma análoga à frustração no segundo mundo, aqui, o conflito coincide com a crise

[...] porque mesmo um conflito parcial de duas demandas sob as condições de existência de valor atua como uma violação de toda a unidade interna da consciência. No mundo vivido complexo, o conflito entre duas demandas não pode ser resolvido no âmbito das relações bilaterais entre elas, sua solução requer abordar a integridade da consciência ou o valor que representa essa integridade potencial. Portanto, a incapacidade de resolver uma contradição pessoal nas relações da vida revela uma falta geral de integridade. Se levarmos em consideração que estamos lidando não apenas com uma vida complexa, mas também com uma vida fácil para a qual o espaço-tempo da existência exterior é “aqui e agora”, fica claro que a falta de integridade fenomenologicamente não é de forma alguma uma violação que pode ser corrigida em alguma outra situação, lugar ou tempo. Por exemplo, a consciência atormentada do ser deste mundo é privada da certeza de que é possível mudar as circunstâncias e o ambiente, retirar-se da situação e sentir novamente uma identidade restaurada, integridade e o mesmo ego. Ele não tem “lá” e “então”, a vida externa é comprimida no ponto “aqui-e-agora”, e para ele esse ponto é cercado, em termos de tempo e

espaço, por “lugares e nunca”: se não aqui, então em nenhum lugar, se não agora, então nunca. E se a integridade não for alcançada neste ponto, o sujeito a percebe como um estado fenomenologicamente final. É compreensível que este estado também seja uma crise. Assim, uma contradição insolúvel das relações de vida (conflito) sob as condições do mundo vivido complexo e fácil resulta em uma crise (Vasilyuk, 1991, p. 152, tradução nossa).

Desconsiderando a tipologia ideal, ou seja, na vida real, as pessoas costumam tomar decisões temporárias, mas quando estamos dentro do mundo de tipo 3, a facilidade da vida torna a solução de uma contradição interna quase sempre em uma crise.

A razão é que a unidade da consciência estabelecida naquele momento é instantaneamente realizada (“aqui e agora”), tornando-se a unidade da vida. E se a resolução do conflito foi mesmo que marginalmente falsa, ou seja, não levou em consideração todas as consequências, nas condições de fácil realização, essa pequena mentira da consciência torna toda a vida falsa e inautêntica (Vasilyuk, 1991, p. 153, tradução nossa).

#### 2.4.4.4 SITUAÇÃO CRÍTICA NO MUNDO DIFÍCIL E COMPLEXO

Neste mundo, há estresse, frustração, conflito e crise. Para discriminar cada um desses tipos, é preciso compreender a correlação que existe entre a tipologia de mundos. Vasilyuk (1991) explica que o segundo mundo – caracterizado pelo autor comorealista – e o terceiro – como mundo de valor – incluem o primeiro mundo – mundo infantil –, enquanto o quarto mundo – criativo – inclui os três outros mundos, o que quer dizer que não existe relação de exclusão entre eles. Dessa forma, as leis que vigoram nos três primeiros mundos também valem para o quarto, no entanto, elas são subordinadas e controladas pelas leis próprias do mundo difícil e complexo, “[...] aproximadamente da mesma forma e na medida em que as seções mais antigas do cérebro são subordinadas e controladas pelas novas” (Vasilyuk, 1991, p. 153, tradução nossa). Apesar disso, há momentos em que as leis inferiores se tornam dominantes, essa mudança temporária é denominada pelo autor “deslizamento”.

É importante colocar que, a pessoa que vive neste mundo não percebe o estresse como crise, isso porque essa pessoa está ciente de que não contará com satisfação a todo momento. Porém, o estresse pode originar uma crise em determinadas circunstâncias. A primeira possibilidade é quando o indivíduo “escorrega” temporariamente de uma atitude volitivo-criativa para uma atitude infantil, dessa forma, qualquer complexidade ou dificuldade gera uma situação de “microcrise”. Vasilyuk (1991) explica que “Uma microcrise pode ser tão dolorosa quanto uma crise, mas geralmente dura pouco tempo, às vezes vários minutos, enquanto uma crise pode durar meses.” (p. 154, tradução nossa).

A segunda possibilidade é quando o estresse é crônico e intenso. Apesar de o sujeito do mundo complexo e difícil não esperar a satisfação “aqui-e-agora”, a completa ausência de satisfação “lá-e-depois” (ou “lá-e-então”) faz com que a vida se torne psicologicamente impossível e sem sentido. “[...] o sentido de alguma forma não coincide com o prazer e pode até ser cultivado pelo sofrimento, mas não pode existir sem nenhum prazer e satisfação. O estresse intensivo crônico transforma-se em crise indiretamente, através das frustrações e conflitos gerados pelo estresse.” (Vasilyuk, 1991, p. 154, tradução nossa).

Em situações de frustração, há a impossibilidade de realizar algum motivo, essa situação pode ser percebida como frustração de apenas uma de suas relações de vida ou também pode ser percebida como uma crise – o autor está se referindo à crise como um estado que acarreta dano global à integridade da vida. Assim, Vasilyuk (1991) se propõe a discutir em que circunstâncias isso pode ocorrer.

Em paralelo com a situação em que o estresse é percebido como crise, aqui, a pessoa pode escorregar de uma atitude volitivo-criativa para uma atitude característica do mundo 2, em que o “isto-sempre” torna-se estrutura dominante para a criação da crise – processo que Vasilyuk (1991) chama de simplificação subjetiva do mundo vivido. “A intensa fixação do sujeito em uma determinada atividade, característica desse estado, cria uma microcrise caso ela falhe. Esse aspecto difere-se da microcrise infantil porque tem uma causa claramente definida e difere-se de uma crise genuína porque seu caráter universal desaparece assim que o sujeito se envolve em outras relações da vida.” (Vasilyuk, 1991, p. 155, tradução nossa).

Tendo explicado isso, o autor se volta para a seguinte questão: quais são as condições para que frustração se torne uma crise sem que haja simplificação subjetiva do mundo vivido? A transformação de frustração em crise é mais provável quanto maior

for sentido de uma relação de vida frustrada, quanto mais profundo ela for danificada e quanto mais fortemente é conectada a outras relações de vida.

Essa lógica também pode ser utilizada para analisar situações de conflito. As circunstâncias conflituosas são situações em que o sujeito tem que superar uma intensa complexidade da vida (o que é esperado para o mundo do tipo 4) e também a impossibilidade de resolver contradições de suas relações de vida.

Uma característica especial da existência de conflito no mundo vivido difícil e complexo é que aqui as relações de vida conflitantes não estão na forma de ideias, princípios ou sentidos puros, mas na forma de atividades entrelaçadas no tecido físico e emocional geral da vida, cada um dos quais é todo um conjunto de sentimentos, memórias, ações, hábitos, etc. que são depositados, fixados e incorporados em objetos externos (uma velha poltrona, o cheiro das folhas de outono, uma xícara de café matinal). Portanto, o conflito se desenvolve não apenas no campo das relações entre motivos e valores, mas de alguma forma no diálogo com o mundo exterior, com a experiência real. [...] O conflito exacerba muito a existência, mas a “dificuldade” do mundo ameniza o conflito ao resistir à sua transformação em crise. (Vasilyuk, 1991, p. 155, tradução nossa).

No entanto, a resistência pode ser insuficiente e aí o conflito torna-se crise. Isso pode acontecer quando a atitude do indivíduo se torna característica do mundo 3, a estrutura do “aqui-e-agora” passa a dominar.

Normalmente, fantasias compensatórias sobre um “mundo melhor” em outro lugar e/ou época são sintomas dessa microcrise. Os neuróticos costumam reclamar de não terem nascido na época certa. Essa microcrise frequentemente envolve aspectos morais e então o mundo inteiro parece se afundar no mal e ser totalmente corrompido: “as pessoas são más”, “você não pode confiar em ninguém”, etc., mesmo reconhecendo que “o mundo inteiro está nas mãos do maligno” (I João 5:19), ter fé no fato de que “a luz brilha nas trevas, e as trevas não a venceram” (João 1 :5), ou seja, não espera que o mundo corresponda a valores morais em todos os pontos, e vê sua tarefa moral não em criticá-lo por essa falta de correspondência, ou em se afastar dela, mas em uma tentativa de aumentar ou pelo menos manter a “luz”. (Vasilyuk, 1991, p. 156, tradução nossa).

Neste trecho, Vasilyuk (1991) faz menção a passagens bíblicas para sustentar sua visão a respeito da instauração de uma crise. Ele não traz explicações sobre crenças

peçoais religiosas terem relação com a produção de uma crise, então o que resta é problematizar o fato de ele estar tomando a bíblia como referência em um trabalho científico, principalmente tendo em mente que durante sua vida, Vasiliuk desenvolveu o que ele chama de Psicologia Cristã.

A segunda situação em que um conflito se torna crise é “quando os valores se envolvem em um conflito no qual se baseia a ideia de vida como um todo” (Vasilyuk, 1991, p. 156, tradução nossa).

Portanto, existem diferentes tipos de situações críticas neste mundo. Enfrentar microcrises envolve a busca pelo retorno à atitude mais desenvolvida (volitivo-criativa), ou seja, a condições do mundo 4, onde a situação que emergiu é crítica, mas não mais uma crise – aspecto que será mais adiante.

#### 2.4.4.5 SÍNTESE DO QUE FOI PRODUZIDO A PARTIR DAS CORRELAÇÕES ENTRE AS SITUAÇÕES CRÍTICAS E O MUNDO VIVIDO

A partir daquilo que Vasilyuk (1991) aborda a respeito das possíveis correlações entre as situações críticas e os mundos vividos, o autor organiza um quadro que sintetiza o que ele elaborou, traduzimos esse conteúdo no quadro 8.

#### **Quadro8– Síntese das correlações entre situações críticas e mundo vivido**

<b>Mundo vivido</b>		<b>Mundo interno</b>	
		Simple	Complexo
<b>Mundo externo</b>	Fácil	Estresse = crise	Estresse conflito = crise
	Difícil	Estresse frustração = crise	Estresse frustração conflito = crise

(Vasilyuk, 1991, p. 157, tradução nossa).

As explicações de Vasilyuk (1991) e o quadro 8 demonstram que a mesma situação gera status diferentes nos diferentes mundos, por exemplo, o que é apenas um conflito no mundo 4, é uma crise para o sujeito do mundo 3. Além disso, “[...] não

apenas as mesmas circunstâncias objetivas se transformam em diferentes tipos de situações nos diferentes mundos vividos, mas o próprio tipo de situação crítica adquire características diferentes dependendo do mundo vivido em que o encontramos.” (Vasilyuk, 1991, p. 158, tradução nossa). Ou seja, o estresse é diferente no mundo 2 e no mundo 3, então há diversas versões de estresse. O autor assevera que essa conclusão é especialmente importante para a psicoterapia, porque uma crise infantil causada por razões insignificantes – do ponto de vista objetivo – pode ser percebida como uma catástrofe – do ponto de vista subjetivo.

Vasilyuk (1991) acrescenta o conceito de crise cintilante e traz um exemplo para ilustrar o conceito. Ele afirma que recebeu uma ligação de uma ex-cliente que gostaria de marcar um encontro com ele. Diante disso, ele respondeu que poderia encontra-la em uma semana e só a veria antes disso caso se tratasse de uma situação séria. A paciente, porém, não soube precisar quão sério era a situação pela qual estava passando, ela afirmou que algumas coisas aconteceram com ela e, em alguns momentos, tudo parece terrível e insuportável, em outros, ela reflete e tudo aquilo parecia insignificante. Trata-se de uma crise cintilante, isto é, um período em que os eventos ocorridos ainda não foram processados pela *perejivanie* e, então, são percebidos de forma alternada no contexto dos diferentes mundos vividos, conseqüentemente, ora assumem status de crise, ora não.

Analisando essa crise cintilante, Vasilyuk (1991) chega à conclusão de que há duas explicações para ela: a primeira é que há

um enfraquecimento geral do mundo vivido, no caso de uma doença somática, exaustão, etc., quando alguma razão insignificante é suficiente para causar um estado temporário de desconforto geral que pode ser rapidamente interrompido pelo esforço voluntário, pela remoção da razão ou pelo conforto e calma com muito cuidado e preocupação parental (Vasilyuk, 1991, p. 156, tradução nossa).

A segunda acontece quando a crise que foi originada objetivamente por eventos sérios e pode ser substituída temporariamente por um sentimento de tranquilidade ou indiferença. Diante disso, a “cintilação” deve ser interpretada como um deslize defensivo temporário para a atitude infantil, em que se torna difícil avaliar toda a profundidade e seriedade do evento. A partir dessas observações, Vasilyuk (1991) conclui que uma mudança no mundo vivido que não foi processada pode ser ou um mecanismo que originará uma crise ou um mecanismo de sua *perejivanie*.

## 2.5 CORRELAÇÃO ENTRE OS TIPOS DE SITUAÇÕES CRÍTICAS E OS TIPOS DE *PEREJIVANIE*

Vasilyuk (1991) coloca o seguinte questionamento: “existe uma única correlação entre os tipos de situação crítica e os tipos de *perejivanie* em que o estresse é sempre vivido de forma hedônica, a frustração, como *perejivanie* realista, o conflito, como *perejivanie* de valor e a crise, como *perejivanie* criativa?” (p. 160, tradução nossa). Para responder, o autor se propõe a estudar as combinações possíveis entre os tipos de mundo vivido e as situações críticas. Tais combinações geram 16 situações possíveis – como é possível observar no quadro 9.

### Quadro 9– Combinações possíveis entre os tipos de mundo vivido e as situações críticas

		Tipo de <i>perejivanie</i>			
		1 Hedonista	2 Realista	3 De Valor	4 Criativa
Tipo de situação crítica	1 Estresse	1/1	2/1	3/1	4/1
	2 Frustração	1/2	2/2	3/2	4/2
	3 Conflito	1/3	2/3	3/3	4/3
	4 Crise	1/4	2/4	3/4	4/4

(Vasilyuk, 1991, p. 159, tradução nossa).

Não se faz necessário avaliar cada uma delas para compreender a ideia geral que Vasilyuk (1991) planeja passar. Algumas serão tomadas como exemplo.

2/1 *perejivanie* realista do estresse: tomando a dor como exemplo de estresse, o ponto fulcral da *perejivanie* realista para o enfrentamento desta dor é

colocar esse sentimento no espaço-tempo de alguma atividade em que a dor (a) não é mais um elemento ativo que define toda a atitude em relação ao mundo, mas se tornou um objeto passivo dessa atividade, (b) não é mais o único conteúdo da consciência, mas tornou-se “um deles”, obteve uma localização especial específica em contraste com sua tendência infantil de ser abrangente e, finalmente, (c) foi colocado em uma estrutura temporal que contradiz sua tendência imanente de ser eterno (Vasilyuk, 1991, p. 160, tradução nossa).

Vasilyuk (1991) fornece um exemplo que vem de sua prática atendendo pessoas que foram atingidas pelo terremoto armênio de 1991. Ele descreve um método, o “Círculo das Sensações” – que corresponde ao sistema teórico da vivência realista do estresse – que costumava ajudar os pacientes a lidarem com dor física intensa:

[...] ao trabalhar com um menino que teve uma perna esmagada, primeiro estabeleci contato psicoterapêutico com a ajuda de algumas palavras, toques e algumas ações simples de enfermagem (endireitar o travesseiro, lavar o rosto, etc.), depois coloquei uma mão em sua testa e a outra em seu braço e pedi-lhe que tentasse intensificar ao máximo a sensação dolorosa (o conhecido método de “intensificar o sintoma” ou a intenção paradoxal de V. E. Frankl) e acenar com a cabeça quando não aguentasse mais. Então, eu pressionei seu arco superciliar, aumentei gradativamente a pressão e pedi ao paciente para me dizer quando a dor da pressão tornava-se muito intensa. Depois disso, diminuí lentamente a pressão e pedi para que ele notasse como as sensações dolorosas em sua testa desapareciam. Na etapa seguinte, manipulei o braço do paciente e pedi que ele percebesse as sensações que surgiam. No momento em que notei que a dor original na perna começou a aumentar, pedi novamente que ele se concentrasse nela e a intensificasse o máximo possível. Assim começou o segundo “círculo de sensações”. Em seguida, pressionei novamente o arco superciliar e pedi ao paciente que notasse como a dor “fluía” da perna lesionada até o ponto na testa sob meus dedos. Então diminuí a pressão e a dor se dissipou, etc. Assim, a dor original do paciente passou a fazer parte de um círculo de sensações sucessivamente despertadas pelo terapeuta e pelo paciente: a dor original – seu fluir para a dor na testa – a dissipação desta dor — sensações no braço — dor original, etc. Os comentários verbais do psicoterapeuta, a respeito do curso de todo o processo, envolviam uma reflexão empática dos sentimentos presentes do paciente e, a respeito de seu padrão rítmico, envolviam uma reprodução de ritmo de sua respiração. Isso criou e manteve um contato próximo e tornou possível introduzir sugestões calmantes em uma fase particular do “Círculo”. (Vasilyuk, 1991, pp. 160-161, tradução nossa).

Neste ponto, é válido acrescentar que V. E. Frankl é um autor da análise existencial. Como é possível notar até aqui, Vasilyuk (1991) vai incorporando teorias incompatíveis epistemologicamente ao seu pensamento, característica do ecletismo descrito e criticado por Vigotski (2004).

O efeito que o método descrito por Vasilyuk (1991) tem se relaciona com o fato de que a dor torna-se localizada e limitada no tempo (primeiro na testa e depois no braço), além de também se tornar um objeto da atividade do paciente – aspectos importantes no mundo realista. A dor deixa de ser um “Todo excruciante” e se torna uma parte desagradável, mas suportável, da atividade do paciente.

3/1 *perejivanie* de valor do estresse: Vasilyuk (1991) continua tomando a dor como exemplo de estresse. Para a *perejivanie* de valor atuar no enfrentamento desta dor, a consciência deve desviar a atenção para outro aspecto que não desperte dor. Esse desvio de atenção não quer dizer que a dor irá cessar. A essência do mundo complexo está relacionada ao fato de que “isto” e “aquilo” se mantêm simultaneamente, “isto é, a dor (‘isto’) da qual a atenção é desviada para algum objeto (‘aquilo’) para o qual é atraída. Essa mudança de atenção significa uma mudança na estrutura fenomenológica.” (Vasilyuk, 1991, p. 161, tradução nossa).

1/2 *perejivanie* hedonista da frustração: A vivência hedonista no enfrentamento da frustração pode ser representada por fantasias protetoras, nelas a pessoa consegue a satisfação ilusória da necessidade que foi frustrada.

2/2 *perejivanie* realista da frustração: o autor lança mão de mais um exemplo prático. Uma mulher de 40 anos formada em agricultura e biologia chefiava uma equipe de pesquisa que cuidava de um jardim em um sanatório. Durante um conflito no trabalho, ela acabou acertando um funcionário subordinado com uma vassoura. Ela ficou chocada com seu comportamento e pediu para ser internada no departamento de neurose. Depois de receber alta, ela começou a trabalhar como enfermeira júnior, mas ela sentia vergonha por ocupar esse cargo mesmo tendo dois diplomas e sonhava em retornar à sua posição anterior. Apesar disso, em pouco tempo, a mulher começou a encarar o trabalho atual como algo temporário que seria necessário para que ela restaurasse “suas forças, sem as quais não seria capaz de retornar ao seu antigo trabalho” (Vasilyuk, 1991, p. 162, tradução nossa). A tarefa de *perejivanie* aqui consistia em conferir sentido ao trabalho atual.

Essa tarefa foi resolvida incorporando o novo trabalho na estrutura psicológica da atividade frustrada como uma ação separada: meu novo trabalho não é um obstáculo para o antigo, mas o primeiro passo preparatório para seu retorno. É como se uma conexão significativa se estendesse entre o desagradável e necessário “aqui-e-agora” e o impossível “lá-e-então” que os une e ao mesmo

tempo dá sentido à realidade presente e ao futuro, que parecia quase inacessível (retorno ao amado trabalho), possível (Vasilyuk, 1991, p. 162, tradução nossa).

3/2 *perejivanie* de valor da frustração: Vasilyuk (1991) recorre a outro exemplo vivido por ele. Ele conta que, anos antes de escrever “*Psychology of Experiencing*”, queria mudar das províncias para a capital, mas isso não era possível, o que gerou frustração de seu desejo. Ele notou que a *perejivanie* dessa frustração tomou dois caminhos: o primeiro consistia em uma *perejivanie* hedonista, tratava-se da esperança de que um dia ele receberia uma proposta de emprego em Moscou que lhe ofereceria residência na cidade – ele afirma que eram pensamentos involuntários que sustentavam essa esperança; o segundo era retratar sua mudança em conversas com outras pessoas ou em diálogos internos não como algo impossível, mas como uma escolha difícil. Ou seja, era como se ele transformasse a impossibilidade da mudança na impossibilidade de avaliar os prós e contras de se mudar.

De acordo com ele, esse processo se desenvolve assim: frustração – *perejivanie* – conflito. Assim, Vasilyuk (1991) coloca a seguinte questão: “Qual a ‘vantagem’ dessa *perejivanie* e quais são seus mecanismos?” (p. 163, tradução nossa).

A *perejivanie* criou uma sensação de controle sobre a situação, a mudança é possível, mas é difícil decidir. Além disso, ela não transformou a frustração em conflito de uma vez por todas, essa transformação era reproduzida de tempos em tempos (como em um equilíbrio dinâmico).

A *perejivanie* começou quando minha consciência se fixou nesse desejo não realizado, entrando no estado do “mundo vivido simples e difícil” (“Eu quero precisamente e apenas isso, mas é inacessível”). E o trabalho de *perejivanie* consistia em transferir a consciência para o estado do “mundo complexo-e-fácil de viver” (“tudo é possível, só é difícil escolher”), onde o desejo frustrado era confrontado com outros desejos cuja satisfação poderia ser prejudicada pela mudança (particularmente, o desejo de criar os filhos em um ambiente ecologicamente e climaticamente mais favorável). Durante e como resultado dessas comparações, a força estimulante da necessidade irrealizável diminuiu e, conseqüentemente, o grau de frustração também foi reduzido. Assim, periodicamente o trabalho realizado pela *perejivanie* permitia conciliar o forte desejo irrealizável (Vasilyuk, 1991, p. 163, tradução nossa).

O autor afirma que lhe parece, que nesses casos, duas versões desse processo são possíveis. Uma é a representada pelo exemplo de sua vida, em que existe a criação de

uma ilusão de controle e escolha, em vez de uma escolha realmente livre. “O motivo frustrado original é sublimado no desejo consciente em uma extensão que não estimula o comportamento diretamente, mas espera até que o ‘tribunal de jurados’ na consciência o revise junto com outros desejos e chegue a um veredito” (Vasilyuk, 1991, p. 163, tradução nossa). Porém, a sublimação não é suficiente para que se tome uma decisão final, pois isso não seria benéfico. Diante disso, a resposta da consciência é procrastinar e jogar com o tempo sem tomar decisões finais, como se estivesse esperando que as circunstâncias externas ou internas se transformem.

A segunda versão dessa *perejivanie* seria uma ação bem-sucedida de sublimar completamente o motivo “e transformar sua energia em uma forma de significado consciente a tal ponto que sua força estimulante não pertence mais apenas a esse motivo particular, mas começa a ser definida pelo contexto dos campos semânticos de outras relações de vida e valores superiores” (Vasilyuk, 1991, p. 164, tradução nossa). Assim, o motivo não recusa a realização e, ao mesmo tempo, não a exige voluntariamente, ele se torna “servo”, já que está pronto para agir de acordo com a vontade e aprovação das instâncias superiores.

Parece que um divisor de águas entre a *perejivanie* “malsucedida” e “bem-sucedida” divide essas duas versões: (a) no primeiro caso, a frustração não é resolvida categoricamente, mas apenas temporariamente removida. E, embora sejam introduzidos recursos específicos do mundo vivido de valor – escolha consciente, eles são mais provavelmente usados para camuflar a tendência selecionada antecipadamente (no exemplo, o desejo de se mudar), ou seja, são apenas intensificadores dos mecanismos de *perejivanie* do mundo vivido realista, principalmente a paciência. De certa forma, esse processo lembra uma situação em que um estado totalitário usa procedimentos que são democráticos em sua forma para seus propósitos. O “insucesso” desta *perejivanie* não está de todo na falta de resultados, mas no risco de travar o desenvolvimento do indivíduo. Por um lado, a *perejivanie* impede que a iniciativa do sujeito se traduza em ação real, embora tenha apenas uma chance ínfima de sucesso, mas ainda assim é uma expressão de vida viva, aberta e honesta internamente, capaz de criar uma vivência de vida profunda e edificante e, por outro lado, não muda radicalmente essa iniciativa, mas a preserva; (b) o segundo caso oferece a possibilidade de resolução categórica da situação. Quando o motivo é sublimado em um significado claro e consciente (e não um obscuro, obstinado, inconstante

“eu quero”), o situacional é separado do supra situacional, e o conteúdo objetivo específico da necessidade (“mudar-se para a capital”) da própria necessidade, que se materializa na forma valor-semântica (“mudar-se por quê”). Quando a consciência alcança tal separação, objetiva e semântica, surgem muitas novas possibilidades que estavam psicologicamente ausentes antes dessa separação: seja a possibilidade de alienação relativamente indolor desse objeto específico (mudar-se “por quê” em vez de “mudar-se para o capital”), ou sanção pela consciência desse objeto específico, dessa atividade específica, tão logo a consciência a veja como uma concentração de esperanças internas não apenas de uma necessidade frustrada, mas também de outras necessidades da personalidade. Neste último caso, a situação psicológica também muda: passando pelo crisol da escolha interna e reconhecimento, o motivo obtém não apenas a sanção da consciência, mas também a energia, e de fato a energia de outros motivos e valores que viram nesse motivo frustrado e nessa atividade a esperança de sua própria realização também. Esse aumento de energia pode transformar completamente a antiga situação totalmente impossível em uma situação que ainda é difícil, mas possível. E é essa transferência da impossibilidade para a possibilidade que compreende a essência da vivência (Vasilyuk, 1991, pp. 164-165, tradução nossa).

As conclusões a que o autor chega são que qualquer situação crítica pode ser atravessada por meio de qualquer tipo de *perejivanie*. No entanto, a possibilidade de passar por determinada situação não quer dizer que se trata de uma *perejivanie* bem-sucedida. Apesar de já termos abordado as diferenças do que é bem-sucedido e do que é malsucedido no quadro 6, agora, munidos do que foi exposto, é possível se aprofundar mais nesse aspecto.

As combinações entre tipo de *perejivanie* e tipo de situação crítica 1/2, 1/3, 1/4 e 2/4 são consideradas malsucedidas. Já 2/1, 3/1, 4/2 são bem-sucedidas. As combinações 2/3 e 3/2 podem, às vezes, serem bem-sucedidas, às vezes, malsucedidas. Analisando as regularidades, o autor afirma que “se o nível de *perejivanie* for maior do que o nível de uma situação crítica, trata-se de uma situação ‘bem-sucedida’” (Vasilyuk, 1991, p. 171, tradução nossa).

A *perejivanie* de uma situação crítica pode ser mediada pela transição do mundo vivido do indivíduo de um estado para outro. Esta mediação implica três processos interligados. Primeiro, a transição do mundo vivido para outro estado.

Em segundo lugar, mudanças no status e no tipo de situação crítica envolvida na transição [...]. Terceiro, reestruturação dos eventos em termos de conteúdo e significado em um novo contexto. O trabalho de *perejivanie* é realizado em conjunto por todos os três processos (Vasilyuk, 1991, p. 172, tradução nossa).

Até este ponto, focamos nas explicações advindas dos tipos ideias de mundos vividos, situações críticas e *perejivanie*. Mas, no mundo real, as pessoas vivem em uma mistura de mundos vividos, em que há certa proporção de um ou de outro, isso torna difícil descrever os processos específicos da *perejivanie*. Para tentar descrevê-los, deve-se

aprender como descrever processos empíricos como específicos e únicos, mas ao mesmo tempo descrevê-los sistemática e conceitualmente, como processos regidos por leis. Para resolver esta tarefa, devem ser desenvolvidas formas teóricas versáteis que permitam uma consideração flexível do aspecto multifacetado dos processos empíricos (Vasilyuk, 1991, p. 173, tradução nossa).

Vasilyuk (1991) afirma que seria normal esperar que as situações críticas da vida surgissem por si mesmas e que, se uma situação crítica surgiu, então é hora da *perejivanie* entrar em cena para que seja enfrentada e para que a situação normal seja reestabelecida. Porém, não é isso: situação normal – situação crítica – vivência – situação normal que acontece, não se trata de um processo linear. No exemplo que ele forneceu de sua própria vida, “A frustração do desejo de se mudar para a capital se transformou ao ser experienciada como conflito interno, a impossibilidade interna de fazer a melhor escolha: mudar-se ou ficar. A sequência do processo foi a seguinte: frustração — vivência — conflito.” (p. 173, tradução nossa).

Diante deste exemplo de sua própria vida, Vasilyuk (1991) se pergunta: qual o benefício que essa transformação da situação crítica tem? O autor avalia que são preponderantes características correspondentes ao tipo infantil em seu mundo vivido, portanto, uma situação de contradição interna acabou sendo psicologicamente mais aceitável do que a situação de obstáculos externos difíceis. O processo de *perejivanie* neste caso pode ser considerado como de valor hedonista. Hedonista porque houve transformação de uma situação externa difícil em uma fácil, em que “a dificuldade é subestimada e não é percebida como um obstáculo; e é uma experiência de valor porque transforma uma situação internamente simples em uma situação complexa ao introduzir uma necessidade frustrada no campo das comparações de valor com outras necessidades.” (Vasilyuk, 1991, p. 174, tradução nossa).

O autor concluí que nesses processos é possível perceber que, em determinados momentos, “[...] a *pereživanie* não segue a situação crítica, mas a situação crítica segue a *pereživanie*.” (Vasilyuk, 1991, p. 174, tradução nossa). Além disso, nota-se que “quando as leis que regem um determinado tipo dominam a consciência de uma pessoa, haverá uma tendência a transformar as situações críticas que surgem em uma situação que corresponde a esse tipo dominante.” (Vasilyuk, 1991, p. 174, tradução nossa). Dessa maneira, é possível afirmar que, de certa forma, a situação crítica é criada pela pessoa, a questão que fica é quão deliberada é essa criação.

Para discutir essa questão da deliberação, Vasilyuk (1991) discute uma situação que ocorreu em sua própria família. Um dia, seu filho, com quatro anos e meio, disse que não queria ir para a escola. Tratava-se de uma escola nova e que o filho ainda não havia se acostumado a ir. O autor respondeu o filho dizendo para ele ir escovar os dentes logo para não se atrasarem – primeira frustração de seu desejo. Ele foi até o banheiro, mas ao invés de pegar a escova de dentes, ele ficou gesticulando como se tentasse pegá-la – da mesma forma que fazia quando tinha um ano. Vasilyuk (1991) interpretou isso como uma regressão, como reação à frustração inicial, emerge uma tentativa infantilizada de passar pela situação, que gera outra frustração, agora uma frustração artificial. No caminho para a escola, a criança disse que gostaria de voar, no entanto, todas as opções – avião, paraquedas... – que lhe foram apresentadas foram rejeitadas, como se o filho de Vasiliuk quisesse continuar insatisfeito.

Vasilyuk (1991) passa para a comparação entre as frustrações presentes no exemplo acima.

No primeiro caso, a criança não recebeu apoio psicológico de seu pai, foi o pai que representou o verdadeiro elemento frustrante ao forçá-lo a ir para o jardim de infância. Ou seja, a criança não estava apenas frustrada, mas também incapaz de receber apoio com o qual poderia ter passado produtivamente pela situação. A tensão psicológica era grande e não podia ser aliviada, permanecendo na forma de frustração da vontade de ficar em casa. Então, por meio da regressão (ou fantasia no caso do desejo de voar), essa tensão psicológica é moldada como uma nova frustração fabricada. O adulto deixa de ser um elemento frustrante nesta situação secundária e assim a criança consegue encontrar ajuda, apoio, participação, atenção, compreensão, enfim, a confirmação de que é amada e acolhida, podendo assim ultrapassar o medo de separação de seus pais, que

provavelmente foi a razão pela qual surgiu a frustração primária (Vasilyuk, 1991, pp. 175-176, tradução nossa).

Vasilyuk (1991) afirma que esse é um aspecto importante para psicoterapeutas, já que muitas vezes, busca-se por resultados bons em pouco tempo, no entanto, em psicoterapia, um bom resultado intermediário não necessariamente é a normalização de um quadro, mas sim uma situação crítica – situação essa que pode ser ainda mais aguda do que aquela com a qual o cliente veio pedir ajuda.

O psicoterapeuta iniciante tende a ver a condição do cliente não como uma situação crítica, ou seja, uma situação de impossibilidade, mas como uma situação-problema para a qual uma solução é perfeitamente possível se o trauma, o caráter, a situação familiar, os motivos e outros fatores forem bem pensados e analisados. Portanto, quase todo o processo consultivo não o satisfaz internamente, pois não contém a “solução do problema psicológico”. Ao fazer isso, o psicoterapeuta se assemelha a uma criança que plantou uma semente à noite e na manhã seguinte corre para ver se ela já começou a crescer (Vasilyuk, 1991, p. 176, tradução nossa).

Assim, o objetivo do psicoterapeuta não deveria ser transformar a crise em um estado normal. Outro aspecto importante é que as cadeias de *perejivanie*, assim como a relação entre o que é colocado como normalidade, crise e *perejivanie*, não necessariamente são lineares, pode ser que determinados eventos possuam um efeito de feedback positivo ou negativo em elementos anteriores da cadeia.

Durante processos de *perejivanie* longos e complexos, alguns de seus fragmentos circulares podem se desprender do corpo principal da *perejivanie*, formar uma cápsula e se transformar em um complexo. A *perejivanie* efetiva se completa, mas seus fragmentos carregados de afeto permanecem, revelando-se em uma reação inapropriada quando novos eventos de vida, por meio de alguma associação, de alguma forma fecham o circuito desse fragmento. Então, vários eventos internos entram em ação novamente, os quais podem reproduzir *perejivanie* que ocorreram há muito tempo (Vasilyuk, 1991, p. 177, tradução nossa).

Vasilyuk (1991) também pontua que o processo de *perejivanie* de cada um é influenciado pelas características pessoais da pessoa em questão.

No entanto, isso não torna mais fácil colocar metodologicamente e corretamente o problema das “características e *perejivanie* individuais”. Não pretendemos

discutir este problema neste livro, desejamos apenas tentar colocar a questão corretamente, porque como L.S. Vygotsky escreveu, uma resposta aproximadamente certa para uma pergunta feita corretamente é melhor do que uma resposta correta até o último ponto decimal para uma pergunta formulada incorretamente (Vasilyuk, 1991, pp. 17-178, tradução nossa).

O autor explica que não é muito difícil apontar diferenças empíricas entre uma pessoa histórica e uma pessoa com esquizofrenia, por exemplo, mas ele afirma que “[...] se não quisermos nos contentar com um conjunto infundável de dependências empíricas, mas quisermos obter um conhecimento teórico consistente [...]” (Vasilyuk, 1991, p. 178, tradução nossa), é preciso trabalhar com um conceito que possa traduzir a descrição do temperamento e do caráter para a “linguagem” da teoria da *perejivanie* aqui discutida. Vasilyuk (1991) acrescenta que o conceito de mundo vivido pode atuar nessa tradução.

O psicólogo assevera que a tipologia de mundos vividos não busca fornecer uma tipologia das personalidades, ela apenas descreve estados em que a realidade vivida de uma pessoa em particular pode ser encontrada em um determinado momento. “No entanto, encontramos pessoas nas quais predomina um desses estados, o que define muito sua atividade vital e as características gerais de sua psique. Assim, é possível comparar a tipologia dos mundos vividos com as conhecidas tipologias de personalidade e caráter.” (Vasilyuk, 1991, p. 178, tradução nossa). Aqui, o autor usa como base teórica para tratar das tipologias de personalidade o trabalho de E. Kretschmer – autor que correlaciona a constituição física das pessoas com o quadro de psicose por exemplo. Apesar disso, Vasilyuk (1991) ratifica que esse exemplo é apenas uma ilustração das possíveis relações existentes entre tipo de mundo vivido e personalidade, não se trata de uma vinculação inequívoca.

Como mencionado, para analisar, então, essa possível relação entre o mundo vivido e a personalidade é preciso traduzir as questões relativas à personalidade e às características individuais para a “linguagem” da descrição de um mundo vivido. Para Vasilyuk (1991), esse passo da tradução se faz necessário para uma psicoterapia eficaz no caso da “psicoterapia experiencial<sup>33</sup>” (p. 179).

O autor explica que “[...] o conceito de mundo vivido é essencialmente um conceito fenomenológico, um mundo vivido é algo percebido de dentro, e caráter e

---

<sup>33</sup>Experiential psychotherapy.

temperamento são características objetivas que são vistas de uma posição externa e distanciada.” (Vasilyuk, 1991, p. 179, tradução nossa). O autor continua:

Se durante a consulta eu começo a olhar para o crânio em forma de torre do meu cliente, sua postura um tanto pretenciosa com a coluna afetadamente reta, se eu começo a ouvir os tons metálicos de sua voz, faço uma anotação mental da peculiaridade das associações e começo a reduzir todas essas observações a categorias caracterológicas, perco a capacidade de entender seu mundo, de experimentar seus sentimentos, de sentir a atmosfera interna de sua vida, e isso significa que paro de participar plenamente do trabalho de *perejivanie* que ocorre em sua alma, e eu me transformo em um observador desapegado, que pode ser tão perspicaz quanto quiser, mas que é completamente inútil para este trabalho que determina o sucesso da psicoterapia (Vasilyuk, 1991, p. 179, tradução nossa).

Dessa forma, a ideia de Vasilyuk (1991) é que para considerar mitologicamente a influência das características de cada pessoa em seu processo de *perejivanie*, é necessário que o psicólogo tenha

[...] capacidade de descrever essas peculiaridades em termos do mundo vivido. Uma personalidade histórica e o mundo da pessoa histórica significam algo muito diferente. Da mesma forma, escolhemos caminhos essencialmente diferentes se colocarmos nosso problema como “*perejivanie* de uma personalidade histórica” ou “*perejivanie* no mundo de uma pessoa histórica” (Vasilyuk, 1991, p. 179, tradução nossa).

Vasilyuk (1991) retoma a fórmula que ele elaborou anteriormente, se o nível de experiência for maior do que o nível de uma situação crítica, trata-se de uma situação bem-sucedida, para afirmar que se trata de uma situação válida para uma “molécula” separada de *perejivanie*. No entanto, ele se pergunta de que forma é possível determinar o sucesso ou não de um processo a longo prazo.

Diferentes tipos de *perejivanie* não apenas se sucedem nesta rede em tecelagem contínua. Eles interagem entre si para que um processo empírico possa ser guiado por dois princípios diferentes. Assim, dois tipos diferentes de *perejivanie* podem formar uma espécie de híbrido [...]. Uma menina após a perda de seu pai, inventou uma história defensiva que explicava sua ausência. Obviamente, foi uma *perejivanie* hedonista. No entanto, com o passar do tempo, essa defesa poderia preservar sua função – manter a crença da menina de que seu pai estava vivo –

desde que ela modificasse a história de acordo com os fatos da mudança da realidade (digamos, o segundo casamento de sua mãe). Assim, o princípio de realidade também participou do trabalho da *perejivanie*, embora desempenhando apenas um papel secundário, estando a serviço do princípio do prazer (Vasilyuk, 1991, pp. 179-180, tradução nossa).

## 2.6 ANÁLISE HISTÓRICO-CULTURAL

Novamente, Vasilyuk (1991) salienta que se debruçou em análises ideais, o que quer dizer que são análises descoladas do que é histórico, por isso, são insuficientes para compreensão dos processos de *perejivanie* de uma pessoa real. Assim, a tipologia dos processos de *perejivanie* deve ser complementada pelos aspectos da teoria histórico-cultural, último tópico discutido no livro. O autor aponta que essa necessidade já não era nova no momento em que escreveu esta obra, isso pois Leontiev e Luria, embasados na teoria de Vigotski, já apontavam para a necessidade de considerar as experiências humanas complexas como resultado do desenvolvimento histórico.

Para explicar a necessidade de se considerar a análise histórico-cultural, Vasilyuk (1991) se volta para o exemplo de prisioneiros na fortaleza de Schlüsselburg – Leontiev trata desse exemplo na seguinte referência “Leontiev, A.N., *Needs. Motivations. Emotions*, Moscow University Press, 1971 (in Russian).”, à qual não tivemos acesso. Os prisioneiros conseguem passar por um processo de transformação dos motivos da atividade que lhes era imposta – Vasilyuk (1991) explica que a mudança acontece devido a certos “esquematismos” que agem na consciência.

Há diversos esquematismos que definem a consciência e a consciência de si de um ser humano na sociedade europeia moderna. No exemplo dos prisioneiros de Schlüsselburg, o autor afirma que havia um esquematismo central nesse período que ele convencionou em chamar de personalidade.

Dentro do campo de operação deste esquematismo, o mais alto valor é dado a aspectos da vida humana como autoconsciência, livre arbítrio, iniciativa, responsabilidade, etc. – em uma palavra, liberdade. Quando uma pessoa está efetivamente integrada psicologicamente com o meio cultural dado, as características de atividade acima mencionadas são para ela exigências reais de

grande importância para sua vida, e seus processos de *perejivanie* se esforçam o melhor que podem para reconstruir, reformular ou reavaliar uma situação tão que corresponda a esses requisitos. Em outras palavras, um conteúdo particular do processo de *perejivanie* não é algo que surge de qualquer inclinação natural da mentalidade humana em geral. Para um membro de uma sociedade primitiva, por exemplo, simplesmente não ocorreria que ele pudesse ser pessoalmente responsável pelo fracasso de uma caçada. A culpa é colocada na magia, no mau-olhado, influências malignas, contra as quais ele se defende ritos, experienciando assim a situação de maneiras bem diferentes daquelas conhecidas pelo europeu contemporâneo (Vasilyuk, 1991, p. 185, tradução nossa).

A partir disso, Vasilyuk (1991) coloca que a sua tarefa é esboçar algumas ideias a partir de conceitos gerais da perspectiva histórico-cultural para que, assim, sejam delineadas primeiras hipóteses que podem servir como ponto de partida para outros estudos. Assim, seu objetivo é responder quais são os “modos especificamente culturais” de passar pela *perejivanie*. O autor explica que, neles, encontra-se o conhecimento acumulado através da história de como situações típicas de vida são experienciadas. Ele também acrescenta informações a respeito dos instrumentos e signos que medeiam a atividade. Nesse ponto do texto, Vasilyuk (1991) parece buscar elencar categorias “equivalentes” à categoria de signo e instrumento que existem em outras teorias:

Todas essas características são mostradas por esquemas substantivos especiais bem conhecidos [...] na maior parte das humanidades e concebidos desde os primórdios da filosofia. Entre os exemplos modernos de tais concepções, os mais populares entre os psicólogos ocidentais são os “arquétipos” de Carl Jung. [...] Entre os filósofos russos que seguem a mesma tradição, encontramos Pavel Florensky e seus “esquemas do espírito humano”. [...] Conceitos relacionados também foram empregados produtivamente por autores soviéticos: no campo dos estudos literários há M.M. Bakhtin com sua “ordem tempo/conteúdo” [...] (Vasilyuk, 1991, p. 187, tradução nossa).

Mais uma vez, observa-se uma marca de ecletismo quando Vasilyuk (1991) trata dos arquétipos de Jung, colocando os signos e instrumentos como esquematismos da consciência tais quais esses arquétipos.

Diante dessa concepção, ele afirma que quando a consciência está sintonizada em determinado esquematismo, o indivíduo passa a obedecer às regularidades

particulares desse esquematismo. Portanto, Vasilyuk (1991) compreende que esses esquematismos são formas culturalmente prescritas para a *perejivanie* individual.

Vasilyuk (1991) explica que o processo de assimilação desses esquematismos é diferente do processo de aquisição de conhecimento, para explorar melhor a compreensão de como ocorre essa assimilação, será explorado um caso particular de *perejivanie*. Trata-se de uma assimilação que acontece em estágios, os primeiros passos são aleatórios, a consciência vai “caindo” no esquematismo, devido a certas ações do indivíduo e a certas situações em que se encontra. No entanto, para que o esquematismo seja assimilado/sintonizado e a crise experimentada e superada, “é necessário mais do que uma adequada sintonia da consciência; é necessária uma reconstrução da consciência até seus níveis mais profundos.” (Vasilyuk, 1991, p. 188, tradução nossa).

Essa operação é complexa e não acontece baseada apenas em um indivíduo, deve haver outra pessoa que aparece ao sujeito que passa pela *perejivanie* “como uma personificação da visão de mundo própria do esquematismo em que ele está prestes a entrar” (Vasilyuk, 1991, p. 188, tradução nossa).

Nesta subseção, finalizamos a exposição referente ao conteúdo do livro “*Psychology of Experiencing*”. Na seção seguinte, seguiremos com a análise do conteúdo do livro, na tentativa de construir nossa visão a respeito da obra de Vasiliuk com base naquilo que defendemos como Psicologia Histórico-Cultural.

### SEÇÃO 3: MÉTODO ESVAZIADO, OFICINA DO ECLETISMO: RECUPERANDO A RADICALIDADE DO MATERIALISMO HISTÓRICO- DIALÉTICO

*“A busca pelo método torna-se uma das tarefas mais importantes da pesquisa. O método, neste caso, é ao mesmo tempo premissa e produto, ferramenta e resultado da pesquisa”*

(VYGOTSKI, 1995, p. 28, tradução nossa).

A partir da exposição de parte da teoria desenvolvida por Vasiliuk e de algumas análises que iniciamos na seção anterior, nos deteremos a analisar as categorias utilizadas por Vasiliuk de consciência, crise e de *perejivanie* à luz do materialismo histórico-dialético e da PHC. Outro ponto que será discutido e ampliado é a demonstração de que é possível projetar avanços nas discussões propostas pelo autor a partir da recuperação da radicalidade do método e de uma leitura coerente epistemologicamente das obras dos autores da PHC nas quais Vasiliuk afirma ter se baseado: Vigotski e Leontiev.

#### 3.1 PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL: UMA QUESTÃO DE MÉTODO

Como foi sendo pontuado ao longo da Seção 2, Vasilyuk (1991) se afasta do materialismo histórico-dialético em vários aspectos na construção de sua teoria. No entanto, nos artigos que constam no quadro 1, em que os autores citam Vasiliuk, é possível notar que muitas vezes o trabalho do psicólogo é trazido como se ele fosse um continuador da PHC ou um autor que tem contribuições alinhadas ao pensamento de Vigotski.

Albarrán (2017), Albuquerque (2023), Abreu (2012), Chikunda, Chikunda e Castro (2017), de forma ou de outra, abordam o trabalho de Vasiliuk tratando sua obra

como continuação da obra de Vigotski. Jerebtsov (2017) também coloca a concepção de *perejivanie* de Vasiliuk como complementar à de Vigotski. Blunden (2021), ao se referir à noção de *perejivanie* em Vasiliuk, afirma que “O significado mais específico [de *perejivanie*] usado por Vasiliuk é geralmente **associado** ao trabalho de L.S. Vygotsky.” (p. 199, tradução nossa, grifo nosso), ou seja, explicitando haver ligação entre ambos. Stetsenko (2016) dá a entender que Vasiliuk é parte da escola de Vigotski.

Shayakhmetova et al (2020) apenas cita Vasiliuk – ao lado de Zeigarnik – como pesquisador da formação de valores da personalidade. No artigo de González-Moreno (2022), que foi escrito com base na PHC, Vasiliuk é usado como referência pontualmente, o que pode sugerir também que há concordância entre sua teoria e as construções da PHC. Além disso, na entrevista que Nikolai Veresov deu a Tofanelli e Franco (2021), ele aponta Vasiliuk como seguidor de Vigotski.

Em Capucci (2017) e Capucci e Silva (2018), as autoras abordam o conceito de *perejivanie* de Vasiliuk e a de Vigotski, no entanto, não há uma correlação clara entre as duas que permita compreender o entendimento das autoras no que concerne à relação que se estabelece entre os conceitos, o que deixa margem para dúvidas. Daniels (2016) assevera que Vigotski se voltou a estudar *perejivanie* no fim de sua vida e completa dizendo que o conceito ficou esquecido até que Vasiliuk desenvolvesse sua teoria a partir da *perejivanie*, também não deixando evidente a possível correlação.

Chesnokova(2021) traz uma análise da obra de Vasiliuk mais detida, em que aborda ideias presentes no livro mais famoso do autor e objeto desta pesquisa. Vasiliuk é apresentado como pertencente à tendência existencial-humanista na psicoterapia ao mesmo tempo em que afirma que o esteio de seu trabalho é a teoria de Vigotski e de Leontiev. Nessa mesma linha atravessada pelo ecletismo, Kozulin (1991) aponta que Vasiliuk é um seguidor modernista de Vigotski.

Pinheiro (2020), Ramos (2018), Yurevna (2011), León (2006) e Berenchtein Netto (2011) apenas mencionam Vasiliuk. Rey, Goulart e Bezerra (2016) trazem Vasiliuk para seu trabalho para abordar questões históricas da Psicologia Soviética, não relacionando a teoria com a PHC diretamente. Rerke et al (2021) utilizam Vigotski e Vasiliuk como referência para entender seu objeto de pesquisa, mas não há uma correlação explícita entre o trabalho dos dois.

É preciso salientar que os textos citados até aqui não se aprofundam na teoria desenvolvida por Vasiliuk, então não fica tão evidente qual a compreensão de cada autor no que tange ao seu trabalho, as tentativas de buscar sistematizar as noções expostas

neles ficam a cargo das inferências possíveis. Já os que se aprofundam são aqueles que pontuam que a obra de Vasiliuk é um caminho em outra direção, que não a da PHC. Andrade (2022), Liberalie Fuga (2018) e Clarà (2016) colocam que há uma diferença nas concepções de Vigotski e Vasiliuk no que concerne ao conceito de *perejivanie*. Delari Junior (2020), como apontado no início desta dissertação, assevera que é necessário haver investigações acerca da teoria de Vasiliuk justamente para entender a epistemologia base utilizada.

Por isso, sinalizamos a importância de, além de pontuar as divergências que foram sendo colocadas na Seção 2, fazermos uma breve análise comparativa entre os conceitos de consciência, de crise e *deperejivaniia* na obra de Vasiliuk e na obra de Vigotski. Essa análise é importante para demonstrar que não é possível “importar” as definições e elaborações de Vasilyuk (1991) para as construções e práxis sustentadas pela PHC.

### 3.1.1 CONCEITO DE CONSCIÊNCIA

Antes de partirmos para a concepção de Vigotski a respeito da consciência, é importante recapitular brevemente alguns pontos concernentes à de Vasilyuk (1991). Além disso, sinalizamos também a importância de, em seguida, abordarmos a forma com que Rogers (1987) descreve a consciência, já que Vasilyuk (1991) se diz um seguidor de ambos os teóricos citados.

A partir da relação entre observador e observado, Vasilyuk (1991) discrimina quatro níveis de consciência que atuam como mediadores do processo de *perejivanie*: a reflexão (R), o inconsciente (I), a experiência (E) e a consciência (C). Apesar de fazer bastante sentido entender que há uma síntese produzida a partir do tipo de relação estabelecida entre observador e observado dentro do materialismo histórico-dialético, ao descrever os regimes de consciência, Vasilyuk (1990; 1991) acaba incorrendo em subjetivismos e ecletismos que o distanciam do materialismo histórico-dialético da PHC.

A explicação de Vasilyuk (1991) com relação ao nível R, como já pontuado, carrega algumas semelhanças com as propostas atuais da atuação do psicólogo a partir da PHC. No entanto, asseveramos que não é possível transpor retalhos provenientes das

elaborações de Vasilyuk (1991) para a Psicologia Histórico-cultural – essa prática seria semelhante ao “enxerto” feito pelo autor da ACP de Rogers na tradição da Psicologia Histórico-Cultural russa a que tecemos críticas.

Ao trabalhar com o nível inconsciente (I), Vasilyuk (1990; 1991) o faz partir do viés da psicanálise, como se o nível I fosse um lugar que guardasse “forças psicológicas” (Vasilyuk, 1991, p. 21, tradução nossa). Vigotski (2004) aponta que as concepções de Freud sobre o inconsciente “contradizem o materialismo dialético” (p. 265), ele explica que

[...] a tentativa de criar uma psicologia com ajuda do conceito de inconsciente tem neste caso duas vertentes: por um lado, é uma espécie de psicologia idealista, que se cumpre com o preceito de explicar os fenômenos psíquicos a partir de si mesmos, e por outro lado, Freud se situou no terreno do materialismo ao introduzir a ideia de um forte determinismo em todas as manifestações psíquicas, cuja base caiu reduzida ao nível orgânico e biológico [...] (Vygotski, 1991, p. 99, tradução nossa).

Ainda é válido acrescentar que Leontiev (2021), autor também muito citado por Vasilyuk (1991), enxerga que Freud levou o problema da consciência para longe da Psicologia, “[...]a principal instância que representa a consciência – o “supereu” – é essencialmente metapsíquico.” (Leontiev, 2021, p. 51), ou seja, há a compreensão de que Freud foi subjetivista, opondo-se a concepções materialistas.

Além disso, Vasilyuk (1990; 1991) trata da atuação do psicólogo no nível E a partir da teoria desenvolvida por Carl Rogers (2017) e acaba tangenciando também a noção de associação livre freudiana, mesmo que não trate o fenômeno com este nome (FREUD, 2010). Como exposto, Vasilyuk (1990) fala de bloquear as influências do nível C, o que se assemelha à associação livre, e fala da importância de o psicólogo manter uma postura empática. Por fim, quando Vasilyuk (1990; 1991) trata do nível C, também notamos aproximação das noções freudianas, principalmente quando o autor trabalha com a noção de trazer conteúdos reprimidos ao nível C, como observado na seção anterior.

Como Vasilyuk (1990; 1991) busca amparo na teoria de Rogers, faz-se necessário tratarmos da noção de consciência deste autor. Rogers (1987) a entende como sinônimo de representação e simbolização, já que, para ele, consciência denota representação ou simbolização de uma parte da experiência vivida. Rogers (1987) coloca que

[...] as noções de **percepção** e consciência ainda que fundamentalmente sinônimas, diferem, no entanto, pelo fato de que uma é mais restrita do que a outra. O termo “percepção”, se emprega, geralmente, com relação ao efeito de excitantes de fonte externa, enquanto que o termo “consciência” pode abranger o efeito de excitantes provenientes de fontes puramente internas, como a memória ou os processos fisiológicos, e também o efeito de excitantes de fonte externa (p. 164, grifo nosso).

Em Vasilyuk (1991) e em Rogers (1987), a consciência parece ser situacional, ou seja, tem um caráter que se relaciona com o que acontece em cada situação experienciada. Já em Vigotski, a consciência é algo mais abrangente e mais complexo. Trata-se de uma qualidade do psiquismo que diferencia o ser humano dos animais. Esse processo de diferenciação ocorre na ontogênese a partir da materialidade, ou seja, a partir da internalização do que está dado objetivamente. Sendo que se trata de um processo que acontece pela realização de atividades desempenhadas pelo ser humano para se relacionar com o meio e que são mediadas pela utilização de instrumentos e signos (Vygotski, 1991). Além disso, é válido pontuar que na PHC, a percepção é entendida como função psicológica que faz parte da consciência, não há relação de sinonímia entre esses dois conceitos (Luria, 1979). Embora os processos sensoriais e perceptivos tenham um papel importante na formação do reflexo subjetivo consciente da realidade objetiva, este não é uma mera cópia do mundo externo e sim uma refração mediada pela situação social de desenvolvimento do sujeito, que envolve a apropriação de instrumentos e signos ocorrida até aquele momento.

Aita (2014) ainda aponta a importância de tratarmos do processo de desenvolvimento da consciência na filogênese para que sua complexidade seja apreendida. Isso porque, no processo evolutivo, os aspectos sociais foram tomando papel de protagonismo, possibilitando o desenvolvimento das funções psicológicas superiores que compõem a consciência como todo único.

É imprescindível também trabalhar com a noção vigotskiana de consciência de si e autoconsciência. Vygotski (1996) afirma que durante o desenvolvimento é possível que a pessoa se compreenda em diferentes níveis de complexidade. Na infância, por exemplo, a compreensão a respeito de si mesmo é incipiente, trata-se primeiro de uma capacidade de se entender como iniciador de uma ação e de diferenciar os objetos sobre os quais a criança está agindo, dela própria. Assim, a consciência de si vai tomando

forma, como uma primeira noção que a criança vai estabelecendo de si mesma e do mundo ao seu redor.

Aos poucos, os significados e as funções de um determinado gesto da criança são determinados em um primeiro momento pela situação concreta e objetiva. Depois, as pessoas ao redor da criança começam a dar significados e funções aos objetos, ações, situações. Aos poucos, a criança vai apreendendo o que está posto socialmente por aqueles à sua volta e começa a tomar consciência de suas ações, o que possibilita essa diferenciação em níveis maiores de complexidade (Vygotski, 1996; Vygotski, 1995).

Além disso, a utilização do pronome “eu” é uma fase importante desse processo de tomada de consciência, indicando que a criança está pavimentando o caminho a ser seguido para elaboração da autoconsciência. No entanto, Vygotski (1995) assevera que isso não indica que a criança tenha consciência de sua personalidade, essa já é uma característica própria do processo de desenvolvimento da autoconsciência que se desenvolve mais tardiamente (Bozhovich, 1960; 2004).

Assim, a autoconsciência se desenvolve mais para frente no processo de humanização, isso pois só é possível desenvolver autoconsciência na medida em que o ser humano passa a compreender a si mesmo de forma mais complexa com o auxílio das palavras e a partir do desenvolvimento do pensamento por conceitos (Vygotski, 1996). Vygotski (2000) explica que é “[...] só depois dos doze anos<sup>34</sup>, ou seja, com o início da puberdade e ao término da primeira idade escolar, começam a desenvolver-se na criança os processos que levam à formação dos conceitos e ao pensamento abstrato.” (Vygotski, 2000, p. 155). Se as condições de vida propiciarem este alcance, o adolescente poderá compreender a si mesmo em meio às relações sociais, iniciando o seu processo de autodeterminação.

A unidade de análise da consciência para Vygotski, segundo Aita (2014), é o significado da palavra, isso abre margem para que Leontiev (2021) pudesse dar

---

<sup>34</sup> Faz-se importante salientar que o processo de desenvolvimento, conhecido como periodização na PHC, é descrito a partir da sucessão das etapas pelos quais a criança vai passando. Nesta elaboração própria da PHC, a idade da criança vai sendo utilizada como base para explicar as mudanças que vão acontecendo, mas asseveramos que não se trata de observar apenas a idade da criança e sim como a idade se relaciona com o que está posto socialmente. Isto é, precisamos entender o que a sociedade atual espera da criança e o que ela proporciona para cada indivíduo em cada idade. Essa ressalva é imprescindível porque não se trata de etapas estanques, não significa que todas as pessoas passarão pelos mesmos processos com as mesmas idades e nem que os processos não se sobrepõem – pelo contrário, encontramos características de cada um deles “misturadas” em diferentes momentos de vida. Quando Vygotski (2000) se refere aos “doze anos”, ele está tratando de um período em que a criança está entrando na adolescência, quando a sociedade dá condições para que o pensamento por conceitos seja formado. Assim, acabamos nos referindo a idades para que fique mais didático e para que seja mais simples correlacionar o que está sendo exposto com a realidade concreta.

continuidade ao estudo da consciência na PHC, entendendo-a como uma forma especificamente humana do reflexo subjetivo consciente da realidade objetiva, formada a partir do tecido sensorial da consciência, do significado como um problema da consciência e do sentido pessoal.

Quando Leontiev (2021) aborda o tecido sensorial, explica que se trata de um tecido que forma a composição sensorial das imagens da realidade que são percebidas diretamente ou evocadas pela memória. Essas imagens vão assumir uma nova qualidade a depender de seus significados. Dessa maneira, a função dos significados é interpretar o mundo na consciência do ser humano. Quando colocamos os motivos e as particularidades de cada pessoa nesta equação, temos o sentido pessoal atuando na consciência, sua função é justamente avaliar os nexos que são estabelecidos com o mundo, mediando também a relação entre ser humano e meio.

Não entraremos em mais detalhes sobre a concepção de Leontiev (2021)<sup>35</sup>, pois isso foge do escopo de possibilidades desta pesquisa. Porém, fica evidente que a consciência dentro da PHC é dotada de uma complexidade que não é captada pela concepção desenvolvida por Vasilyuk (1990; 1991). Seguindo nossa análise, na próxima subseção, iremos abordar a concepção a respeito do conceito de crise nas obras de Vasilyuk e de Vigotski.

### 3.1.2 CONCEITO DE CRISE

Por mais que o conceito de crise que Vasilyuk (1991) considera o mais produtivo – aquele que ele chama de “abordagem do desenvolvimento individual” no tópico 2.3. deste trabalho – seja condizente com a visão desenvolvida por Vigotski, o conceito que vai ocupar um lugar central em suas elaborações é aquele denominado “crise situacional”. Trata-se necessariamente de algo com conotação negativa, são crises traumáticas e que se constituem como uma desorganização que afeta a constituição psíquica do sujeito. Crises situacionais, como Vasilyuk (1991) pontua em seu livro, são diferentes das crises que Vygotski (2006) distingue no processo de desenvolvimento.

---

<sup>35</sup>Novamente, indicamos a leitura da tese de Calve (2024) para aprofundamento na teoria de Leontiev.

No estudo do desenvolvimento psíquico, Vygotski (2006) lança mão do conceito de crise para explicar os momentos de transição entre uma fase e a próxima. Pautada em uma visão dialética, a compreensão da PHC a respeito do desenvolvimento é que não se trata de um processo linear, no geral, durante as crises, há mudanças bruscas nas necessidades da criança e em seus motivos. Vygotski (2006) explica que vistas de fora, as características do período de crise são opostas à estabilidade que se observa no período anterior. “[...] durante um tempo relativamente curto (vários meses, um ano, dois no máximo), ocorrem mudanças e deslocamentos, modificações e rupturas abruptas e fundamentais na personalidade da criança.” (Vygotski, 2006, p. 173, tradução nossa).

Apesar de haver essa discrepância aparente, Vygotski (2006) assevera que os limites entre o início e fim de uma crise e as idades adjacentes são indefinidos, pois não se tratam de períodos estanques. Assim, é possível notar característica de períodos críticos e de idades estáveis em um mesmo momento no desenvolvimento. Vygotski (2006) sistematiza as características mais marcantes dos estágios críticos de forma didática, mas é importante pontuar que, na prática, vemos manifestações de vários períodos em uma mesma idade.

Em idades críticas, o desenvolvimento da criança costuma ser acompanhado de conflitos mais ou menos agudos com as pessoas ao seu redor. Em sua vida interna, a criança pode sofrer experiências dolorosas e conflitos íntimos. Claro, nem sempre é esse o caso. Os períodos críticos são diferentes em crianças diferentes. Mesmo em crianças que são muito semelhantes em termos de desenvolvimento e posição social, o curso da crise apresenta muito mais diferenças do que quando comparado a períodos estáveis. São muitas as crianças que não apresentam dificuldades no domínio educativo, nem diminuem o seu rendimento escolar (p. 174, tradução nossa).

Fica evidente que crise, para Vygotski (2006), é um momento que faz parte do desenvolvimento, é necessário para que haja movimento nesse processo. São as quebras da estabilidade que proporcionam os saltos qualitativos importantes para o desenvolvimento do psiquismo, das funções psicológicas superiores e da personalidade.

Já a crise trabalhada por Vasilyuk (1991), como mencionado, tem conotação negativa, trata-se de momentos difíceis pelos quais uma pessoa passa em sua vida, quando há impossibilidade de realizar necessidades internas e dificuldade de continuar vivendo. Este tipo de crise denota obstáculos ou impedimentos ao desenvolvimento,

podendo transformar-se em sofrimento, sendo que seu agravamento pode levar a processos de adoecimento.

Vasilyuk (1991) coloca como trabalho do psicólogo ajudar a pessoa que chega até ele vivendo uma situação crítica a superar essa crise por meio do enfrentamento dessa situação, que seria o processo de *pereživanie* já trabalhado neste texto. Assim, há uma tentativa de buscar por novos sentidos, de construir novas possibilidades para que a pessoa consiga seguir vivendo sua vida. Esses aspectos distanciam bastante a visão de Vasilyuk (1991) da visão de Vygotski (2006).

No entanto, isso não quer dizer que a elaboração a respeito das crises situacionais e sua relação com o adoecimento psíquico não seja importante para o campo da Psicologia. Estamos tratando de dois conceitos diferentes, mas que podem coexistir no rol de uma mesma teoria psicológica. Inclusive, temos autoras contemporâneas da PHC, tais como Almeida (2018), Penteadó (2018; 2024) e Santos (2022), que estudam adoecimento psíquico a partir da perspectiva da determinação social do processo saúde-doença. Além disso, temos também a patopsicologia desenvolvida por Zeigarnik, cujo objeto de estudo é justamente a desintegração da personalidade, sua teoria foi analisada por Silva (2014). Também podemos citar o trabalho de Ratner (2019) que nos apresenta um “modelo médico cultural” para compreender as patologias atuais. Essas concepções têm vários pontos semelhantes à noção de crise de Vasilyuk (1991).

Apesar disso, as elaborações deste autor não conseguem transpor a barreira da aparência dos fenômenos, isso porque ele elabora toda sua teoria de forma descolada da realidade concreta. Assim, Vasilyuk (1991) não tem condições de analisar a crise de um sujeito entendendo suas múltiplas determinações. O contexto social não é trabalhado, os atravessamentos determinados pela sociedade de classes não são levados em consideração. Vasilyuk (1991) exemplifica situações que podem ser consideradas crises – como já apontado na seção anterior, a morte de alguém próximo, doenças, transformações orgânicas decorrentes da idade, mudanças drásticas na condição de vida ou nas responsabilidades de alguém (ter um filho, casar, se aposentar...) –, mas não há aprofundamento para além disso, pelo menos nas obras consultadas nesta pesquisa.

Quando Vygotski (1997) trabalha a concepção a respeito do diagnóstico dentro da perspectiva histórico-cultural, ele trata da importância de seu aspecto qualitativo. Ele e Luria, de acordo com Ricci (2014), postularam a necessidade de se chegar à essência dos fenômenos, entendendo que a realidade psíquica de cada pessoa se forma a partir de

suas vivências e de suas respectivas condições de reprodução de vida. Então, qualquer que seja a situação pela qual alguém irá passar, para entendê-la, é necessário tomar a realidade em sua complexidade como parâmetro.

Ratner (2019) coloca seu “modelo médico cultural”, que “[...] reflete as mudanças históricas das condições sociais e suas consequências.” (p. 391), como antítese ao modelo biomédico hegemônico. O autor salienta que as questões sociais que acarretam sofrimento e adoecimento psíquico, a partir do paradigma dominante a respeito dos processos saúde-doença, são normalizadas, enquanto as patologias que surgem como consequência do que é social são problematizadas isoladamente. Ratner (2019) também afirma que a partir do entendimento individualizado das patologias, enfatiza-se a naturalização de condições sociais precárias e realiza-se a manutenção da sociedade neoliberal.

Assim, no campo da saúde, ficamos presos à busca por técnicas e práticas que tratem dos sintomas da precarização das condições de vida, isto é, o adoecimento tomado de forma isolada de cada sujeito, enquanto as raízes do problema, ou seja, as condições de vida adoecedoras, são esquecidas. “O tratamento individual de distúrbios anormais permanece **contraditório** pela toxicidade normal, que continuamente empurra o paciente de volta à condição patológica. Consequentemente, o paciente permanece em necessidade de tratamento prolongado para aguentar a normalidade patológica” (Ratner, 2019, p. 400, grifo nosso). Isso quer dizer que majoritariamente se busca adequar as pessoas às condições de vida que as adoecem.

Dessa maneira, teorias que são elaboradas de forma descolada da realidade concreta, como é o caso da compreensão de Vasiliuk, se tornam muito perigosas, isso porque elas podem ser tomadas de maneira isolada das contradições sociais e tornam-se fórmulas para adaptação dos seres humanos às condições de vida desumanizadoras. Isso faz com que as teorias fomentem a alienação inerente ao capitalismo, alinhando-se às práticas da burguesia em prol da manutenção da ideologia vigente, colaborando também para que as condições desumanizadoras do capitalismo se propaguem.

Além disso, entendemos que, em decorrência da visão reducionista, Vasilyuk (1991) não estabeleceu graus de impacto que determinada situação pode ter, isso também empobrece a análise de uma crise. Podemos citar dois exemplos que se encaixam na categoria de mudanças drásticas na condição de vida de alguém e que, apesar de semelhantes, são qualitativamente diferentes: (1) uma mãe solo, que tem dois filhos, mora em uma casa alugada e cuja única renda é seu salário, perde o emprego em

decorrência do corte de gastos em uma empresa e entra em um período de crise. (2) uma mulher que mora com os pais, em uma casa que pertence a eles e que é majoritariamente sustentada por esses pais, também perde o emprego e também entra em um período de crise.

São duas situações críticas atravessadas por certa semelhança, mas que vão requisitar abordagens completamente diferentes. No primeiro caso, é necessário pensar em questões concretas: como aquela mãe vai pagar o aluguel da casa? As contas de água e luz? A comida para três pessoas? São questões concretas e estruturais da nossa sociedade que irão gerar e podem aprofundar o sofrimento dessa pessoa. No segundo exemplo, outras questões devem ser investigadas, porque o básico vai continuar assegurado para essa mulher. Talvez questões relacionadas à autoestima, ao machismo no trabalho, por exemplo, aspectos que também carregam um peso social, mas que não colocam em risco a comida e o teto da pessoa em questão. Salientamos que esses exemplos são trazidos aqui não com o objetivo de comparar o sofrimento de cada indivíduo, mas sim de apontar que existem aspectos **qualitativos** diferentes que consequentemente exigem avaliações também diferentes.

Dessa forma, quando falamos do estabelecimento de graus de impacto, estamos nos referindo a esse aspecto qualitativo de cada crise na vida específica de um sujeito concreto imerso nas determinações sociais decorrentes do neoliberalismo e do lugar que ele ocupa socialmente. Isso também implica levar em consideração, por exemplo, os atravessamentos ligados às questões étnico-raciais, à classe social, às questões de gênero, de orientação sexual e etc. Assim, é preciso reconhecer que em uma sociedade de classes, existem limites muito bem estabelecidos do que é possível de ser superado individualmente e do que não é, por isso o papel da Psicologia também deve ser problematizado e compreendido nesse contexto.

Quando Vasilyuk (1991) trata da superação de crises, ele se restringe à atuação do psicólogo na clínica, um trabalho que acontece no âmbito individual e que, por isso, tem grandes limitações. Apesar disso, o autor não aborda tais restrições. Por isso, asseveramos a necessidade de aprofundamento na análise de uma situação por que alguém passa, contextualizando sua realidade, apenas assim é possível chegarmos mais perto de compreender quais as possibilidades e impossibilidades de superação de uma dada situação difícil e mais perto também de entender a função da Psicologia nesse processo. Problemas estruturais e o sofrimento psíquico acarretado por eles só podem

ser superados em coletividade, novamente, trata-se de uma discussão que escapa da análise de Vasiliuk.

Munidos desta discussão, salientamos que, atualmente, muito se fala sobre “crises de saúde mental”. O significado social que esse termo carrega se relaciona diretamente com a concepção de crises situacionais em Vasilyuk (1991). Porém, dentro da PHC, é difícil de encontrar artigos e trabalhos que orientem diretamente a atuação do psicólogo em momentos de crises, de sofrimento e adoecimento psíquico por meio de buscas em bancos de dados conhecidos no Brasil.

Em agosto de 2024, fizemos uma busca com os descritores “crise” e “psíquica” na base de dados da *SciELO* e *Redalyc*. Na primeira, foram encontrados 17 artigos que tratavam do tema, nenhum se baseava na PHC. Já na plataforma *Redalyc*, o resultado foi de 96768 artigos, o que impossibilitou a checagem de todos. Escolhemos os 20 primeiros como amostra e, novamente, nenhum partindo da PHC. Na verdade, a maioria dos artigos das duas plataformas são orientados pela psicanálise.

Em outubro de 2024, tentamos refinar a procura por trabalhos na plataforma *Redalyc* ao introduzir na busca – junto dos descritores “crise” e “psíquica” – primeiro, o descritor “Vigotski” – usando em cada busca as diferentes grafias para o nome do autor: “Vygotski”, “Vygotsky”, “Vigotsky” – e em seguida o descritor “Psicologia Histórico-Cultural”. Ainda obtivemos milhares de artigos como resultado, tomamos os 10 primeiros como amostra de cada busca e notamos que a maioria dos artigos se referia à crise como conceito que Vygotski (2006) distinguiu ao estudar desenvolvimento psíquico ou à crise identificada pelo autor em “O significado Histórico da Crise em Psicologia”. Ainda vale acrescentar que alguns dos artigos encontrados eram orientados pela teoria psicanalítica a despeito dos descritores que se relacionam diretamente com a PHC.

Assim apontamos para a necessidade de continuarmos construindo um aporte teórico que sustente a noção do que é uma crise em saúde mental e qual o papel da Psicologia marxista frente às crises lançando mão do método materialista histórico-dialético. Os trabalhos supracitados, a saber Almeida (2018), Penteado (2018; 2024), Ratner (2019), Santos (2022) e Silva (2014)<sup>36</sup>, estão abrindo um caminho muito importante para que seja possível a PHC ocupar um local de mais destaque quando o assunto é sofrimento e adoecimento psíquico.

---

<sup>36</sup> Para aprofundamento nas questões relativas à visão da PHC dos processos de sofrimento e adoecimento psíquico, recomendamos a leitura dos trabalhos citados nesta subseção.

### 3.1.3 CONCEITO DE *PEREJIVANIE* EM VASILIUUK E VIVÊNCIA EM VIGOTSKI

De acordo com Kozulin (1991) a palavra *perejivanie*, que é o termo usado no russo tanto por Vigotski (2018) quanto por Vasilyuk (1984;1991) para elaborar suas considerações, é uma palavra russa que carrega uma ampla gama de significados. Sendo assim, concordamos com Toassa (2009) quando ela afirma que se trata de um conceito difícil de traduzir para a língua portuguesa sem que haja grande prejuízo atrelado à tradução.

Toassa (2009) se aprofunda no assunto e se coloca a explicar alguns dos significados que *perejivanie* pode assumir. A primeira possibilidade é ser um estado de espírito suscitado por fortes sensações ou uma impressão experimentada. Ao estudar as traduções da obra de Vigotski feitas do russo para o inglês, Toassa (2009) se deparou com a tradução de Teresa Prout que afirma que não há termo equivalente em inglês para traduzir *perejivanie* e aponta que seu significado seria “expressar a ideia de que uma situação objetiva pode ser interpretada, percebida, experimentada ou vivida diferentemente por diversos sujeitos” (p. 56). O que implica, em uma visão materialista dialética que defendemos, considerar as múltiplas determinações que incidem sobre esta interpretação, percepção, experiência e vivência.

Ela também cita Paulo Bezerra, tradutor de obras de Vigotski para a língua portuguesa, que explica que *perejivanie* é um estado psicológico especial, configurando-se pela presença de sensações ou sentimentos vividos por uma pessoa. Por isso, afirma que traduz o termo, nesse contexto, para “vivência”. Já quando vai se referir ao ato de experimentar esses sentimentos e sensações traduz para “vivenciamento” e acrescenta que esse conceito se aplica dentro dos estudos filosóficos em estética, como na obra de M. Bakhtin – filósofo russo que foi estudado por Vasiliuk.

O que mais nos interessa na discussão feita por Toassa (2009) é sua explicação a respeito da formação do substantivo *perejivanie* na língua russa: a autora consultou um linguista que explicou que se trata de um substantivo derivado dos verbos *perezhive* e *perezhit*. Toassa (2009) aponta que esses verbos podem significar, na linguagem culta, “experimentar, passar por”, que, na nossa visão, seria o significado mais próximo daquele usado por Vigotski quando emprega o conceito *perejivanie*, na linguagem coloquial, a ideia de “atravessar uma situação difícil na vida”, que se aproxima do emprego do termo de Vasiliuk. Dessa forma, retomamos o que foi dito na Seção 2 deste

trabalho: optamos por utilizar vivência para nos referir ao termo *perejivanie* quando estamos tratando da obra de Vigotski e *perejivanie*, por falta de uma tradução adequada, quando estamos trabalhando o conceito pelo viés de Vasiliuk.

Não pretendemos empreender uma delimitação a respeito da concepção vigotskiana no que concerne à vivência, isso porque como apontam Toassa (2009) e Delari Junior e Passos (2009) se trata de uma tarefa muito complexa. Os trabalhos destes três autores dedicam a fazer um cotejamento a respeito da utilização do conceito nas obras de Vigotski<sup>37</sup>. Eles tecem considerações importantíssimas sobre o assunto em questão ao longo de 328 páginas no caso de Toassa (2009) e de 47 no caso de Delari Junior e Passos (2009). Portanto, seria reducionista ambicionar uma definição sucinta a respeito da concepção de Vigotski nesta subseção.

Apesar disso, tomaremos o texto em que Vigotskimelhor elabora o que entende por vivência, a saber a quarta aula intitulada “O problema do meio” presente no livro “7 aulas de L. S. Vigotski”, a fim de pontuar as diferenças entre a *perejivanie* de Vasiliuk e a vivência de Vigotski, com o cuidado de asseverar novamente quemuitas nuances ficarão ausentes neste trabalho (Vigotski, 2018).

Vigotski (2018) afirma que a vivência é o que nos possibilita compreender a unidade existente entre meio social e personalidade e, na ontogênese, é determinada pelo grau de desenvolvimento da capacidade de generalização de cada indivíduo. Assim, é através desse conceito que analisamos as influências que o meio social desempenha no desenvolvimento psíquico, já que é a partir da apropriação dialética do que está objetivado em sociedade que o ser humano realiza o seu processo humanização. A vivência de cada indivíduo vai sendo construída nesse processo de socialização, ao mesmo tempo em que influencia a constituição do psiquismo e da personalidade e ao mesmo tempo em que determina as objetivações que esse indivíduo vai empreendendo no meio social.

Como explicado, trata-se de um conceito dotado de complexidade e que foi sendo amadurecido por Vigotski ao longo de anos, por isso encontramos uma melhor elaboração a seu respeito em uma obra feita no final de sua vida. No entanto, Vigotski (2018) apenas introduz seu entendimento a respeito da vivência, ele não teve tempo para dar continuidade ao seu trabalho. Assim, outros autores, tais como Bozhovich,

---

<sup>37</sup> Como “A Tragédia de Hamlet” de 1917, “A consciência como problema da psicologia” de 1925, “A psicologia da arte” também de 1925, “História do desenvolvimento das funções psíquicas superiores” de 1931, “Sobre o problema da psicologia do trabalho criativo do ator” de 1932, “As emoções e seu desenvolvimento na idade infantil” de 1932, “Pensamento e Linguagem” de 1934.

empreenderam esforços para dar seguimento na elaboração da compreensão a respeito da vivência. Porém, defendemos que esse não é o caso de Vasilyuk (1991) (Gomes, Tuleski & Alves, 2014).

Dessa maneira, também é válido explicar que, de acordo com Delari Junior e Passos (2009), a palavra *perejivanie* está presente como uma das categorias fundamentais nas elaborações psicológicas e filosóficas feitas na Rússia. Tendo isso em mente e lembrando que se trata de uma palavra com uma ampla gama de significados, trata-se de um conceito que vai aparecer no trabalho de diferentes teóricos com significados diferentes – como nas produções de Vigotski e Vasiliuk.

Além desses aspectos relacionados à tradução do termo, faz-se importante abordarmos a questão da dificuldade de acessar e compreender o legado de Vigotski de modo orgânico. Isso porque manuscritos do autor foram perdidos, muitos escritos foram publicados anos depois de prontos, há materiais que foram distorcidos e mutilados nas traduções e editorações de seus trabalhos, referências a autores “desconfortáveis” foram retiradas, algumas de suas produções não são datadas, há justaposição de textos provenientes de diferentes períodos em que as elaborações de Vigotski encontram-se em pontos diferentes de desenvolvimento e uma série de outros problemas que dificultam a compreensão de seu legado. Para fins de ilustração, iremos abordar algumas destas questões (Prestes & Tunes, 2012; Prestes & Tunes, 2015; Tuleski, 2002).

Prestes e Tunes (2012) apontam que há divergências no posicionamento de autores estudiosos da obra de Vigotski no que concerne à aproximação de textos que foram escritos em períodos diferentes. Há autores que aproximam textos do jovem Vigotski de trabalhos de um Vigotski mais maduro. Além disso, Tuleski (2002) explica que as traduções norte-americanas – em que os livros em português “Pensamento e Linguagem”<sup>38</sup> (do original “*Michlenie e retch*”) e “Formação Social da Mente” se baseiam – foram publicadas sem trechos das obras originais. Isso se deu sob o pretexto de facilitar o acesso do leitor à obra de Vigotski, no entanto, foi feita “[...] a supressão de trechos que sinalizam os vínculos de Vygotski com o marxismo e com a construção do comunismo” (Tuleski, 2002, p. 24). Prestes e Tunes (2012) trazem a informação que “*Michlenie e retch*” foi o trabalho que mais sofreu adulterações e cortes. Trata-se de um

---

<sup>38</sup> Atualmente, é possível encontrar uma tradução do russo diretamente para o português que traz o texto na íntegra, trata-se da tradução feita por Paulo Bezerra “A construção do pensamento e linguagem” (Vigotski, 2004).

trabalho que foi publicado na íntegra em 1934, censurado durante 22 anos, editado e publicado com cortes em 1956, 1982 e em 2002.

Diante dessas dificuldades, há pesquisadores que fazem o esforço de analisar os manuscritos, as anotações pessoais e tudo que foi deixado por Vigotski a que se tem acesso, buscando corrigir erros e compreender a organização do pensamento vigotskiano. Os trabalhos de Prestes e Tunes (2015) e de Yasnitsky (2011) fornecem uma síntese do panorama dessas sistematizações. Ratificamos que esse cenário precisa ser compreendido neste trabalho, já que interfere diretamente no contato de Vasiliuk com a obra de Vigotski.

Karyagina não soube dizer com certeza se Vasiliuk teve contato com a concepção de Vigotski a respeito da vivência quando elaborou sua própria concepção de *perejivanie*. Portanto, entendemos que, apesar de ambos os autores estarem tratando do termo *perejivanie* em russo, eles estão construindo formas de enxergar a *perejivanie* diferentes. Para sustentar nossa análise, retomaremos brevemente a *perejivanie* de Vasilyuk (1991). Como foi possível demonstrar ao longo da Seção 2 deste trabalho, Vasilyuk (1991) entende *perejivanie* como atividade, tentando basear-se na teoria da atividade de Leontiev. Trata-se de um conceito aplicado em um contexto bastante específico em que um indivíduo passa por um evento difícil em sua vida e precisa “superá-lo”, o trabalho realizado em prol dessa “superação” seria o que Vasilyuk (1991) chama de *perejivanie*.

Com certeza é possível entender que essa situação difícil influencia a relação entre sujeito e meio social e vice-versa, o desenvolvimento psíquico da pessoa em questão, bem como influencia a dinâmica dialética entre apropriação e objetivação presente, isto é, vai influenciar a vivência. Portanto, entendemos que Vasilyuk (1991) aponta para uma direção interessante ao interpretar os momentos de crise psíquica na vida das pessoas como atividade esteio para o desenvolvimento e, se fôssemos seguir a lógica da PHC, para a vivência também. No entanto, o arcabouço teórico organizado para suportar essa visão é eclético e de sustentação frágil, já que apresenta uma miscelânea de incoerências teóricas.

Para que seja possível entendermos a influência das crises psíquicas no desenvolvimento, sofrimento e adoecimento psíquico usando as premissas que Vasilyuk (1991) usou, é necessário que a fundamentação teórica percorra caminhos diferentes daqueles por ele percorridos. Dados os afastamentos epistemológicos pontuados até aqui, não é possível relacionar suas elaborações às elaborações da PHC.

Assim, finalizamos a análise realizada a partir de “*Psychology of Experiencing*” e dos artigos complementares ao conteúdo do livro e partimos para uma ampliação incipiente – já que esse não é o objetivo deste trabalho – dessa análise. Como “*Psychology of Experiencing*” é um livro lançado em 1984, julgamos ser importante complementar o que temos de conteúdo da obra de Vasiliuk, trazendo as ideias gerais presentes em seus textos mais recentes, já que o autor seguiu publicando até a década de 2010. “*Psychology of Experiencing*” configura-se como uma apresentação inicial do pensamento de Vasiliuk, nele somos apresentados aos germens de suas elaborações. Os textos que serão abordados de forma breve a seguir são a continuação de seu trabalho, assim poderemos observar, mesmo que em um recorte reduzido, quais noções foram cultivadas ao longo de sua carreira e quais foram abandonadas.

### 3.2 UM OLHAR PARA ALÉM DE “*PSYCHOLOGY OF EXPERIENCING*”

Em 1993, Vasiliuk publicou o original, em russo, de “*The Structure of an Image*”, texto em que analisa a estrutura da consciência proposta por Leontiev e como aplicar essa teoria à prática psicoterapêutica. Ele traz questionamentos importantes quanto às práticas psicológicas no que concerne ao diagnóstico, pois se deu conta de que estava “[...] simplesmente colocando rótulos normativos-avaliativos nos fatos [...]” (p. 71, tradução nossa), e que esses rótulos eram incapazes de abarcar a essência interna dos fenômenos e que serviriam apenas para fins de classificação.

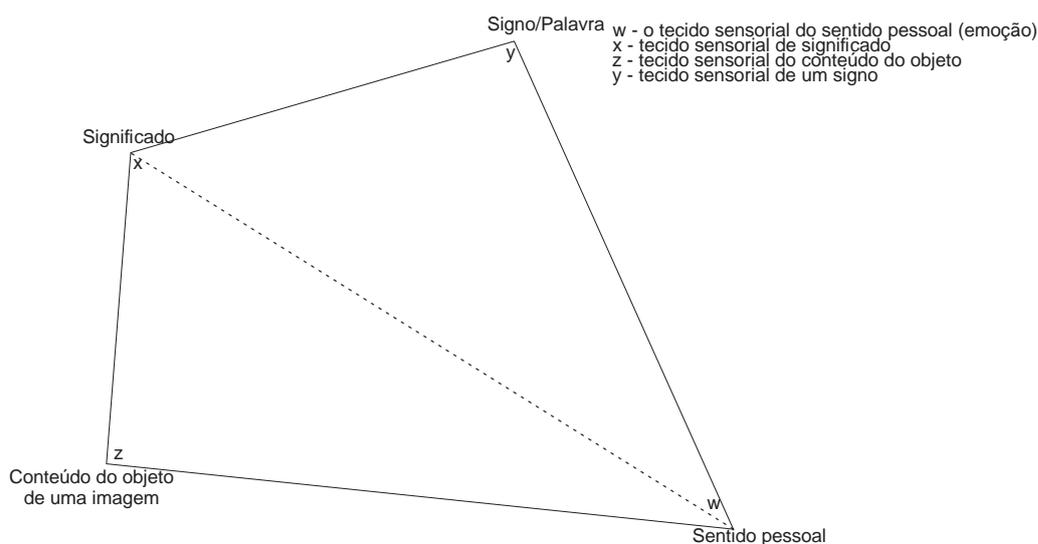
Ainda no fluxo de crítica às práticas psicológicas vigentes, o autor afirma que se partimos do pressuposto de que a psicologia não é uma serva da psiquiatria, se ela tem suas próprias tarefas “que não podem ser reduzidas à subserviência à prática psiquiátrica existente” (Vasilyuk, 1995, p. 71, tradução nossa), não se pode continuar propagando essa forma de pensamento a partir da utilização de termos nosológicos médicos. Para Vasilyuk (1995), a resposta para alforria da psicologia está na sistematização do campo semântico psicológico. “Que tipo de campo é esse? É o espaço da vida humana [...] que a ciência da psicologia revela ser um espaço de atividade e consciência.” (p. 71, tradução nossa). Trata-se de tarefas que continuam importantes atualmente diante do contexto em que vivemos.

Por isso, ele volta-se à teoria desenvolvida por Leontiev e explica que recorrer a essa teoria se justifica por conta das importantes contribuições de Leontiev para a psicologia – especialmente no que concerne à concepção de consciência –, mas também porque Vasilyuk (1995) se entende como pertencente a essa escola desde seus anos de faculdade. Ele explica que os principais elementos constituintes da personalidade para Leontiev são: o sentido, o significado e o tecido sensorial – como abordamos brevemente na subseção 3.1.1. Porém, analisando a teoria de Leontiev de forma criteriosa, o psicólogo ucraniano conclui que essa compreensão não dava conta de alguns fenômenos que ele via em sua prática, por isso, entende que as elaborações da teoria da atividade eram incompletas.

A hipótese lançada para abarcar de forma mais completa a realidade é que a estrutura sensorial de uma imagem é multidimensional, assim Vasilyuk (1995) se propõe a analisar quais são as dimensões em questão. Para tanto, o autor coloca que é necessário modificar a noção de imagem na consciência dada pela teoria da atividade. Assim, Vasilyuk (1995) propõe uma nova estrutura para as imagens da consciência, abarcando as seguintes categorias: o mundo externo, o mundo interno, a cultura e a linguagem. Neste momento, é importante colocarmos que, a partir do nosso ponto de vista, Leontiev (2021) não toma a imagem como unidimensional, ele a contextualiza social e culturalmente. Além disso, é necessário problematizar a separação feita entre cultura e linguagem. Os mais diversos tipos de linguagem são signos desenvolvidos culturalmente, ou seja, carregam em si a relação dialética estabelecida com a cultura.

Vasilyuk (1995) explica que numa imagem concreta da consciência, o mundo externo é representado pelo conteúdo objetivo, mundo interno, pelo sentido pessoal, a cultura, pelo significado, a linguagem, pela palavra (ou signo). O psicólogo representa essa estrutura em um tetraedro (Figura 2)

**Figura 2 – Estrutura das imagens da consciência**



Cada um desses pontos nodais de uma imagem é essencialmente transicional, um lado do qual está voltado para a realidade objetivamente existente (o mundo externo, o mundo interno, a linguagem e a cultura), enquanto o outro está direcionado para a subjetividade imediata. Todos estes pontos nodais juntos delimitam o espaço no qual uma imagem vívida pulsa e no qual flui. Vamos representar isso na forma de um tetraedro (Vasilyuk, 1995, p. 75, tradução nossa).

Esse espaço ao qual Vasilyuk (1995) se refere é preenchido pelo tecido sensorial.

De acordo com Vasilyuk (1995), o novo modelo proposto neste texto proporciona novas possibilidades para análise e estudo de diferentes fenômenos da consciência. Vasilyuk (1995) explica que essa é uma primeira descrição de seu modelo, não se trata de algo completo. Ele assevera que apenas proporcionou uma análise estrutural-morfológica e somente os pontos nodais do modelo foram abarcados.

Esse artigo trabalha intimamente com as elaborações proporcionadas pela PHC, além de partir da teoria da atividade de Leontiev, Vasilyuk (1995) propõe discussões a partir da análise do discurso de pessoas submetidas a um teste que consistia em pedir para que elas desenhassem algo a partir de uma palavra e explicassem o sentido pessoal que aquilo tinha. Analisar o discurso a partir do estudo da linguagem se aproxima do trabalho empreendido por Vigotski e Luria.

No entanto, como se trata de um texto isolado que trabalha com essa perspectiva, fica difícil tecer uma análise contundente a respeito das aproximações e distanciamentos da PHC. Além disso, o autor não faz articulações entre seu entendimento relativo aos regimes de consciência e as estruturas da imagem da consciência, por isso optamos por não o abordar no tópico 3.1.1, em que tratamos da consciência. Ainda assim, sinalizamos a necessidade de buscar por mais textos de Vasiliuk que trabalhem a estrutura da consciência para que seja possível aprofundar a discussão deste tema.

Neste ponto cronológico das publicações de Vasiliuk traduzidas para inglês encontramos uma lacuna de 4 anos. O próximo texto, “*AnHistorical-*

*Methodological Analysis of Psychotherapeutic Reliances*” a que tivemos acesso foi publicado em 1997 e nos apresenta um Vasiliuk um tanto diferente e que mergulhou profundamente naquilo que ele chama de Psicoterapia Sinérgica, que é definida pelo autor como abordagem cristã da psicoterapia.

O objetivo do artigo é analisar historicamente sobre quais bases epistemológicas a prática psicoterapêutica foi se baseando para se construir da forma que conhecemos. Ele avalia a prática psicanalítica desenvolvida por Freud e mais adiante por Lacan, trata das abordagens humanistas, daquelas mais alinhadas ao positivismo como o *behaviorismo* e a programação neurolinguística, entre outras.

A partir da demonstração das bases que foram sendo desenvolvidas para sustentar a prática psicoterapêutica, Vasilyuk (2015a) expõe a sua proposta de sustentação: a criatividade e a oração. Iremos focar no aspecto mais controverso – especialmente se levarmos em consideração o Código de Ética de Psicologia no Brasil que veda ao psicólogo induzir convicções religiosas em seu ofício (Conselho Federal de Psicologia, 2014) – a oração.

Vasilyuk (2015a) faz a seguinte problematização: “[...] a religião contradiz os objetivos e valores essenciais da psicoterapia?” (p. 91, tradução nossa) e responde dizendo que, assim como K. Jaspers, autor que ele cita como embasamento de sua compreensão, as práticas dependem da ciência em seus métodos, não em seus objetivos. Sendo assim, o autor aponta que tem apenas uma vertente religiosa no mundo que atenderia sua concepção a respeito da psicoterapia: o cristianismo. A grande conclusão deste texto é que a oração é a sustentação da psicoterapia sinérgica.

Ainda que Vasiliuk tenha seguido este caminho que o distancia da proposta postulada por Vigotski (2004), o psicólogo ucraniano continua se dizendo um continuador de sua obra. No texto de 2007, “*Prayer, Silence, and Psychotherapy*”, ele explica que, em sua visão, as construções elaboradas por Vigotski em “A tragédia de Hamlet, príncipe da Dinamarca” encontram esteio na religiosidade.

O autor afirma que, na época em que o texto de Vigotski foi publicado, por conta da ansiedade e misticismo que a intelectualidade russa experimentava às vésperas da Revolução, as pessoas não foram capazes de notar que Vigotski estava se referindo à religiosidade.

Não importa o quanto os devotos do materialismo marxista tentem esconder de si mesmos e de nós a religiosidade de Vygotsky, é perfeitamente óbvio que estas palavras só poderiam ter sido escritas por uma pessoa com profunda experiência

peçoal com a oração. Não conhecemos o segredo da vida religiosa do Mozart da psicologia, mas alguns parágrafos de seu ensaio sobre Hamlet são suficientes para perceber que um genuíno encontro orante com Deus ocorreu em sua vida pelo menos uma vez (Vasilyuk, 2015c, p. 61).

Vasilyuk (2015c) explica que o objetivo da psicoterapia é proporcionar ajuda emocional para pessoas em sofrimento, o que para ele significa dizer que o psicoterapeuta deve buscar compreender os mistérios de como o ser humano supera esse sofrimento. Assim, ele afirma que esse é o ponto em que a psicoterapia e a religião convergem. “Nesta fórmula de sublimação do sofrimento reside a chave da psicoterapia sinérgica, que pensa o homem como uma criatura que vive não apenas ao nível dos ‘horizontes sociais’ ou nas celas do inconsciente, mas em todo o mundo de Deus” (Vasilyuk, 2015c, p. 63).

Existe uma ligação íntima entre *perejivanie* e oração. A *perejivanie* começa numa situação de impossibilidade quando o mundo não me permite satisfazer as minhas necessidades e aspirações, praticar os meus valores, cumprir o meu dever. Até que uma situação de impossibilidade se instale psicologicamente, tenho fé que ou o mundo – através de uma mudança de circunstâncias ou das ações de outras pessoas – ou as minhas próprias ações acabarão por levar à realização dos meus objetivos e à minha satisfação. Porém, quando surge uma situação de impossibilidade, isso significa que não tenho mais fé no mundo, nas minhas próprias ações, nas ações dos outros ou em uma confluência favorável de circunstâncias. É aí que começa a *perejivanie*. Mas é também aí que surgem as melhores condições para a oração: não tenho nada em que acreditar aqui, ninguém em quem confiar, nada a esperar do mundo, e os meus olhos voltam-se para o céu: “Senhor, ajuda-me!” No ponto em que uma pessoa irreligiosa ou que ainda não aceitou a sua religiosidade retorna após esta exclamação espontânea com a sua mente e emoções para o mundo, para as pessoas, para si mesmo, e continua a passar pela sua *perejivanie*, alternadamente classificando repetidamente através possíveis soluções, afundando-se no desespero e iluminando-se de esperança, aí o crente começa a rezar. A sua *perejivanie* não cessa, mas transforma-se em oração, infunde-a com a sinceridade da dor e absorve dela o espírito libertador da graça de Deus, transformando gradualmente a própria experiência interior, a alma e depois a vida (Vasilyuk, 2015c, p. 64).

Ao trazer essa visão inusitada e controversa dentro do escopo de pesquisas da PHC no Brasil, é pertinente trazer contrapontos possíveis de serem encontrados dentro da obra de Vigotski. As elaborações feitas na Seção 1 a respeito da obra vigotskiana já demonstram que sua base epistemológica é o materialismo histórico-dialético, portanto, neste ponto iremos trazer a visão que ele apresenta em Vygotsky (1996) a respeito das crenças humanas naquilo que é abstrato e não passível de comprovação material, como é o caso da magia e da religião.

Vygotsky (1996) entende, a partir do estudo de culturas menos complexas, que a crença na magia e no pensamento mágico é uma etapa importante do desenvolvimento do psiquismo e das funções psíquicas superiores, trata-se de um “embrião de outra forma de comportamento, puramente humana [...]” (Vygotsky, 1996, p. 144). Isso se dá pelo motivo de que, por meio desse tipo de pensamento, o ser humano começa a entender que tem o controle a respeito de si mesmo e que é possível modificar a natureza dialeticamente. O autor explica que

[...] é errado considerar a magia exclusivamente como uma deficiência do desenvolvimento do pensamento. Ao contrário, em certo sentido, ela representa um grande passo à frente em comparação com o comportamento animal. Reflete a tendência que amadurece no homem de obter controle sobre a natureza, isto é, sua tendência a fazer uma transição para uma forma de adaptação primordialmente nova (Vygotsky, 1996, p. 144).

No entanto, Vygotsky (1996) salienta que se trata de uma etapa em que o ser humano primitivo “[...] ainda não adquiriu controle suficiente sobre o próprio comportamento para compreender as verdadeiras leis da linguagem, da numeração ou dos signos mnemotécnicos” (p. 146). Diante disso e da compreensão da Psicologia Geral construída a partir do pensamento vigotskiano, só é possível afirmar “a religiosidade de Vygotsky” (Vasilyuk, 2015c, p. 61) deturpando a interpretação daquilo que ele escreveu e produziu cientificamente.

Para Vigotski, a possibilidade dada pelo trabalho humano de modificar a natureza externamente de modo a garantir a sobrevivência, criando instrumentos não existentes – nos termos de Marx, o corpo inorgânico – permitiu aos seres humanos transformarem-se fisicamente, desenvolvendo novas habilidades tanto pela confecção quanto pelo manejo destes instrumentos criados. Por sua vez, o desenvolvimento de um sistema de signos, a linguagem simbólica, permitiu aos grupos humanos o aperfeiçoamento dos instrumentos criados, pois pela via da linguagem simbólica se garantiu às novas gerações a

apropriação daquilo que antes fora criado, podendo ser aperfeiçoado frente às novas necessidades que se produzem. No entanto, o emprego do método permite a Vigotski concluir que, frente aos novos domínios dos seres humanos diante da natureza e de si mesmos, compreendendo que a produção do conhecimento é incessante tal como o próprio movimento da natureza, novos fenômenos e processos se apresentam, muitas vezes desconhecidos. Para o autor é justamente este distanciamento entre o que se conhece, tanto no que se refere ao gênero humano – conjunto da humanidade – quanto singularmente – o indivíduo particular e o quanto apreendeu daquilo que em geral produzido de conhecimento –, esta lacuna que possibilita o preenchimento pelo pensamento mágico e todas suas derivações religiosas. Ou seja, não deixa de ser uma forma humana de tentar explicar aquilo que não se conhece e não se domina, assim como expressa a necessidade de conhecer, de obter uma explicação própria do ser humano, que o difere dos demais animais. Em hipótese alguma é uma defesa da religião, mas a compreensão de como e porque ela emerge e se mantém historicamente, como forma parcial de explicação dos fenômenos naturais, sociais e humanos.

Em 2007, temos a publicação do texto original que foi traduzido para “*Co-experiencing Psychotherapy as a Psychotechnical System*”, no qual Vasilyuk (2015b) aborda a psicoterapia compreensiva. Nesse texto, ele retoma o conteúdo elaborado em Vasilyuk (1991; 1995), demonstrando como a psicoterapia compreensiva torna-se um sistema psicotécnico. Vasilyuk (2015b) define esse sistema como “psicologia teórica baseada na filosofia da prática” e acrescenta que o método que usa é baseado na filosofia da prática de Vigotski que ele apresenta em seu texto “O significado histórico da crise em Psicologia”. Além disso, o autor ucraniano pontua que sua visão a respeito da *perejivanie* é baseada nas elaborações de Carl Rogers na ACP, Viktor Frankl na logoterapia, Vigotski e Leontiev na PHC e teoria da atividade. Vasilyuk (2015b) aponta que a sua teoria da *perejivanie* é construída no encontro entre a teoria da *perejivanie* de Vigotski, a *perejivanie* como atividade em Leontiev e a tradição existencial-humanista. No texto, ele também faz referência à bíblia quando está tratando do papel das abordagens psicoterapêuticas.

É interessante pontuar que a psicoterapia compreensiva é pensada como metodologia para guiar o trabalho de um psicólogo, inclusive ao atender uma pessoa que passa por um período difícil de sua vida – o que ele denomina de crise. A *perejivanie* que ele propôs é uma atividade – dentro do escopo da teoria da atividade de Leontiev – que busca superação dessa crise com o auxílio do psicólogo, que irá embasar

sua prática nas proposições rogerianas, tentando encontrar novamente sentido para a vida.

Nesse aspecto, nota-se uma relação íntima com a teoria de Frankl (2021), já que este autor trata da busca por razões para viver. A elaboração da teoria de Frankl (2012) tem relação com a sua experiência de sobrevivência em um campo de concentração nazista. Este é um ponto de semelhança com a vida de Vasiliuk, que apesar de não ter vivido em um campo de concentração, como Karyagina relatou na entrevista feita, observou seus pais passarem pela Segunda Guerra Mundial, conseguindo reencontrar a felicidade para continuar vivendo e passou também por um período de censura no governo de Stalin.

Portanto, com base no recorte trazido para a discussão, concluímos que o caminho trilhado por Vasiliuk após a publicação de seu livro mais famoso é realmente dissonante daquele trilhado por continuadores da Psicologia Histórico-Cultural.

### 3.3 VASILIUK COMO UM HOMEM DEU SEU TEMPO: O MOVIMENTO DE REVISIONISMO DA PHC

Diante do exposto, podemos tomar Vasiliuk como um autor que faz parte do processo de inclinação ao idealismo presente após a época do stalinismo. Ele apresenta uma visão esquemática e mecanicista a respeito da realidade e do psiquismo quando estamos tomando como exemplo sua concepção de mundo vivido. Trata-se de uma noção que postula a existência de polos estanques, uma compreensão de mundo claramente sustentada pela lógica formal.

Nota-se a inexistência de uma relação entre desencadeamento, superação e transformação de crises<sup>39</sup> e a realidade concreta sócio-histórica e cultural. A discussão feita a respeito da mediação da atividade realizada por instrumentos e signos é reducionista e compara as categorias em questão a concepções desenvolvidas por Jung por exemplo. A noção de mundo vivido é abstraída das relações sociais de produção, o que pode ser afirmado a partir da ausência de discussão a respeito da categoria central sobre a qual Leontiev desenvolve a teoria da atividade: o trabalho.

---

<sup>39</sup> Conceito referente à concepção de Vasiliuk, não à da PHC.

Após a morte de Leontiev e de Luria e durante o processo de queda da URSS, observou-se a emergência de tendências revisionistas das teorias embasadas no materialismo histórico-dialético, como é o caso da PHC. A finalidade dessas correntes emergentes era justamente negar o marxismo, que foi tomado de forma mecanicista e reducionista durante a vigência do governo de Stalin, e apostar em produções embasadas em teorias ocidentais que não haviam superado o dualismo dentro da Psicologia – um retrocesso se formos tomar o texto de Vigotski (2004) “O significado histórico da crise na Psicologia” como referência.

Além disso, analisando a teoria desenvolvida por Vasilyuk (1991), nota-se a presença do ecletismo. Na euforia decorrente da diminuição da censura e da abertura da URSS para o mundo, a Psicologia soviética também se abriu para as várias teorias psicológicas ocidentais das quais foi privada durante o regime stalinista. O problema dessa abertura é que, na ausência de um método contundente para guiar os trabalhos da Psicologia, as correntes psicológicas foram sendo retalhadas e fundidas de modo eclético. O ecletismo presente na obra de Vasilyuk (1991) o impede de tecer noções concretas e de superar suas abstrações teóricas, seu embasamento é frágil pois é sustentado por uma miscelânea de diferentes teorias. Vasiliuk não consegue superar a forma abstrata com que enxerga o singular, isso porque não é empreendida a mediação com o universal (Carvalho et al, 2023).

Um aspecto que também deve ser retomado é a dificuldade de apropriação da obra de Vigotski: como explicamos, ainda hoje há obstáculos para compreender a cronologia de seus trabalhos, ainda há textos que foram distorcidos, não temos acesso à data exata de elaboração de vários textos, referências foram excluídas de alguns trabalhos... na época em que Vasiliuk estava começando a elaborar sua teoria, a situação era ainda mais crítica. Portanto, entendemos que esse cenário deixa brechas para que tendências ao revisionismo venham à tona, especialmente no que concerne ao método usado por Vigotski para compreender seus objetos de estudo, fazendo com que visões como a de Vasiliuk sejam elaboradas e ocupem lugar de centralidade.

Vigotski (2004) aponta, no início do século XX, que a superação da crise da Psicologia não se daria pela via do ecletismo, pelo contrário, a chave seria a subordinação das diversas correntes psicológicas a um princípio explicativo, a partir da definição de um objeto para essa ciência. Ou seja, a análise da obra de Vasilyuk (1991) nos permite dizer que, a despeito do desenvolvimento da PHC em direção à superação dessa crise durante boa parte do século XX, a crise da Psicologia foi resgatada a partir

da negação do materialismo histórico-dialético e continua sendo atual no cenário russo de Psicologia.

Vasiliuk era um homem de seu tempo. Ele se viu livre diante de uma série de possibilidades que lhe eram proibidas e tentou adaptar a teoria da PHC às outras epistemologias ocidentais às quais teve acesso no processo de abertura da URSS. Como mencionado na primeira seção deste trabalho, ele mesmo corrobora essa afirmação quando explica que, ao idealizar a psicoterapia compreensiva, fez um enxerto da Abordagem Centrada na Pessoa de Rogers na tradição da Psicologia Histórico-Cultural. Além disso, ao longo desse trabalho, fomos indicando em que momentos Vasiliuk acabou usando teorias cujas epistemologias são incompatíveis, sendo possível constatar, portanto, uma teoria eclética e epistemologicamente frágil. Por outro lado, só é possível entender tal composição resgatando-o em sua historicidade, ainda que tenhamos críticas ao resultado de seu trabalho.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de investigação nos proporcionou a compreensão de como Fedor Vasiliuk se apropriou dos constructos desenvolvidos a partir do escopo teórico do materialismo histórico-dialético e da PHC, possibilitando o entendimento de que ele é um autor dissonante. Outro ponto importante desenvolvido e enfatizado ao longo de nosso trabalho é com relação à importância de reconhecermos a indissociabilidade entre a PHC e o materialismo histórico-dialético. Ratificamos que o afastamento da teoria de seu método faz com que aquela seja descaracterizada e deturpada. Não é possível estudarmos o psiquismo humano a partir da perspectiva desenvolvida inicialmente por Vigotski, Luria e Leontiev de maneira a isolá-lo das relações sociais. Retomar essa questão é uma forma de colocarmos em evidência a PHC como embasamento teórico-prático para o desenvolvimento coletivo de pensamento crítico e de ações sociais revolucionárias (Carvalho et al, 2023).

Apesar de o movimento de Vasiliuk ter sido feito em direção oposta ao paradigma defendido neste trabalho, ao longo das três seções aqui elaboradas, buscamos empreender uma contextualização que explicasse como sua teoria foi desenvolvida, na tentativa de colocar a unidade dialética entre essência e aparência em destaque e também de não nos apropriarmos de sua produção de forma simplista. Chamamos atenção para a importância de reconhecermos padrões ideológicos presentes na conjuntura socio-política-econômica atual no contexto que levou ao desenvolvimento da visão de Vasiliuk: como o avanço do pensamento neoliberal e a estigmatização do comunismo. Nos dias atuais, como consequência do crescimento da extrema direita e das políticas institucionalizadas a partir da ideologia dominante, observamos o acirramento da desigualdade e a precarização das condições de vida. Isso tudo culmina na intensificação do sofrimento psíquico que, no entanto, é tido hegemonicamente como problema de cunho **individual**. Neste ponto, entram as teorias psicológicas burguesas, descoladas da materialidade, com a função de adequar as pessoas às condições de vida adoecedoras e de contribuir para a manutenção do sistema capitalista.

Ainda assim, entendemos a relevância do trabalho de Vasiliuk pelo fato de que suas elaborações têm o grande mérito de olhar para questões que não tinham sido abordadas dentro da URSS e da PHC. Vasiliuk percebeu e apontou quais eram as lacunas nos campos de estudo da Psicologia soviética, especialmente após a queda da

URSS. Muitas delas se mantêm da mesma forma até hoje, especialmente dentro da PHC. Dessa maneira, listamos alguns temas que carecem de estudos aprofundados:

- O desenvolvimento da PHC no âmbito da saúde e da clínica – algo que foi notado no Brasil e por isso vivemos um período de ampliação das produções e pesquisas, tais como as pesquisas de Aita (2020), Almeida (2018), Castro (2023), Clarindo (2020), Penteado (2024), Santos (2022) e Tuleski e Franco (2019);
- O estudo de situações difíceis – as situações traumáticas, que diferem do conceito de crise desenvolvido por Vygotski (2006) – na ontogênese do sujeito;
- A tentativa de compreender como e se as crises podem ser superadas;
- A discriminação do papel da Psicologia nesses processos de crise e de enfrentamento dela – levando em conta que existem muitas impossibilidades em uma sociedade de classes e também buscando ir contra a ideia de teorias e práticas psicológicas burguesas. É necessário, também nesta esfera superar os dualismos entre impotência *versus* onipotência no que se refere ao trabalho psicoterapêutico ancorado na Psicologia Histórico-Cultural;
- A noção de mecanismo de defesa – Vasilyuk (1991) trata bastante dos mecanismos de defesa, mas pelo viés freudiano, assim nos faltam perspectivas a partir da PHC para compreender esses fenômenos;
- A ideia de unidades psicotécnicas, que constituem terreno fértil para a elaboração de diretrizes que podem amparar a conduta do psicólogo. Trata-se de uma elaboração que, desde que sustentada e pensada dentro do materialismo histórico-dialético, pode ser desenvolvida no campo da PHC – sinalizamos que Puzyrej (2007) fornece uma base teórica interessante para pensar as unidades psicotécnicas.

Além disso, Vasilyuk (1991) postulou concepções interessantes em seu livro “*Psychology of Experiencing*”. Usando a metodologia da tipologia categórica, por exemplo, fez sistematizações profícuas quando pensamos na forma de olhar para o sujeito e o objeto nas formulações teóricas. Se formos pensar dialeticamente, faz sentido entender sujeito e objeto a partir das relações estabelecidas entre um e outro em cada situação – superando a noção simplista de compreender que sujeito e objeto são dois polos. Entendemos que essa forma de enxergar a relação entre sujeito e objeto vai ao encontro da proposta de método de Marx, isto é, se assemelha à compreensão de “[...]”

que é a própria essência do objeto e seus atributos que devem condicionar o método de investigação, em oposição às aquelas tradições – como o positivismo, por exemplo – que impõem o método ao objeto e assim o deformam” (Carvalho et al, 2023, p. 95).

É necessário também apontarmos que esse foi um estudo de aproximação da teoria de Vasiliuk. Até então sua obra era completamente desconhecida pela autora do trabalho assim como ainda é pouco conhecida no Brasil. Diante disso e da numerosa quantidade de escritos deixados por Vasiliuk, salientamos que seria interessante que pesquisas futuras se debruçassem sobre suas elaborações, principalmente buscando se apropriar daquilo que ele deixou em Russo e que ainda não foi traduzido em línguas mais acessíveis no Brasil. Asseveramos que esta dissertação se constitui como um estudo preliminar, já que o recorte trazido aqui está longe de ser suficiente na compreensão de uma obra tão complexa quanto a de Vasiliuk.

Nesse sentido, também fica como possibilidade para investigações futuras trabalhar com a noção de Vasiliuk a respeito das imagens da consciência. Trata-se de uma temática interessante para pesquisas que tenham a PHC e o materialismo histórico-dialético como esteio, porque Vasilyuk (1995), ao expor sua visão sobre as imagens da consciência, parte da teoria da atividade em uma busca pela ampliação dos postulados deixados por Leontiev. Dessa maneira, cabe uma análise mais detida a esse respeito.

Assim como Vigotski, ao ler o trabalho de Vasiliuk é possível notar que ele se apropriou das mais diversas teorias dentro do campo da Filosofia, foi um grande conhecedor das diferentes perspectivas dentro da Psicologia, não gratuitamente, trabalha com as noções de Bakhtin, Bekhterev, Bowlby, Bozhovich, Brentano, Davydov, Descartes, Dilthey, Engels, Frakl, Freud, Jung, Gendlin, Leontiev, Luria, Marx, Rogers, Vigotski e tantos outros. Suas elaborações, são fruto de um momento histórico específico rodeado de contradições, que se estende até a atualidade, em que muitas vezes a radicalidade metodológica defendida por Marx como aspecto positivo para a compreensão da realidade, é vista como negativa, enquanto o ecletismo, tão criticado por Vigotski em seu texto epistemológico sobre a crise da Psicologia, é enaltecido.

Por sua vez, estudar a obra de Vasiliuk também nos proporciona compreender como a Psicologia na Rússia seguiu seu caminho após a queda da URSS. Trata-se de uma compreensão importante para pensarmos em como enfrentar as tendências ecléticas e pós-modernas dentro da Psicologia e demais ciências humanas, que muitas vezes endossam o negacionismo científico. Mergulhar nos trabalhos de Vasiliuk também nos proporciona compreender os desafios postos à construção de uma Psicologia Marxista,

bem como as armadilhas ideológicas que a sociedade de classes coloca a cada encruzilhada da investigação. Percorrer os caminhos que Vasiliuk percorreu, ao longo desta pesquisa, fez com que várias inquietações surgissem, elas nos levaram a pensar em possibilidades para construção de mais conhecimento dentro do escopo teórico da PHC, no entanto, esta é uma questão que fica em aberto para futuras pesquisas. Além disso, a pesquisa defende de forma contundente que só é possível a compreensão do pensamento de um autor e, também, de qualquer ser humano, a partir de sua história.

## REFERÊNCIAS

- Abreu, D. C. (2012). Contribuições de Vygotsky para o estudo das emoções: Um diálogo entre a Psicologia e a Linguística Aplicada. *Revista do ISAT*, 8, 22-41.
- Aita, E. B. (2014). *O conceito de inconsciente para Vigotski: primeiras aproximações*. Dissertação de Mestrado em Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, Paraná.
- Aita, E. B. (2024) *Psicoterapia enquanto possibilidade de intervenção sobre o processo de formação de consciência: uma análise histórico-cultural*. Tese de doutorado em Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, Paraná.
- Albarrán, P. A. O. (2017) *O ofício da dança e a bailarina cega ou com baixa visão: um estudo a partir da perspectiva histórico-cultural*. Tese de doutorado, Universidade de Brasília, Brasília, Distrito Federal.
- Albuquerque, F. L. de F. (2021) *Concerta® para aprender: os impactos do discurso patologizante na educação*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais.
- Almeida, M. R. (2018). *A formação social dos transtornos do humor*. Tese de doutorado em Saúde Coletiva, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São Paulo, São Paulo.
- Almeida, S. H. V. de (2008). *Psicologia histórico-cultural da memória*. Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, São Paulo.
- Andrade, L. R. M. de (2022). *Vivência/Perejivânie: diversidade de compreensões do conceito e articulação à luz do sistema teórico de Vigotski*. Tese de doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, Rio Grande do Norte.
- BBC TV. *As borboletas de Zagorski*. (1992). (Documentário) *Série Os Transformadores*. Direção: Ann Paul. Produção de Michael Dean. Narração: Michael Dean. Roteiro: Michael Dean. Londres.
- Berenchtein Netto, N. (2011) Entrevista conl profesora Marta Shuare. *Psicologia em Estudo*, 16, 677-687.
- Blunden, A. (2021). *Hegel, Marx and Vygotsky: Essayson social philosophy*. Boston: Brill.
- Bratus, B. S. (2017). Os desafios e perspectivas da psicologia russa hoje. *Obutchénie: R. de Didat. e Psic. Pedag.*, 1(3), 606-616.

- Bozhovich, L. I. (1960) Desarrollo psíquico del niño desde el nacimiento hasta el ingreso en la escuela. In Smirnov, A. A., Rubinstein, S. L., Leontiev, A. N., & Tiéplov, B. M. *Psicología*. Ciudad de México: Editorial Grijalbo, pp. 504-522.
- Bozhovich, L. I. (2004). Developmental phases of personality formation in childhood (I). *Journal of Russian & East European Psychology*, 42(4), 35-54.
- Calve, T. M. (2024). *A constituição social dos sentidos na esfera do psiquismo humano: contribuições da psicologia histórico-cultural*. Tese de doutorado, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, Paraná.
- Calviño, M. & Torre, C. de la (1997). La historia después de Vygotsky. Una mirada desde lo vivencial. *Revista Cubana de Psicología*, 14(1), 225-234.
- Capucci, R. R. (2014) *Perejivanie: um encontro de Vigotski e Stanislavski no limiar entre Psicologia e Arte*. Dissertação de mestrado, Universidade de Brasília, Brasília, Distrito Federal.
- Capucci, R. R. & Silva, D. N. H. (2018) “Ser ou não ser”: a perejivanie do ator nos estudos de LS Vigotski. *Estudos de Psicologia*, 35, 351-362.
- Carvalho, B. P., Tuleski, S., & Souza, T. M. dos S. Psicologia histórico-cultural: a que será que se destina? Teses sobre a indissociabilidade entre psicologia e política. *Teoría y Crítica de la Psicología*, 19 (2023), 79-105.
- Castro, L. (2023). *A determinação social do consumo de drogas: tecendo considerações acerca do cuidado em saúde segundo o materialismo histórico-dialético*. Tese de doutorado, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, Paraná.
- Chesnokova, M. (2021) Life-Changing and Coexperiencing Psychotherapy: Comparative Analysis of Approaches. *Social Sciences*, 52(2), 137-150.
- Chikunda, C.; Chikunda, P. & Castro, R. F. de. (2017). Boundary learning in a gender responsive curriculum transformation in Zimbabwe: an activity theory approach. *Roteiro*, 42(3), 497-522.
- Cipolla, M. B. (1992) Um retrato de Luria. In: Luria, A. R. *A construção da mente*. São Paulo: Ícone.
- Clarà, M. (2016) Vygotsky and Vasilyuk on Perezhivanie: Two notions and one word. *Mind, Culture, and Activity*, 23(4), 284-293.
- Clarindo, J. M. (2020) *Clínica Histórico-Cultural: caracterizando um método de atuação em psicoterapia*. Tese de Doutorado, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, Ceará.
- Conselho Federal De Psicologia. (2014) *Código de Ética Profissional do Psicólogo*.

- Costa, E. M. da. (2020) *O método na obra Vigotski e a abordagem ontológica do desenvolvimento humano: uma análise histórica*. Tese de Doutorado, Universidade Estadual Paulista, Assis, São Paulo.
- Daniels, H. (2016) *An activity theory analysis of learning in and for inter-schoolwork*. *Educação*, 39, s24-s31.
- Delari Junior, A. (2020). *Questões sobre práticas sociais psicoterapêuticas mediadas por contribuições de Vigotski*. In: Estação Mir Arquivos digitais.
- Delari Junior, A. & Passos, I. V. B. (2009). Alguns sentidos da palavra “pereživánie” em L. S. Vigotski: notas para estudo futuro junto à psicologia russa. *Anais do III Seminário Interno do Grupo de Pesquisa Pensamento e Linguagem*, 1-40.
- Fedor Efimovich Vasilyuk. (2020). *PsyJournals.ru*. Disponível em: <<https://psyjournals.ru/en/authors/1025/about>>. Acesso em: 16 de jun. de 2023.
- Fitzpatrick, S. (2017) *A revolução russa*. Editora Todavia SA.
- Frankl, V. E. (2012). *O homem em busca de um sentido*. Editora Lua de Papel.
- Freud, S (2010) *Obras completas volume 10: Observações Psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia (“O caso Schreber”), Artigos sobre técnica e outros textos*. São Paulo: Companhia das letras.
- Freud, S. (2019) *Obras completas volume 4: a interpretação dos sonhos*. São Paulo: Companhia das letras.
- Golder, M. *Reportajes contemporâneos a la Psicología soviética*. Buenos Aires: Editorial Cartago, 1986.
- Gomes, M. D. H., Tuleski, S. C. & Alves, A. M. P. (2024). Bozhovich, personalidade e psicologia históricocultural. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 1-28.
- González-Moreno, C. X. (2022) *Importancia del juego temático de roles sociales en la edad preescolar*. *Revista Latinoamericana de Estudios Educativos* (México), 52(1), 299-319.
- Jerebtsov, S. (2017) *Gomel – a cidade de L. S. Vigotski: Pesquisas científicas contemporâneas sobre instrução no âmbito da teoria histórico-cultural de L. S. Vigotski*. In: Kravtsova, E., Kravtsov, G & Kravtsov, O. *VERESK – Cadernos Acadêmicos Internacionais*. Estudos sobre a perspectiva histórico-cultural de Vigotski. Brasília: UniCEUB, pp. 7-27.
- Karyagina, T. & Vasilyuk, F. E. (2018) *Dialectics of person and experiencing*. In: BAZZANO, M. *Re-visioning person-centred therapy*. Theory and practice of a radical paradigm, 79-92.

- Karyagina, T. & Shankov, F. (2018) Fyodor E. Vasilyuk. In: BAZZANO, M. (Ed.). *Revisión Person-centred Therapy: Theory and Practice of a Radical Paradigm*. Routledge.
- Kozulin, A. (1991) Life as authoring: The humanistic tradition in Russian psychology. *New Ideas in Psychology*, 9(3), 335-351.
- Leontiev, A. N. (2004). *O desenvolvimento do psiquismo*. São Paulo: Centauro.
- Leontiev, A. N. (2017). As necessidades e os motivos da atividade. In: Longarezi, A. M.; Puentes, R. V. (org.). *Ensino desenvolvimental Antologia*. Uberlândia: Edufu, 2017, pp. 39-57.
- Leontiev, A. N. (2021). *Atividade Consciência Personalidade*. Bauru: Miraveja.
- León, G. F. (2006) Desarrollando el pensamiento complejo. *Tiempo de educar*, 7(13), 99-121.
- Liberali, F. C. & Fuga, V. P. (2018) A importância do conceito de perejivanie na constituição de agentes transformadores. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 35, 363-373.
- Luria, A. R. (1979). *Curso De Psicologia Geral*. Rio De Janeiro: Civilização Brasileira, 1979, v. 1.
- Luria, A. R. (1992) *A construção da mente*. São Paulo: Ícone.
- Marighella, C. (1939). *Liberdade*. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/marighella/1939/mes/liberdade.htm>. Acesso em 17 out. de 2024.
- Marks, S. (2018) Suggestion, persuasion and work: Psychotherapies in communist Europe. *European Journal of Psychotherapy & Counselling*, 20(1), 10-24.
- Martins, L. M. (2008) Introdução aos fundamentos epistemológicos da Psicologia Sócio-Histórica. In: \_\_\_\_\_. *Sociedade, educação e subjetividade: reflexões temáticas à luz da psicologia sócio-histórica*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 33-60.
- Natalia, S. (2017) Rural population of Donetsk region in 1945–1953 based on the material of the regional statistical department. *Вісник Маріупольського державного університету. Сер.: Історія. Політологія*, 20, p. 155-163.
- Penteado, V. O. B. (2018). *Origem e formação das hipóteses etiológicas da esquizofrenia: uma reflexão à luz da Psicologia Histórico-Cultural*. 2018. Dissertação de mestrado, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, Paraná.

- Penteado, V. O. B. (2024). *A expressão do sofrimento psíquico na esquizofrenia: contribuições da Psicologia Histórico-Cultural*. Tese de doutorado, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, Paraná.
- Pinheiro, A. V. R. (2020). *Escrevivência e rotas de cultura: tessituras da aprendizagem dialógica*. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, São Paulo, São Paulo.
- Prestes, Z.R. (2010) *Quando não é a mesma coisa: análise de traduções de Lev Semionovitch Vigotski no Brasil: repercussões no campo educacional*. Tese de doutorado, Universidade de Brasília, Brasília, Distrito Federal.
- Prestes, Z., & Tunes, E. (2012). A trajetória de obras de Vigotski: um longo percurso até os originais. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 29, 327-340.
- Prestes, Z., & Tunes, E. (2015). Algumas informações biográficas sobre LS Vigotski: será que, algum dia, a névoa se dissipará? *Fractal: Revista de Psicologia*, 27(1), 78-87.
- Puzyrei, A. A. (2007). Psychology, Psychotechnics, Psychagogy. *Journal of Russian & East European Psychology*, 45(1), 1-86.
- Ramos, M. R. (2018). *Afetividade e interatividade na educação a distância: dimensões dos processos educativos em cursos de graduação*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais.
- Ratner, C. (2019). Um Modelo Médico Sociocultural da Patologia e da Saúde. In: Tuleski, S. C., Franco, A. F. (Orgs.) *O processo de desenvolvimento normal e anormal para a psicologia histórico-cultural: estudos contemporâneos*. Maringá: Eduem, pp. 387-413.
- Rey, F. G., Goulart, D. M. & Bezerra, M. dos S. (2016) Ação profissional e subjetividade: para além do conceito de intervenção profissional na psicologia. *Educação*, 39 (Esp), p. 54-65.
- Rerke, V. I., Belyakova, N. V. & Mottaeva, A. B. (2021). Hardiness in the structure of personal resources conducive to overcoming professional burnout among workers during a pandemic. *Revista Gênero e Interdisciplinaridade*, 2(1), 348-364.
- Ricci, P. S. P. (2014) *Análise da proposta de avaliação neuropsicológica de A. R. Luria e suas utilizações contemporâneas*, Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, Paraná.
- Rogers, C. (1987). Inside the world of the Soviet professional. *Journal of humanistic psychology*, 27(3), 277-304.
- Rogers, C. (2017). *Tornar-se pessoa*. São Paulo: WMF Martins fontes.
- Santos, A. C. V. (2022). *Aproximações entre a unidade mente-corpo e a unidade afetivo-cognitiva: um caminho para compreensão do sofrimento*

psicossomático. Dissertação de mestrado em Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, Paraná.

- Shayakhmetova, R. R., Sadretdinova, E. V., Sunarchina, M. M. & Sadykova, R. R. (2020). Valores do comportamento de autopreservação no sistema de orientações de valor da juventude russa moderna. *Nuances: Estudos sobre Educação*, 31, 193-221.
- Shuare, M. (2017). *Psicologia Soviética: meu olhar*. São Paulo: Terracota.
- Silva, M. A. S. da. (2014) *Compreensão do adoecimento psíquico: de L. S. Vigotski à Patopsicologia Experimental de Bluma V. Zeigarnik*. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, Paraná.
- Silva, R. L. da. (2013). *Leontiev e natureza social do psiquismo: das lacunas no texto à totalidade na história*. Dissertação de Mestrado em Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, Paraná.
- Silva, R. L. da. (2022) **Leontiev e a natureza social do psiquismo**. São Paulo: Editora Dialética.
- Stetsenko, A. (2016). Vygotsky's theory of method and philosophy of practice: implications for trans/formativemethodology. *Educação*, 32-41.
- Toassa, G. (2009) *Emoções e vivências em Vigotski: investigação para uma perspectiva histórico-cultural*. Tese de Doutorado em Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, São Paulo.
- Toffanelli, A. C.; Franco, A. de F. (2021) Reflexões teórico-metodológicas sobre o legado de vigotski: entrevista com o professor nikolaiveresov (entrevista com nikolaiveresov) – parte II. *Psicologia em Estudo*, 26, 1-9.
- Tuleski, S. C. (2002). *Vygotski: a construção de uma psicologia marxista*. Maringá: Eduem.
- Tuleski, S. C. (2011). *A relação entre texto e contexto na obra de Luria: apontamentos para uma leitura marxista*. Maringá: Eduem.
- Tuleski, S. C., Franco, A. F. (Orgs.) (2019). *O processo de desenvolvimento normal e anormal para a psicologia histórico-cultural: estudos contemporâneos*. Maringá: Eduem.
- Vasilyuk, F. E. (1984). **ПСИХОЛОГИЯ ПЕРЕЖИВАНИЯ (PSIKHOLOGIYA PEREZHIVANIYA)**. Moscou: Editora da Universidade de Moscou.
- Vasilyuk, F. E. (1990) Level of Construction of Experience and the Methods of Psychological Science. *Soviet Psychology*, 28(5), 69-87.
- Vasilyuk, F. E. (1991). *The psychology of Experiencing*. Moscou: Progress Publishers.

- Vasilyuk, F. E. (1995) The structure of an image. *Journal of Russian & East European Psychology*, 33(6), 70-92.
- Vasilyuk, F. E. (2015a) An historical-methodological analysis of psychotherapeutic reliances. *Journal of Russian & East European Psychology*, 52(1), 66-96.
- Vasilyuk, F. E. (2015b) Co-experiencing psychotherapy as a psychotechnical system. *Journal of Russian & East European Psychology*, 52(1), 1-58.
- Vasilyuk, F. E. (2015c) Prayer, silence, and psychotherapy. *Journal of Russian & East European Psychology*, 52(1), 59-65.
- Vasilyuk, F. E. (2016) Semiotics and the technique of empathy. *Journal of Russian & East European Psychology*, 53(2), 56-79.
- Vasilyuk, F., Cornelius-White, J. & Shankov, F. (2019). Co-experiencing psychotherapy explained in a dialogue. *Person-Centered & Experiential Psychotherapies*, 18(2), 166-179
- Instituto de Psicoterapia Comprehensiva F. E. Vasilyuk. Vasilyuk Fedor Efimovich. Институтом понимающей психотерапии. Ф.Е. Василюка. Disponível em: <<https://vasilyuk.com/>>. Acesso em 18 de novembro de 2023.
- Vigotski, L. S. (1997) *Diagnóstico do desenvolvimento e clínica pedológica da infância difícil* [Esquema de investigação pedológica]. Tradução das partes 5 e 6 de: Vigotski, L. S. Diagnóstico del desarrollo y clínica paidológica de la infancia difícil. In: \_\_\_\_\_. *Obras Escogidas. Tomo 5 – fundamentos de defectología*. Madrid: Visor y Ministerio de Educación y Ciencia, pp. 275-338.
- Vigotski, L. S. (2000). *A construção do pensamento e da linguagem*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes.
- Vigotski, L. S. (2004). *Teoria e método em Psicologia*. São Paulo: Martins Fontes.
- Vigotski, L. S. (2018). *Sete aulas de L. S. Vigotski sobre os fundamentos da Pedologia*. Rio de Janeiro: E-papers.
- Vygotsky, L. S. (1991). *Obras escogidas I*. Madrid: Visor.
- Vygotsky, L. S. (1995). *Obras escogidas*. Tomo III. Madrid: Visor.
- Vygotsky, L. S. (1996). *Obras escogidas*. Tomo IV. Madrid: Visor.
- Vygotsky, L. S. (2006). *Obras escogidas IV*. Madrid: Machado Libros.
- Wortis, J. (1953). *La Psiquiatría soviética*. Buenos Aires: El Ateneo.

- Yasnitsky, A. (2011). Vigotski que nós (não) conhecemos: Os principais trabalhos de Vigotski e a cronologia de sua composição. *PsyAnima, Dubna Psychological Journal*, 4(4), 62-70.
- Yurevna, S. I. (2011) Ayuda psicológica al pedagogo en la superación del síndrome de “incineración profesional”. *Psicología Escolar e Educativa*, 15, 161-167.
- Zeigarnik, B. V. (2021) *Alterações da personalidade*. (B. Bianchi, Trad.). (Obra original publicada em 2016). Disponível em: <[https://medium.com/katharsis/zeigarnik-patopsicologia-alteracoes-personalidade-f522196f325f#\\_ftnref1](https://medium.com/katharsis/zeigarnik-patopsicologia-alteracoes-personalidade-f522196f325f#_ftnref1)>. Acesso em: 17 de out. de 2024.
- Zinchenko, Y. P. & Petrenko, V. F. (2009). *Psychology in Russia state of the art*. Moscow: Russian Psychology Society. Disponível em: <<chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/http://psychologyinrussia.com/volumes/pdf/2009/introduction.pdf>>. Acesso em: 16 de jun. de 2023.

## APÊNDICE

## APÊNDICE A – PUBLICAÇÕES DE FEDOR VASILYUK

Nº	Ano da publicação	Publicações em russo	Publicação em outras línguas	Tradução em português
1	1979	<p>Василук, Ф.Е. К проблемесубъективной рганизациидеятельности / Ф.Е. Василук // Развитиеэргономики в системедизайна: Тезисыдокладоввсесоюзнойконференции 29 окт.- 3 нояб 1979. – Боржоми, 1979. – С. 239-241.</p>	-	<p>Vasilyuk, F. E. Sobre o problema da organização subjetiva da atividade / F.E. Vasilyuk // Desenvolvimento da ergonomia no sistema de design: Resumos de relatórios da Conferência All-Union de 29 de outubro a 3 de novembro de 1979. - Borjomi, 1979. - P. 239-241.</p>
2		<p>Василук, Ф.Е. Личностно-эмоциональныеаспекты регуляциидеятельности/ Ф.Е. Василук, Н.Н. Комарова // Проблемыинженернойпсихологии: Тезисыдокладов V всесоюзнойконференции поинженернойпсихологии, г. Ленинград, окт. 1979. – М., 1979. – Вып. 4: Эргономика. – С. 45-46.</p>	-	<p>Vasilyuk, F. E. Aspectos pessoais e emocionais da regulação da atividade / F.E. Vasilyuk, N.N. Komarova // Problemas de psicologia da engenharia: Resumos da V Conferência All-Union sobre Psicologia da Engenharia, Leningrado, outubro. 1979. – М., 1979. – Edição. 4: Ergonomia. – págs. 45-46.</p>

3	1981	<p>Василук, Ф.Е. Психологические аспекты разрешения критических и травмирующих ситуаций / Ф.Е. Василук // Социальные, гигиенические и организационные аспекты охраны здоровья населения: Сб. науч. статей / под ред. В.В. Канепа. – Рига: РМИ, 1981. – С. 84-90.</p>	-	<p>Vasilyuk, F. E. Aspectos psicológicos da resolução de situações críticas e traumáticas / F.E. Vasilyuk // Aspectos sociais, higiênicos e organizacionais da saúde pública: sáb. científico artigos/ed. V.V. Canepa. – Riga: RMI, 1981. – P. 84-90.</p>
4		<p>Василук Ф.Е. К проблеме человеческого переживания / МГУ им. М.В. Ломоносова. Фак. психологии. - М., 1981. - 34с.- Библиогр.: с.31-34. Рукопись деп. в ИНИОН АН СССР N8451 от 11.09.81.</p>	-	<p>Vasilyuk F. E. Sobre o problema da vivência humana/Universidade Estadual de Moscou. M. V. Lomonosov. Falso. psicologia. - M., 1981.-34 p.- Bibliografia: p.31-34. Manuscrito dep. em INION AS URSS N8451 de 11/09/81.</p>
5		<p>Василук, Ф.Е. Психология преодоления критических ситуаций: автореферат дис. канд. психол. наук / Василук Федор Ефимович. – М.: [б.и.], 1981. – 18 с.</p>	-	<p>Vasilyuk, F. E. Psicologia da superação de situações críticas: resumo da tese. Ph.D. psicol. Ciências / Vasilyuk Fedor Efimovich. – М.: [bi], 1981. – 18 p.</p>
6	1983	<p>Василук, Ф.Е. Автобиография как метод психотерапии и саморегуляции / Ф.Е. Василук // Эмоционально-волевая регуляция поведения и деятельности:</p>	-	<p>Vasilyuk, F. E. A autobiografia como método de psicoterapia e autorregulação / F.E. Vasilyuk // Regulação emocional-volitiva de comportamento e atividade: Resumos da</p>

		Тезисы всесоюзной конференции молодых ученых, Симферополь, 10-14 мая 1983 г. – Симферополь, 1983. – С. 55-56.		Conferência All-Union de Jovens Cientistas, Simferopol, 10 a 14 de maio de 1983 - Simferopol, 1983. - pp.
7		Василюк, Ф.Е. Критические жизненные ситуации с точки зрения психолога / Ф.Е. Василюк // Наука и техника. – 1983. – № 1. – С. 26-28.	-	Vasilyuk, F. E. Situações críticas de vida do ponto de vista de um psicólogo / F.E. Vasilyuk // Ciência e tecnologia. – 1983. – № 1. – P. 26-28.
8		Василюк, Ф.Е. Отгледна точка на психолога / Ф.Е. Василюк // Наука и техника. – 1983. – № 11. – С. 34-35 (на болгарском языке).	-	Vasilyuk, F. E. Um ponto para a psicologia / F.E. Vasilyuk // Ciência e tecnologia. – 1983. – № 11. – P. 34-35 (em búlgaro).
9		Василюк, Ф.Е. Сравнительный анализ теорий условных рефлексов и оперантного поведения [Текст] / Ф.Е. Василюк // Категории, принципы и методы психологии. Психические процессы. Тезисы научных сообщений советских психологов к VI Всесоюзному съезду Общества психологов СССР. Ч. 1. – М., 1983. – С. 42-44.	-	Vasilyuk, F. E. Análise comparativa da teoria dos reflexos condicionados e do behaviorismo operante [Texto] / F.E. Vasilyuk // Categorias, princípios e métodos da psicologia. Processos mentais. Resumos de relatórios científicos de psicólogos soviéticos para o VI Congresso Sindical da Sociedade de Psicólogos da URSS. Parte 1. – M., 1983. – P. 42-44.
10	1984	Василюк, Ф.Е. Психология переживания [Текст] / Ф.Е. Василюк. – М.: МГУ, 1984. – 240 с. (Книга издана так же на бол	О livro também foi publicado em búlgaro, eslovaco, inglês e chinês.	Vasilyuk, F. E. Psicologia da Vivência [Texto] / F. E. Vasilyuk. – M.: Universidade Estadual de Moscou, 1984. – 240 p.

		гарском, словацком, английском и китайском языках).		
11		Василюк, Ф.Е. Переживание и рефлексия [Текст] / Ф.Е. Василюк // Рефлексия в науке и обучении: Сб. науч. тр. / подред. И. С. Ладенко и др. – Новосибирск, 1984. – С. 124-125.	-	Vasilyuk, F. E. Vivência e reflexão [Texto] / F.E. Vasilyuk // Reflexão em ciência e ensino: Sáb. científico tr. /ed. E . S. Ladenko e outros - Novosibirsk, 1984. - P. 124-125.
12		Василюк, Ф.Е. Автобиография и личность [Текст] / Ф.Е. Василюк // Наука и техника. – 1984. – № 2. – С. 15-17.	-	Vasilyuk, F. E. Autobiografia e personalidade [Texto] / F.E. Vasilyuk // Ciência e tecnologia. – 1984. – Nº 2. – P. 15-17.
13		-	Vasilyuk F.E. Zintchenco V.P. Postface. - A.N. Leontiev. Activite'. Conscience. Personnalite'. -M.: Progres, 1984, p.339-349.	Vasilyuk F. E., Zinchenko V. P. Posfácio - A. N. Leontiev. Atividade. Consciência. Personalidade. M.: Progres, 1984, p.339-349.
14	1986	Василюк, Ф.Е. Патология регуляции деятельности как следствие нарушений структуры психического образа [Текст] / Ф.Е. Василюк // Эмоционально-волевая регуляция поведения и деятельности: Тезисы второго всесоюзного семинара молодых ученых, Симферополь, 19-24 мая 1986 г. – Симферополь, 1986. – С. 105-106.	-	Vasilyuk, F. E. Patologia da regulação da atividade como consequência de distúrbios na estrutura da imagem mental [Texto] / F.E. Vasilyuk // Regulação emocional-volitiva de comportamento e atividade: Resumos do segundo seminário de jovens cientistas de toda a União, Simferopol, 19 a 24 de maio de 1986 - Simferopol, 1986. - pp.
15		Василюк Ф.Е.	-	Vasilyuk F. E. Análise do

		<p>Анализрадикальногобих евиоризма Б.Ф. Скиннера. - В кн.: Основыанализаповедени ячеловека в норме и припсихическихзаболева ниях. Часть II.- Рукоп. деп. ВНИИММТИ, N11947, Симферополь,1986, с. 62-92.</p>		<p>behaviorismo radical por B.F. Skinner. - No livro: Fundamentos da análise do comportamento humano em condições normais e na doença mental. Parte II.- Manual. dep. VNIIMMTI, N11947, Simferopol, 1986, p. 62-92.</p>
16		<p>Василюк, Ф.Е. К проблемеединстваобщеп сихологическойтеории [Текст] / Ф.Е. Василюк // Вопр. философии. – 1986. – № 10. – С. 76-86.</p>	-	<p>Vasilyuk, F. E. Sobre o problema da unidade da teoria psicológica geral [Texto] / F.E. Vasilyuk // Pergunta. filosofia. – 1986. – N° 10. – P. 76-86.</p>
17	1987	<p>Василюк, Ф.Е. Книга о переживаниигоря [Текст] / Ф.Е. Василюк // Вопр. психологии. – 1987. – № 3. – С. 168- 169.</p>	-	<p>Vasilyuk, F. E. Um livro sobre como vivenciar o luto [Texto] / F. E. Vasilyuk // Pergunta. psicologia. – 1987. – N° 3. – P. 168-169.</p>
18		<p>Василюк Ф.Е. ОтПавлова к Бернштейну - В кн.: Основыанализаповедени ячеловека в норме и припсихическихзаболева ниях. Симферополь, 1987. -Рукоп. депонир. ВНИИММТИ N с.</p>	-	<p>Vasilyuk F. E. De Pavlov a Bernstein – No livro: Fundamentos da análise do comportamento humano em condições normais e na doença mental. Simferopol, 1987. -Rukop. depositante VNIIMMTI N.</p>
19		<p>Василюк Ф.Е. Чемпоможетпсихолог. - Крымскаяправда, 4 сент. 1987.</p>	-	<p>Vasilyuk F. E. Como um psicólogo pode ajudar? - Krymskaya Pravda, 4 de setembro. 1987.</p>
20	1988	<p>Василюк, Ф.Е. Уровнипостроенияпереж ивания и методыпсихологической</p>	<p>Publicado em inglês em 1990</p>	<p>Vasilyuk, F. E. Níveis de construção de vivência e métodos de atendimento psicológico [Texto] / F.E.</p>

		помощи [Текст] / Ф.Е. Василюк // Вопр. психологии. – 1988. – № 5. – С. 27-37.		Vasilyuk // Pergunta. psicologia. – 1988. – № 5. – P. 27-37.
21		Василюк Ф.Е. "Личная проблема" как предмет совместной деятельности психолога- консультанта и клиента психологической помощи. - В кн.: Деятельность: философский и психологический аспек ты. Симферополь, 1988, с.235-236.	-	Vasilyuk F. E. "Problema pessoal" como tema de atuação conjunta entre um psicólogo-consultor e um cliente de atendimento psicológico. - No livro: Atividade: aspectos filosóficos e psicológicos. Simferopol, 1988, pp.
22		Publicação original em russo feita em 1984	Vasiljuk FJ PsychologieProzívání. – Praga: Pyramida, 1988. – 232.	Vasilyuk, F. E. A Psicologia da vivência – Praga: Pyramida, 1988.
23		Publicação original em russo feita em 1984	Vasilyuk, F. The Psychology of Experiencing. – M.: Progress Publishers, 1988. – 224 pp.	Vasilyuk, F. A Psicologia da Vivência. – M.: Progress Publishers, 1988. – 224 pp.
24	1990	Publicação original em russo em 1988	Vasilyuk F. E. Level of Construction of Experience and the Methods of Psycholo gical Science. - Soviet Psychology, 1990, vol.28, 15, pp. 69 - 87.	Vasilyuk, F. E. Níveis de construção de vivência e métodos de ciência psicológica - Soviet Psychology, 1990, vol.28, 15, pp. 69 - 87.
25	1991	Василюк, Ф.Е. Психотехника переживан ия [Текст] : Учебное пособие / Ф.Е. Василюк. – М.: Ахилл, 1991. – 24 с.	-	Vasilyuk, F. E. Psicotécnica da vivência [Texto]: Textbook / F.E. Vasilyuk. – M.: Aquiles, 1991. – 24 seg.
26		Василюк, Ф.Е. Пережить горе [Текст] /	-	Vasilyuk, F.E. Sobreviva ao luto [Texto] / F.E.

		Ф.Е. Василюк // О человеческом в человеке / сост. Е.В. Филиппова; подобщ. ред. [и с предисл.] И. Т. Фролова. – М.: Политиздат, 1991. – С. 230-247.		Vasilyuk // Sobre o humano no homem / comp. E.V. Filippova; em geral Ed. [e com prefácio] I. T. Frolova. – М.: Politizdat, 1991. – P. 230-247.
27		АПП - АПП: сравнение понятий. - Бюллетень Ассоциации психологов-практиков, 1991, N.	-	APP - APP: comparação de conceitos. - Boletim da Associação de Psicólogos Praticantes, 1991, N.
28		Publicação original em russo feita em 1984	Vasilyuk, F. The Psychology of Experiencing. – L.: Harvester Wheatsheaf, 1991. – 258 pp.	Vasilyuk, F. A Psicologia da Vivência. – L.: Harvester Wheatsheaf, 1991. – 258 pp.
29	1992	Василюк, Ф.Е. Послесловие к кн.: Рейнуотер Дж. Это в ваших силах. Как стать собственным психотерапевтом. [Текст] / Ф.Е. Василюк. – М.: Прогресс, 1992. – С. 225 - 229.	-	Vasilyuk, F.E. Posfácio do livro: Rainwater J. Está em seu poder. Como se tornar seu próprio psicoterapeuta. [Texto] / F.E. Vasilyuk. – М.: Progresso, 1992. – P. 225 - 229.
30		Василюк, Ф.Е. От психологической практики к психотехнической теории [Текст] / Ф.Е. Василюк // Московск. психотерап. журнал. – 1992. – № 1. – С. 15-32.	-	Vasilyuk, F.E. Da prática psicológica à teoria psicotécnica [Texto] / F.E. Vasilyuk // Moscou. psicoterapeuta revista. – 1992. – № 1. – P. 15-32.
31		Василюк, Ф.Е. Режиссерская постановка симптома (психотерапевтическая методика) [Текст] / Ф.Е. Василюк // Московск.	-	Vasilyuk, F.E. Apresentação de um sintoma pelo diretor (técnica psicoterapêutica) [Texto] / F.E. Vasilyuk // Moscou. psicoterapeuta

		психотерап. журнал. – 1992. – № 2. – С. 105-144.		revista. – 1992. – № 2. – P. 105-144.
32		Василюк, Ф.Е. Постклассическое мышление в психиатрии [Текст] / Ф.Е. Василюк // Пути обновления психиатрии. – Вып. 2: Материалы IV съезда НПА / подред. Ю.С. Савенко. – М.: Литература и политика, 1992. – С. 134-148.	-	Vasilyuk, F.E. Pensamento pós-clássico em psiquiatria [Texto] / F.E. Vasilyuk // Maneiras de renovar a psiquiatria. – Vol. 2: Materiais do IV Congresso da NPA/ed. Yu.S. Savenko. – M.: Literatura e Política, 1992. – P. 134-148.
33		Василюк Ф.Е. (редактор). Московск. психотерап. журнал. 1992, №1-2. (Василюк, Ф.Е. К читателю [Текст] / Ф.Е. Василюк, А.К. Толмасова, В.Н. Цапкин // Московск. психотерап. журнал. – 1992. – № 1. – С. 5-13.)	-	Vasilyuk F.E. (editor). Moscou psicoterapeuta revista. 1992, nº 1-2. (Vasilyuk, F.E. Para o leitor [Texto] / F.E. Vasilyuk, A.K. Tolmasova, V.N. Tsapkin // Revista psicoterapêutica de Moscou. - 1992. - No. 1. - P. 5- 13.)
34	1993	Василюк, Ф.Е. Структураобраза [Текст] / Ф.Е. Василюк // Вопр. психологии. – 1993. – № 5. – С. 5-19.	Publicado em inglês em 1995	Vasilyuk, F.E. Estrutura da imagem [Texto] / F.E. Vasilyuk // Pergunta. psicologia. – 1993. – № 5. – P. 5-19.
35		Василюк, Ф.Е. Терапия «Алексейчиком» (предисловие) [Текст] / Ф.Е. Василюк // Московск. психотерап. журнал. – 1993. – № 4. – С. 101.	-	Vasilyuk, F.E. Terapia de “Aleksyechik” (prefácio) [Texto] / F.E. Vasilyuk // Moscou. psicoterapeuta revista. – 1993. – № 4. – P. 101.
36		Василюк, Ф.Е. Психологическому институту – 80 [Текст] / Ф.Е. Василюк // Московск.	-	Vasilyuk, F.E. Instituto de Psicologia – 80 [Texto] / F.E. Vasilyuk // Moscou. psicoterapeuta revista. –

		психотерап. журнал. – 1993. – № 4. – С. 187-188.		1993. – № 4. – P. 187-188.
37		Василюк Ф.Е. (перевод) – Джендлин, Ю.Т. Субвербальная коммуникация и экспрессивность терапевта: тенденции развития клиенто-центрированной психотерапии / Ю.Т. Джендлин, пер. Ф.Е. Василюка // Московск. психотерап. журнал. – 1993. – № 3. – С. 75-92.	-	Vasilyuk F. E. (tradução) – Gendlin, Yu.T. Comunicação subverbal e expressividade do terapeuta: tendências no desenvolvimento da psicoterapia centrada no cliente / Yu.T. Gendlin, trad. F.E. Vasilyuk // Moscou. psicoterapeuta revista. – 1993. – № 3. – P. 75-92.
38	1994	Василюк, Ф.Е. Я и Ты: истина неравенства (комментарий к диалогу М. Бубера и К. Роджерса) [Текст] / Ф. Е. Василюк // Московск. психотерап. журнал. – 1994. – № 4. – С. 94–96.	-	Vasilyuk, F. E. Eu e você: a verdade da desigualdade (comentário ao diálogo entre M. Buber e C. Rogers) [Texto] / F. E. Vasilyuk // Moscou. psicoterapeuta revista. – 1994. – № 4. – P. 94–96.
39	1995	Василюк, Ф.Е. Жизненный мир и кризис: типологический анализ критических ситуаций [Текст] / Ф. Е. Василюк // Психолог. журнал. – 1995. – Т. 16. - № 3. – С. 90–101.	-	Vasilyuk, F. E. Mundo da vida e crise: análise tipológica de situações críticas [Texto] / F. E. Vasilyuk // Psicólogo. revista. – 1995. – Т. 16. – № 3. – P. 90–101.
40		Василюк, Ф.Е. Типология переживания различных критических ситуаций [Текст] / Ф. Е. Василюк // Психолог. журнал. – 1995. – Т. 16. -	-	Vasilyuk, F. E. Tipologia de vivência de diversas situações críticas [Texto] / F. E. Vasilyuk // Psicólogo. revista. – 1995. – Т. 16. – № 5. – P. 104–114.

		№ 5. – С. 104–114.		
41		Publicação original em russo feita em 1993	F.E. Vasiliuk. The Structure of an Image // Journal of Russian and East European Psychology. 1995. V. 33, No. 6, P. 70-92.	F. E. Vasilyuk. A Estrutura de uma Imagem // Journal of Russian and East European Psychology. 1995. V. 33, nº. 6, pp. 70-92.
42	1996	Василуок, Ф.Е. Методологический смысл психологического смысла [Текст] / Ф.Е. Василуок // Вопр. психологии. – 1996. – № 6. – С. 25-40.	-	Vasilyuk, F. E. Significado metodológico do cisma psicológico [Texto] / F.E. Vasilyuk // Pergunta. psicologia. – 1996. – Nº 6. – P. 25-40.
43		Василуок, Ф.Е. Настоящее психоанализа [Текст] / Ф.Е. Василуок // Московск. психотерап. журнал. – 1996. – № 2. – С. 5-6.	-	Vasilyuk, F. E. O presente da psicanálise [Texto] / F.E. Vasilyuk // Moscou. psicoterapeuta revista. – 1996. – Nº 2. – P. 5-6.
44		Василуок, Ф.Е. Настоящее и будущее когнитивной психотерапии в России: интервью с Московскими психотерапевтами [Текст] / Ф.Е. Василуок // Московск. психотерап. журнал. – 1996. – № 3. – С. 182-184.	-	Vasilyuk, F. E. O presente e o futuro da psicoterapia cognitiva na Rússia: entrevistas com psicoterapeutas de Moscou [Texto] / F.E. Vasilyuk // Moscou. psicoterapeuta revista. – 1996. – Nº 3. – P. 182-184.
45		Василуок, Ф.Е. Семиотика психотерапевтической ситуации и психотехника понимания [Текст] / Ф.Е. Василуок // Московск. психотерап. журнал. – 1996. – № 4. – С. 48-68.	-	Vasilyuk, F.E. Semiótica da situação psicoterapêutica e psicotécnica da compreensão [Texto] / F.E. Vasilyuk // Moscou. psicoterapeuta revista. – 1996. – Nº 4. – P. 48-68.
46		Василуок, Ф.Е. Молитва	-	Vasilyuk, F. E. Oração -

		– молчание – психотерапия [Текст] / Ф. Е. Василюк // Московск. психотерап. журнал. – 1996. – № 4. – С. 141–145.		silêncio - psicoterapia [Texto] / F. E. Vasilyuk // Moscou. psicoterapeuta revista. – 1996. – Nº 4. – P. 141–145.
47		Василюк, Ф.Е. Волявласти (ОценкаПроектаФедерал ьнойцелевойпрограммы «Возрождение и развитиефилософского, клинического и прикладногопсихоанали за») [Текст] / Ф.Е. Василюк // Московск. психотерап. журнал. – 1996. – № 4. – С. 172- 176.	-	Vasilyuk, F. E. A vontade de poder (Avaliação do Projeto do Programa Alvo Federal “Renascimento e Desenvolvimento da Psicanálise Filosófica, Clínica e Aplicada”) [Texto] / F.E. Vasilyuk // Moscou. psicoterapeuta revista. – 1996. – Nº 4. – P. 172-176.
48	1997	Василюк, Ф.Е. Психологиямиссии [Текст] / Ф.Е. Василюк // Миссияцеркви и современноеправославн оемиссионерство. – М.: Свято- филаретовскаямосковска явысшаяправославно- христианскаяшкола, 1997. – С.139-143.	-	Vasilyuk, F. E. Psicologia da missão [Texto] / F.E. Vasilyuk // Missão da Igreja e trabalho missionário ortodoxo moderno. – M.: Escola Superior Cristã Ortodoxa St. Philaret Moscou, 1997. – P.139-143.
49		Василюк, Ф.Е. Психотерапевтическоеоб легчениезубнойболи [Текст] / Ф.Е. Василюк // Московск. психотерап. журнал. – 1997. – № 1. – С. 142-147.	-	Vasilyuk, F.E. Alívio psicoterapêutico da dor de dente [Texto] / F.E. Vasilyuk // Moscou. psicoterapeuta revista. – 1997. – Nº 1. – P. 142-147.
50		Василюк Ф.Е. Напути к синергийнойпсихотерап ии: историяупований. -	-	Vasilyuk F. E. A caminho da psicoterapia sinérgica: uma história de

		<p>Психология и христианство: путь интеграции / Сборник тезисов 3-й Международной конференции. С.-Пб., 10-13 мая 1997 г., с.39 - 40.</p>		<p>esperanças. - Psicologia e Cristianismo: o caminho da integração / Recolha de resumos do 3º Congresso Internacional. S.-Pb., 10 a 13 de maio de 1997, pp.</p>
51		<p>Василук, Ф.Е. Психотерапевтическое облегчение боли [Текст] / Ф.Е. Василук // Московск. психотерап. журнал. – 1997. – № 2. – С. 96-100.</p>	-	<p>Vasilyuk, F. E. Alívio psicoterapêutico da dor [Texto] / F.E. Vasilyuk // Moscou. psicoterapeuta revista. – 1997. – Nº 2. – P. 96-100.</p>
52		<p>Василук, Ф.Е. На подступах к синергичной психотерапии: история упований [Текст] / Ф.Е. Василук // Московск. психотерап. журнал. – 1997. – № 2. – С. 5-24.</p>	<p>Parte deste texto foi traduzida e publicada em inglês em 2015 como “Anhistorical-methodological analysis of psychotherapeutic reliances”</p>	<p>Vasilyuk, F. E. Sobre as abordagens da psicoterapia sinérgica: uma história de esperanças [Texto] / F.E. Vasilyuk // Moscou. psicoterapeuta revista. – 1997. – Nº 2. – P. 5-24.</p>
53		<p>Василук, Ф.Е. Христианская психология [Текст] / Ф.Е. Василук // Московск. психотерап. журнал. – 1997. – № 4. – С. 5-6.</p>	-	<p>Vasilyuk, F. E. Psicologia cristã [Texto] / F.E. Vasilyuk // Moscou. psicoterapeuta revista. – 1997. – Nº 4. – P. 5-6.</p>
54		<p>Василук, Ф.Е. Методика психотерапевтического облегчения боли [Текст] / Ф.Е. Василук // Московск. психотерап. журнал. – 1997. – № 4. – С. 123-146.</p>	-	<p>Vasilyuk, F. E. Métodos de alívio psicoterapêutico da dor [Texto] / F.E. Vasilyuk // Moscou. psicoterapeuta revista. – 1997. – Nº 4. – P. 123-146.</p>
55		<p>Василук, Ф.Е. Психотехника выбора [Текст] / Ф.Е. Василук // Психология с человеческим лицом:</p>	-	<p>Vasilyuk, F. E. Psicotécnica de escolha [Texto] / F.E. Vasilyuk // Psicologia com rosto humano: uma perspectiva</p>

		гуманистическая перспектива в постсоветской психологии и / подред. Д. А. Леонтьева, В.Г. Щур. - М.: Смысл, 1997, С. 284 -314.		humanística na psicologia pós-soviética / ed. D. A. Leontyeva, V. G. Shur. - M.: Smysl, 1997, pp.
56	1998	Василюк, Ф.Е. «Педагогика переживания я» глазами психолога [Текст] / Ф.Е. Василюк // Обруч. – 1998. – № 1. – С. 12-14.	-	Vasilyuk, F. E. “Pedagogia da vivência” pelo olhar de uma psicóloga [Texto] / F. E. Vasilyuk // Aro. – 1998. – № 1. – P. 12-14.
57		Василюк, Ф.Е. Консультация третья: психология и педагогика переживания [Текст] / Ф.Е. Василюк // Популярная психология для родителей / подред. А.А. Бодалева, А.С. Спиваковской, Н.Л. Карповой. – М.: Флинта; Московский психолого- социальный институт, 1998. – С. 248-252.	-	Vasilyuk, F. E. Consulta três: psicologia e pedagogia da vivência [Texto] / F.E. Vasilyuk // Psicologia popular para pais / ed. A.A. Bodaleva, A.S. Spivakovskaia, N.L. Karpova. – М.: Flint; Instituto Psicológico e Social de Moscou, 1998. – P. 248-252.
58		Василюк, Ф.Е. От психологической практи тики к психотехнической теории [Текст] / Ф.Е. Василюк // Психологическое консуль тирование и психотерапия. Хрестоматия. Т.1: Теория и методология / подред. А.Б. Фенько, Н.С. Игнатъевой, М.Ю. Локтаева. – М., 1999. – С. 5-21. (перепечатка текста	-	Vasilyuk, F. E. Da prática psicológica à teoria psicotécnica [Texto] / F.E. Vasilyuk // Aconselhamento psicológico e psicoterapia. Leitor. T.1: Teoria e metodologia / ed. A. B. Fenko, N.S. Ignatieva, M. Yu. Loktaeva. – М., 1999. – P. 5-21. (reimpressão do texto 1992).

		1992).		
59		Интервью с Ф.Е. Василюком [Текст] // Влияние современной американской психологии на практическую психологию в России / под ред. М. Коте и А.Г. Лидерса. – М., 1998. – С. 24 – 28.	-	Entrevista com F. E. Vasilyuk [Texto] // A influência da psicologia americana moderna na psicologia prática na Rússia / ed. M. Cote e A.G. Líderes. – M., 1998. – P. 24 – 28.
60		Василюк, Ф.Е. Психотехнический анализ психотерапевтического процесса [Текст] / Ф.Е. Василюк // Вопр. психологии. – 1998. – № 6. – С. 40-43.	-	Vasilyuk, F. E. Análise psicotécnica do processo psicoterapêutico [Texto] / F.E. Vasilyuk // Pergunta. psicologia. – 1998. – Nº 6. – P. 40-43.
61	1999	Василюк, Ф.Е. В круге девяностовосьмом: К юбилею А.И. Солженицына [Текст] / Ф.Е. Василюк // Московск. психотерап. журнал. – 1999. – № 1. – С. 5-6.	-	Vasilyuk, F. E. No nonagésimo oitavo círculo: Ao aniversário de A.I. Solzhenitsyn [Texto] / F.E. Vasilyuk // Moscou. psicoterapeuta revista. – 1999. – Nº 1. – P. 5-6.
62		Василюк Ф.Е. От психологической практики к психотехнической теории (перепечатка текста 1992 с небольшими редакционными изменениями). – Минск, 1999. ??	-	Vasilyuk F. E. Da prática psicológica à teoria psicotécnica (reimpressão do texto de 1992 com pequenas alterações editoriais). – Minsk, 1999. ??
63		Василюк, Ф.Е. Психотерапевтическая сертификация: время пошло [Текст] / Ф.Е. Василюк // Московск. психотерап. журнал. – 1999. – № 2. –	-	Vasilyuk, F. E. Certificação psicoterapêutica: o tempo passou [Texto] / F.E. Vasilyuk // Moscou. psicoterapeuta revista. – 1999. – Nº 2. – P. 168-176.

		С. 168-176.		
64		Василюк, Ф.Е. Тамара Александровна Флоренская [Текст] / Ф.Е. Василюк // Московск. психотерап. журнал. – 1999. – № 2.		Vasilyuk, F. E. Tamara Aleksandrovna Florenskaya [Texto] / F.E. Vasilyuk // Moscou. psicoterapeuta revista. – 1999. – Nº 2.
65	2000	Василюк Ф.Е. Психология и психотерапия горя. – Российско-французский семинар по паллиативной медицине. Психологическая помощь детям с заболеваниями с возможным летальным исходом. – М.: РДКБД, 1999, с. 10-14, 21, 23, 31, 33, 35, 40.	-	Vasilyuk F. E. Psicologia e psicoterapia do luto. – Seminário russo-francês sobre medicina paliativa. Assistência psicológica a crianças com doenças com possível desfecho fatal. – M.: RDKBD, 1999, p. 10-14, 21, 23, 31, 33, 35, 40.
66		Василюк, Ф.Е. «Он стоит как бы рядом с первоисточником...» [Текст] / Ф.Е. Василюк // Русская мысль. – 2000. – № 4327. – 20-26 июля.	-	Vasilyuk, F. E. “Fica como se estivesse próximo à fonte original...” [Texto] / F.E. Vasilyuk // pensamento russo. – 2000. – Nº 4327. – 20 a 26 de julho.
67		Não encontrado	Vasilyuk F. Toward the synergetic psychotherapy: a history of hopes. – MADNESS, SCIENCE AND SOCIETY FLORENCE, RENAISSANCE 2000 The 4TH International Conference on Philosophy and Psychiatry, 26-29 августа, 2000 г. Организаторы: The Italian Society for Psychopathology and the Phi	Vasilyuk F. Rumo à psicoterapia sinérgica: uma história de esperanças. – LOUCURA, CIÊNCIA E SOCIEDADE FLORENÇA, RENASCIMENTO 2000 A 4ª Conferência Internacional de Filosofia e Psiquiatria, 26 a 29 de agosto de 2000 Organizadores: A Sociedade Italiana de Psicopatologia e o Grupo

			losophyGroupof The Royal CollegeofPsychiatrists, UndertheauspicesofComunedi Firenze Universitadegli Studi di Firenze.	de Filosofia do Royal CollegeofPsychiatrists, sob os auspícios da Comunedi Firenze Universitadegli Studi di Firenze.
68	2001	A publicação em russo é posterior a essa, foi feita em 2004	Vasilyuk F. ConfessionandPsychotherapy. – The SacramentofRepentance/ RussianOrthodox Diocese ofSourozh, DiocesanConference – Headington 26th-29th may 2000. – L.: StStephen’s Press, 2001, p.25-36.	Vasilyuk F. Confissão e Psicoterapia. – O Sacramento do Arrependimento/ Diocese Ortodoxa Russa de Sourozh, Conferência Diocesana – Headington, 26 a 29 de maio de 2000. – L.: StStephen's Press, 2001, p.25-36.
69		Василюк, Ф.Е. Августпатриарха [Текст] / Ф.Е. Василюк // Московск. психотерап. журнал. – 2001. – № 3. – С. 196-197.	-	Vasilyuk, F. E. Agosto do Patriarca [Texto] / F.E. Vasilyuk // Moscou. psicoterapeuta revista. – 2001. – Nº 3. – P. 196-197.
70		Василюк, Ф.Е. Психологиягоря [Текст] / Ф.Е. Василюк // Педология. – 2001. – № 8. –С. 8 –15.	-	Vasilyuk, F. E. Psicologia do luto [Texto] / F.E. Vasilyuk // Pedologia. – 2001. – Nº 8. –S. 8–15.
71		Василюк, Ф.Е. Жизненныймир и кризис: типологическийанализкритическихситуаций [Электронныйресурс] / Ф.Е. Василюк // Журналпрактическойпсихологии и психоанализа. – 2001. – № 4. – Режимдоступа к ст.: <a href="http://psyjournal.ru/j3p/pap.php?id=20010405">http://psyjournal.ru/j3p/pap.php?id=20010405</a>	-	Vasilyuk, F. E. Mundo da vida e crise: análise tipológica de situações críticas [recurso eletrônico] / F. E. Vasilyuk // Jornal de psicologia prática e psicanálise. – 2001. – Nº 4. – Modo de acesso ao artigo: <a href="http://psyjournal.ru/j3p/pap.php?id=20010405">http://psyjournal.ru/j3p/pap.php?id=20010405</a>
72	2002	Василюк, Ф.Е.	-	Vasilyuk, F. E. Da vivência

		Отпереживания – к молитве [Текст] / Ф.Е. Василюк // Московск. психотерап. журнал. – 2002. – № 1. – С. 76-92.		à oração [Texto] / F.E. Vasilyuk // Moscou. psicoterapeuta revista. – 2002. – Nº 1. – P. 76-92.
73		Василюк Ф.Е. Молитва и переживание. – В кн. Богословская конференция Русской Православной Церкви УЧЕНИЕ ЦЕРВИ О ЧЕЛОВЕКЕ – Москва, 5-8 ноября 2001г..Материалы. - М.: Синодальная Богословская комиссия, 2002. – С. 248-264.	-	Vasilyuk F.E. Oração e vivência. - No livro. Conferência Teológica da Igreja Ortodoxa Russa ENSINO DA IGREJA SOBRE O HOMEM - Moscou, 5 a 8 de novembro de 2001. Materiais. - M.: Comissão Teológica Sinodal, 2002. – P. 248-264.
74	2003	«Вы понимаете...»: Интервью с Ф.Е.Василюком, 19 декабря 2002 года [Текст] / Ф.Е. Василюк // Журнал практического психолога. – 2003. – №1-2. – С. 232-240.	-	“Você entende...”: Entrevista com F. E. Vasilyuk, 19 de dezembro de 2002 [Texto] / F.E. Vasilyuk // Jornal do psicólogo prático. – 2003. – Nº 1-2. – págs. 232-240.
75		Василюк, Ф.Е. Методологический анализ в психологии [Текст] / Ф.Е. Василюк. – М.: МГППУ; Смысл, 2003. – 240 с.	-	Vasilyuk, F. E. Análise metodológica em psicologia [Texto] / F.E. Vasilyuk. – M.: MGPU; Significado, 2003. – 240 p.
76		Василюк, Ф.Е. Молитва и переживание в контексте душепопечения [Текст] / Ф.Е. Василюк // Московск. психотерап. журнал. – 2003. – № 3. – С. 114-129.	-	Vasilyuk, F. E. Oração e experiência no contexto do aconselhamento [Texto] / F.E. Vasilyuk // Moscou. psicoterapeuta revista. – 2003. – Nº 3. – P. 114-129.
77		Василюк, Ф.Е. Историко-методологический анализ	-	Vasilyuk, F. E. Análise histórica e metodológica das esperanças

		<p>психотерапевтических ований [Текст] / Ф.Е. Василук //</p> <p>Труды Ярославского мето дологического семинара (методология психологии ) , Ярославль, 18-19 апреля 2003 г. Т. 1. / под ред. В.В. Новикова (гл. ред.), И.Н. Карицкого, В.В. Козлова, В.А. Мазилова. – Ярославль: МАПН. – 2003. – С. 43-71.</p>		<p>psicoterapêuticas [Texto] / F.E. Vasilyuk // Anais do Seminário Metodológico de Yaroslavl (metodologia da psicologia), Yaroslavl, 18 a 19 de abril de 2003. T. 1. / ed. V.V. Novikova (editora-chefe), I.N. Karitsky, V.V. Kozlova, V.A. Mazilova. – Iaroslavl: MAPN. – 2003. – P. 43-71.</p>
78		<p>Василук, Ф.Е. Словопамяти: Валерий Викторович Пет ухов [Текст] / Ф.Е. Василук // Московск. психотерап. журнал. – 2003. – № 3. – С. 204- 205.</p>	-	<p>Vasilyuk, F. E. Palavra de memória: Valery Viktorovich Petukhov [Texto] / F.E. Vasilyuk // Moscou. psicoterapeuta revista. – 2003. – № 3. – P. 204-205.</p>
79	2004	<p>Vasiluks F. Krievijapastavosertifikac ijas sistema: tuvakieuzdevumi /Василук Ф. Е. Российская системасерти фикации в областипсихотерапии: ближайшие задачи.- Eiropaskvalitateprofesiona lajaauktakajaizglitiba: vertejumakriterijiunattisib asdinamika /Европейское качество пр офессионального высшег ообразования: критерии оценки и динамика развития. –</p>	-	<p>Vasiluks F. Krievijapastavosertifikac ijas sistema: tuvakieuzdevumi / Vasilyuk F. E. Sistema de certificação russo no domínio da psicoterapia: tarefas imediatas. - Eiropaskvalitateprofesiona lajaauktakajaizglitiba: vertejumakriterijiunattisiba sdinamika / Qualidade europeia do ensino superior profissional: critérios de avaliação e dinâmica de desenvolvimento. – Biletens Psychologisko Petij</p>

		BiletensPsihologiskoPetijumu, N14. – Riga, 2004, p. 59-61.		umu, N14. –Riga, 2004, pág. 59-61.
80		Василюк, Ф.Е. К проблеме единства общей психологии [Текст] / Ф.Е. Василюк // Труды Ярославского методологического семинара (методология психологии), Ярославль, 15-17 апреля 2004 г. Т. 2: Предмет психологии / под ред. В.В. Новикова (гл. ред.), И.Н. Карицкого, В.В. Козлова, В.А. Мазилова. – Ярославль: МАПН. – 2004. – С. 12–31.	-	Vasilyuk, F. E. Ao problema da unidade da psicologia geral [Texto] / F.E. Vasilyuk // Anais do Seminário Metodológico de Yaroslavl (metodologia da psicologia), Yaroslavl, 15 a 17 de abril de 2004. T. 2: Assunto de psicologia / ed. V.V. Novikova (editora-chefe), I.N. Karitsky, V.V. Kozlova, V.A. Mazilova. – Iaroslavl: MAPN. – 2004. – P. 12–31.
81		Василюк, Ф.Е. Риск присутствия [Текст] / Ф.Е. Василюк // Школьный психолог. – 2004. – № 22. – С. 27-29.	-	Vasilyuk, F. E. Risco de copresença [Texto] / F.E. Vasilyuk // Psicólogo escolar. – 2004. – Nº 22. – P. 27-29.
82		Василюк, Ф. Е. В чем сила? [Текст] / Ф.Е. Василюк // Нескучный сад. – 2004. – №3. – С. 28-31.	-	Vasilyuk, F. E. O que é força? [Texto] / F.E. Vasilyuk // Jardim Neskuchny. – 2004. – №3. – P. 28-31.
83		Василюк, Ф.Е. Предисловие к кн.: Цапкин В.Н. Единство и многообразие психотерапевтического опыта [Текст] / Ф.Е. Василюк. – М.: МГППУ, 2004. – С. 5-7.	-	Vasilyuk, F. E. Prefácio do livro: Tsapkin V.N. Unidade e diversidade da experiência psicoterapêutica [Texto] / F. E. Vasilyuk. – M.: MGPU, 2004. – P. 5-7.
84		Василюк, Ф.Е. Разговор об о. Борисе Ничипорове	-	Vasilyuk, F. E. Fale sobre o Pe. Boris Nichiporov [Texto] / F.E. Vasilyuk,

		[Текст] / Ф.Е. Василюк, А.Ф. Копьев, Е. В. Загородная // Московск. психотерап. журнал. – 2004. – № 4. – С. 141-153.		A.F. Kopyev, E. V. Zagorodnaya // Moscou. psicoterapeuta revista. – 2004. – № 4. – P. 141-153.
85		Василюк, Ф.Е. Исповедь и психотерапия [Текст] / Ф.Е. Василюк // Московск. психотерап. журнал. – 2004. – № 4. – С. 79-90.	Publicado em inglês originalmente em 2001	Vasilyuk, F. E. Confissão e psicoterapia [Texto] / F.E. Vasilyuk // Moscou. psicoterapeuta revista. – 2004. – № 4. – P. 79-90.
86		Василюк, Ф.Е. Молитва и переживание [Текст] / Ф.Е. Василюк // Православноеучение о человеке: избранныестатьи. – М.: СинодальнаяБогословскаяКомиссия; Клин: Изд-во «Христианскаяжизнь», 2004. – С. 234-250.		Vasilyuk, F. E. Oração e experiência [Texto] / F.E. Vasilyuk // Ensino ortodoxo sobre o homem: artigos selecionados. – М.: Comissão Teológica Sinodal; Klin: Editora Vida Cristã, 2004. – pp.
87	2005	Василюк, Ф.Е. Переживание и молитва: Опытобщепсихологическогоисследования [Текст] / Ф.Е. Василюк. – М.: Смысл, 2005. – 191с.	-	Vasilyuk, F. E. Experiência e oração: Experiência de pesquisa psicológica geral [Texto] / F.E. Vasilyuk. – М.: Smysl, 2005. – 191 p.
88		Василюк, Ф.Е. Молитва – молчание – психотерапия [Текст] / Ф. Е. Василюк // Культурно-историческаяпсихология . – 2005. – № 1. – С. 52–56.	Publicado em inglês em 2015	Vasilyuk, F. E. Oração – silêncio – psicoterapia [Texto] / F. E. Vasilyuk // Psicologia histórico-cultural. – 2005. – № 1. – P. 52–56.
89		Vasilyuk F. Experiencing-Silence-Prayer./Василюк	-	Vasilyuk F. Vivência-Silêncio-Oração/ Vasilyuk

		Ф.Е. Переживание – молчание – молитва . - BiletensPsihologiskoPetijumu, N15. – Riga, 2005.		F. E. Experiência – silêncio – oração. - BiletensPsychologiskoPetijumu, N15. –Riga, 2005.
90		Василюк, Ф.Е. Выступлениена «Кругломстоле», посвященномюбилеюжурнала «Вопросыпсихологии» [Текст] / Ф. Е. Василюк // Вопр. психологии. – 2005. – № 2. – С. 32.	-	Vasilyuk, F. E. Discurso na “Mesa Redonda” dedicada ao aniversário da revista “Questões de Psicologia” [Texto] / F. E. Vasilyuk // Vopr. psicologia. – 2005. – N° 2. – P. 32.
91		Василюк, Ф.Е. Влияниемолитвынамыслуюработупереживани я [Текст] / Ф.Е. Василюк // Московск. психотерап. журнал. – 2005. – № 3. – С. 51-74.	-	Vasilyuk, F. E. A influência da oração no trabalho semântico da experiência [Texto] / F.E. Vasilyuk // Moscou. psicoterapeuta revista. – 2005. – N° 3. – P. 51-74.
92	2006	Василюк Ф.Е. Интервью в газетеПсихологКиев	-	Vasilyuk F. E. Entrevista no jornal Psicólogo Kyiv
93		Василюк, Ф.Е. Психологическийуниверситет в Москве: факультетпсихологическогоконсультирования [Электронныйресурс] / Ф.Е. Василюк. – Электрон. ст. – Режимдоступа к ст.: <a href="http://pk.mgppu.ru/index.php?option=com_content&amp;task=view&amp;id=219&amp;Itemid=50">http://pk.mgppu.ru/index.php?option=com_content&amp;task=view&amp;id=219&amp;Itemid=50</a>	-	Vasilyuk, F. E. Universidade Psicológica de Moscou: Faculdade de Consultoria Psicológica [recurso eletrônico] / F.E. Vasilyuk. - Elétron. Arte. – Modo de acesso à estação: <a href="http://pk.mgppu.ru/index.php?option=com_content&amp;task=view&amp;id=219&amp;Itemid=50">http://pk.mgppu.ru/index.php?option=com_content&amp;task=view&amp;id=219&amp;Itemid=50</a>
94		Василюк, Ф.Е. Отзывофициальногооппонентанадиссертацию В.В. Архангельской «Проблемапонимания в	-	Vasilyuk, F. E. Feedback do oponente oficial sobre a dissertação de V.V. Arkhangelskaya “O problema da compreensão

		современной индирективной психотерапии» [Текст] / Ф.Е. Василюк // Журнал практического психолога. – 2006. – №3. – С. 123 – 127.		na psicoterapia instrutiva moderna” [Texto] / F.E. Vasilyuk // Jornal do psicólogo prático. – 2006. – Nº 3. – P. 123 – 127.
95		Василюк, Ф.Е. Исповедь и психотерапия [Текст] / Ф.Е. Василюк // Экзистенциальная традиция: философия, психология, психотерапия. – 2006. – №2. – С. 6-25.	-	Vasilyuk, F. E. Confissão e psicoterapia [Texto] / F.E. Vasilyuk // Tradição existencial: filosofia, psicologia, psicoterapia. – 2006. – Nº 2. – Pág. 6-25.
96	2007	Василюк, Ф.Е. Понимающая психотерапия: опыт построения психотехнической системы [Текст] / Ф. Е. Василюк // Гуманитарные исследования в психотерапии: труды по психотерапии и психологическому консультированию. – М.: ПИРАО; МГППУ, 2007. – Вып. 1. – С. 159–203.	-	Vasilyuk, F. E. Psicoterapia compreensiva: experiência na construção de um sistema psicotécnico [Texto] / F. E. Vasilyuk // Pesquisa humanitária em psicoterapia: trabalhos em psicoterapia e aconselhamento psicológico. – М.: ПИРАО; MGPPU, 2007. – Edição. 1. – 159–203 pp.
97		Василюк, Ф.Е. Культурно-антропологические условия возможности психотерапевтического опыта [Текст] / Ф. Е. Василюк // Культурно-историческая психология. – 2007. – № 1. – С. 80–92.	-	Vasilyuk, F. E. Condições culturais e antropológicas para a possibilidade de experiência psicoterapêutica [Texto] / F. E. Vasilyuk // Psicologia histórico-cultural. – 2007. – Nº 1. – P. 80–92.
98		Василюк, Ф.Е. Семиотика и	-	Vasilyuk, F. E. Semiótica e tecnologia da empatia

		техникаэмпатии [Текст] / Ф. Е. Василюк // Вопр. психологии. – 2007. – № 1. – С. 3–14.		[Texto] / F. E. Vasilyuk // Issues. psicologia. – 2007. – № 1. – P. 3–14.
99		Василюк, Ф.Е. Исповедь и психология [Текст] / Ф.Е. Василюк // Приход: православныйэкономическийвестник. – 2007. – № 2. – С. 12–18.	-	Vasilyuk, F. E. Confissão e psicologia [Texto] / F.E. Vasilyuk // Paróquia: Boletim Econômico Ortodoxo. – 2007. – № 2. – P. 12–18.
100		Василюк, Ф.Е. Понимающаяпсихотерапия: опытпостроенияпсихотехническойсистемы [Текст] / Ф.Е. Василюк // Вестникпрактическойпсихологиииобразования. – 2007. – № 3. – С. 27– 41; 2007. – № 4. – С. 37–41.	-	Vasilyuk, F. E. PsicoterapiaPsicoterapia compreensiva: experiência na construção de um sistema psicotécnico [Texto] / F.E. Vasilyuk // Boletim de psicologia prática da educação. – 2007. – № 3. – P. 27–41; 2007. – № 4. – P. 37–41.
101		Василюк, Ф.Е. Понимающаяпсихотерапиякакпсихотехническаясистема [Текст] / Ф.Е. Василюк // Московскаяпсихологическаяшкола: История и современность: в 4 т. Т. 4 / Подобщ. ред. действ. чл. РАО, проф. В. В. Рубцова. – М.: МГППУ, 2007. – С. 45–61.	-	Vasilyuk, F. E. Psicoterapia compreensiva como sistema psicotécnico [Texto] / F.E. Vasilyuk // Escola psicológica de Moscou: História e modernidade: em 4 volumes T. 4 / Sob o geral. Ed. válido membro RAO, prof. V. V. Rubtsova. – М.: MGPPU, 2007. – P. 45–61.
102		Василюк, Ф. Е. Понимающаяпсихотерапиякакпсихотехническаясистема [Текст] автореф. дис. докт. психол. наук / ВасилюкФедорЕфимович. – М.: [б.и.], 2007. – 48с.	-	Vasilyuk, F. E. Psicoterapia compreensiva como um sistema psicotécnico [Texto] resumo. dis. doutor. psicol. Ciências / Vasilyuk Fedor Efimovich. – М.: [bi], 2007. – 48 p.

103	2008	Василук, Ф.Е. Структура и специфика теории понимающей психотерапии [Текст] / Ф.Е. Василук // Московск. психотерап. журнал. – 2008. – № 1. – С. 5–35.	-	Vasilyuk, F. E. Estrutura e especificidade da teoria da compreensão da psicoterapia [Texto] / F.E. Vasilyuk // Moscou. psicoterapeuta revista. – 2008. – № 1. – P. 5–35.
104		Василук, Ф.Е. Майевтика как метод понимающей психотерапии [Текст] / Ф.Е. Василук // Вопр. психологии. – 2008. – № 5. – С. 31-43.	-	Vasilyuk, F. E. A Maiêutica como método de compreensão da psicoterapia [Texto] / F. E. Vasilyuk // Pergunta. psicologia. – 2008. – № 5. – P. 31-43.
105		Василук, Ф.Е. Мы и забыли, что такие люди бывают [Текст] / Ф.Е. Василук // Московск. психотерап. журнал. – 2008. – № 3. – С. 3–4.	-	Vasilyuk, F. E. Esquecemos que essas pessoas existem [Texto] / F. E. Vasilyuk // Moscou. psicoterapeuta revista. – 2008. – № 3. – P. 3–4.
106		Não encontrado	Vasilyuk, Fyodor. Modlitwa i przeżywanie w kontekście duszpasterstwa [Электронный ресурс] / Ф.Е. Василук. – Электрон. ст.	Vasilyuk, Fyodor. Oração e vivência no contexto da pastoral [Recurso eletrônico] / F.E. Vasilyuk. - Elétron. Arte.
107		Não encontrado	Sidarova, V. V. The Image Culture [Электронный ресурс] / Сидорова В.В., Ф.Е. Василук // International Arts Therapies Journal. – 2007/08 – Vol.7	Sidarova, V. V A Cultura da Imagem [recurso eletrônico] / Sidorova V.V., F. E. Vasilyuk // Revista Internacional de Terapias Artísticas. – 2007/08 – Vol.7
108		Василук, Ф.Е. Модель стратегического анализа сознания [Текст] / Ф.Е. Василук // Московск. психотерап.	-	Vasilyuk, F. E. Modelo de análise estratégica da consciência [Texto] / F.E. Vasilyuk // Moscou. psicoterapeuta revista. –

		журнал. – 2008. – № 4. – С. 9 – 36.		2008. – № 4. – P. 9 – 36.
<b>109</b>		Василюк, Ф. Е. Психотехнический метод исследования творчества омышления [Текст] / Ф.Е. Василюк, В.К. Зарецкий, А.Н. Молостова // Культурно- историческая психология . – 2008. – № 4. – С. 34– 47.	-	Vasilyuk, F. E. Método psicotécnico para estudar o pensamento criativo [Texto] / F. E. Vasilyuk, V.K. Zaretsky, A.N. Molostova // Psicologia histórico-cultural. – 2008. – № 4. – P. 34–47.
<b>110</b>		Василюк, Ф.Е. Комментарий к ст.: Леонтьева А. Я в силах справиться [Текст] / Ф.Е. Василюк // Psychologies. – 2008. – № 32 – С. 48.	-	Vasilyuk, F.E. Comentário ao artigo: Leontyeva A. Eu aguento [Texto] / F.E. Vasilyuk // Psicologias. – 2008. – № 32 – P. 48.
<b>111</b>		Василюк, Ф.Е. Понимающая психотерапия. 4 ступень: Работа с измененным состоянием сознания [Электронный ресурс]: Учебное пособие для студентов / авт. Ф.Е. Василюк, сост. Е.Харченко. – Электрон. текстовые, граф., зв. дан., вид. дан. (680 Мб). – М.: МГППУ, 2008. – 2 электрон. опт. диск (CD- ROM).	-	Vasilyuk, F. E. Entendendo a psicoterapia. Etapa 4: Trabalhando com estados alterados de consciência [Recurso eletrônico]: Livro didático para alunos/autor. F.E. Vasilyuk, comp. E. Kharchenko. - Elétron. texto, gráficos, som dado, ver Dan. (680MB). – М.: MGPPU, 2008. – 2 elétrons. atacado disco (CD-ROM).
<b>112</b>		Василюк, Ф.Е. Понимающая психотерапия. 1 ступень: Уровни переживания и базовые психотехнические единицы: Учебно-	-	Vasilyuk, F. E. Entendendo a psicoterapia. Etapa 1: Níveis de experiência e unidades psicotécnicas básicas: Manual educativo e metodológico/autor.-

		методическое пособие / авт.-сост. Ф.Е. Василюк. – М.: МГППУ, 2008. – 4 а.л.??		comp. F.E. Vasilyuk. – М.: МГППУ, 2008. – 4 а.л.??
<b>113</b>		Василюк, Ф.Е. Психология сознания и переживания [Электронный ресурс]: Учебное пособие / авт.-сост. Ф.Е. Василюк. – Электрон. текст. зв. дан. (1134Кб). – М.: МГППУ, 2008. – 1 электрон. опт. диск (CD-ROM).	-	Vasilyuk, F.E. Psicologia da consciência e da experiência [Recurso eletrônico]: Livro didático / autor.-comp. F.E. Vasilyuk. - Elétron. texto. som Dan. (1134 KB). – М.: МГППУ, 2008. – 1 elétron. atacado disco (CD-ROM).
<b>114</b>		Василюк, Ф.Е. Нарастающие вытянутой руки (Категория понимания у митрополита Антония) [Текст] / Ф.Е. Василюк // Духовное наследие митрополита Антония Сурожского: Материалы Первой международной конференции 28–30 сентября 2007 г. – М.: Фонд «Духовное наследие митрополита Антония Сурожского», 2008. – С. 259-271.	-	Vasilyuk, F. E. À distância (Categoria de compreensão do Metropolita Anthony) [Texto] / F.E. Vasilyuk // Herança Espiritual do Metropolita Antônio de Sourozh: Materiais da Primeira Conferência Internacional 28 a 30 de setembro de 2007 – М.: Fundação “Herança Espiritual do Metropolita Antônio de Sourozh”, 2008. – P. 259-271.
<b>115</b>	2009	Василюк, Ф.Е. Второе имя любви [Текст] // Ф.Е. Василюк // Psychologies. – 2009. – № 37 – С. 168.	-	Vasilyuk, F. E. O segundo nome do amor [Texto] // F.E. Vasilyuk // Psychologies. – 2009. – № 37 – P. 168.
<b>116</b>		Василюк, Ф.Е. Модель хронотопа психотерапии [Текст] / Ф.Е. Василюк // Московск.	-	Vasilyuk, F. E. Modelo cronotopo de psicoterapia [Texto] / F.E. Vasilyuk // Moscou. psicoterapeuta

		психотерап. журнал. – 2009. – № 4. – С. 26 – 49.		revista. – 2009. – Nº 4. – P. 26 – 49.
117		Василюк, Ф.Е. Модель стратегического анализа сознания [Текст] / Ф.Е. Василюк // Труды по консультативной психологии и психотерапии: Психотерапия. Сознание. Культура. – М.: ПИ РАО; МГППУ, 2009. – Вып. 2. – С. 39–61.	-	Vasilyuk, F. E. Modelo de análise estratigráfica da consciência [Texto] / F.E. Vasilyuk // Procedimentos de aconselhamento psicológico e psicoterapia: Psicoterapia. Consciência. Cultura. – М.: PI RAO; MGPPU, 2009. – Edição. 2. – pp.
118		Сидорова, В.В. Кросс-культурное исследование стратегий работы сознания (на материале русской и японской культур) [Текст] / В.В. Сидорова, Ф.Е. Василюк // Труды по консультативной психологии и психотерапии: Психотерапия. Сознание. Культура. – М.: ПИ РАО; МГППУ, 2009. – Вып. 2. – С. 62–78.	-	Sidorova, V. V. Estudo intercultural de estratégias de consciência (baseado nas culturas russa e japonesa) [Texto] / V.V. Sidorova, F. E. Vasilyuk // Procedimentos de aconselhamento psicológico e psicoterapia: Psicoterapia. Consciência. Cultura. – М.: PI RAO; MGPPU, 2009. – Edição. 2. – pp.
119		Василюк Ф.Е. Планы разворачивания процесса переживания. // Труды по консультативной психологии и психотерапии. Вып.3.	-	Vasilyuk F. E. Planos para desdobrar o processo de experienciar. // Processos de aconselhamento em psicologia e psicoterapia. Edição 3.
120	2010	Василюк, Ф.Е. Новое имя. Новый статус. Новые задачи [Текст] / Ф.Е. Василюк, Е.Н. Корнева //	-	Vasilyuk, F. E. Novo nome. Novo estatuto. Novas tarefas [Texto] / F.E. Vasilyuk, E. N. Korneva // Psicologia

		Консультативная психология и психотерапия. – 2010. – № 1. – С. 5–10.		consultiva e psicoterapia. – 2010. – № 1. – P. 5–10.
121		Дарученичества: беседа Ф.Е. Василюка с Римасом Кочюнасом [Текст] / Ф.Е. Василюк // Консультативная психология и психотерапия. – 2010. – № 1. – С. 137–152.	-	O dom do discipulado: conversa de F. E. Vasilyuk com Rimas Kociunas [Texto] / F.E. Vasilyuk // Psicologia consultiva e psicoterapia. – 2010. – № 1. – P. 137–152.
122		Василюк, Ф.Е. Кларификация как метод понимающей психотерапии [Текст] / Ф.Е. Василюк // Вопр. психологии. – 2010. – № 5. – С. 13–24.	-	Vasilyuk, F. E. O esclarecimento como método de compreensão da psicoterapia [Texto] / F.E. Vasilyuk // Pergunta. psicologia. – 2010. – № 5. – P. 13–24.
123	2012	Василюк, Ф.Е. Молитва и переживание в контексте душепопечения [Текст] / Ф.Е. Василюк // Живая вода: научный альманах. – Калуга: Калужский государственный институт модернизации и образования, 2012. – № 2. – С. 206–219.	-	Vasilyuk, F. E. Oração e vivência no contexto do aconselhamento [Texto] / F. E. Vasilyuk // Água Viva: almanaque científico. – Kaluga: Instituto Estadual de Kaluga para a Modernização da Educação, 2012. – № 2. – P. 206–219.
124		Василюк, Ф.Е. Понимающая психотерапия: опыт построения психотехнической системы [Текст] / Ф.Е. Василюк // Методология психологии: проблемы и перспективы. Учебное пособие / под общ. ред. Т.Г.	-	Vasilyuk, F. E. Psicoterapia compreensiva: experiência na construção de um sistema psicotécnico [Texto] / F.E. Vasilyuk // Metodologia da psicologia: problemas e perspectivas. Livro didático / em geral. Ed. T.G. Shchedrin, - M., São Petersburgo: Centro

		Щедриной, – М., СПб.: Центргуманитарныхини циатив, 2012. – С. 239- 304.		de Iniciativas Humanitárias, 2012. - P. 239-304.
125	2013	Василюк, Ф.Е. Феномендуховногосвла дания [Текст] / Ф.Е. Василюк // Церковноеслово. – 2013. – № 47. – С. 10– 11; 2013. – № 48. – С. 10–11.	-	Vasilyuk, F. E. O fenômeno do enfrentamento espiritual [Texto] / F.E. Vasilyuk // Palavra da Igreja. – 2013. – N° 47. – P. 10–11; 2013. – N° 48. – P. 10–11.
126		Não encontrado	Vasilyuk, Feodor. Prayerand experiencing in thecontextof pastoral care [Текст] / Feodor Vasilyuk // The EMCAPP Journal. Christian Psychology Around The World. – 2013. – № 3. – С. 40-61.	Vasilyuk, Feodor. Oração e vivência no contexto da pastoral [Texto] / Feodor Vasilyuk // The EMCAPP Journal. Psicologia Cristã ao Redor do Mundo. – 2013. – N° 3. – P. 40-61.
127	2014	Василюк, Ф.Е. Живаяпамять о ВладимиреПетровичеЗи нченко [Текст] / Ф.Е. Василюк // Консультативнаяпсихоло гия и психотерапия. – 2014. – № 1. – С. 209- 220.	-	Vasilyuk, F. E. Memória viva de Vladimir Petrovich Zinchenko [Texto] / F.E. Vasilyuk // Psicologia consultiva e psicoterapia. – 2014. – N° 1. – P. 209-220.
128		Василюк, Ф.Е. Свободакакжизненныйст иль (о ВладимиреПетровичеЗи нченко) // Культурно- историческаяпсихология . – 2014. – Т. 10. – № 2. – С.13-19.	-	Vasilyuk, F. E. Liberdade como estilo de vida (sobre Vladimir Petrovich Zinchenko) // Psicologia histórico-cultural. – 2014. – Т. 10. – N° 2. – P.13-19.
129		Василюк, Ф.Е. Типыдуховногосвладан ия [Текст] / Ф.Е. Василюк //	-	Vasilyuk, F. E. Tipos de enfrentamento espiritual [Texto] / F.E. Vasilyuk // Psicologia consultiva e

		Консультативная психология и психотерапия. – 2014. – № 5. – С. 139–152.		psicoterapia. – 2014. – Nº 5. – P. 139–152.
130	2015	Publicação original em russo feita em 1997	Vasilyuk, F. E. Anhistorical-methodological analysis of psychotherapeutic reliances. Journal of Russian & East European Psychology, v. 52, n. 1, p. 66-96, 2015.*	Vasilyuk, F. E. Uma análise histórico-metodológica das dependências psicoterapêuticas. Jornal de Psicologia Russa e do Leste Europeu, v. 1, pág. 66-96, 2015.
131		Publicação original em russo feita em 2007	Vasilyuk, F. E. Coexperiencing psychotherapy as a psychotechnical system. Journal of Russian & East European Psychology, v. 52, n. 1, p. 1-58, 2015.*	Vasilyuk, F. E. A psicoterapia compreensiva como um sistema psicotécnico. Jornal de Psicologia Russa e do Leste Europeu, v. 52, não. 1, pág. 1-58, 2015.
132		Publicação original em russo feita em 2007	Vasilyuk, F. E. Prayer, silence, and psychotherapy. Journal of Russian & East European Psychology, v. 52, n. 1, p. 59-65, 2015.*	Vasilyuk, F. E. Oração, silêncio e psicoterapia. Jornal de Psicologia Russa e do Leste Europeu, v. 1, pág. 59-65, 2015.
133	2016	Василук, Ф.Е. Сопереживание как центральная категория понимающей психотерапии [Текст] / Ф.Е. Василук // Консультативная психология и психотерапия. – 2016. – Т. 24. – № 5. – С. 205–227.	-	Vasilyuk, F. E. A empatia como categoria central para a compreensão da psicoterapia [Texto] / F.E. Vasilyuk // Psicologia consultiva e psicoterapia. – 2016. – T. 24. – Nº 5. – P. 205–227.
134		Publicação original em russo feita em 2007	Vasilyuk, F. E. Semiotics and the technique of empathy. Journal of Russian & East European Psychology, v. 53, n. 2, p. 56-79, 2016.*	Vasilyuk, F. E. Semiótica e a técnica da empatia. Jornal de Psicologia Russa e do Leste Europeu, v. 2, pág. 56-79, 2016.
135	2017	Василук, Ф.Е.,	-	Vasilyuk, F. E., Karyagina,

		<p>Карягина, Т.Д. Личность и переживание в контекстеэкспирientальнойпсихотерапии [Текст] / Ф.Е. Василюк, Т.Д. Карягина // Консультативнаяпсихология и психотерапия. – 2017. – Т. 25. – № 3. – С. 11– 32.</p>		<p>T.D. Personalidade e experiência no contexto da psicoterapia experiencial [Texto] / F.E. Vasilyuk, T.D. Karyagina // Psicologia consultiva e psicoterapia. – 2017. – Т. 25. – № 3. – P. 11–32.</p>
136		<p>Василюк, Ф.Е. Предпосылкипериодизации новейшейисториихристианскойпсихологии. Опытметодологическойр азметкипространствахристианскойпсихологии. Молитва и переживание в контекстедушепопечения. Типыдуховногосовладания [Текст] / Ф.Е. Василюк // Христианскаяпсихология в контекстенаучногомировоззрения: коллективнаямонография / подред. Б.С. Братуся. – М.: «Никея», 2017. – С. 50-69, 250-286, 289-311, 465-483.</p>	-	<p>Vasilyuk, F. E. Pré-requisitos para a periodização da história moderna da psicologia cristã. Experiência de marcação metodológica do espaço da psicologia cristã. Oração e experiência no contexto do aconselhamento. Tipos de enfrentamento espiritual [Texto] / F.E. Vasilyuk // Psicologia cristã no contexto de uma cosmovisão científica: uma monografia coletiva / ed. B.S. Bratusya. – M.: “Nikea”, 2017. – P. 50-69, 250-286, 289-311, 465-483.</p>
137	2018	<p>Publicado originalmente em inglês apenas</p>	<p>Karyagina, T.; Vasilyuk, F. E. Dialectics of person and experiencing. In: BAZZANO, M. Re-visioning person-centred therapy. Theory and practice of a</p>	<p>Karyagina, T.; Vasilyuk, F. E. Dialética da pessoa e da experiência. In: BAZZANO, M. Revisando a terapia centrada na pessoa. Teoria e prática de um paradigma radical, p.</p>

			radical paradigm, p. 79-92, 2018.*	79-92, 2018.
<b>138</b>	2019	Publicado originalmente em inglês	Vasilyuk, F.; Cornelius-White, J.; Shankov, F. Co-experiencing psychotherapy explained in a dialogue. Person-Centered & Experiential Psychotherapies, v. 18, n. 2, p. 166-179, 2019.*	Vasilyuk, F.; Cornelius-White, J.; Shankov, F. Co-experimentando psicoterapia explicada em um diálogo. Psicoterapias Centradas na Pessoa e Experienciais, v. 2, pág. 166-179, 2019.

\*Estas publicações não estão listadas no site criado pelo Instituto de Psicoterapia Compreensiva F. E. Vasiliuk